



MILAGRE
Inesperado

VIVY KEURY





MILAGRE
Inesperado

VIVY KEURY

MILAGRE *Inesperado*

1ª Edição

Copyright © 2018 Vivy Keury
Capa: Fênix Produções Editoriais (Michaelly Amorim)
Revisão: Sara Ester
Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra ficcional.
Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.



SINOPSE

Dono de um escritório famoso de contabilidade na cidade de São Paulo, Gutierrez era um homem sério. Com sua postura profissional, não admitia qualquer erro diante de seu trabalho. Tendo uma vida centrada e perfeita, Gutierrez tinha "casos" rápidos, pois prezava a distância de relacionamentos.

Já Selenia, era uma moça humilde, e vinha de uma vida desprovida de regalias. Seu sonho em meio a todas as dificuldades que rondavam sua vida pacata, sem graça e sofrida — como sempre frisava — era o de ser mãe. Mas a vida tem o poder de nos jogar à beira de um abismo e fazer com que lutemos para alcançar nossos objetivos, e com Selenia não foi diferente.

Com vinte e nove anos, Selenia teve uma notícia desagradável e que poderia lhe tirar o sonho de se tornar mãe. Isso fez com que ela decidisse sair da pequena cidade do interior do Piauí, onde morava, rumo à grande cidade de São Paulo.

Nesse novo destino, Selenia conhecerá novas pessoas, nas quais a ajudarão não só na parte financeira — para que pudesse realizar a inseminação artificial — mas também a persistir no sonho de ser mãe, apesar de falhar sucessivas vezes no procedimento. Em meio a tantas falhas, ela acabou se trancando em uma tristeza diária, contudo por fora, exalava um sorriso lindo.

Mas Selenia não contava com um milagre inesperado em sua vida de bagagens vazias. O destino lhe mostraria que nem tudo estava perdido.

Descubra o que pode acontecer quando, simplesmente, o inesperado acontece.

Sumário

SINOPSE

PRÓLOGO

SELENA

CINCO ANOS ANTES

CAPÍTULO 1

SELENA

Cinco anos depois

CAPÍTULO 2

GUTIERREZ FERNANDEZ

CAPÍTULO 3

SELENA

CAPÍTULO 4

GUTIERREZ FERNANDEZ

CAPÍTULO 5

SELENA

CAPÍTULO 6

GUTIERREZ FERNANDEZ

CAPÍTULO 7

SELENA

CAPÍTULO 8

GUTIERREZ FERNANDEZ

CAPÍTULO 9

SELENA

CAPÍTULO 10

GUTIERREZ

CAPÍTULO 11

SELENA

DIAS DEPOIS

CAPÍTULO 12

GUTIERREZ

CAPÍTULO 13

SELENA

CAPÍTULO 14

GUTIERREZ FERNANDEZ

CAPÍTULO 15

SELENA

CAPÍTULO 16

GUTIERREZ

CAPÍTULO 17

SELENA

TRÊS MESES DEPOIS

CAPÍTULO 18

GUTIERREZ

CAPÍTULO 19

SELENA

CAPÍTULO 20

GUTIERREZ

CAPÍTULO 21

SELENA

CAPÍTULO 22

GUTIERREZ

CAPÍTULO 23

SELENA

CAPÍTULO 24

GUTIERREZ

CAPÍTULO 25

SELENA

CAPÍTULO 26

GUTIERREZ

CAPÍTULO 27

SELENA

CAPÍTULO 28

GUTIERREZ FERNANDEZ

CAPÍTULO 29

SELENA

CAPÍTULO 30

GUTIERREZ

CAPÍTULO 31

SELENA

CAPÍTULO 32

GUTIERREZ

Alguns dias depois

CAPÍTULO 33

SELENA

CAPÍTULO 34

GUTIERREZ

CAPÍTULO 35

SELENA

CAPÍTULO 36

GUTIERREZ

CAPÍTULO 37

SELENA

ALGUNS DIAS DEPOIS

CAPÍTULO 38

SELENA

TRÊS MESES DEPOIS

FIM

EPÍLOGO

GUTIERREZ

SELENA

FIM

CAPÍTULO EXTRA (INÉDITO)

DEZ ANOS DEPOIS

FIM!



PRÓLOGO

SELENA

CINCO ANOS ANTES

O posto de saúde dali era um tanto precário, pois como era uma cidade pequena, não tínhamos condições de ir para um melhor e muito menos, de reivindicar alguma solução para essa desumanidade sem fim. Passei pelo corredor não muito limpo e cheguei até um dos bancos de madeira para aguardar me chamarem. Eu tinha consulta marcada com a Dra. Milena, ela era ginecologista. Sim, por mais que o local não fosse dos melhores, ao menos, tínhamos alguns especialistas da área de saúde para nos atender.

Chequei o visor do meu celular que só me servia para fazer chamadas, isso quando tinha algum crédito, pois nossa situação era difícil. Ele também era de muita utilidade para que eu pudesse receber ligações, somente. Analisei o horário e faltava pouco menos de quinze minutos para as 14hs. Horário, no qual, eu seria atendida para mostrar meus exames a Dra. Milena. Nervosa, eu voltei a olhar minha bolsa, querendo ter total certeza de que tudo estava ali. Sorri ao constatar que sim, e suspirei aliviada, tentando a todo custo colocar um sorriso no rosto e me tornar autoconfiante, tendo a certeza de que não havia nada para me preocupar; minha saúde deveria estar impecável, ou melhor, meu útero podia ser igualado ao de uma criança. Bom, assim esperava ouvir.

— Selenia Oliveira de Araújo — Depois de belos minutos, eu ouvi a doutora chamar pelo meu nome completo.

— Sou eu! — Me levantei já respondendo e sorri em forma de agradecimento, assim que entrei na sala.

— E então? Como se sente? — Dra. Milena perguntou, sentada atrás de sua mesa. Ela já aparentava ter mais de cinquenta anos e não era muito bonita, mas sua simplicidade a tornava linda. Era difícil encontrar na área da saúde pública, profissionais educados e gentis com seus pacientes. Já passei por alguns assim e a impressão que tive é que pareciam estar ali para me maltratar e não, tratar.

Suspirei baixo.

— Ainda sinto cólicas fortes e agudas, porém estou tomando o medicamento como me solicitou. — Resolvi não mentir. Eu queria muito ouvir que tudo estava bem.

— Hum... trouxe os exames que pedi? — Questionou.

— Claro! — falei, e enfiei a mão na minha bolsa para retirar um

envelope pardo de dentro, no qual continha todos os exames que ela havia me solicitado — que, inclusive não haviam sido baratos — pois tive de me deslocar até a cidade vizinha para fazê-los. Ainda bem que minha tia tinha me ajudado com o dinheiro para realizá-los. Aqui, a vida era complicada. Não tínhamos emprego fixo, eu fazia uma faxina ou outra na casa daqueles que tinham condições de desfrutar de tais luxos.

Um mês atrás, eu comecei a sentir muitas cólicas e minha prima Juliana, junto com minha tia Marília, me instruíram a procurar um posto de saúde para poder fazer consultas e exames que fossem necessários para descobrir o que estava acontecendo comigo. Muitas vezes, eu não conseguia fazer nada por causa da dor intensa que me tomava.

Neste exato momento, a Dra. analisava meu exame de sangue e o de urina. E, eu? Ah, eu estava na expectativa, querendo ouvir: "Está tudo na mais perfeita ordem com você, Selenia". Quem sabe!

— Bom, os exames de sangue e de urina não mostram nenhuma alteração — Ufa! Dessa eu pude suspirar aliviada. Menos mal.

Aguardei ansiosa pelo seu diagnóstico, referente a transvaginal que me pediu, no qual analisava neste instante. Assim que terminou, notei que sua expressão se tornou séria e ela me olhou nos olhos.

— Quanto tempo faz que não se consulta? — Questionou.

Engoli em seco e forcei um sorriso em meus lábios.

— Bom, antes da última consulta que tive aqui, fazia alguns anos, eu diria. — Pensei em inventar algo, mas creio que não seria apropriado, pois ela iria descobrir. Afinal, não adiantava omitir algo de um especialista, ainda mais a Dra. Milena, que parecia ter boas décadas de experiência no ramo da saúde.

— Sabe que não é o adequado, não é mesmo? Você precisa cuidar do seu corpo. Isso se chama desleixo — indagou, me repreendendo em seguida.

— Entendi. Prometo ser mais cuidadosa com minha saúde — Tentei soar a mais sincera possível.

Ela me olhou convencida pela minha resposta e abriu um caderno que se encontrava sobre sua mesa. Inspeccionou alguma coisa por um tempo e voltou a me fitar.

— Selenia, pelo seu registro, eu pude notar que já tem vinte e oito anos...

— Ah, na verdade, dentro de algumas semanas, eu estarei completando vinte e nove anos — Lhe interrompi e avisei um pouco contente, afinal, estaria mais velha. Ou seja, uma nova fase para uma vida com a bagagem mais sem graça e sofrida de todos os tempos. Bufei contrariada.

— Vinte e nove anos — Ela repetiu pensativa e não entendi nada. — Selenia, na sua transvaginal, eu pude notar que você tem mioma no útero, por isso sente dores constantes. O remédio que receitei antes de pedir os exames para confirmar minhas suspeitas, serve apenas para amenizar suas cólicas, porém não é o certo para tratar o mioma.

— Isso é grave? — Perguntei um tanto aflita.

— Bom, os miomas no útero são tumores musculares benignos, não sendo, portanto, um tipo de câncer. Eles acabam se formando a partir de uma alteração nas células musculares do útero com predisposição genética para os formarem. Diante dos medicamentos que irei prescrever agora, eles vão ajudar a retardar as dores constantes da cólica, no qual sente atualmente, porém... — ponderou — Aliás, você é casada? Tem namorado ou algo do tipo? — Indagou com curiosidade.

— Não para todas as alternativas — respondi encabulada.

— Então... sonha em ser mãe?

— Claro! — Falei empolgada. — É o que mais quero... um dia. — complementei.

— Então, eu aconselho que tente engravidar o quanto antes, pois quanto mais tempo demorar, vai piorando a chance para tal dádiva, ainda mais na sua idade. Nem todo o mioma causa infertilidade, inclusive a maioria das vezes não será um problema, porém os miomas que crescem dentro da cavidade uterina dificultam a gravidez. Pode chegar a um dado momento de ter que retirar o útero, caso ele se alastre ainda mais, e aí será o fim. Mas pode optar pela adoção também. — Ouvi tudo e me encontrava atordoada. Não sabia o que pensar. Confesso que não queria optar pela adoção, sei que dizem ser a mesma coisa, porém preferia ter a felicidade de poder sentir meu bebê crescendo dentro de mim.

— Não tem um medicamento que retarda o crescimento do mioma? — Especulei.

— Sim. E é justamente esse que irei prescrever a você, mas seu efeito não é cem por cento. Para isso, você terá que estar constantemente, tendo um acompanhamento de um ginecologista. Preferencialmente a cada seis meses.

— Tudo bem. — Ela me explicou que não estava me falando nada daquilo para me deixar apavorada ou desesperada, nem para que eu transasse com o primeiro cara que visse na rua, mas para que eu já ficasse ciente do que poderia me acontecer.

— Um último detalhe... eu aconselho que faça a retirada do mioma. Seria

ideal que fosse para São Paulo para fazer esse tipo de procedimento, já que por aqui seria quase impossível, até pelos motivos óbvios. — Ouvi atentamente seu conselho e ao finalizar a consulta, eu a agradei.

Saí dali muito triste e pensando no que iria fazer a partir daquele momento. Ao chegar em casa, eu conversei com minha prima e tia, então, eu tomei uma decisão: Me mudaria para São Paulo e faria o que a médica havia me aconselhado. O problema é que eu não conhecia ninguém naquela cidade, sem contar que teria de procurar um emprego bom para que pudesse correr atrás de um tratamento eficaz, ou até mesmo, de uma inseminação artificial e que era bem caro, coisa que só Deus sabia ao certo, quando que eu iria encontrar alguém digno pra estar ao meu lado.



CAPÍTULO 1

SELENA

Cinco anos depois

— Em que está pensando, querida? — Dona Nice perguntou. Seu tom era preocupado. Ela havia se tornado o meu tesouro há cinco anos.

Desde o dia em que me aventurei a vir para a cidade de São Paulo, há exatos cinco anos, ela me acolheu, me dando uma oportunidade de emprego, como vendedora em sua loja de lingerie. Na época, havia uma placa na porta, dizendo que estavam contratando para a área de serviços gerais. Área no qual, eu conhecia bem, já que na minha cidade, no interior do Piauí, sempre fazia algumas faxinas.

Não foi fácil, tampouco, tinha um local para morar e de forma mais humana que já pude presenciar, a Dona Nice me ofereceu um quartinho, que ficava nos fundos da loja. Após eu lhe contar minha triste jornada até ali, ela não quis de forma alguma me dar a função de limpeza, pois alegou—me que o salário de vendedora era bem melhor e me ajudaria muito mais. Lógico que lhe agradeci imensamente e hoje, eu fazia um pouco de tudo, tanto na administração quanto no gerenciamento da loja, escolha de peças para modelos de algumas revistas que tínhamos parceria, enfim, tudo.

Com o passar do tempo, Dona Nice e eu, nos tornamos cada vez mais próximas e íntimas. Isso se deve ao fato de ela ser muito amável, uma mulher sem qualquer ambição, que pôde enxergar em mim, algo além do que eu era: uma garota de origem pobre, que só continha algumas peças de roupas em uma mochila desgastada e alguns pertences apenas. Teve a alma genuinamente caridosa para olhar além do meu estereótipo e me estendeu a mão, justo no momento que mais precisei.

Ela era uma senhorinha de sessenta e cinco anos, não tinha filhos e o marido havia falecido há pouco mais de dez anos. Achava muito lindo quando sentávamos para conversar e a via tão à vontade ao relembrar algumas lembranças do Sr. Bruno. Ela dizia que ele havia sido um verdadeiro príncipe encantado, e dava, realmente, para ver a veracidade de suas palavras estampada em seus olhos; eu chegava a sentir na pele.

Naquele momento, eu podia dizer que já não carregava bagagem de uma vida totalmente sem graça, já que essa senhora tão simpática, revirou minha vida do avesso e me mostrou que ainda tinha uma solução para mim. Mas todos podiam perceber em meu olhar que eu não era completamente feliz, mesmo

tendo uma estabilidade financeira, casa, carro, pessoas que me amavam mesmo estando longe, um emprego magnífico, pois eu amava o que fazia, contudo falhei miseravelmente nas tentativas de engravidar. Algo pelo qual ansiava muito.

Muitas vezes, em finais de semana quando eu não queria ficar em casa, por me sentir sufocada ao me lembrar do quanto lutei para tentar engravidar através de inseminação artificial e nunca consegui, eu vinha para a loja e ficava auxiliando as vendedoras. Sim, me distraía bastante.

— Nas batalhas decadentes da vida, Dona Nice — Ela veio até mim e me abraçou forte, tentando me reconfortar de algum modo e retribuí na mesma intensidade, lhe dando um beijo na cabeça, pois usava salto alto e me tornava mais alta.

— Oh, querida. Você precisa tentar viver e se divertir, não adianta nada se privar das coisas boas da vida por ainda não ter conseguido realizar seu grande sonho. — Tentou me fazer enxergar as batalhas perdidas como uma forma de continuar tentando, mas sem me esquecer de ser feliz diariamente.

Ela se afastou em seguida, e olhou em meus olhos. Dona Nice era uma senhorinha de estatura baixa; seus cabelos eram curtos e brancos, iguais ao seu tom de pele.

Sorri em resposta.

— Sabe o que fico me perguntando sempre? — Indaguei a olhando.

— Não. O quê? — Questionou, curiosa.

— No que teria acontecido comigo se você não tivesse me resgatado naquele dia quando vim até aqui atrás de uma oportunidade de emprego para que pudesse me alimentar, já que nem um teto para passar a noite debaixo, eu tinha — Me emocionava, sempre que tocava naquele assunto e ela não ficava diferente de mim.

— É melhor não entrarmos neste assunto, querida. Você sabe muito bem que sou sensível, em relação a sua história. — Eu sorri. — Mas eu devo confessar que me ajudou bastante aqui, já temos até parcerias com revistas e isso é incrível! Isso só me mostra que fiz um belo trabalho em ter tomado a decisão de lhe estender a mão naquele dia. Afinal de contas, não é sempre que colocamos um desconhecido dentro de nossa casa e nos damos bem, não é verdade? — Sorriu ternamente, encarando—me.

— Devo concordar com a senhora. — Retribuí seu sorriso na mesma intensidade e comprimi os lábios em seguida, pois identifiquei algo de diferente em seu olhar; parecia... preocupada?

— Então, não sei se já soube, mas o escritório de contabilidade que nos

atendia, parece ter falido e fecharam as portas. Recebi o telefonema do Fábio essa manhã, me dando essa triste notícia. — Suspirou desgostosa e arqueei minha sobancelha em total surpresa.

— Nossa! Mas eles pareciam tão bem no mercado. E agora, como faremos? — Indaguei.

— Não se preocupe, querida. Já pedi ao Gustavo para analisar as propostas de prestação de serviço dos melhores escritórios de contabilidade daqui. Lógico que pedi para que ele fosse bem detalhista, então, eu creio que mais tarde teremos alguma notícia. — Gustavo era um velho advogado da loja, Sexy Girl's. Ele trabalhava para a Dona Nice, desde quando que ela resolveu inaugurá-la, ou seja, a mais de nove anos. Sim, ela abriu este negócio após a morte de seu amado marido, por não conseguir ficar em casa se debruçando em lágrimas. Não tirava sua razão, pois hoje ela estava muito bem, financeiramente falando, porque em questão do coração, nunca quis se envolver novamente. Isso só me mostrou o quanto o amor deles era verdadeiro.

— Isso é ótimo, então. — Expus meu ponto de vista.

— É claro que vamos reunir todos da administração numa pequena reunião, assim que Gustavo nos trouxer o relatório dos melhores escritórios de contabilidade que contém no centro de São Paulo e, em seguida, nós duas decidiremos qual se enquadra satisfatoriamente para atender as necessidades da Sexy Girl's na parte contábil. Depois anunciaremos a decisão final — explicou sutilmente.

— Será um prazer ajudá-la, sabe disso. — Ela sorriu ternamente para mim e por um instante, deixei que meus pensamentos vagassem. Acabei sendo remetida a um vazio que sempre perdurou em meu coração. Infelizmente, eu não cheguei a conhecer minha mãe, apenas por fotos antigas que minha tia guardava com muito amor e zelo.

Raimunda, minha mãe, tristemente, havia tido uma gestação de risco. Na época em que nasci, não havia médicos na pequena cidade do interior do Piauí, no qual morava, então, os partos eram feitos em casa e por parteiras — geralmente senhoras de idade, mas com conhecimento sobre o procedimento. Minha tia, Marília, relatou-me que assim que nasci, a senhora que fez o parto, notou um sangramento fora do normal em minha mãe. Ainda tentou salvá-la ali mesmo, já que um meio de transporte por aquelas bandas era inexistente, porém minha mãe foi perdendo a tonalidade de sua pele aos poucos e as únicas palavras proferidas por ela, antes que fosse a óbito, foram: “*O nome dela será Selena*” dito isso, nada fora mais ouvido, a não ser seu derradeiro suspiro.

Meu pai? Nunca o conheci, pois conforme minha tia disse, assim que ele soube da gravidez da minha mãe, tratou de deixá-la ciente de que não aceitava a gravidez e logo depois, sumiu do mapa sem deixar qualquer rastro. Abandonou-lhe quando mais precisou de apoio, tanto financeiro quanto mental. Um grande covarde, a meu ver.

Involuntariamente, uma lágrima escapou de meus olhos, e só notei assim que ela deslizou por minha bochecha.

— O que está acontecendo, querida? Quer conversar? — Fui tirada de meus devaneios, assim que ouvi as indagações de Dona Nice e ao olhá-la nos olhos, eu vi preocupação contida neles.

Sorri, tentando tranquilizá-la e passei a mão no rosto limpando a lágrima que escapou de meus olhos.

— São apenas lembranças vagas. Não se preocupe. Peço desculpas por não conseguir segurar minhas emoções, Dona Nice. Isso acaba lhe trazendo preocupação à toa e sei que diante de sua idade, isso não é bom. Só que, infelizmente, há sentimentos em certos momentos que não temos como esconder de ninguém. São repentinos. Pegam-nos desprevenidos — Tentei me explicar.

Ela sorriu lindamente e assim que chegou próximo a mim, pegou em minhas mãos e apertou forte.

— Não é preciso que se explique, Selena. Saiba que te tenho como uma filha, da qual não tive o privilégio de ter, mas não culpo a Deus por isso, pois sei que seus planos na vida de cada um, são inquestionáveis. Portanto, sempre que sentir necessidade de expor o que tanto te aflige, não hesite em vir falar comigo, querida. Meu colo continuará disponível para você, tenha certeza disso. — Ao ouvi-la, eu acabei a envolvendo em um abraço fraterno. Onde deixei que seu aperto pudesse falar por nós duas.

Dona Nice não havia tido o privilégio de ser mãe e no momento que soube disso por um especialista — que a informou que ela era estéril — não se abateu, apenas aceitou juntamente com seu falecido esposo. Ela aceitou que aquela era a vontade de Deus e não o questionaria, pois estava bem com aquela sua decisão. Mesmo assim, relatou que viveu maravilhosamente com seu esposo, do qual sempre fez questão de tratá-la como uma rainha. Compartilharam os anos mais felizes de suas vidas um ao lado do outro. Foram mais de vinte sete anos de casados e infelizmente, teria sido muito mais, caso Sr. Bruno não tivesse falecido por causa de um triste e inesperado derrame.

— Obrigada! — Sorri agradecida e com o coração aquecido pela ternura diante de suas palavras e cuidado para comigo. Ela era uma mulher de fibra e eu

a invejava por isso.



— Senhora, se me permite, eu quero dar minha sugestão — Gustavo, advogado da Sexy Girl's, se impôs, sentado de frente para mim e Dona Nice, numa postura séria.

Ele havia nos trazido uma lista contendo o nome dos cinco escritórios de contabilidade mais indicados do centro de São Paulo. Neste instante, nos encontrávamos em minha sala analisando qual deles seria mais viável em relação a competência, para que pudesse tomar a frente do nosso negócio na parte contábil.

— Claro, Dr. Gustavo. Sabe bem que sua opinião é de extrema importância para nós. Não é querida? — Dona Nice o respondeu. Em seguida me encarou.

— Perfeitamente. Até porque, você deve conhecer ou ter ouvido falar sobre a procedência do trabalho de cada um desses escritórios, melhor do que nós duas juntas — Frisei ao fitá-lo e sorri de forma sutil.

— Agradeço por confiarem em mim, ao ponto de me deixarem sugerir algo que é de extrema importância para a Sexy Girl's. — Olhou de Dona Nice para mim, agradecendo. E, em seguida, me encarou com sua postura firme. — E sim, senhorita, eu já ouvi boas recomendações referente ao trabalho do escritório Fernandez Contabilidade — falou formidavelmente.

— Conhece o dono? — Dona Nice o questionou, curiosa.

— Não vou mentir, senhora, mas eu e o dono deste escritório somos bons amigos. Porém, não o estou indicando por causa disso. Para mim, amizades e negócios não se misturam — disse com o semblante sério.

Olhando-o minuciosamente, eu não poderia negar o quão belo e atraente ele era, mas nunca o vi com mulher alguma e jamais faltou com respeito para o meu lado. Um verdadeiro cavalheiro. Voltei a focar no assunto da empresa ao ouvir a decisão de Dona Nice.

— Pois bem. Selena, por favor, peça a Michele que marque uma reunião para amanhã no período da tarde; assim fica melhor para que o Dr. Gustavo comunique ao dono do escritório Fernandez Contabilidade. Já que são amigos, creio que essa tarefa não será nenhum incômodo, estou certa? — Ordenou-me e, em seguida, o questionou.

— Mais do que certa, senhora. Gutierrez ficará honrado em saber que

escolheram o escritório dele para prestação de seus serviços. — Levantou-se em seguida, fechou o único botão de seu paletó e pegou sua pasta.

— Até amanhã, então, Dr. Gustavo. Por hoje, é só. — Dona Nice o dispensou e ele assentiu com um sorriso contido nos lábios e ao se despedir, saiu porta afora.

Já passava das quatro da tarde e dona Nice também se despediu de mim, alegando estar cansada e que iria para casa. Informei-a que não precisava se preocupar com nada, pois cuidaria do que fosse necessário por ali. Ela sorriu agradecida e deixou minha sala em seguida.

Após vê-la partir, eu me sentei atrás de minha mesa e peguei o telefone. Disquei o número do ramal de Michele e assim que ela atendeu, eu pedi para que a reunião com todos do administrativo fosse marcada para o dia seguinte no período vespertino, como dona Nice havia ordenado que os comunicassem. Prontamente, ela me deixou ciente de que estaria fazendo conforme eu havia lhe solicitado, naquele mesmo instante. Ao agradecê-la, encerrei a ligação.

— Tomara que esse tal Gutierrez não seja nenhum velho babão e rabugento, isso não! — Recostada em minha cadeira, eu pensei alto comigo mesma. — Também não pode ser algum metido a "*sou o melhor*", porque será o fim! Não suporto gente deste tipo. Enfim, amanhã o conhecerei e que Deus me ajude — proferi, ajustei minha postura frente a mesa e voltei a focar em meus afazeres.



CAPÍTULO 2

GUTIERREZ FERNANDEZ

Suspirei ao sentar em minha cadeira e pressionei minha têmpora, mantendo meus olhos fechados. Eu queria poder ter uma mísera fração de segundos para respirar fundo e espanar a dor que latejava em minha cabeça naquele momento. Definitivamente, meu dia não estava sendo dos melhores. Havia acabado de sair de uma reunião dos infernos, onde fui cobrado por um dos empreendedores que contratou nossos serviços, pois não estava sendo atendido da forma que solicitou ao nos procurar, e essa reunião perdurou desde o instante que voltei do almoço, até agora. Detalhe: já passava das quatro da tarde.

Porra! O cara queria que fizéssemos milagre da noite para o dia, sendo que seu negócio estava indo à falência por causa de sua gestão decadente, justamente por ter optado em investir em algo achando que nunca necessitaria da ajuda de profissionais como nós. É deprimente isso.

Encontrávamos focados para ajustar o que pudéssemos dentro de seu negócio para que tudo fosse enquadrado da melhor forma possível, só que o infeliz do Italiano, Hugo Fortunato, não entendia isso. Queria resultados no mesmo dia em que fechou contrato com meu escritório e não era assim que as coisas funcionavam. Precisávamos de tempo para que tudo fosse analisado de forma devida. O deixei ciente disso, mas ele apenas me respondeu: "*Não me interessa. Traga-me resultados ou serei obrigado a rescindir o contrato por não cumprimento dos serviços oferecidos pelo escritório*". Eu precisei de infindáveis minutos para poder engolir a raiva que evaporou de forma involuntária dos meus poros, pois minha vontade foi a de me jogar sobre aquela mesa, alcançá-lo do outro lado e enforcá-lo com minhas próprias mãos. Contudo, eu apenas lhe lancei um olhar duro, apesar de não o intimidar. Em seguida, tentando apaziguar meu temperamento nada humano naquele momento, e como prezava pela boa visibilidade do meu trabalho e de minha conduta, tratei de encerrar logo a maldita da reunião para que uma catástrofe não acontecesse naquele instante e no meio dos demais que estavam presentes.

Formei-me no curso de Ciências contábeis para ser um contador renomado, pois desde pequeno, eu sempre fui fã dos números. Meu pai, que me ajudava a resolver as questões de matemática que me eram passadas na escola. Ele era professor de matemática e, eu desejava que o homem pelo qual nutria total admiração, sentisse orgulho de mim. O brilho que vi em seus olhos somado ao sorriso imenso que se impregnou em seus lábios no dia de minha formatura, fora impagável. Aquela imagem nunca deixaria minha memória, por mais que

ele já não estivesse sobre a terra. E pensar sobre isso, só me trazia uma dor aguda no coração. Tãmanha era a falta que ele me fazia.

Abri meus olhos, um tanto exausto, assim que fui tirado de meus devaneios, após ouvir duas batidas serem dadas na porta. Ainda massageando minha têmpora, respondi um "entre", cabisbaixo.

— Aqui está o copo de água que havia me solicitado, senhor Fernandez — Ouvi a voz de Mônica, minha secretária. Fitei seu rosto ao vê-la colocar o mesmo sobre minha mesa.

— Obrigado, Mônica — Ela assentiu. — Alguma ligação para mim ou recado, enquanto estive em reunião? — Questionei-a e alcancei a primeira gaveta abaixo de minha mesa. Peguei uma cartela de comprimidos para dor; destaquei um da mesma, joguei dentro de minha boca e bebi a água em seguida.

— Doutor Gustavo ligou e pediu para falar com o senhor, mas como estava em reunião, então, ele não quis deixar recado. Apenas disse que mais tarde passaria por aqui. — Assenti ao fechar a gaveta de minha mesa e terminei de beber o restante da água.

Gustavo era advogado, um grande amigo para mim. Talvez, o único que eu tenha de verdade, pois os demais que me rodeavam, eu sei que só prezavam suas "amizades" comigo, por causa de meu status no ramo empresarial. E uma coisa que odeio é gente puxa-saco. Não os suporto. Enfim, muitas vezes, saíamos para dar uma arejada na cabeça, afinal de contas, nós tínhamos muitas responsabilidades e isso acabava por nos deixar abarrotados de estresse.

Ele também era uma espécie de "ponte" para mim, porque sempre estava me trazendo novos clientes, o que eu agradecia muito, pois ajudava a aumentar a visibilidade do trabalho que o escritório exercia.

— Algo mais? — Indaguei ao colocar o copo vazio sobre a mesa, rezando para que aquele remédio fizesse efeito logo, pois minha cabeça estava a ponto de explodir.

— A Senhora Isabel Fernandez também ligou. — Estranhei. — Disse que já tinha tentado contato com o senhor através do seu celular, mas que estava dando na caixa de mensagem. Avisei que o senhor se encontrava em uma reunião e ela me questionou se eu saberia informar a que horas estaria livre, mas eu informei que não. Então, ela apenas pediu que eu o comunicasse de sua procura. — Franzi o cenho e alcancei meu telefone no bolso do meu paletó, constatando que o mesmo se encontrava desligado. Na certa, a bateria tinha acabado. Merda! O que de tão urgente minha mãe teria para tratar comigo?

Confuso, voltei a abrir a gaveta da minha mesa, peguei o carregador

extra que sempre fazia questão de deixar ali e ao conectar em meu celular, o enfiei em uma das tomadas mais próxima e pressionei o botão para ligá-lo.

— Somente isso? — Perguntei.

— Sim, senhor — disse encarando-me nos olhos com sua postura profissional. Eu gostava dela, — no sentido de exercer um excelente trabalho, claro! — mas não deixava isso transparecer, a não ser, que já houvesse percebido por si só, pois nunca tinha tratado-lhe mal nestes três anos, no qual trabalhava para mim.

— Pode ir. — Ela apenas assentiu, girou sobre seus saltos e deixou minha sala em seguida.

Voltei para meu celular e ao vê-lo ligado, disquei o número de minha mãe.

— Gutierrez, Gutierrez... O que eu faço com você, filho? — disse desgostosa, no momento que atendeu a ligação, não permitiu que eu ao menos lhe cumprimentasse e eu franzi o cenho sem entender nada.

— Qual o problema dessa vez, mãe? — Indaguei com certa curiosidade ao girar minha cadeira, ficando de frente para a parede de vidro que continha atrás de minha mesa e apreciei a ampla visão do dia que ainda detinha os raios solares.

— Posso saber o porquê de ainda estar se encontrando com aquela vagabunda da Mirela? O par de chifres que recebeu não foi o suficiente para lhe dar vergonha na cara, meu filho? — Definitivamente, minha mãe a odiava. Afinal, não era pra menos, já que ela havia me colocado um belo par de chifres, um dia antes do nosso casamento.

Mirela era minha ex-noiva. Namoramos firmemente por dois anos e tivemos belos seis meses de noivado. Eu a amava, e fazia questão de sempre deixá-la ciente sobre isso, todos os malditos dias, mas ao invés de me retribuir o carinho na mesma intensidade, ou até mesmo, em uma escala muito maior, ela fez questão de fazer o contrário e estraçalhou meu coração em incontáveis pedaços. Lembro-me que no dia anterior ao nosso casamento, combinamos de cada um ter sua privacidade com os amigos para a despedida de solteiro, caso quisesse. Como um tolo, eu imaginei que Mirela não fosse inventar qualquer coisa que fosse ou ir a lugar algum, só que caí com a cara no chão, após ter recebido o telefonema do meu amigo Gustavo, me informando que a própria se encontrava com suas duas de suas melhores amigas no mesmo recinto que ele: uma casa noturna, onde a putaria rolava solta. Sim, meu amigo gostava bastante de locais daquele tipo. Naquele dia, eu havia optado em ficar em casa na

companhia da minha mãe, pois depois que meu pai faleceu, há cinco anos, passou a ser só nós dois e sempre desfrutávamos de conversas paralelas referentes ao nosso dia a dia, geralmente, nos jantares ou finais de semanas que compartilhávamos juntos. Verdadeiramente, imaginei que tão logo, teríamos mais uma pessoa ali conosco e eu estava contente e ansioso por aquilo. Entretanto, nada é como o esperado nessa vida. Sempre seremos surpreendidos, seja de forma boa ou ruim, e o meu, não teve nada voltado ao lado bom.

Indignado, informei a Gustavo que iria até lá. Ele até tentou dizer algo, mas não ouvi, pois encerrei a ligação. E, então rumei em direção à maldita boate e no instante que entrei lá, em meio às luzes piscantes, eu varri o local com meu olhar. Segundos depois, e mesmo diante da pouca iluminação do local, eu consegui identificá-la, acredito que se ela estivesse entre milhões de pessoas, ainda sim, a reconheceria. Embora, de imediato, eu me recusei a acreditar no que estava vendo. Estagnei no meio do caminho, antes que pudesse ir conferir de perto. Encontrava-me incrédulo, mas ao tomar ciência da veracidade daquele fato, apenas trinquiei meu maxilar, fechei minhas mãos em punho ao lado do meu corpo e continuei assistindo a falta de decência da mulher que acreditei me amar um dia. Sentada no colo de um homem sem camisa, Mirela o beijava de forma voraz enquanto rebojava de forma desavergonhada, modo do qual, imaginei que fizesse somente comigo. Diante daquela cena desprezível, eu repugnei.

Antes que eu fizesse meu percurso e saísse dali, ela abriu os olhos com um sorriso imenso nos lábios após cessar o beijo e, então me viu, deixando que sua alegria se desvanecesse dando lugar a uma expressão preocupada no rosto. Vi que fez menção de vir até mim, mas apenas balancei a cabeça em negativa em forma de aviso e, praticamente, corri dali para fora. Depois daquele dia, eu a evitei ao máximo. Cancelei tudo que se referia ao nosso matrimônio e viajei, ficando dois meses em Porto Seguro com minha mãe. Por mais que tenha sido férias forçadas, foi maravilhoso e relaxante. Consegui clarear meus pensamentos e definitivamente, arranquei Mirela de vez do meu coração.

Desde então, eu a vinha evitando, mas há dois dias, resolvi ceder ao pedido dela de nos encontrar. Porém, fora um grande erro...

Suspirei pesadamente, deixando meus devaneios de lado e passei minha mão esquerda no queixo, sentindo os pelos da minha barba rala sob meus dedos.

— Mãe, isso foi há um ano. Mirela pediu para nos encontrar, me pediu perdão. Ela disse que se arrependeu amargamente pelo que me fez e como ela jogou seu charme pra cima de mim, eu acabei não resistindo aos seus encantos

e...

Ela me interceptou.

— Francamente, Gutierrez. Eu pensei que tivesse decência, meu filho!
— Proferiu, desapontada.

Definitivamente, eu me senti um tolo assim que acordei ao lado de Mirela em seu apartamento, há dois dias. Observei-a dormindo de forma tão serena, e ousei pensar em como teria sido se ela não tivesse me traído naquela noite anterior ao de nosso casamento. Após não obter qualquer resposta lógica, eu recolhi minha roupa que se encontrava jogada no chão e vesti rapidamente. Ao alcançar meus sapatos e calçá-los, saí de lá sem deixar qualquer bilhete ou coisa parecida. A verdade, é que eu tinha me arrependido, sentia-me um fraco e perdedor. Porém, já não tinha mais o que ser feito, afinal de contas, não adiantava chorar pelo leite derramado.

Após o dia em que estivemos juntos, Mirela me procurou constantemente, através de ligações em meu celular, no escritório e mensagens também. Confesso que evitei ter qualquer contato com ela novamente. Desde que terminamos, eu não quis mais saber de relacionamentos sérios, apenas me divirto na companhia de uma boa mulher quando saio com Gustavo para alguma festa ou barzinho, e se rolar de transarmos, é bom, e depois disso cada um segue seu caminho.

— Eu também achei, mãe. A senhora tem toda razão de estar desapontada comigo. — Admiti, sentindo-me um idiota de ter me deixado levar pela conversa e charme de Mirela. Merda!

Ela suspirou do outro lado da linha e voltou a falar:

— De qualquer maneira, isso já não importa, até por que, ela teve o descaramento de vir até nossa casa, mas eu a enxotei daqui. Uma afronta, meu filho! Espero que tome alguma providência quanto a isso. Honre as bolas que tem — falou irritada.

Inevitavelmente, eu acabei gargalhando ao ouvi-la. Ela ficou em silêncio e, eu logo me contive, pois sabia que não estava gostando.

— Eu tomarei, mãe — Argumentei, convicto.

— Acho bom! — Exclamou com veemência.

Alguém bateu à porta e ao me virar, encontrei Gustavo com a metade do corpo para dentro da minha sala. Fiz sinal para que entrasse e ele o fez. Sentou-se em uma das cadeiras de frente para minha mesa.

— Vou ter que desligar, mãe. Até mais tarde. Beijos — Despedi-me de dona Isabel e encerrei a ligação. — O que o traz aqui, Dr. Gustavo? — Falei

ironicamente e ele sorriu divertido.

— Ver essa sua cara que não foi — alfinetou. Gargalhei alto, pois sempre conversávamos desta forma. Então, ele continuou: — Enfim, indiquei seu escritório para a senhora Nice, dona da loja de lingerie *Sexy Girl's*.

— Isso é ótimo! A loja dela vem crescendo cada vez mais e seria de grande apreço para mim, caso pudesse fornecer meus serviços a ela — Deixei-o ciente.

— Então... ela ouviu minha sugestão, e depois da Srta. Selenia, que é quem toma conta do setor administrativo, concordar, elas marcaram uma reunião para amanhã no período da tarde — informou-me.

— Maravilha! Fico imensamente feliz de saber disso. Só preciso saber o horário exato e estarei lá — falei sorridente.

— Amanhã pela manhã, eu te ligarei para informar. Agora preciso ir — Anunciou ao se levantar.

— Obrigado, meu amigo. — Demos um aperto de mão firme e, em seguida, se despediu, saindo porta a fora.

Agora, era me preparar para a reunião de amanhã. Confesso que estava ansioso por isso.



CAPÍTULO 3

SELENA

Assim que abri meus olhos, uma mínima claridade do sol já irradiava através da pequena fresta que continha entre as cortinas que cobriam a janela do meu quarto. Pisquei algumas vezes, passei a mão pelo rosto e me espreguicei, tentando criar coragem para deixar minha cama quente e aconchegante. Num rompante, eu me levantei e caminhei até o banheiro. Escovei meus dentes e, em seguida, preendi meus cabelos curtos para que não molhassem e segui para dentro do Box. Tomei um banho rapidamente. Assim que terminei, eu percebi que fora mais do que bem-vindo, pois me ajudou a dispersar o sono que ainda me consumia.

Enrolada numa toalha, deixei o banheiro e segui para meu closet. Escolhi um vestido justo na cor vermelha, scarpin preto e uma lingerie na mesma cor. Saí dali e caminhei em direção ao quarto; deposei tudo sobre minha cama e antes que começasse a me arrumar, algumas batidas foram dadas na porta.

— Entre! — falei e caminhei até minha penteadeira. Sentei-me na cadeira que continha diante dela e resolvi fazer uma maquiagem simples. Afinal de contas, hoje era o dia da reunião. Bufei desgostosa, pois odiava ter que ficar horas trancafiada com o pessoal do administrativo na sala de reuniões. Sei que era importante para a loja, mas não era o meu "forte".

— Bom dia, Selena. — Olhei para a porta e, Dália, a governanta da casa, disse sorridente, o que me fez retribuir seu sorriso na mesma intensidade.

— Bom dia, Dália! — Exclamei alegre, assim que ela colocou suas mãos em meus ombros e depositou um beijo singelo sobre minha cabeça.

Dália era uma mulher linda, detinha seus quarenta anos muito bem vividos. Tinha dois filhos maravilhosos: Gabriel e Brenda. Ambos frequentavam nossa casa e nos dávamos muito bem. Dália perdeu seu marido aos trinta e três anos, algo que a abalou muito, porém continuou firme, não permitiu que o início de uma depressão acabasse com seus dias de vida. Eu tinha um carinho enorme por ela, porque ela me ajudou muito em questões de etiqueta, em como eu deveria me portar, em meio a pessoas importantes, depois que dona Nice me

acolheu em sua casa, a fim que eu deixasse o quartinho que eu ficava nos fundos da loja. Isso aconteceu um pouco antes de eu concluir a faculdade. Juro que cada dia em que acordava e pensava que teria "aulas" sobre isso, eu sentia um tédio mortal, mas sabia que era para meu próprio bem. Então, eu colocava um sorriso ensaiado nos lábios e ficava horas aprendendo o que me passava. Mas valeu muito a pena.

— Como está? — Perguntou com um brilho contagiante nos olhos, onde pude identificar no espelho.

— Bem, eu diria. — Sorri.

— Dona Nice me disse que você terá uma reunião importante na *Sexy Girl's* hoje, e já imagino, o quão bem você está — Ela disse sarcástica, e descansou seu queixo no alto da minha cabeça.

Fechei os olhos e suspirei fundo.

— Não tem como te enganar, não é? — Ela movimentou a cabeça em um claro não. — Bom, não é algo que eu goste de fazer, mas sempre vê que me esforço. — Mordi meu lábio inferior e passei um pouco de blush em minhas bochechas.

Ela sorriu baixinho.

— Eu te entendo, Selena — Agradei, diante de sua compreensão e ela deu um aperto leve em meus ombros. — Enfim, eu vim perguntar se vai querer que te traga o café da manhã no quarto, ou prefere tomar lá embaixo?

— Irei descer, Dália. Obrigada — informei, agradecida. — Aliás, a dona Nice já desceu? — Questionei.

— Dona Nice não vai descer, Selena. Hoje ela acordou... indisposta. — Franzi o cenho ao terminar de passar meu batom cor de rosa -claro e me virei para Dália.

— Indisposta? — Ela confirmou minha pergunta ao assentir. Pensei por um tempo e voltei a fitá-la. — Não acha melhor chamar um médico para vê-la? Afinal de contas, ontem à tarde, depois de termos escolhido o escritório que substituiria o anterior que nos atendia na parte contábil, eu a vi deixar minha sala depois de se queixar de cansaço.

— Eu sugeri isso a ela, mas você sabe como dona Nice é. — Lembrou-me do modo irredutível dela e deu de ombros.

— Bom, de qualquer forma, eu irei dar uma passada no quarto dela antes de descer — informei.

— Tudo bem. Vou pedir para Sara colocar a mesa — Avisou-me.

— Obrigada — Agradei e ela logo saiu do quarto.

Estranhando essa indisposição repentina da dona Nice, eu tratei de me arrumar o mais rápido possível e assim que me olhei no espelho, me vi satisfeita diante do meu *look*. Então, recolhi minha bolsa junto com a pasta. Saí do meu quarto e caminhei confiante sobre meus saltos. Parei em frente à porta do quarto da dona Nice e desferi duas batidas. Ouvi seu sonoro "entre" e sorri, girando a maçaneta.

— Bom dia, querida! — Dona Nice me cumprimentou com um sorriso amplo no rosto, mas mesmo assim, seus olhos me denunciaram que realmente estava cansada.

Depositei minha bolsa e minha pasta sobre a mesa no canto de seu quarto e, em seguida, sentei-me na beirada de sua cama; peguei suas mãos que se encontravam descansando sobre seu colo e, beijei o dorso de cada uma delas, enquanto ela me observava sorridente.

— Bom dia. A Dália me disse que não está se sentindo bem? — Minha voz denunciava minha preocupação.

— Sim, não estou, querida. Mas é só uma indisposição matinal, não se preocupe. — Pude identificar um lampejo de tristeza atravessar seu olhar assim que tentou me garantir que estava bem, e forçou um sorriso em seus lábios.

— Tem certeza? Não há algo que queria me contar? — Inquiri, duvidosa e extremamente preocupada com sua saúde.

Ela sorriu e apertou minhas mãos.

— Sim, tenho certeza. E, não há nada para lhe falar, querida. — Sem querer forçá-la a nada, eu apenas assenti.

No fundo, eu pressentia que algo estava errado, e por isso iria contatar o senhor Arnaldo, médico dela, para lhe questionar sobre o que estava acontecendo no quadro de saúde da dona Nice. Estava na torcida para que não fosse nada. Nada, mesmo.

— Tudo bem, eu acredito. — Sorri sutilmente ao mentir. Eu não acreditava em suas palavras. Pela primeira vez, dentro dos cinco anos que a conhecia, eu me senti triste por ela não querer compartilhar o que estava acontecendo com sua saúde.

— Obrigada, querida. Sendo assim, eu não poderei comparecer à reunião — informou.

— Mas é só no período da tarde. Até lá, você poderá estar melhor — argumentei.

— Mesmo que esteja, eu prefiro ficar em casa hoje, querida. Pode tomar a frente de tudo por mim como você sempre faz? — Indagou-me.

Soltei uma de suas mãos e passei minha mão direita no cabelo. A verdade é que eu não queria ter que conduzir uma reunião sem ela ao meu lado, mas não me restava alternativas.

— Claro, dona Nice. Mas eu preferiria que estivesse ao meu lado para evitar que eu tome alguma decisão que desaprove. Afinal de contas, será a primeira reunião que irei conduzir — Argumentei.

— Tenho plena convicção de que se sairá bem, independente de ser a primeira reunião que tomara a frente — Afirmou com veemência.

Sem mais, eu apenas me aproximei dela; dei-lhe uma abraço apertado e, em seguida, deposei um beijo em sua bochecha, sendo contemplada com seu olhar brilhando de felicidade assim que nos desvencilhamos. Ela agradeceu e eu não pude deixar de repreendê-la por estar me agradecendo, atitude que a fez sorrir alegremente.

Em seguida, caminhei até a mesa no canto, peguei minha bolsa com a pasta que havia deixado ali e deixei seu quarto. Ainda pensativa, referente ao fato de saber que algo estava se passando com dona Nice, mas que não quis me revelar, eu desci as escadas e segui até a sala de jantar, onde estava servido o café da manhã.

Sentei à mesa e assim que terminei meu desjejum, Alfredo já se encontrava pronto para me levar a Sexy Girl's. O trânsito estava caótico, como sempre, o que me atrasou por uma hora. No momento em que ele estacionou na frente da loja, eu saí rapidamente do carro, após desejá-lo um ótimo dia e segui para dentro. Foi só eu colocar os pés dentro de minha sala, que uma Michele, cheia de anotações, entrou pela porta e não arredou da cadeira que se sentou de frente para minha mesa, até que chegou o horário de almoço.

Assim que ela saiu pela porta, eu alcancei meu celular sobre a mesa e disquei o número do Dr. Arnaldo, e no instante em que ele atendeu, o questioneei sobre o que se passava com a dona Nice. Diante de muita insistência minha, ele apenas afirmou que não tinha nada de errado com sua saúde e, mesmo se tivesse, era um caso entre médico e paciente, e ele não poderia expor de forma alguma, somente se o paciente permitisse. Lógico que eu quis gritar uma série de ofensas, mas eu sabia que eram normas de sua conduta profissional. Então, eu tinha que respeitar, mesmo não concordando. Encerrei a ligação em seguida.

Contrariada, eu disquei o número do ramal de Michele e por sorte, ela ainda não tinha saído para almoçar, então, eu solicitei que trouxesse um lanche

para mim, pois não sairia para comer. A agradei e desliguei o telefone.

Suspirei pensativa, mas logo deixei meus devaneios de lado e comecei a dar seguimento a algumas ideias de modelos, no qual estava desenhando para a próxima coleção da Sexy Girl's. Algumas peças seriam usadas por uma modelo que estava no auge do sucesso e posaria para uma das revistas que tínhamos parceria.

Sentia-me mais do que contente por isso. Teria um de meus trabalhos expostos em uma revista; com minha assinatura como designer de moda íntima. Eu já desenhei alguns, mas sempre destinava a Diana, para que concluísse ou mudasse o que quisesse. Nunca me encontrava satisfeita, um grande problema, pois sou perfeccionista ao extremo.

Após Michele trazer meu lanche, a tarde prosseguiu rapidamente e quando menos previ, ela estava em minha sala, avisando-me que faltavam apenas quinze minutos para iniciar a reunião. Ao ouvi-la, eu juntei os desenhos que já havia feito, guardei na minha pasta e recolhi minha bolsa, saindo da sala em seguida.

— Michele, eu preciso que faça um relatório dos principais tópicos da reunião de hoje, como te disse mais cedo. Dona Nice não estará presente e preciso que ela fique ciente de tudo que for falado — pedi ao parar em frente sua mesa, enquanto ela pegava sua pasta para fazer as devidas anotações.

— Perfeitamente, senhorita — A agradei, e logo senti uma mão em meu ombro.

Assim que olhei, Dr. Gustavo sorriu para mim.

— Desculpa não ter vindo mais cedo para poder revisarmos a pauta da reunião. Tive outros assuntos para resolver. — Desculpou-se em sua habitual postura de cavalheiro.

— A Michele me avisou assim que cheguei. E não se preocupe. Acho que me sairei... bem, apesar de não estar tão confiante quanto a isso. — Sorrimos em uníssono e o observei descansar uma de suas mãos no bolso de sua calça social.

Definitivamente, eu andava observando-o demais e tinha que parar com isso. Achava que isso se dava pelo fato de não estar envolvida com alguém há mais de três meses, então, eu andava enxergando-o de um modo... Diferente. Afinal de contas, já trabalhamos juntos há tanto tempo e nunca havia dirigido qualquer olhar malicioso a ele.

Dispersando meus pensamentos impuros, o escutei falar:

— Tenho certeza que se sairá perfeitamente bem, Srta. Selenia. Dona

Nice nunca erra em suas escolhas, se é que já percebeu — Tentou me convencer.

— Já percebi, mas não comigo. — Sorri incerta.

— Já está na hora, Srta. — Michele me avisou.

Sem mais, Dr. Gustavo fez sinal para que eu e Michele fôssemos na frente e antes de entrarmos na sala de reuniões, eu senti alguém segurar educadamente em meu braço.

— Desculpa, mas eu tinha que lhe apresentá-lo, antes de darmos início a reunião. — Olhei para o Dr. Gustavo, assim que me virei. Encarei o homem altivo e de olhos negros ao seu lado. E, sim, eu fui atingida pela beleza extraordinária daquele homem sem ao menos saber de quem se tratava, mas isso logo foi respondido.

— Prazer, Srta. Selenia. Eu me chamo Gutierrez Fernandez. — Boquiaberta, eu suspendi minha mão para cumprimentá-lo com um aperto de mão, mas ao invés disso, ele a tomou na sua e o observei beijar suavemente seu dorso.

Engoli em seco diante de sua atitude inesperada e só sabia de uma coisa... Eu estava ferrada.



CAPÍTULO 4

GUTIERREZ FERNANDEZ

Terminei de ajustar minha gravata, olhei-me no espelho e satisfeito com minha imagem altiva e extremamente profissional, eu segui até a mesa, próximo a porta que dava acesso ao alpendre em meu quarto. Peguei minha pasta e saí dali em seguida. Desci as escadas e atravessei o hall em direção a sala de estar, onde encontrei minha mãe, que segurava uma xícara em mãos e bebericava seu café, algo que não podia lhe faltar em hipótese alguma, mesmo após horas depois do almoço. Havia decidido dar apenas uma passada no escritório, assim que acabasse a reunião na *Sexy Girl's*, já que hoje era sexta-feira e tinha poucos afazeres por lá. Também precisava de um descanso, nem que fosse mínimo.

Assim que me aproximei, eu deposei um beijo no alto de sua cabeça e ao me afastar, ela sorriu graciosa e abandonou sua xícara vazia sobre a mesinha de centro. Após deixar minha pasta sobre um dos assentos do sofá, eu abri o único botão de meu paletó e me sentei ao seu lado, envolvendo suas mãos nas minhas em seguida. Ainda sorridente, ela me encarou com os olhos brilhantes e, de certa forma, vê-la com uma áurea tão relaxada, me deixava extremamente aliviado.

— Está tudo bem, mãe? — perguntei preocupado e deposei um beijo singelo no dorso de uma de suas mãos.

— Perfeitamente, filho. — Ela levou sua mão direita até meu rosto e o acariciou suavemente. Esse seu gesto carinhoso acabou me fazendo fechar os olhos e absorver toda a felicidade que era tê-la comigo diariamente. Meu coração batia descompassado também.

Minha mãe detinha seus cinquenta e cinco anos. Uma mulher de muita fibra, no qual admirava muito. Mesmo depois de termos perdido o homem que era o nosso tudo, ela sequer vacilou, pois não deixou que a dor da perda lhe nocauteasse. Muito pelo contrário. Creio que fiquei mais abatido do que ela ao demonstrar fisicamente, porque sempre a encontrava sorridente e confiante, fazendo-me acreditar que meu pai estava num lugar melhor. Mas era quase que palpável a dor que irradiava em seu olhar. Diversas vezes, uma vontade tremenda de colocá-la com a cabeça descansando sobre meu colo e afagar seus cabelos, me tomava de forma imensurável. Desejava arrancar aquela dor de seus olhos... dos nossos corações... das nossas almas, mesmo eu tendo ciência de que jamais seria possível. O chão havia sido aberto sob nossos pés e naquele dado momento, várias rachaduras tomaram conta de nossas pilastras quase fazendo-as ruir e desabar de vez.

Com muita persistência e pensamento positivo, eu e minha mãe, conseguimos nos manter de pé. Foi quando decidi investir as economias de meu pai no meu escritório, que até então, não era tão conceituado como hoje, mas depois deste investimento, eu consegui uma visibilidade bem maior. E, mesmo meu pai não estando ali, eu sabia que onde quer que estivesse, ele estaria imensamente contente por mim.

— Tem algo errado? — Saí de minhas divagações, após ouvir seu questionamento.

Soltei um riso ameno e abaixei a cabeça rapidamente.

— Nada de errado, mãe. Muito pelo contrário, tem tudo de certo — Proferi, após voltar a olhá-la. Ela continuou a sorrir e colocou sua mão sobre a minha.

— Que bom, meu filho. Fico muito contente em ouvir isso. E te desejo sorte nessa reunião de hoje. Tenho certeza que será um grande sucesso esse seu trabalho em conjunto com essa nova loja, a *Sexy Girl's*. Sabe, eu amo as lingerie de lá, e de uns anos pra cá, percebi que os modelos são bem mais detalhados e sofisticados. E isso é maravilhoso. — confidenciou, o que me fez apertar sua mão suavemente.

Havia falado pra ela durante nosso almoço, poucas horas atrás, sobre a reunião que teria hoje, algo que a deixou extremamente feliz.

— Obrigado, mãe. Só de vê-la contente e ainda me dar sua opinião diante das peças que a loja vende, já me diz muita coisa. Afinal de contas, você é uma cliente fiel àquela loja. Isso me ajudará a aguçar meu lado extremamente observador por lá— Argumentei.

— Não tem o que agradecer, filho. — Disse contente. — Esse seu lado exigente é o que te faz o profissional sério e dedicado que é. Não tenho dúvida alguma de que aquela loja alcançará voos ainda mais altos com sua ajuda. — Voltei a beijar o dorso de suas mãos, uma por vez. Por fim, me levantei do sofá e fechei o botão do meu paletó. — Já vai? — Questionou com o semblante franzido.

— Sim. Quero chegar um pouco antes da reunião, já que liguei para o Gustavo e ele me disse que não sabia me dizer se estaria mais cedo por lá, pois estava resolvendo algo importante — salientei.

— Estranho, não? Pelo que sei, Gustavo sempre foi um rapaz pontual. Deve ser alguma coisa extremamente importante, mesmo — frisou.

— Sim, deve ser — respondi incerto.

— Não vai ao menos tomar um café antes de voltar ao trabalho? Eu já

terminei, mas posso...

Interceptei-a.

— Não será preciso, mãe. Eu realmente tenho que ir. Tomo um café em alguma lanchonete, ou assim que chegar ao escritório depois da reunião. Não se preocupe. — Tratei de deixá-la despreocupada.

— Tudo bem. Tenha um ótimo dia e um bom trabalho — Agradecido, eu caminhei para fora e ao cruzar o hall, saí pela porta e fui cumprimentado por Davi, um dos seguranças.

— Senhor, nós temos um... — ele parou de falar e após limpar a garganta, continuou: —, problema, eu diria.

Parei alguns passos antes de abrir a porta do meu carro e o encarei com o cenho franzido.

— Qual o problema? — Questionei, mas antes mesmo de ele me responder, identifiquei sobre o que referia.

— Gutierrez, eu exijo que me receba em sua casa, pois precisamos conversar, meu amor — Mirela gritou próximo às grades do grande portão que a impedia de entrar.

Olhei-a passar a mão em seu cabelo comprido, negro e liso. Em seguida, ela tirou seus óculos de sol e descansou-o no tecido de sua blusa, entre o vão de seus seios, algo que me fez salivar, mas rapidamente, eu me lembrei das palavras de minha mãe e a ignorei.

— A ordem da minha mãe, prevalece. Não a deixem entrar aqui em hipótese alguma — ressaltei.

— Entendido, senhor. — Davi assentiu e se afastou. Entrei em meu carro e os portões foram abertos. No momento que saí, Mirela se prostrou no caminho, impedindo-me de continuar meu percurso.

Bufei desacreditado e segurei o volante com força.

Com os vidros fechados, eu não pude escutar o que Mirela dizia, mas entendi claramente o sinal que fez para que eu saísse do carro. Movi a cabeça em negativo e ela bufou irritada sobre seus saltos. Caminhou até o lado da porta onde eu me encontrava e desferiu algumas batidas para que eu abaixasse o vidro. Um pouco relutante, eu fiz como solicitou.

— Até que fim, meu amor — disse manhosa e levou sua mão até a lateral de meu rosto; em seguida, afagou minha barba rala, atitude que me fez fechar os olhos e apertar ainda mais o volante do carro. — E, então, vamos a algum lugar para conversarmos? — Abri meus olhos e a encarei, vendo-a fazer

um biquinho.

— Saia da frente da minha casa e não volte... nunca mais, Mirela — falei rudemente, pois havia que aceitar o fato, de que, ela tinha me traído de forma descarada, anos atrás. Minha mãe tinha toda razão. Mirela não prestava... Talvez, jamais houvesse prestado, mesmo quando estive aos seus pés como um tolo, querendo-a para sempre ao meu lado.

— Como ousa falar assim comigo, Gutierrez? É inadmissível que ouça aquela velha... — assim que percebi seu ponto, eu a interceptei.

— Respeite a minha mãe e lave sua boca para falar dela. — Vi Mirela se afastar minimamente da lateral do meu carro e me encarar de olhos arregalados com a boca entreaberta. Desacreditada.

Após alguns segundos, ela riu de forma debochada e assim que pensou em me contradizer, eu tomei a frente:

— Espero não ter o desprazer de voltar a vê-la prostrada na frente de minha casa — frisei novamente.

Mirela apontou seu dedo indicador em riste para mim, enquanto seus olhos faiscavam de ódio em minha direção e começou a falar:

— Olha aqui, seu...

Interrompi.

— Passar bem, Mirela — proferi com altivez e acelerei meu carro, saindo dali o mais rápido que pude, deixando-a plantada.

Olhei no retrovisor, apenas para constatar o tamanho de sua fúria, após vê-la segurar a bolsa que detinha em mãos com extrema força. Sorri diante dessa sua demonstração de raiva excessiva e peguei a estrada. Tinha dado um basta em algo que já deveria ter feito há muito tempo, porém, eu me encontrava como idiota, tentando identificar onde teria errado para que Mirela me traísse. Tentando dar uma nova chance ao que sempre senti por ela, mesmo após o ocorrido. Só que agora, aquele Gutierrez: tolo e apaixonado, que era mais do que capaz de lambar o chão para que ela passasse? Morreu!

Para completar, eu peguei um congestionamento terrível, me fazendo atrasar ainda mais. E, tudo porque fui ouvir a Mirela. Inferno! Porém, no instante em que cheguei ao andar administrativo da loja, eu avistei Gustavo caminhar em direção à uma porta, acompanhado por duas mulheres, mas estavam de costas e não dava pra ver seus rostos. Contudo, eu logo identifiquei que se tratava da sala de reuniões, soube por que li o letreiro que havia na porta.

Apressei meus passos e o abordei a poucos centímetros da porta, nos cumprimentamos sorridentes com um aperto de mão firme e, em seguida, fui

apresentado a Srta. Selenia. Gustavo já havia me contado sobre a trajetória de vida dela, e de como a vida dela havia mudado desde que viera para São Paulo e hoje, tornou-se o braço direito da senhora Nice, dona da *Sexy Girl's*. Definitivamente, ela teve uma puta sorte.

Admito que fui atingido, pois ela era uma mulher linda. Além de bela, detinha de um sorriso encantador nos lábios, cobertos por um brilho labial rosado, que me fez admirá-la ainda mais. No instante em que depus um beijo singelo sobre o dorso de sua mão, notei sua expressão um tanto surpresa, porém, logo se dissipou e Selenia rapidamente recolheu sua mão, tomando uma postura ereta e séria. Em seguida, ela disse que o prazer era todo dela; apresentou-me sua secretária, que eu apenas ofereci um aceno de cabeça, o que a fez sorrir minimamente para mim. Selenia avisou que podíamos começar a reunião e, eu assenti. Aguardei as duas tomarem a frente, o que fizeram com maestria, enquanto segui atrás com Gustavo.

Dentro de segundos, estávamos devidamente sentados em nossos lugares na grande mesa de madeira, da sala de reuniões. Todos ali, me foram apresentados. Enquanto Selenia me passava as informações da loja, eu a observava minuciosamente e percebi seu incômodo perante meus olhares, pois evitava a todo custo ter de me encarar. Confesso que essa sua postura, estava me deixando intrigado.

— Creio que o Sr. Gutierrez possa se instalar em uma de nossas salas, para estar aqui conosco, uma ou duas vezes por semana. Afinal de contas, temos de passar todos os relatórios financeiros e os procedimentos de cada setor da loja, para que identifique os erros e gastos desnecessários que possamos estar cometendo — Ela praticamente afirmou isso e dessa vez, me encarou com o semblante sério, esperando uma posição minha.

— Claro, será de grande importância ficar a par de todos os procedimentos tomados aqui na loja — ressaltou.

— Então, como já foram feitas as devidas apresentações e vocês já frisaram seus pontos, a reunião está encerrada. — No momento que Selenia terminou de falar, eu me levantei do meu assento e antes mesmo de alcançar minha maleta, todos que estavam ali, passaram por mim me parabenizando e desejando que eu trouxesse ainda mais sucesso para a *Sexy Girl's*, algo que eu também almejava. Afinal de contas, esse era o meu trabalho. Gustavo foi o último, e me deu um aperto de mão deixando a sala em seguida.

Quando todos saíram, eu pude finalmente caminhar até Selenia, que ainda se encontrava do outro lado da mesa.

— Quero o relatório, Michele. Não se esqueça, por favor. E já pode ir.
— Vi Selenia dar suas últimas instruções para a secretária, que a agradeceu e saiu pela porta em seguida. Ficando a sós. — Tem algo para falar, Sr. Gutierrez? — Indagou ao se curvar minimamente e começou a arrumar alguns papéis, que havia espalhado sobre a mesa no momento da reunião.

Segurando minha pasta com minha mão direita, eu descansei a esquerda dentro do bolso de minha calça e a observei, enquanto me ignorava. Eu sabia que estava evitando me olhar.

— Não é preciso tanta formalidade, Srta. Selenia. Prefiro que me trate apenas por Gutierrez — frisei.

— Como preferir, Gutierrez — Sua voz vacilou e por um instante, imaginei que estivesse nervosa, mas tratei de ignorar esse pensamento, porque ela não teria motivos para isso.

— Obrigado — Agradei sorrateiramente.

Enfim, ela fechou sua pasta e me encarou com altivez.

— Te espero aqui na segunda-feira pela manhã, para deixá-lo a par do que necessitar. E mais uma vez, seja muito bem-vindo a equipe da *Sexy Girl's*. Espero que nos torne melhores do que já somos — argumentou otimista e sorriu.

Sorri ameno.

— Também desejo isso — falei empolgado.

Mais uma vez, ela ergueu sua mão na intenção de apertar a minha, porém no momento em que eu beijaria novamente seu dorso, Selenia a recolheu. Desejou-me um ótimo final de semana e saiu caminhando firmemente sobre seus saltos, me deixando pensativo no meio da sala de reuniões.

Definitivamente, Selenia era uma mulher decidida e isso me intrigava ao extremo.



CAPÍTULO 5

SELENA

No momento em que dei minha conversa com Gutierrez por encerrada, eu praticamente saí correndo da sala de reuniões. Querendo ou não, eu acabei me sentindo mexida de alguma forma com a aproximação dele, e isso não era bom. Afinal de contas, iríamos trabalhar juntos, algo que já me deixava em alerta para que mantivéssemos distância. Dona Nice não aprovaria essa minha falta de profissionalismo, nem mesmo se eu me envolvesse com Gustavo.

Pensativa, bufei contrariada comigo mesma ao entrar em minha sala. Desabei sobre a cadeira atrás de minha mesa, após abandonar minha bolsa e pasta em cima dela. Definitivamente, eu precisava me ocupar e tirar esses pensamentos nada convencionais da minha mente. Se ao menos, eu tivesse alguém para sair um pouco, conversar para poder apaziguar as ideias, seria essencial.

Fui tirada dos meus devaneios, assim que escutei o toque do meu celular. Alcancei minha bolsa sobre a mesa e ao verificar o número, eu senti meu coração pular de alegria no peito. Parecia querer explodir de felicidade.

— Ju! — Exclamei alegremente, após proferir o apelido da minha prima. Ela se chamava Juliana, mas desde muito nova, nos tratávamos por apelidos. Eu a amava. Era uma irmã para mim, pois havíamos crescido juntas. Temos apenas seis anos de diferença de idade. Eu já tinha meus trinta e quatro anos, enquanto Juliana estava com vinte e oito. — Não acredito que está me ligando... — continuei, mas ponderei — Espera aí! Onde conseguiu créditos para fazer essa ligação? — Perguntei preocupada, pois esse mês, eu ainda não havia depositado nenhuma quantia para eles. Juliana morava com minha tia Marília e meu tio Josivaldo, ambos extremamente humildes e batalhadores. A condição de vida, no qual viviam no Piauí, não era das melhores, só que, por mais difícil que fosse viver por lá, eles não pensavam de forma alguma em abandoná-la para vir morar comigo. Eu já havia feito essa proposta diversas vezes e sempre ganhava um não bem bonito, isso quando minha tia não se chateava comigo. Então, a única solução que achei, foi depositar uma quantia em dinheiro para ajudá-los, mais precisamente falando: Um salário mínimo, pois fizeram questão de me deixar ciente de que se um centavo a mais fosse depositado em sua conta, iriam devolver, e de quebra, ficariam extremamente chateados comigo. Claro que eu seguia piamente suas vontades. Eu os amava, independente de suas exigências ou distância.

Um salário mínimo era luxo para eles, afinal de contas, eu me lembro

bem de quando morava por lá. Teve vezes em que chegamos a não ter o que comer direito, pois morávamos no interior e nossa garantia de ter alimento era mediante a plantação, porém, tinha ano em que quase nada progredia, principalmente por falta de chuvas. O Sol nos castigava drasticamente. Sendo assim, recorríamos à procura de emprego, algo quase escasso por lá e quando meu tio encontrava, era sempre para capinar e ganhar míseros cinquenta reais por um dia inteiro debaixo do Sol ardente. Era muito difícil.

Eu e minha prima conseguíamos uma faxina aqui e outra ali, mas ganhávamos pouco também; contudo ajudava a pelo menos fazermos uma pequena compra, no qual durava poucos dias. Foram tempos extremamente difíceis, entretanto, eu não me envergonhava do meu passado, muito pelo contrário, me orgulhava por nunca ter desistido, por mais dolorido que fossem as labutas. Hoje, eu sou formada em Designer de modas e aprendi muito com a Dona Nice, principalmente sobre administrar.

— Deixa de paranoia, Lena — repreendeu, impaciente, o que me fez sorrir.

— Não é paranoia. Eu não depusitei o dinheiro este...

Interrompeu-me:

— Mas nem sempre gastamos todo o dinheiro que nos manda, prima. Relaxa — explicou.

— Tudo bem — respondi mais tranquila.

— Estou com tantas saudades, Lena — disse alegremente.

— Eu também, Ju. Queria que estivesse aqui comigo. Estou precisando de você para conversar e arejar a cabeça um pouco — Soltei de uma vez, me sentia esgotada mentalmente.

— Pois vá se alegrando, pois no domingo, eu e mamãe chegaremos por aí.

— Mentira! — Exclamei desacreditada. — Isso é sério? — Questionei.

Ela sorriu audivelmente do outro lado da linha.

— Seríssimo, Lena — confirmou.

— Que felicidade em saber disso, Ju! Vão precisar de dinheiro? — Indaguei ansiosa.

— Não se preocupe. Temos o dinheiro. Na verdade, já compramos as passagens — Adiantou-se em esclarecer.

— E o tio Josivaldo? — Perguntei.

— Meu pai não quer ir de forma alguma, disse que ficará por aqui

mesmo. Mas ficaremos poucos dias — Murchei ao ouvi-la, pois desejava que pudessem ficar por mais tempo.

— Que pena — Lamentei. — Mas o bom é que virão me visitar e me encontro mais do que radiante por isso. Obrigada! — Exclamei agraciada pela imensa demonstração de amor que elas tinham por mim. Isso era muito importante.

— Deixe de besteiras, prima. Sabe muito bem que te amamos, e faz o quê? Uns quatro anos que não nos vemos? — Chutou. Eu sorri diante de sua tentativa falha de memória, pois desde que saí de lá para tentar uma nova vida aqui em São Paulo, e correr atrás do meu sonho de ser mãe, não nos vimos mais. Apenas conversamos por telefone, o que me era de tamanha felicidade, porque amenizava a saudade que sentia deles, minha família.

— Não, Ju. Já fazem, precisamente, cinco anos — lembrei-a com o coração comprimido de tanta saudade que sentia.

— Uau! Mais do que pensei. Muito tempo.

— Sim, muito — afirmei pesarosa.

— Mas vamos matar essa saudade gritante, Lena — proferiu alegremente. — Vou querer conhecer São Paulo. Prepare-se!

Gargalhei divertida, diante de seu aviso.

— Pode deixar — Deixei-a ciente de que lhe apresentaria a cidade com muito prazer.

— Vou desligar, prima. Afinal de contas, sairemos daqui amanhã a noite, e no domingo pela manhã estaremos por aí. Tenho que terminar de arrumar minha mala — comunicou.

— Tudo bem, Ju. Estou ansiosa pela chegada de vocês, e com certeza irei esperá-las na rodoviária. — Eu sabia que viriam de ônibus, pois tanto minha prima como minha tia, não aprovavam a ideia de viajar de avião. Ambas tinham medo, diziam que era perigoso. Eu as entendia perfeitamente, pois a primeira vez que viajei de avião junto com a dona Nice para uma reunião com um dos donos de uma das revistas que tínhamos parceria firmada, eu quase tive uma síncope. Senti meu coração na boca assim que o avião decolou. Quando tinha algumas turbulências então... nem gosto de me lembrar. Foi assustador, mas hoje já me acostumei.

— Oba! Mandarei uma mensagem avisando assim que estivermos chegando aí. Beijos, prima! — Avisou.

— Ficarei esperando. Beijos — Me despedi e a ligação foi encerrada.

Um sorriso imenso estava impregnado em meus lábios. Encontrava-me eufórica pela chegada delas. Mataria a saudade que estava sentindo há anos.

Ainda com o celular em minha mão, disquei o número do meu médico.

— Selenia, que surpresa! — Dr. Guilherme me saudou cordialmente.

— Boa tarde, doutor — Estava um pouco incerta sobre a decisão que havia tomado, mas não voltaria atrás. Há dias vinha cogitando isso. — E, compreendo sua surpresa, já que faz alguns meses que não lhe contato — falei pensativa e continuei: — Quero tentar novamente, creio que já dei um tempo plausível para isso — frisei confiante.

— Pensei até que já tinha conseguido um dono para seu coração, e que tivesse, finalmente, tentado realizar o sonho de ser mãe, deixando o método de inseminação artificial de lado. — Sorri tristemente diante de sua observação.

— Até tentei um relacionamento alguns meses atrás, só que não deu certo. Se tivesse progredido, você estaria recebendo minha visita dentro de alguns meses — Fui sincera.

Dr. Guilherme era um homem bonito. O conheci há quatro anos, meses depois de ter retirado o mioma que a médica Milena havia me aconselhado no Piauí, e decidi iniciar os passos para que pudesse fazer minha primeira inseminação artificial. Foi um misto de euforia e insegurança ao mesmo tempo, só que ele com todo seu lado compreensivo, tranquilo e profissional, soube me deixar à vontade. Com quinze dias, eu saí do seu consultório pulando de alegria, pois a transvaginal e o exame de sangue, felizmente haviam dado positivo. Eu estava grávida! Porém, um mês depois, estava de volta com um sangramento em vermelho vivo, do qual resultou em um aborto espontâneo. Foi a primeira vez que perdi um bebê, fato que me deixou sem chão. Naquele dia, eu chorei feito uma criança, como se tivesse perdido um brinquedo valioso. E, realmente, tinha perdido, só que não era um brinquedo, e sim, uma parte de mim, que crescia em meu ventre, o que era pior ainda.

Com seus quarenta anos, ele era formado em medicina, mas se especializou na área de embriologia, no qual atuava com perfeição. Ele era casado e tinha duas filhas lindas. Eu o considerava muito mais que um médico, pois ele acabou se tornando um amigo para mim diante dos conselhos que sempre fazia questão de me dar, quando eu não sabia como prosseguir diante do meu sonho de me tornar mãe, no qual já havia falhado por três vezes consecutivas, o que só me levava a crer que eu nunca conseguiria realizá-lo. Decadente, eu sei! Dr. Guilherme, ainda me instruiu, tanto é que segui seu conselho para dar um tempo, até eu decidir tentar a inseminação artificial

novamente.

— Entendo. Se estiver certa sobre isso, vá até meu consultório na segunda-feira — sugeriu.

— Obrigada. Irei sim — proferi convicta, diante de minha decisão.

— Estarei te aguardando, então.

— Tudo bem. Até breve! — Encerrei a ligação em seguida.

Eu tentaria novamente e Deus me ajudaria, pois estava certa de que dessa vez daria certo.



Assim que cheguei em casa, eu fui informada por Dália que dona Nice se encontrava na biblioteca que ficava ao lado do escritório que tínhamos em nossa casa. Subi para meu quarto e após me desfazer das minhas roupas e saltos, eu entrei em meu banheiro e resolvi tomar uma ducha quente. Diante do meu banho, eu lavei meus cabelos e tentei relaxar ao máximo. A semana estava cobrando seu preço, por toda a correria que havia tido.

Após terminar meu banho, eu enrolei meu cabelo numa toalha e vesti meu roupão. Em seguida, segui para meu quarto e passei um hidratante em minhas pernas. Sentindo-me mais tranquila, desci as escadas e ao entrar a biblioteca, dona Nice me olhou por cima de seus óculos de grau, abandonando a leitura que fazia.

— Como está se sentindo? — Indaguei sorridente ao me sentar no sofá ao seu lado.

Ela retirou os óculos de grau e fechou o livro, colocando-o sobre a mesinha ao lado. Por fim, me encarou.

— Melhor, querida — Sua resposta me deixou menos preocupada, mas ainda podia ver um cansaço visível em seus olhos. Porém, eu não a pressionaria.

— Fico feliz em ouvir isso — Fui sincera.

Ela comprimiu seus lábios em um sorriso ameno e perguntou:

— Como foi a reunião?

— Melhor do que o esperado, para ser sincera — Ela gargalhou divertida e me senti satisfeita por isso.

— Desculpa, Selena. Mas foi inevitável eu não gargalhar. Seu senso de humor é contagiante, querida — Elogiou-me, o que me deixou sem jeito.

— Obrigada. Mas a senhora sabe que não levo jeito para tomar a frente

de uma reunião. Eu...

Fui interrompida:

— Não foi essa informação que obtive. — Franzi o cenho, surpresa.

— Aposto que a Michele já foi correndo te ligar para fuxicar — acusei, minha secretária.

— Não, não. Foi o Dr. Gustavo que me informou — falou, me deixando culposa, por ter acusado Michele injustamente.

— Bom... — ponderei ao limpar minha garganta —, sendo assim, eu não tenho o que contestar. — Dona Nice sorriu e balançou a cabeça em negativo. Afirmando que realmente, eu não tinha o que falar em minha defesa. — Tenho algo para falar. — A vi tomar uma postura séria e pediu para que eu prosseguisse. Olhei para minhas mãos sobre meu colo e voltei a encará-la. — Vou tentar novamente a inseminação artificial — informei.

— Oh, querida. Não seria melhor esperar que algum homem fisgue seu coração? — Indagou preocupada.

— Não. Eu realmente pensei que meu relacionamento com o Diogo daria certo, mas já se passaram três meses desde que terminamos e eu não me envolvi com mais ninguém, então, prefiro tentar a inseminação artificial e vê se finalmente tornarei meu sonho realidade — falei decidida.

— Sabe muito bem que odiei todas as vezes em que te vi em frangalhos por não conseguir tornar esse sonho realidade, diante das falhas desse método, mas saiba que te apoiarei no que decidir, e no que for o melhor para você, querida. — Aproximei-me dela e segurei suas mãos nas minhas.

— Obrigada — Agradei, imensamente feliz por saber que tinha seu apoio.

Sendo assim, seguiria com minha decisão. E esperava que desse certo dessa vez. Encontrava-me confiante.



CAPÍTULO 6

GUTIERREZ FERNANDEZ

No momento em que entrei na casa noturna, luzes picantes clareavam o local e uma música eletrônica bem agitada estava sendo tocada em um volume estridente. Desviando de algumas pessoas, eu segui até o balcão de bebidas. No instante em que sentei em uma das banquetas e fiz meu pedido ao barman, eu olhei ao redor e observei o quão abarrotada estava a pista de dança; várias mulheres dançam sensualmente ao toque da música, no qual não prestei muita atenção.

Enquanto aguardava minha dose de uísque, verifiquei o horário em meu relógio pulso constatei que já passavam das vinte duas horas, horário que era para Gustavo já ter chegado, mas não chegou, algo estranho, pois ele costumava a sempre ser pontual.

Era noite de domingo, e Gustavo me ligou por volta das dezoito horas para que déssemos uma saída, algo que agradei imensamente, pois estava entediado em casa, precisava sair um pouco, quem sabe até conhecer uma mulher. Na verdade, nada de mulheres, já bastava a dor de cabeça dos infernos que a Mirela andava me causando. Desde o fatídico dia em que, praticamente a escorracei do portão da minha casa, ela não parava de me ligar; como eu ignorava cada chamada recebida dela, a infeliz resolveu me enviar mensagens dizendo que sabia muito bem que eu ainda a amava e que aquele meu "showzinho" na sexta-feira, não passou de um blefe.

Em partes, Mirela tinha razão, mas eu não podia cair em sua teia de mentiras e enganações novamente. Livraria-me dela, arrancaria qualquer sentimento ou pensamento que ainda restava em mim, referente a ela. E, faria com maestria!

Fui tirado das minhas divagações, após ter minha bebida entregue pelo barman. Assim que o agradei, sorvi um pouco do uísque, na tentativa de relaxar um pouco, levar para longe aqueles pensamentos irritantes sobre Mirela, que de fato, já estavam me incomodando num grau altíssimo. No instante em que pensei em subir para a área Vip, no qual era mais reservada e eu poderia ficar mais à vontade e despreocupado, eu senti uma mão tocar meu ombro.

— Até que fim! — Demonstrei minha insatisfação, diante de seu atraso.

— Relaxa, Gutierrez! — Exclamou com um sorriso debochado, gesto que não me agradou em nada. — Tive um pequeno imprevisto. Na verdade, deu um problema no motor do meu carro e acabei tendo que acionar a seguradora.

Sabe como é um pouco demorado e estressante isso — explicou.

— Hum... — foi apenas o que respondi — Estressante e está nesse humor todo? Conta outra Gustavo! — Bebi mais um gole do uísque, enquanto o assisti receber a bebida que havia solicitado ao barman, da mesma que eu estava tomando.

Gustavo era um homem bem requintado, mas tinha um humor melhor do que o meu. Para dizer a verdade, eu perdi um pouco da alegria que eu tinha quando terminei meu relacionamento com Mirela. Definitivamente, ela não só havia feito um estrago em meu coração, mas no meu psicológico também.

— Digamos que... Bom, teremos companhia — informou.

Franzi o cenho, surpreso. Imaginava que seria apenas nós dois, já que não havia mencionado nada sobre este fato ao telefone.

— Alguma paquera nova que eu não saiba? Afinal, você não me deixou ciente na ligação que me fez — indaguei ao inspecionar seu rosto, tentando identificar alguma pista de quem seria, mas fora em vão.

— Não, não. Se trata da Srta. Selenia. Ela me ligou no caminho para cá e me convidou para acompanhá-la juntamente com a prima, que chegou hoje a tarde de viagem, a algum lugar "badalado" — disse sorridente ao fazer aspas no ar. — E como já tinha combinado com você, eu sugeri que elas se juntassem a nós. Devem chegar dentro de alguns minutos.

Bebi o restante do uísque ao ouvi-lo e pedi um duplo ao barman. Definitivamente, precisava de uma bebida mais forte, pois algo me dizia que essa noite não seria nada fácil.

— Tem algum problema, Gutierrez? — Gustavo me questionou, assim que recebi minha bebida.

— Nenhum — respondi rapidamente e ele voltou a bebericar seu uísque, o que me fez suspirar de alívio. Não queria ter que dizer o quão insatisfeito estava em ter Selenia em nossa companhia. A mulher era linda demais, chegando ao ponto de me deixar curioso ao extremo, querendo de alguma forma, conhecê-la intimamente e isso não era nada bom.

Dentro de poucos minutos, eu já havia bebido mais um copo de uísque, contabilizando três, desde que cheguei à boate. No entanto, Gustavo parou no segundo. Por insistência dele, eu acabei dando por encerrado a bebedeira e ele sugeriu que subíssemos para a área vip. Assenti, mas antes peguei uma garrafinha de água gelada, com o intuito de tomá-la para hidratar a garganta.

Já acomodados em um dos sofás confortáveis que continha na área vip juntamente com uma mesa de vidro a nossa frente, Gustavo se retirou,

informando que iria até o banheiro. Sozinho, eu avistei Selenia caminhar em minha direção, acompanhada por uma moça negra, muito bonita, por sinal.

— Boa noite, Gutierrez. É bom encontrá-lo novamente — Selenia disse ao se prostrar em frente à mesa que eu ocupava.

— Boa noite, Selenia. Digo o mesmo a você. — Cumprimentei-a com um aceno de cabeça, enquanto descansei minhas mãos nos bolsos dianteiros de minha calça jeans, pois ela não fez menção de apertar minha mão, como havia feito na sala de reuniões da *Sexy Girl's*.

Percebi que suas bochechas ruborizaram, mas ela desviou o olhar e apenas comprimiu os lábios num sorriso ameno.

— Essa é minha prima Juliana. E esse, é o Gutierrez, novo contador da loja. — Apresentou-me em seguida para sua prima.

— Prazer em conhecê-lo, Gutierrez. — Juliana me estendeu a mão e fiz questão de beijar o dorso.

Após esse meu gesto, olhei para Selenia e a notei revirar os olhos em sinal de tédio, algo que não me agradou nenhum um pouco.

— O prazer é todo meu, Juliana — proferi no intuito de provocar Selenia.

— Onde está o Dr. Gustavo? — Antes que eu pudesse respondê-la, ele chegou.

— Estou bem aqui, Srta. — Gustavo se manifestou e Selenia lhe deu um abraço, gesto do qual, eu não aprovei nem um pouco, afinal de contas, eu queria descobrir o porquê de ela não ter me dado um simples aperto de mão. Merda!

— Gustavo, essa é minha prima Juliana. — Selenia os apresentou e pude perceber que Gustavo olhou sua prima com olhos brilhantes, assim que lhe cumprimentou.

Sorri internamente ao detectar o que aquele olhar significava.

Em seguida, elas se juntaram a nós dois. Selenia tratou de se sentar ao lado do Gustavo, enquanto sua prima tomou o lugar ao meu lado. Insatisfeito com toda a falta de atenção deles para comigo, eu saí sem dizer qualquer palavra e segui até o banheiro. Após usá-lo, eu lavei minhas mãos e as sequei, saindo dali em seguida.

Ao retornar para a mesa, já não os encontrei por ali. Olhei ao redor e nem sinal. Caminhei até o parapeito que continha na área vip e avistei Gustavo na pista de dança, acompanhado de Selenia e sua prima.

Gustavo dançava de forma contida, enquanto Juliana remexia de forma sensual com seu vestido rodado, mas não muito curto. Já Selenia, sorria e

movimentava seus braços no alto, mexendo seus quadris sutilmente, que ao contrário da prima, trajava um short saia na cor preta, e curto, acompanhado de uma blusa branca de alcinhas. Tanto ela quanto sua prima, calçavam saltos matadores, daqueles que deixam a mulher ainda mais linda.

Sem querer ir até lá, eu me contentei em assisti-los, mas logo minha atenção foi voltada para meu celular, que vibrava no bolso da minha calça. Assim que verifiquei o número na tela, a impaciência reinou em meu interior, o que me fez ignorar a chamada e, em seguida, o adicionei a lista de rejeição automática. Feito isso, o enfiei no bolso novamente e voltei a olhar a pista de dança, mas somente avistei Gustavo, que continuava dançando em companhia de Juliana.

Varri o andar debaixo com meu olhar e não encontrei Selenia, mas em seguida, eu a vi se apertar em meio ao aglomerado de pessoas que preenchiam a pista de dança, no intuito de chegar até Gustavo e sua prima novamente, porém, um homem um pouco mais alto que eu, trajando um terno escuro, a puxou pelo braço, fazendo-a se chocar ao seu corpo.

Percebi que ele lhe proferiu algumas palavras e Selenia tentou se desvencilhar de seu agarre, mas fora em vão. Sem alternativa, eu me pus a caminhar e desci as escadas. Após contornar a multidão que se formava na pista de dança, consegui chegar até eles.

— Diogo, eu já disse: Não temos nada para conversar. E me solte, por favor! — Ouvi Selenia proferir educadamente.

— Já pedi desculpas, Selenia. E, eu não vou soltá-la, até que me siga para fora daqui — Ouvi o homem dizer de forma autoritária.

— Está surdo? A moça já pediu para soltá-la — gritei por cima da música alta e tive a certeza de que ele me ouviu, pois virou-se para mim e me encarou impassivo.

— Não se meta! — Esbravejou, mas Selenia foi rápida e conseguiu se soltar de seu aperto, sumindo em meio ao aglomerado de pessoas que continha a nossa frente.

Sorri de forma provocativa, assim que ele passou a mão por sua barba e me encarou com fúria em seus olhos.

— Acaso tem algum relacionamento com ela? — Franzi o cenho ao ouvi-lo.

— Não — respondi firmemente.

Um sorriso presunçoso repuxou o canto de seus lábios e ele balançou a cabeça em negativo.

— Suponho que esteja a querendo, então — supôs não muito contente.

— Também não — Voltei a repetir.

Ele chegou bem próximo a mim.

— Se não a quer, abre vaga para a concorrência — dito isso, passou por mim e caminhou em direção a saída da casa noturna, deixando-me sem entender o que ele quis dizer com isso. Afinal, eu não me encontrava interessado em Selena e, tão pouco, me interessaria.

Infelizmente, meu coração havia sido esfaqueado pela Mirela, algo que me arruinou para qualquer envolvimento duradouro. No entanto, só sexo me interessava. Nada mais. Além do mais, meu alvo eram as morenas, o que não condizia com Selena, já que a mesma era loira. Enfim, não tínhamos nada em comum.

Convicto, diante de meu pensamento, eu resolvi dar minha noite por encerrada e rumei em direção à saída. Fui até o ponto de táxi, pois preferi não dirigir, já que eu beberia. Assim que consegui um, eu dei o meu endereço. Durante o percurso, mandei uma mensagem para Gustavo, avisando que já tinha ido embora.

Definitivamente, eu estava certo, diante do que havia previsto: Essa noite não seria nada fácil e, realmente, não foi!



CAPÍTULO 7

SELENA

Meu sábado foi tranquilo. Hoje é domingo e a ansiedade me consumiu por inteira, pois aguardava pela chegada de minha prima e tia. No período da tarde, eu recebi uma mensagem de Juliana, informando que chegaria por volta das dezesseis horas, o que me fez ficar ainda mais eufórica. No entanto, eu tinha alguns papéis para analisar sobre a renovação de algumas parcerias com revistas que a Sexy Girl's tinha, e foi o que me ajudou, pois, o restante das horas que faltavam para ir buscá-las passou rapidamente.

Porém, antes de fechar minha caixa de e-mails e sair dali para ir a rodoviária esperá-las, eu ouvi um som indicando a chegada de um e-mail, no qual me chamou bastante atenção e foi naquele momento, ao ver de quem se tratava, que senti meu coração se comprimir no peito. Voltei a me sentar, pois já me encontrava de pé e abri o e-mail:

"Já que tento te ligar ou mandar mensagens e nunca consigo, pois creio que tenha bloqueado meus dois números particulares, eu resolvi mandar este e-mail, acredito que verá de uma forma ou outra. Enfim, nosso relacionamento acabou de uma forma inesperada. Sei que fui o causador do término, mas quero me redimir. Reconheço que fui infantil ao correr de você, após sua revelação e pedido. Bom, eu nem sei muito bem como me desculpar, afinal de contas, já fazem pouco mais de três meses que não nos vemos. Você sabe que estive fora do país a trabalho durante este tempo, por isso não tive como contatá-la antes, mas estou de volta e pretendo fazer com que me aceite novamente em sua vida. Senti sua falta, ainda sinto. Muito.

Quero encontrá-la para conversarmos, caso seja possível e aceite. Pode ser um jantar ou almoço, ou até mesmo um lanche, fica a seu critério. Só me deixe saber se aceita, tudo bem?

Aguardo sua resposta.

Att: Diogo Castro

CEO da Revista MODA"

Suspirei pesadamente ao terminar de ler seu e-mail e o fechei sem respondê-lo. Desliguei o computador e saí do escritório. Enquanto subia as escadas, eu fui pensando nos momentos bons e prazerosos que tive com Diogo. Confesso que ele era um homem galanteador e lindo. Muito lindo, mas, infelizmente, não quis realizar meu sonho. É um tanto egoísta esse meu pensamento, só que quando almejamos muito certa coisa, nada nos faz parar.

Lembro-me bem do dia em que estávamos em sua casa e começamos a conversar sobre o futuro, onde nos víamos casados e foi quando eu relevei a ele o meu sonho de ser mãe o quanto antes, que não precisávamos casar, poderíamos apenas tentar e se desse certo e ele não quisesse assumir, eu cuidaria do meu filho (a) sozinha. Arcaria com tudo.

Fui com muita sede ao pote, eu sei. Foi aí, que veio minha grande decepção: Diogo simplesmente me olhou impassivo, sem esboçar qualquer reação ou dizer uma palavra sequer, só que isso durou apenas alguns segundos, pois logo soltou a bomba de que seria melhor darmos um tempo. UM TEMPO! Imaginem minha tristeza diante daquela situação. Eu havia lhe confiado algo de grande valia para mim e o idiota me diz uma coisa dessas? Fala sério!

Com uma raiva visceral percorrendo cada partícula do meu corpo, eu me vesti fingindo uma calma que não fazia parte de mim, então arrumei alguns pertences meus que havia em sua casa, dentro de minha bolsa e antes mesmo de sair dali, eu o deixei ciente de que lhe daria todo tempo do mundo e pela eternidade, porque nosso relacionamento havia chegado ao fim. Sabe o que ele fez? Simplesmente, passou a mão pelo rosto e ao olhar em meus olhos, apenas deu de ombros e me pediu desculpas. Eu o ouvi, desacreditada, claro. Porém, ele me informou que teria que fazer a bendita viagem que citou no e-mail, no qual já estava de volta e ao retornar, me procuraria.

Ok! Ele achou que eu o ficaria esperando como uma fracassada nos relacionamentos, mas ele estava redondamente enganado; mostraria a ele uma nova Selenia e se realmente me quisesse, teria que me convencer completamente.

Naquele dia, ao chegar em casa, eu caí aos prantos sobre minha cama e chorei como se tivesse perdido um ente muito querido, mas foi apenas lágrimas derramadas por um imbecil que não soube me fazer feliz. Dona Nice, me acalentou em seus braços pelo resto da tarde e noite, até que me acalmei e peguei no sono. Não foi preciso eu dizer qualquer palavra sobre o ocorrido, afinal de contas, ela nunca havia gostado do meu relacionamento com Diogo, dizia que ele não era o homem certo para mim e lógico que a boba aqui, não levou em consideração. Acabei me ferrando e bem bonito.

No dia seguinte ao meu chororô, eu acordei com uma sede imensa me consumindo internamente, eu queria matar o Diogo, mas fui sensata e apenas decidi seguir de cabeça erguida com minha vida, mantendo o restinho que sobrou da minha dignidade intacta e enfiei a cara no trabalho, literalmente.

Era por isso que eu havia dado um tempo no assunto relacionado a homens. Meu pote de infelicidades já estava transbordando e olha que não era pequeno. Enfim, Diogo não me enganaria mais. Não mesmo!

Momentos mais tarde, após chegar em casa com minha prima e tia enquanto matávamos a saudade, conversamos animadamente sobre as novidades e olha que tinham muitas, afinal de contas, foram cinco anos sem nos ver. Tia Marília e Juliana, se encantaram pela casa de dona Nice, frisaram que nós duas morávamos em uma mansão, o que consequentemente, tirou várias gargalhadas de dona Nice, e minhas também. Em seguida, subi acompanhada por Juliana até meu quarto e ela se jogou na cama.

— Podíamos sair. O que acha, Lena? — Sugeriu e me questionou ao se levantar e passar por mim, sumindo dentro do meu closet. Eu sabia que independente de ela saber se minha resposta seria um sim ou não, já estava escolhendo alguma roupa para nós duas, gesto, no qual ela não tinha mudado em nada.

— Hum... É uma ótima ideia. Estou precisando espairecer um pouco — Após responder isso, ela saiu de dentro do closet e parou em minha frente, analisando meu rosto seriamente. Eu não estava entendendo a sua inspeção, mas logo tive a resposta.

— Nossa! Você mudou mesmo, prima — Gargalhei diante de sua surpresa, pois quando morávamos no Piauí, sempre tinha um forró aqui e outro ali, mas eu quase nunca gostava de ir. Juliana é que nunca perdia tempo. Seu lema sempre foi: A vida é muito curta para se perder tempo. Na época, eu não concordava. Só que hoje, eu via que ela sempre esteve certa em pensar e levar a vida dessa forma. Puxei-a para um abraço forte, e ela devolveu na mesma intensidade. Definitivamente, eu havia sentido muito a falta dela.

Após nos afastarmos, decidimos tomar um banho. Em seguida, começamos a nos arrumar. Minutos mais tarde, encontrávamos prontas e eu ainda não tinha ideia de onde iríamos. Na dúvida, eu acabei ligando para o Dr. Gustavo, pois sabia de seu conhecimento sobre lugares "badalados". Por sorte, ele já estava a caminho da casa noturna *Lunatic*, que ficava no centro, algumas quadras dali. Ele iria encontrar um amigo por lá. Convidou a gente para nos juntar a eles e, eu aceitei. Informei a Juliana e ao descermos as escadas, avisamos para dona Nice, minha tia e Dália, pois se encontravam juntas na sala de estar. Animadas, seguimos até a entrada, pois Alfredo já nos esperava para nos levar.

Momentos mais tarde, e já na casa noturna, eu havia sido pega de surpresa ao constatar que o tal amigo que Dr. Gustavo havia me informado que estaria com ele, se tratava de ninguém menos que: Gutierrez. Lógico que fiquei completamente sem graça e confesso que minha vontade foi de sair correndo dali. Afinal, eu estava evitando ficar próximo a ele, pois sentia meu coração

bater mais forte ao estar em sua presença e isso não era nada bom.

Enfim, eu consegui fingir bem e acabei me divertindo com Gustavo e minha prima. Na pista de dança, eu já me encontrava suada de tanto dançar, ao contrário de Juliana com Gustavo, já que pareciam estar numa bolha, de tão envolvidos que se encontravam. Decidi ir ao banheiro e ao sair dali, tive dificuldades para retornar ao local em que eles estavam. Num dado momento, eu senti alguém me puxar pelo braço e assim que nossos corpos se chocaram, vi que se tratava de Diogo. Furiosa, tentei me desvencilhar de seu agarre, mas não obtive sucesso.

— Me solte, Diogo — exigi, tentando a todo custo me livrar de seu aperto.

— Não — respondeu firmemente.

— Como me encontrou aqui? — Indaguei curiosa.

— Me informaram, assim que liguei em sua casa — informou com um sorriso no rosto. Eu tinha noção de que Dália fora quem o deixou ciente sobre onde eu estaria.

— Bom, não importa — Fiz pouco caso de sua presença ali e tentei mais uma vez sair de seu agarre.

— Selena, me escute. Vamos conversar — pediu, aparentando estar arrependido, pelo menos, fora o que detectei através de seu olhar.

— Diogo, eu já disse: Não temos nada para conversar. E me solte, por favor! — Voltei a repetir convicta.

— Já pedi desculpas, Selena. E não vou soltá-la, até que me siga para fora daqui. — Apertou um pouco mais os seus dedos ao redor de meu braço.

Surpreendentemente, ouvi a voz de Gutierrez atrás dele e assim que Diogo se virou, finalmente consegui me desvencilhar de sua mão. Um pouco chateada pela minha noite ter sido interrompida pela indesejada presença do meu ex, eu fui até minha prima e informei que queria ir embora, afinal de contas, eu havia saído para espairar, só que consegui bem pouco disso. Vendo que já não estava com clima para prosseguir com a festança, Juliana explicou a Gustavo que iríamos embora. Gentilmente, ele nos disse que tinha acontecido um problema com seu carro e por aquele motivo, não seria possível nos deixar em casa. O agradeci pela preocupação, mas Alfredo nos buscaria ali. Em seguida, deixamos a casa noturna, e do lado de fora, eu liguei para Alfredo que demorou apenas dez minutos para chegar ali.

Ao chegar em casa, Juliana tentou conversar comigo para tirar informações do que havia acontecido para eu ter ficado completamente

desanimada. Expliquei que só queria tomar um banho relaxante e cair num sono profundo e que no dia seguinte, eu a deixara a par de tudo. Conformada, me desejou um ótimo descanso e, em seguida, me deixou sozinha em meu quarto.

Despi-me e entrei no Box do banheiro. De banho tomado, eu apenas me enrolei no roupão e tirei a umidade do meu cabelo com a toalha. Em seguida, deitei em minha cama e comecei a pensar sobre minha noite fracassada. Lembrei-me do tom da voz de Gutierrez ao me defender diante do Diogo, demonstrando sua indignação, por mais que eu não tivesse ficado ali, eu tinha percebido e ao constatar isso, um sorriso tomou meus lábios, porque eu não imaginava o porquê de sua defesa para comigo, afinal de contas, havíamos trocado poucas palavras na casa noturna. A meu ver, não existia motivo. Na verdade, tinha sim. Gutierrez viu uma mulher sem autodefesa e quis socorrê-la, apenas isso.

De fato, acabou me socorrendo mesmo, mas eu não gostava de ser vista como uma mulher frágil, porque eu não era. Poderia demonstrar, entretanto, somente os mais íntimos tinham conhecimento sobre minhas labutas. Porém, nada conseguiu me parar e nem faria, pois ainda me restavam esperanças. E como dizem por aí: A esperança é a última que morre.

Com essa certeza em mente, eu apaguei o abajur que tinha sobre o criado-mudo e me entreguei ao sono. Amanhã seria um novo dia e mais uma luta me aguardava, no qual ansiava fervorosamente em vencê-la desta vez. Iria até o consultório do Dr. Guilherme e esperava que houvesse sucesso com mais uma tentativa de inseminação artificial.



CAPÍTULO 8

GUTIERREZ FERNANDEZ

Minha noite havia sido péssima!

Após ter chegado em casa na noite anterior, eu tomei um banho para tentar organizar meus pensamentos, mas fora em vão, pois deitei sobre minha cama trajando apenas uma calça de moletom e várias perguntas continuaram rondando minha mente, das quais não tinha resposta alguma. Como, por exemplo: Quem era o homem que estava atrás da Selenia na casa noturna? Por mais que houvesse tomado ciência de seu nome, eu não conseguia parar de me questionar: O que ele queria com ela?

Sim, eu sei que a vida de Selenia não me dizia respeito, mas confesso que fiquei extremamente curioso. Na verdade, nem sei explicar o porquê de toda essa minha curiosidade em saber sobre a vida dela, pois nem nos conhecíamos direito; trocamos apenas algumas palavras na reunião e pronto. Se bem que, analisando agora, dava para notar que ela só falava comigo na loja, fora dela, evitava a todo custo. O que era uma verdadeira merda!

Deixei minhas frustrações de lado ao me levantar, e então segui para o banheiro. Ainda era cedo para que eu me arrumasse para o trabalho, mas era melhor assim, já que não conseguia mais dormir e minha mente não parava de maquinar algo que, aliás, não era de minha conta. Além do mais, daria para eu dar um pouco mais de atenção a minha mãe, pois ontem não havíamos ficado muito tempo juntos, afinal, ela tinha dado uma saidinha. Aos domingos, dona Isabel sempre tinha um encontro com as amigas aqui do condomínio para um chá da tarde, onde se juntavam para conversar, mais precisamente falando: focar sobre a vida dos demais vizinhos.

Peguei-me com um sorriso idiota no rosto, só em pensar no que me aconteceria se ela me ouvisse falar uma coisa dessa.

Assim que terminei de me arrumar, eu peguei as chaves do meu carro, celular, carteira e por último, minha pasta. Saí do quarto e, em seguida, desci as escadas. No instante em que cheguei até a mesa para fazer meu desjejum, dei um beijo na cabeça da minha mãe, seguido de um bom dia, no qual, ela me respondeu de forma azeda.

Mesmo achando estranho a sua postura — já que não era do seu feitio —, tomei meu assento e, Júlia, nossa governanta, apareceu naquele momento. Cumprimentei-a com um bom dia também e ela respondeu, servindo meu café logo após. Ao terminar, eu a agradei e lhe assisti pedir licença para se retirar,

indo para a cozinha.

Tomei meu café em meio a um silêncio sepulcral, pois minha mãe se encontrava centrada em uma revista e percebi que estava evitando me olhar.

— Tem algo para me falar, mãe? Afinal de contas, não é costumeiro de sua parte evitar conversar comigo. E pelo que me lembro bem, ontem, toda essa tensão não estava nos rondando, o que só me leva a crer que deve ter alguma coisa de errado acontecendo — Fui direto ao ponto, pois odiava rodeios, ainda mais quando se tratava de ter uma boa convivência com minha mãe.

Em seguida, ela levantou seus olhos da revista e me encarou com seus olhos negros, nos quais eu havia herdado dela. No momento seguinte, ela se levantou e ao chegar até onde eu me encontrava sentado, ela jogou a revista sobre a mesa, em minha frente.

— Veja por si só! — Disse não muito contente. — Eu já terminei, com licença — avisou de maneira irônica e saiu dali.

O que estava havendo? — Questionei mentalmente, após ouvi-la. Porém, obtive a resposta no instante em que peguei a revista, mantendo na página aberta, no qual minha mãe tinha deixado.

— Que inferno! — Praguejei, inconformado ao me deparar com uma entrevista de Mirela. Ela era uma modelo muito bem conhecida e estava no auge do sucesso, não só aqui, mas no exterior também.

Após ser questionada sobre sua vida amorosa, no qual não havia estado em um relacionamento sério desde que seu noivado comigo tinha acabado, ela teve o descaramento de dizer que em meio a uma conversa que tivemos, estávamos cogitando reatar, pois mesmo após um ano de nosso término, nenhum dos dois teria se relacionado com mais ninguém, pelo fato de um amar o outro ainda.

Diante daquela declaração, fora inevitável eu não rasgar aquela página e amassá-la. Coloquei-a dentro do pouco de café que sobrara em minha xícara, pois havia perdido completamente a fome. Tamanha era a raiva que sentia neste exato momento. Exausto por ter tido uma péssima noite de sono e ainda ter que me deparar com essa infeliz notícia logo pela manhã, encostei-me ao encosto da cadeira e passei a mão pelo meu rosto. Encontrava-me muito frustrado e enfurecido pela audácia de Mirela.

Querendo ao menos esquecer aquele fato, eu recolhi minha pasta e saí dali, passei pela sala de estar e minha mãe não se encontrava, mas sabia onde encontrá-la. Segui até o jardim que ficava após a piscina e me deparei com ela borrifando água em suas rosas, das quais amava. Havia tornado isso uma terapia

após a morte de meu pai; foi algo que lhe ajudou a não cair numa depressão profunda, pois dizia que ali podia livrar sua mente de pensamentos ruins e preenchê-la com as lembranças inesquecíveis que teve ao lado de meu pai. Hoje em dia, ela me deixava ciente de que lhe mantinha calma, quando estava muito triste e furiosa com alguma coisa ou pessoa.

Pensar nisso, me fez recostar em um dos pilares que continha por ali e descansei minhas mãos nos bolsos dianteiros de minha calça social, após abandonar minha pasta sobre a mesa ao meu lado.

— Não tem que ir trabalhar? — Indagou sem, ao menos, me olhar.

Suspirei pesadamente.

— Mãe, o que leu naquela revista não é verdade... — tentei me explicar, mas ela levou a mão ao ar, em um sinal claro para que eu parasse de falar, e assim o fiz.

— Sei que não, Gutierrez — Dessa vez, ela me olhou nos olhos, nos quais pude identificar um sentimento de pura insatisfação.

— E o porquê desse seu olhar? — Gesticulei.

Ela soltou uma risada sem graça e voltou a borrifar água em suas rosas, balançando a cabeça em negativa.

— A Mirela pode ser uma vagabunda de primeira e ordinária também, meu filho. Mas, convenhamos... — ponderou ao fixar seu olhar em uma de suas rosas e, em seguida, voltou a me encarar —, ela não mentiu na parte que se referiu ao fato de nenhum dos dois ter tido algum relacionamento sério após o término do noivado de vocês, porque ainda se amam.

— Mãe, eu... — tentei argumentar, mas ela me impediu novamente.

— Filho, eu não quero que me explique nada. Saiba que o motivo do meu olhar é justamente por saber que a Mirela foi certa em sua declaração. Você ainda a ama — Não foi uma pergunta, e sim uma clara afirmação. E era verdade. Não era à toa que minha preferência por mulheres eram sempre as morenas, assim como Mirela. Antes, eu não tinha escolha alguma, mas agora percebo que após nosso término, praticamente, eu me tornei obsessivo por mulheres de cabelos negros, lisos e longos, iguais ao dela.

Perante meu reconhecimento quanto à afirmação da minha mãe, eu passei a mão entre os fios de meu cabelo em sinal de frustração e trinquei meu maxilar, pois me encontrava furioso comigo mesmo.

Soltei o ar com insatisfação.

— E o que me sugere? — Me ouvi perguntando.

Minha mãe caminhou até mim e abandonou seu borrifador na mesa ao meu lado, onde se encontrava minha pasta.

— O óbvio, meu filho! — Exclamou ao olhar fixamente em meus olhos. — Não deixe que acontecimentos ruins, que o feriram tanto no passado, o fechem para as coisas boas da vida. Querendo ou não, elas existem e estão lá fora, apenas esperando serem alcançadas. Pode concentrar toda essa tristeza em um único objetivo: Acabar com esse amor que acha sentir pela Mirela. Afinal de contas, se ela te amasse de verdade, nunca o teria traído, então, não merece recebê-lo de você. Amar alguém, é saber que somente por ter esse alguém, já o basta e mais nada é preciso — Aconselhou-me.

Sorri agradecido por suas sábias palavras e juntei suas mãos nas minhas, beijando-as demoradamente em seguida.

— Obrigado, mãe — Dito isso, ela apenas sorriu alegremente e percebi que a tristeza e fúria que havia em seu olhar, já não estavam mais presentes.

Despedi-me dela e segui até a garagem.

Davi se aproximou de mim e assim que escutei uma barulhada, olhei para os portões e através das grades, eu percebi alguns repórteres e fotógrafos. Logo identifiquei que ele queria me informar sobre este fato. Bufei, entediado ao me deparar com aquilo, pois querendo ou não, Mirela acabou tornando meu dia um verdadeiro martírio, mas em breve, eu pretendia resolver isso. Por enquanto, eu tinha que focar no meu trabalho inicial com a *Sexy Girl's*.

— Bom dia, Davi. Os mantenham afastados — ordenei.

— Bom dia, senhor. Entendido. — Assentiu e saiu em direção aos portões, dando a ordem aos outros dois seguranças.

Sem mais, eu entrei no meu carro e ao depositar minha pasta sobre o banco do carona, coloquei meu cinto de segurança e dei partida no carro, saindo dali após os portões serem abertos. Os repórteres faziam perguntas, mas não pude ouvi-los, pois mantive os vidros fechados e liguei o som. Acelerei em seguida e tracei minha rota até a *Sexy Girl's*.

Infelizmente, o trânsito em São Paulo passava longe de ser um dos melhores, muito pelo contrário, o que me desgastou ainda mais, deixando-me muito impaciente. Uma hora depois, eu estava subindo as escadas até o andar que ficava o administrativo. Cumprimentei a secretária de Selena, no qual já havia esquecido o nome.

Após ela ter ligado para avisar de minha chegada a Selena, deixou sua mesa e, eu a acompanhei até estarmos diante de uma porta de vidro fumê, no qual havia o nome da Selena, grifado em letras bem desenhadas.

— Pode entrar, Sr. Gutierrez — Avisou-me.

Agradei e, em seguida, entrei. Mas nada havia me preparado para ser contemplado pela mulher que abandonou sua mesa para contorná-la e caminhar em minha direção. Selena era uma mulher bonita, mas hoje parecia estar ainda mais, pois trajava um vestido justo ao corpo, em tom rosa claro e sem decote algum, o que me deixou claramente curioso para descobrir o corpo maravilhoso que devia esconder abaixo daquele tecido. Seus cabelos eram curtos, deixando seu rosto com um ar jovial, não que demonstrasse ser velha, nada disso. E para completar, usava saltos, porém, não chegava a minha altura.

— Bom dia, Sr. Gutierrez. — Saudou-me, sorridente. Ao contrário da noite anterior, dessa vez ela me ofereceu sua mão.

— Bom dia, Srta. Selena. — Sorri sutil, após pegar sua mão na minha e depositar um beijo em seu dorso, o que a fez puxá-la em seguida. Caminhou de volta para sua mesa, deixando-me boquiaberto ao observá-la de costas, pois o vestido justo ao seu corpo moldava maravilhosamente suas curvas. Definitivamente, eu não me encontrava no meu perfeito juízo. — E, por favor, sem o senhor. Pode me tratar apenas por Gutierrez. Creio que não precisaremos de tanta formalidade — ressaltei.

— Como preferir, Gutierrez — proferiu e, em seguida, colocou seus óculos de grau, algo que lhe fez ficar ainda mais linda e, conseqüentemente, tornou-lhe sexy ao meu olhar. — Sente-se — sugeriu ao apontar para o sofá que continha ao meu lado.

Abri o único botão de meu paletó e deixei minha pasta sobre a mesa de centro, que havia a minha frente. Recostei-me no sofá e estiquei meu braço sobre o encosto, enquanto eu observava Selena pegar alguns papéis, antes de caminhar em minha direção e espalhar alguns sobre a mesma mesinha, no qual, eu havia depositado minha pasta. Em seguida, sentou-se ao meu lado e cruzou as pernas.

— Algum problema, Gutierrez? — Questionou-me, séria, só então percebi que eu estava vidrado em suas pernas cobertas pelo tecido do vestido, mas que estavam me deixando fascinado.

Um sorriso repuxou o canto dos meus lábios e passei meu indicador abaixo do queixo.

— Problema algum, Srta. Selena. — Olhei-a firmemente nos olhos. — Aliás, eu devo ressaltar que você está muito... Encantadora — Fui ousado em elogiá-la, mas não pude evitar fazê-lo.

Assisti ela abrir a boca minimamente por duas vezes, em seguida, desviou seus olhos dos meus e passou a mão pelo cabelo, colocando uma

pequena quantidade atrás da orelha.

— Não devia me elogiar dessa forma como se não houvesse alguém em sua vida. — Franzi o cenho sem entendê-la.

— Bom, eu não tenho ninguém em minha vida e, mesmo que tivesse, eu não vejo problema algum em apenas elogiar uma mulher bela como você. — Continuei encarando-a, mesmo que fingisse procurar algo em meio aos papéis espalhados sobre a mesinha de centro.

Ela sorriu e, finalmente, me olhou.

— Olha, eu vou te dar um conselho. Se você tem uma mulher em sua vida, seja ela namorada, noiva ou até mesmo uma esposa, é melhor que não saia por aí elogiando qualquer mulher. Isso não é legal, entendeu? — Enquanto ela falava, eu prestava atenção em seus lábios, cobertos por um brilho labial rosa.

— Por que está dizendo isso? — Indaguei, confuso.

— É melhor eu começar a repassar o que você precisa saber referente à loja — desconversou. — Bom, temos costume de... — segurei seu pulso suavemente no momento em que ela se voltou para me entregar uma das folhas, que havia pegado sobre a mesinha de centro. Assim que ela fixou seu olhar sobre minha mão, tentou puxar o braço do meu agarre, porém, eu firmei meu aperto. — O que é isso? — Questionou nada contente com minha atitude.

— Só uma maneira de fazê-la parar de mudar de assunto e responder a porra da pergunta que eu fiz — soei impaciente e seus olhos se arregalaram.

— Eu li a entrevista da sua noiva — Ela soltou de uma vez e mordeu o lábio inferior, gesto que me fez soltá-la antes que eu fizesse uma besteira, no qual não faria jus a minha ética profissional.

E mais uma vez, a infeliz da Mirela conseguiu ferrar com a minha tediosa vida, pois ao entrar ali eu, até havia esquecido de sua existência, mas Selena tinha que ler a droga da entrevista.

Merda!



CAPÍTULO 9

SELENA

No instante em que Gutierrez soltou meu pulso, livrando-me do seu agarre firme e desconcertante, ele desviou seus olhos negros e inexpressivos dos meus, deixando-me duvidosa sobre o porquê de não conseguir decifrar o que poderia estar sentindo ou pensando em relação a mim, tive que me forçar a levantar do sofá onde ocupava ao seu lado e preferi sentar na poltrona da frente, separados apenas pela mesa de centro, onde eu poderia analisar os papéis, que estavam sobre ela e que eram referentes a cada setor da loja. Engoli em seco e evitei ter que olhá-lo, afinal de contas, eu havia sido invasiva, pois não deveria ter informado que tinha lido sobre sua vida na revista antes de ele entrar em minha sala. Não era da minha conta.

— Desculpe-me por ter segurado seu pulso, eu...

Tentou se desculpar, mas fui rápida e o interrompi:

— Olha, eu que peço desculpas, tudo bem? Se pudermos voltar ao nosso assunto principal, do qual realmente nos interessa aqui, eu agradeço. — Suspirei baixo ao tirar meus óculos de grau e colocá-lo sobre a mesa de centro. Em seguida, encarei-o com firmeza.

— Como preferir, Selenia — Confesso que meu nome ganhou um sentido mais forte, após ser pronunciado por sua voz grossa e formal. Praguejei internamente, mantendo a serenidade em meu rosto, pois não queria me autodenunciar, mostrando-lhe o quanto me afetava. — Posso te chamar...

Já sabia o que ele falaria, então voltei a interceptá-lo:

— Como preferir, Gutierrez. — Tratei de deixá-lo ciente sobre meu posicionamento a respeito de me chamar pelo nome e dei seguimento a análise dos papéis, após colocar meus óculos de grau novamente.

— Bem, esses são os setores aqui da loja. Creio que precise analisar cada um para que comece a nos dizer sobre quais mudanças cada um terá de passar. Na parte dos tecidos, no qual sempre escolho cautelosamente, acompanhada por Diana, sei que teremos de dar uma melhorada... Radical, eu diria — Enquanto explicava, eu mantive meu foco na planta que continha as divisões de cada setor da loja; o mesmo se encontrava bem visível sobre a mesinha de centro para nós dois, não sendo necessário ter de olhá-lo. Porém, no instante em que tive necessidade de encará-lo por detrás das lentes de meus óculos de grau, eu me condenei no mesmo instante, pois o vi se levantar sem desviar sua atenção de mim. Em seguida, o vi pegar a folha e voltar sua atenção para a mesma.

Observou centrado, enquanto eu o fitava, mas de forma inapropriada, pois fora inevitável manter meus olhos apenas em seu rosto, afinal, sou uma mulher curiosa e que sabe apreciar o que é bonito.

—... e é onde devo iniciar as mudanças — Inerte em minha avaliação referente ao porte físico de Gutierrez, e tentando imaginar como ele seria por debaixo de seu habitual paletó, que ficava maravilhosamente perfeito nele, eu apenas ouvi o final de sua frase.

Sem jeito, e muito menos querendo demonstrar que não havia prestado atenção no que dissera, eu apenas assenti. Recolhi os papéis sobre a mesinha de centro e o entreguei.

— Faça como achar melhor, afinal de contas, seu escritório foi indicado por ser ótimo nisso — falei ao me levantar. — Aqui estão os papéis referentes aos gastos da empresa, entre os gráficos de rendimentos também. — Entreguei-os a ele, mas não foi uma boa ideia, pois Gutierrez fez questão de segurar minha mão.

— Farei o melhor, pode ter certeza — disse com veemência e me olhou fixamente.

Desconcertada em meio ao seu olhar profundo e toque eletrizante, eu tratei de me afastar e fui até a porta da minha sala.

— Vamos? Vou mostrar a sala onde ficará nos dias em que estiver por aqui. — Ele comprimiu seus lábios em um sorriso ameno e assentiu.

Após recolher sua pasta sobre a mesinha de centro, abri a porta e ele fez sinal para que eu seguisse primeiro. Mantendo uma pose altiva, fomos para a sala que o pertenceria de agora em diante e o deixei ciente de que poderia fazer as mudanças que desejasse. Com o intuito de manter distância dele, comuniquei que tinha outros afazeres e que Michele o acompanharia em um *tour* pela loja, para que conhecesse.

Assim que ele assentiu, praticamente, corri dali e informei a Michele para que mostrasse as funcionalidades da loja, pois não teria tempo, o que não era mentira. Em seguida, fui até minha sala, recolhi minha bolsa e saí.

— Michele, eu tenho algo para resolver, só volto após o almoço — Ela apenas assentiu com um sorriso alegre no rosto.

Ao descer as escadas, liguei para Alfredo, no qual me informou que estava por perto e em questão de minutos após eu sair da loja, ele estacionou. Entrei e o informei que iria para o consultório do Doutor Guilherme, no qual já sabia o caminho. Enquanto o percurso era feito, eu fui observando através da janela do carro e pensando o quanto ficaria feliz, caso o procedimento desse

certo dessa vez.

Já beirava às dez horas da manhã e confesso que meu coração estava aos pulos, tamanha era minha ansiedade. Tentando me manter calma, respirei fundo e após soltar o ar aos poucos, pude me sentir mais tranquila e, em seguida, Alfredo parou em frente ao prédio que ficava o consultório do Dr. Guilherme.

Informei a Alfredo que me esperasse e ele apenas assentiu.

Ao entrar no prédio, me identifiquei e logo em seguida, entrei no elevador e apertei o botão para o segundo andar. No momento em que suas portas abriram, saí dali e caminhei até a mesa de Rafaela, a recepcionista, no qual havia me simpatizado bastante desde a primeira vez que estive ali. Nos cumprimentamos, sorridentes, e ela não escondeu sua surpresa em voltar a me ver ali. Fazia mais de três meses que eu não aparecia, expliquei que tinha resolvido esperar um tempo e, em seguida, fui informada que o Dr. Guilherme me aguardava.

— Bom dia, Selenia. Como vai? — Dr. Guilherme me saudou gentilmente e, eu apertei sua mão. Em seguida, ele apontou para a cadeira a frente de sua mesa, me convidando a sentar e fora o que eu fiz.

— Bom dia, doutor. Vou bem, obrigada! — Respondi apreensiva, enquanto segurava minha bolsa sobre meu colo. — E o senhor? Creio que esteja bem também — complementei.

— Sim. Tudo dentro dos conformes — respondeu e sorriu em seguida.

— Isso é bom — Eu estava enrolando, sabia disso, mas acontece que eu estava muito apreensiva, com medo de que mais uma vez minha tentativa fosse falha.

Suspirei aflita.

— Selenia, relaxe — sugeriu e o olhei firmemente, assenti em seguida. — Bom, como sabe da procedência, nós iremos iniciar com a estimulação ovariana, você já está ciente que se trata de induzir o desenvolvimento de mais de um óvulo no ciclo ovulatório. De forma controlada, claro! E para isso ocorrer, prescreverei um medicamento que terá de tomar via oral do 5º ao 9º dia do seu ciclo menstrual. — Assenti e ele começou a preencher a receita. — Esse primeiro processo leva em torno de dez a doze dias, creio que ainda se lembre. E, em meio a esse tempo, eu irei pedir de três a quatro ultrassonografias, além do exame de sangue para que eu possa verificar o nível de estradiol e comprovar o crescimento e ovulação dos folículos — explica pacientemente.

— Sim, eu me lembro disso — Deixei-o ciente. — Meu ciclo menstrual começará dentro de poucos dias, então, eu estarei preparada para iniciar o

processo de estimulação ovariana — avisei.

— Vou anotar aqui o dia em que precisará vir para que façamos duas ultrassonografias e um exame de sangue também. As outras duas, deixarei para realizarmos assim que completar os doze dias. — Concordei e ele anotou em um cartãozinho para mim.

— Confesso que estou ansiosa e apreensiva ao mesmo tempo. É um misto de sentimentos, não sei explicar — falei um pouco nervosa ao comprimir meus lábios, senti minhas mãos suarem sobre minha bolsa.

— É normal, Selenia. Mas aconselho que se mantenha o mais calma possível, é importante para que tudo saia como deseja. — Suspirei fundo e sorri sem graça, seria difícil conseguir tal proeza, entretanto, seguiria seu conselho.

— Obrigada. — Ele sorriu para mim e me entregou a receita junto com o cartãozinho.

— Boa sorte, Selenia. Te aguardarei aqui daqui uma semana, para que realize as duas primeiras ultrassonografias — falou e levantei ao guardar a receita e o cartãozinho dentro da bolsa. Assim que a ajeitei em meu ombro esquerdo, eu lhe dei um aperto de mão o agradecendo e saí de sua sala. Despedi-me de Rafaela e segui para o elevador. Já dentro, pedi aos céus em meio a uma oração que meu sonho se concretizasse.

Ao chegar fora do prédio, Alfredo abriu a porta do carro para mim e ao se acomodar no banco do motorista, informei que passaria numa farmácia e logo após, eu iria almoçar em casa. Ele assentiu e pegou o trânsito, não demorou muito e logo estacionou em frente a uma, que entrei e em seguida, já saí com o medicamento que Dr. Guilherme havia receitado. E então, fizemos o percurso para minha casa.

Demorou cerca de quarenta minutos para que chegássemos e assim que passei pelo *hall*, Dália veio apressadamente até mim, seus olhos demonstravam preocupação, algo que me deixou alarmada.

— Que bom que chegou, Selenia. — Cumprimentou-me com um beijo no rosto e eu sorri diante de seu afeto.

— O que foi, Dália? — Questionei preocupada ao encará-la.

— Dona Nice passou mal mais uma vez. — Após escutá-la, eu apenas agradeci, e ali mesmo tirei meus saltos e com eles em mão, subi as escadas rapidamente.

No momento em que cheguei até a porta do seu quarto, respirei fundo tentando controlar minha respiração ofegante e ao tê-la mais contida, nem ao menos bati na porta, simplesmente girei a maçaneta e antes de entrar, eu ouvi

uma pequena parte de sua conversa.

— Aconselho que fale logo, pois será o mais sensato a se fazer dona Nice. Sabe muito bem que esconder nunca é bom, ainda mais no seu caso — Reconheci a voz de seu médico, Arnaldo.

Ouvi seu suspiro alto, demonstrando extremo cansaço, porém, falou:

— Já disse que não. E pare de voltar neste assunto — disse firmemente.

Num rompante, eu entrei de uma vez e pude vê-la se endireitar sobre sua cama, e me encarar surpresa.

— Selenia, querida. — Forçou um sorriso em seus lábios, porém, eu fechei meus olhos, impaciente, pois sabia que mais uma vez, ela não me falaria o que estava acontecendo, algo que me deixava muito triste.

— De qual assunto não quer falar, dona Nice? — Segui até o lado de sua cama e mesmo entristecida por sua falta de consideração por mim, e pela preocupação que eu e Dália sentíamos por ela, eu beijei o topo de sua cabeça demoradamente. Em seguida, sentei na beirada da cama e logo Dr. Arnaldo se retirou, deixando-me ciente de que qualquer coisa era só contatá-lo. Ela o agradeceu e, enfim, nos encontramos a sós.

— Não há nada para que se preocupe, Selenia. Só estou com o problema de queda de pressão. Doutor Arnaldo receitou um medicamento e já tomei. Logo estarei bem, só preciso de repouso.

Analisei seu rosto e ela me olhou sorridente. Para não chateá-la, apenas assenti e beijei o dorso de sua mão, após deixar meus saltos no chão junto com minha bolsa.

— Tudo bem. Sabe que te admiro muito pela mulher que é. Espero vê-la novinha em folha em breve — Assim que terminei de falar, lágrimas escorrem de seus olhos por seu rosto e naquele momento, eu soube que nada estava bem, porém, contive minha emoção. — Vou deixar que descanse — Ela agradeceu e recolhi meus saltos e bolsa, saindo de seu quarto em seguida.

Eu sabia que tinha algo errado e descobriria, custe o que custasse. Porém, já me encontrava com o coração comprimido no peito. Medo era o que sentia do que possivelmente viria a descobrir, mas infelizmente, não me restava alternativa.



CAPÍTULO 10

GUTIERREZ

Após Selena sair da sala, eu dei início a análise dos papéis que ela havia me entregado e minutos mais tarde, sua secretária, Michele, bateu em minha porta, avisando-me que ficou responsável para me apresentar as funcionalidades da loja. Deixei de lado o que fazia no momento e a segui. Perante o que observei, vi que teríamos de dar uma mudada em alguns pontos da loja, que não favoreciam como o esperado.

Após terminarmos, eu fiz algumas anotações para não me esquecer e também para passar para Selena. Apesar de ter me dado carta branca para fazer o que achasse melhor, eu prezava ser extremamente necessário deixá-la a par de tudo que viesse fazer. Beirando o horário de almoço, juntei os papéis, coloquei dentro da minha pasta e deixei a sala. Passei pela mesa de Michele, no qual também estava de saída, e questionei sobre Selena, porém ela me disse que a mesma tinha saído e só voltaria mais tarde. Diante de sua informação, eu avisei que não voltaria mais, pois iria para meu escritório. Sorridente, me desejou uma boa tarde e assim que descemos as escadas, eu fui até o estacionamento, entrei em meu carro e dei partida, pegando a estrada em seguida.

No instante em que entrei no escritório, minha secretária já não estava por ali. Entrei em minha sala, coloquei minha pasta sobre a mesa e afrouxei o nó da minha gravata, definitivamente, não me encontrava muito bem. Passei os dedos furiosamente entre os fios de meu cabelo e suspirei alto. Cansaço era o que me definia, pois tinha tomado uma decisão. E, por mais que não fosse me trazer consequências boas, eu faria mesmo assim.

— Cara, você precisa dar um jeito nisso. — Rodolfo entrou em minha sala e assim que me virei, eu o vi sentar na cadeira de frente para minha mesa; jogou a bendita revista, no qual tinha a entrevista que Mirela havia dado, sobre o vidro da mesma.

Bufei desgostoso.

— Eu sei disso, e resolvi dar uma entrevista para desmentir esse infortúnio. — Apoiei minhas mãos sobre o encosto da minha poltrona.

— Já estão vindo para cá? — Brincou.

Sorri diante de seu humor, muito engraçado.

— Não, porque os evitei essa manhã enquanto se encontravam no portão da minha casa assim que saí. — Mordi meu lábio inferior pensativo. — Mas pedirei para Mônica marcar para mim. Se possível, farei hoje mesmo —

complementei decidido.

— A Mirela está passando dos limites. Na verdade, ela sempre passou se formos reparar como era o relacionamento de vocês. O fato é que você nunca enxergava isso. Para ser mais exato, até agora, não é mesmo? — Disse com sinceridade e apenas assenti, sabendo que a culpa disso estar acontecendo era exclusivamente minha.

Rodolfo trabalhava para mim desde que resolvi montar o escritório. Nos conhecemos na faculdade e com o tempo, tornamo-nos amigos e não pensei duas vezes em colocá-lo ali comigo, no instante em que decidi abrir o escritório. Ele ficava com uma parte dos clientes e eu com o restante. Meio a meio, para ser mais exato.

Como meu amigo, ele sabia bem como havia sido meu relacionamento com Mirela. Acompanhou bem o início e término. Nunca foi perfeito, mas eu a amava ao ponto de ser cego o bastante para enxergar esse fato. Por mais que Rodolfo e Gustavo, meus dois melhores amigos, nunca tivessem me julgado na época, eu sei que vontade foi o que não lhes faltou. Porém, diante do que minha mãe falou para mim esta manhã, eu confesso que enquanto fiquei na *Sexy Girl's*, refleti muito sobre isso e acabei por tomar uma decisão por definitivo: Daria uma entrevista para acabar com o circo que Mirela tinha armado para mim.

— Você está coberto de razão — afirmei, insatisfeito comigo mesmo.

Como havia me deixado cegar diante das artimanhas de Mirela? Pelo visto, aquele velho ditado popular "*o amor é cego*", realmente é verdadeiro e se enquadra perfeitamente ao que passei com ela, mas não da forma convencional, porque eu tinha sido muito mais que um idiota nas mãos dela.

— O amor tem seus altos e baixos, meu amigo. — Levantou-se em seguida, ajeitando seu paletó. — Não vai almoçar? Pensei em irmos naquele restaurante a algumas quadras daqui. O que me diz? — Indagou ao me encarar.

— Sim, vou. E acho uma ótima ideia. — Ele sorriu satisfeito e após guardar minha pasta no armário em minha sala, nós saímos em seguida.

No estacionamento, resolvemos ir no seu carro. Dentro de alguns minutos, encontrávamos entrando no restaurante, no qual era bem organizado. O cheiro da comida era convidativo.

No momento que o garçom nos acompanhou até uma mesa, sentamos e em seguida, fizemos nossos pedidos. Enquanto aguardávamos, conversamos sobre os clientes que ele estava responsável em atender, no qual me deixou tranquilo, dizendo que tudo se encontrava em perfeita ordem.

— Espero que tenha conseguido dar um jeito em relação ao negócio do

Hugo Fortunato. Aquele homem me deixou a ponto de socá-lo na última reunião que tivemos — Rodolfo gargalhou diante de minha observação.

— Relaxa, Gutierrez. O cara além de ser bem profissional, é um ótimo cliente. Não se preocupe, pois já resolvi as pendências que ele tanto te cobrou em meio àquela reunião — Me tranquilizou.

— Fico aliviado em saber disso — Assim que terminei de falar, nossos pratos, no quais havíamos pedido, foram colocados na mesa. Rodolfo solicitou uma garrafa de vinho e o olhei não muito contente, após o garçom se retirar.

— O quê? — Se fez de desentendido, ao me indagar surpreso.

— Sabe que não aprovo que beba em meio ao expediente, Rodolfo — Adverti.

— Tecnicamente, não estou em horário de expediente, mas sabe o que eu acho? — Neguei e ele continuou: — Que todo este seu mau humor é por falta de sexo. — Gesticulou.

Bufei, desgostoso diante de seu comentário sem fundamento.

— Deixa de conversa tola, Rodolfo. Estou falando sério — ressalttei com insatisfação.

— Também estou falando sério. — Frisou firmemente.

O garçom retornou e serviu o vinho na taça do Rodolfo. Eu o agradei, mas dispensei a bebida, pois beberia apenas água, algo que fez Rodolfo me olhar torto.

— Mudando de assunto, como foi na *Sexy Girl's*? — Perguntou após sorver um pouco de seu vinho, não dando a mínima para o que eu havia dito.

— Foi tranquilo. — Dei de ombros, não tinha muito que falar.

— Só isso? — Questionou duvidoso. — Não tem nada para falar, do tipo: A dona é uma gostosa. Ou, a secretária é um tesão? — Sorri divertido, diante de seu questionamento descabido.

— Não, não tenho. — Continuei a degustar meu prato e evitei olhá-lo, pois sabia que me observava.

— Ah, fala sério! Até parece que não observou mulher alguma por lá. Conta outra Gutierrez, porque eu te conheço e muito bem. — Descansei o garfo e faca sobre a borda do prato e sorvi um pouco de água.

— Tudo bem. Teve uma — confessei minimamente, para não estender o assunto.

— Eu sabia! — Exclamou confiante. — E aí? — Induziu-me a continuar.

— Não tem "*e aí*", Rodolfo. Selena administra a loja juntamente com a

senhora Nice, que é a dona. Selenia é uma mulher encantadora e . instigante. Nas poucas vezes em que nos encontramos, tive a impressão de tê-la afetado de alguma forma, mas sempre dava um jeito de fugir de mim, o que me deixou ainda mais intrigado. Portanto, não tem a mínima chance de acontecer algo entre nós dois, além do mais, isso não condiz com minha ética profissional — falei abertamente.

— Não levando em consideração essa sua ética profissional, porque sei que se for para rolar algo entre vocês dois, ela vai se tornar inexistente, eu fico contente por tê-la enxergado com outros olhos. Muito bom, pois é sinal de que já esqueceu a Mirela, ou ao menos, está esquecendo; e isso também já é válido — enfatizou desgostoso e eu sorri de seu comentário. — Vou te confessar uma coisa... — ponderou — A Mirela pode até ser uma mulher linda e invejável por muitas outras mulheres, além de homens que a desejam por onde quer que ela passe, porque querendo ou não, ela é gata, mas convenhamos, ela não serve para casar. Pelo menos, por enquanto. Fique feliz, meu amigo, pois você se livrou de mais uns belos pares de chifres que conseqüentemente, levaria após o casamento, algo que seria bem pior — Acabei sorrindo.

— Faz sentido — concordei sorridente. — Poderia ter aberto meus olhos na época em que eu estava sendo enfeitado por aí.

— Se ela andou te traindo antes da despedida de solteira, no qual você presenciou, eu não sei. Caso eu tivesse tido conhecimento disso, eu teria te contado, mas analisando bem o quanto você se deixava levar por qualquer desculpinha esfarrapada que Mirela dava, e o quão cego se encontrava, teria sido bem provável que não acreditasse em mim e possivelmente, cometeria o erro de ter acabado a nossa amizade — Foi sincero.

— Pensando bem, você tem toda razão. Mas chega desse assunto. Assim que chegarmos ao escritório, resolverei isso — Por hora, queria esquecer que Mirela existia.

— Assim que se fala. — Ele elevou sua taça me convidando a brindar, e sorridente, eu elevei a minha também.

O restante do almoço transcorreu em meio a uma conversa e outra referente ao escritório. Assim que o horário finalizou, voltamos ao trabalho. No momento que entrei, Mônica se encontrava em sua mesa e mal me viu e já foi dizendo que o telefone não parava de tocar. Como eu tinha noção do que se tratava, pedi que marcasse a entrevista para essa tarde, esperaria até o final do expediente.

Segui para minha sala em seguida, e momentos mais tarde, Mônica

entrou avisando que a colunista da *Revista Discreta* — que não havia nada de discreta, já que só havia fofocas sobre a vida alheia — tinha chegado. Solicitei que a mandasse entrar.

— Boa tarde, senhor Gutierrez. — Cumprimentou-me sorridente e fez sinal para que sentasse, no qual agradeceu e tomou o assento no sofá próximo a minha mesa. Assim que se ajeitou, pegou seu iPhone e, em seguida, voltou a me encarar. Observei tudo atentamente. — Bom, me chamo Catarina — Se apresentou.

— Prazer, Catarina — Fui cordial. — Se puder adiantar logo as perguntas, eu agradeço, pois tenho trabalho a fazer — frisei não muito contente.

Nunca havia me imaginado numa situação dessas, mas Mirela pagaria por isso. Ela que me aguarde!

— Oh, claro! Desculpe-me. — Mexeu em seu iPhone e iniciou.

Minutos mais tarde, ela finalizou suas perguntas e deu a entrevista por encerrada. Confesso que suspirei aliviado. Assim que ela arrumou suas coisas, me agradeceu sorridente e saiu da sala em seguida.

Sentei em minha cadeira, pois me encontrava psicologicamente exausto. Finalmente, havia falado a verdade sobre o porquê do término de meu relacionamento com Mirela. Afinal de contas, quando este fato ocorreu, ela era conhecida, não tanto quanto era hoje, mesmo assim havia sido questionada na época e lógico que mentiu descaradamente dizendo que tínhamos decidido em comum acordo a dar um tempo. Eu não quis me expor e também não a desmenti, apenas deixei Rodolfo cuidando de tudo aqui no escritório, e saí em viagem junto com minha mãe. Sei que fui errado em ter fugido, entretanto, me sentia traído da pior forma possível e naquele momento, eu só quis ficar longe tudo para esfriar a cabeça, colocar os sentimentos em ordem. Não que eu tenha tido êxito neste meu propósito, porém ajudou um pouco.

Agora, mais do que nunca, eu sabia bem o tipo de mulher que Mirela sempre fora, uma pena eu não ter enxergado sua verdadeira face antes. Mas, como diz um velho ditado popular: "*Antes tarde do que nunca*".



CAPÍTULO 11

SELENA

DIAS DEPOIS

— Selena, essa coleção está incrível! Vai ser um arraso, você vai ver — Diana frisou, eufórica ao meu lado e, em seguida, me deu um abraço apertado.

— Confesso que diante de todo este seu entusiasmo, eu me senti até mais confiante — falei sorridente ao nos afastar.

— Você e sua mania horrorosa de não ter fé em si mesma. Tem que parar com isso, Selena. Pela história de vida que tem, já era para ter percebido o quanto já progrediu, mesmo diante de tantas dificuldades. — Ela se afastou, contornou a mesa e pousou suas mãos sobre a mesma, ficando de frente para mim. — Coloque uma coisa na sua cabeça: Tudo o que você faz é esplêndido, e ponto final. — Dei de ombros e sorri, após vê-la revirar os olhos, insatisfeita com minha atitude.

Em seguida, recolheu os desenhos da nova coleção de lingerie que eu finalmente havia finalizado e me deixou sozinha na sala, dizendo que não mudaria nada, apenas escolheria os tecidos para iniciar a fabricação das peças. Eu sorri diante da insistência dela referente à minha perfeita desenvoltura em relação aos modelos, nos quais desenhei. No momento seguinte, eu me sentei em minha cadeira e ouvi um sonoro bip vindo do meu computador, ao verificar, eu vi que se tratava de um novo e-mail e pior, do Diogo.

Suspirei entediada ao vê-lo em mais uma tentativa falha de tentar me convencer a sair com ele para que pudesse ter a chance de se explicar. Pois é, não tinha nada a ser explicado e ponto final! Fechei o e-mail ao lê-lo e descansei minhas costas no encosto da cadeira. Inclinei minha cabeça para trás e fechei meus olhos. Em meio à postura que me encontrava, meu cérebro começou a rebobinar todo o ocorrido dos últimos dias: iniciei a ingestão dos remédios que Dr. Guilherme receitou, já fiz as duas ultrassonografias, nos quais, ele me solicitou e o exame de sangue também. Graças a Deus, tudo estava dentro do esperado. Agora era aguardar mais uma semana para enfim, concluir a inseminação artificial depois de constatar que os óvulos tenham crescido e amadurecido com êxito.

Automaticamente, meu pensamento voou para a situação de dona Nice. Durante os dias que se passaram, eu tentei a todo custo tirar informações do Dr. Arnaldo, que não contribuiu em nada, algo que me deixou frustrada. Desde o último dia que ela passou mal, não teve mais a disposição que sempre tivera,

muito pelo contrário, insistia em ficar a maior parte do tempo em seu quarto, alegando que dormia muito por causa dos remédios que estava tomando.

Hoje, pela manhã, eu pedi a minha prima Juliana, que desse uma vasculhada no quarto da dona Nice e descobrisse o nome do bendito remédio. Lógico que ela não poderia deixar qualquer rastro de que estivera por ali. E, eu me encontrava ali, com o coração a mil por hora e a mente maquinando mil e uma possibilidades, enquanto aguardava sua demorada ligação, já que estava próximo do horário de almoço.

Quanto minha convivência durante esses dias com Gutierrez, estava cada vez mais difícil. Ele era um homem centrado, organizado, profissional e muito, muito bonito e cheiroso e... Argh! Eu tinha que parar com isso, mas sempre que estávamos próximos e o aroma de seu perfume másculo preenchia o ambiente, eu perdia minha sanidade mental e confesso que ficava praticamente enfeitiçada o observando, não dando a mínima atenção aos detalhes que sempre fazia questão de me deixar a par, diante de qualquer mudança que faria em determinado setor da loja.

Tudo bem! Eu sei que não deveria vê-lo dessa forma, mas o homem era uma verdadeira perfeição e conseqüentemente, uma imensa perdição para mim. Não tinha como ficar imune a isso, afinal de contas, sou mulher e pior, solteira, o que contribuía num grau enorme para esses pensamentos insanos.

Escutei batidas na porta e ajustei minha postura ao dizer um "entre". Assim que vi o Dr. Gustavo entrar em minha sala, eu sorri verdadeiramente.

— Como vai, Selenia? — Questionou-me ao ocupar a cadeira a frente de minha mesa.

— Bem, dentro do possível. — Soltei o ar pesadamente e comprimi meus lábios em um sorriso ameno.

— Está valendo, então. — Foi inevitável não sorrir de sua descontração.

— É, está — Afirmei, ainda sorridente.

— Vim convidá-la para almoçar. Pode escolher o restaurante e faço questão de pagar — Foi direto.

— Muito suspeito esse pedido, porque do tempo que trabalhamos juntos, você nunca me convidou para almoçar com você. Por que justo hoje? — Ele sorriu e deu de ombros. Olhei-o desconfiada.

— Sempre suspeita das pessoas assim? — Indagou divertido.

— Nem sempre, eu diria — respondi com sinceridade.

— E então, aceita? — Voltou a indagar.

— Tudo bem. Mas deixo a escolha do restaurante para você — frisei, após aceitar seu pedido.

— Ótimo! — Exclamou. Em seguida, se levantou e assim que recolhi minha bolsa, saímos da sala.

Era sexta-feira e talvez por isso, eu estivesse querendo me distrair um pouco. Precisava respirar ar puro, deixar os sentimentos preocupantes que me assolavam há dias. Creio que almoçar e "jogar papo fora" com Gustavo, me ajudariam nem que fosse minimamente, o que eu já seria muito grata.

No momento em que começamos a descer as escadas, Gutierrez se colocou ao meu lado.

— Quase não acompanho vocês — Gutierrez enfatizou, com um sorriso de fazer qualquer mulher perder sua sã consciência. No momento em que o encarei, surpresa, preendi a respiração por breves segundos, querendo de alguma maneira evitar que seu perfume másculo adentrasse em minhas narinas, mas falhei miseravelmente. — Como vai, Selenia? — Perguntou, a fim de puxar assunto, mas respondi sem demonstrar qualquer reação.

— Ótima, obrigada! — Exclamei de forma mentirosa e vi de soslaio que Gustavo me olhou interrogativo. Eu o entendi, pois não havia sido essa a minha resposta a ele instante antes, quando me fez a mesma pergunta, porém não me questionou nada, algo que agradei mentalmente.

Gutierrez assentiu e tomou a frente, descendo os últimos degraus com sua postura altiva e digna de ser apreciada por horas, mas rapidamente, tratei de fixar meus olhos em um ponto qualquer da loja.

— Qual restaurante escolheu, Gustavo? — Ouvi Gutierrez perguntar ao terminar de descer as escadas.

Surpresa, diante de sua pergunta, eu levei meu pé ao último degrau e inesperadamente, pisei em falso e quando pensei que faria uma cena no meio da loja, braços fortes me ampararam e não foram os de Gustavo.

— Não deveria usar saltos tão altos. Por si só, já se destaca perante a beleza que tem — Diante de sua observação e elogio, eu pude sentir meu coração errar algumas batidas, mas logo me recompus e me afastei rapidamente.

— Obrigada por ter evitado que eu caísse — agradei.

Ajeitei a alça da minha bolsa sobre meu ombro e saí caminhando firmemente sobre meus saltos, ignorando completamente seu comentário. Ouvi os dois conversarem atrás de mim, mas evitei olhá-los.

Na saída da loja, o carro de Gustavo já estava estacionado e tomei o banco do carona ao seu lado, enquanto Gutierrez foi atrás. Durante o percurso,

Gustavo informou qual restaurante nós iríamos. Não demorou muito e logo estávamos entrando no mesmo.

Um garçom nos conduziu até uma das mesas e assim que fizemos nossos pedidos, o telefone de Gustavo tocou e ele pediu licença para atender. Eu e Gutierrez assentimos. Enquanto ele falava no celular, olhei para tudo quanto era canto do restaurante, evitando a todo custo ter de encarar Gutierrez. Enfim, a ligação foi encerrada e vi todo meu propósito de ignorar Gutierrez cair por terra.

— Desculpem, mas eu terei que almoçar com um cliente — Gustavo nos informou, se levantando da mesa.

— O quê? Mas... — fui impedida de concluir.

— É importante, Selena. Espero que não seja um problema para vocês almoçarem sem mim. — Engoli em seco, diante da vontade enorme de gritar na cara dele, que tinha problema sim, afinal de contas, havia sido ele a me convidar e, simplesmente acontece mudanças de planos? Que azar!

— Problema algum, Gustavo. — Gutierrez o respondeu e evitei olhá-lo.

Fingindo uma calma que não fazia parte de mim, eu respondi:

— Claro que não tem problema. — Forcei um sorriso nada convincente, algo que fez Gustavo sorrir divertido. Infeliz!

— Que bom. Paga a conta, Gutierrez! Pedirei que excluam meu pedido. Até mais — Exclamou sorridente e se retirou, após Gutierrez lhe responder que pagaria com maior prazer.

Eu mataria o Gustavo! Ele que me aguarde.

— Que pena o Gustavo não ter ficado — Gutierrez lamentou. Eu não sabia se era algum fingimento de sua parte por possivelmente ter armado isso, ou se realmente falava a verdade.

Dúvida cruel que rondava minha cabeça.

— Muita coincidência ter ocorrido essa urgência com um cliente dele justo agora, não acha? — Indaguei com certa ironia e o encarei.

— Está insinuando que armei isso? — Questionou descontente, olhando desafiadoramente em meus olhos.

Limitei-me a respondê-lo, pois o garçom retornou e serviu nossos pratos. Assim que ele se retirou, respondi.

— Talvez. — Dei de ombros e comecei a comer.

Gutierrez soltou uma risada baixa e balançou a cabeça em negativo.

— Se eu quisesse convidá-la para sair, fosse para almoçar ou qualquer outro programa, pode ter certeza que eu mesmo pediria — soltou convicto.

Neste exato momento, diante de sua resposta, eu me senti uma completa idiota por pensar que Gutierrez poderia ter armado aquele almoço para estar em minha companhia. Grande ilusão da minha parte, já que eu sabia que ele não era comprometido, pois havia lido sua declaração sobre o verdadeiro motivo do término de seu relacionamento com a modelo Mirela dos Santos, na nova edição da Revista Discreta. Lamentei por ele ter sido traído, porque pode ter certeza, se eu tivesse um homem desse para mim, não pensaria em outro.

Diante da minha suposição vergonhosa, eu decidi ficar calada e o restante do almoço prosseguiu em silêncio. Cada um, perdido em seu próprio pensamento. Assim que finalizamos, eu não fiz questão de pagar minha parte, deixei que Gutierrez pagasse. Enquanto ele se dirigiu até o caixa, liguei para Alfredo e pedi que viesse nos buscar, passei o endereço e encerrei a ligação.

Gutierrez finalizou o pagamento e assim que veio até mim, pois o aguardei em frente ao restaurante, sugeri que pegássemos um táxi, mas avisei que Alfredo já estava a caminho. Continuamos em silêncio e logo Alfredo chegou. Entramos no carro e ele dirigiu a caminho da Sexy Girl's.

Durante o percurso, ele não puxou assunto, muito menos eu. O silêncio sepulcral que havia entre nós me deixou frustrada. Eu só queria chegar na loja em tempo recorde, me enfiar em minha sala e passar a tarde com a cara no trabalho. Quem sabe assim, esquecer que tive esse almoço vergonhoso da minha parte.

Mordi meu lábio inferior e fechei meus olhos, soltando um suspiro baixo.

Dentro de minutos, agradei a Alfredo e entramos a loja. Subi as escadas rapidamente sem me preocupar com a companhia de Gutierrez. Depois da minha suposição errônea no nosso almoço, eu só ansiava sumir de suas vistas. Tamanha era minha vergonha.

Assim que cheguei ao andar de cima, passei por Michele e lhe desejei boa tarde. Entrei em minha sala e antes mesmo de conseguir fechar a porta, Gutierrez entrou e a manteve aberta. Eu não queria ter de encará-lo.

— Pode me dar licença, por favor? — Pedi educadamente, enquanto segui até minha mesa e coloquei minha bolsa sobre ela.

— Não — Diante de sua negativa, eu pude sentir que estava bem próximo a mim. Se eu desse um passo para trás, era capaz de bater contra seu corpo e não era uma boa ideia. Há semanas, eu vinha resistindo a este homem, não podia perder o controle.

— Gutierrez, eu... — continuei feito uma estátua ali mesmo e quando tentei formular algo que o fizesse sair de minha sala, ele segurou em meu braço,

acima do meu cotovelo, e num piscar de olhos, me colocou de frente para ele. Engoli em seco ao ter seus olhos negros e inexpressivos sobre mim, enquanto fitei sua boca. Desviei minha atenção e fechei minhas pálpebras. Tentei voltar a me concentrar no que diria, mas foi em vão, pois minha mente já não queria cooperar.

— Dane-se! Eu não consigo mais. — Abri meus olhos ao ouvi-lo e nem tive tempo para analisar suas palavras. Em seguida, Gutierrez colou seus lábios aos meus, mas não de forma voraz e, sim, suavemente. De imediato, eu me senti surpresa e mesmo diante da vontade de retribuí-lo e do fogo que se alastrou em meu interior, eu tentei me afastar, mas fora em vão, pois Gutierrez firmou ainda mais seu agarre acima de meu cotovelo e sua outra mão apertou firmemente minha cintura, fazendo-me sentir algo pulsar no meio de minhas pernas e desisti de lutar. Soltei um gemido baixo e rouco, voltando a fechar meus olhos e o senti rir mesmo estando com seus lábios grudados aos meus.

Levei minhas mãos até sua nuca e enfiei meus dedos entre os fios de seu cabelo; seu aperto em minha cintura intensificou e diante disso, Gutierrez enfiou sua língua em minha boca, atitude que quase me fez desfalecer ali mesmo, isso só não foi possível, porque sabia que nada daquilo era um sonho e sim, real. Muito real. Meu coração palpitou forte, nossas respirações podiam ser ouvidas em meio ao eco de minha sala, enquanto encontrávamos envolvidos em nosso beijo, momento de puro torpor. Deliciei-me com sua boca, sentindo sua barba rala arranhar minimamente minha pele, o que só aumentou o meu grau de excitação. Pude senti-lo friccionar seu membro duro acima da minha virilha e perante isso, eu caí em mim, abrindo meus olhos e tratei de interromper nosso beijo. Saí de seus braços fortes e o empurrei para longe.

Contornei a mesa indo parar atrás dela, mantendo uma distância favorável entre nós e passei a mão pelo meu cabelo, colocando uma pequena quantia atrás da orelha. Soltei uma lufada de ar e me abanei, pois me encontrava quente. Estava em chamas por dentro. O que eu fiz?!

— É melhor ir. — Evitei ter de encará-lo e falei rapidamente antes que me arrependesse e me rendesse a mais uma dose de seu beijo devastador.

— Selená...

Não permiti que terminasse:

— Tenho trabalho a fazer, Gutierrez — ressaltei, ainda cabisbaixa. Ele não disse nada, mas pude ouvir o som de seus passos em direção a porta. Assim que olhei, percebi que a mesma estava fechada, algo que nem o tinha visto fazer. O vi girar a maçaneta e complementei: — Não devia ter feito isso e espero que

não volte a se repetir — Adverti.

Mesmo sem me olhar, o vi permanecer com sua postura ereta e apenas assentiu rapidamente, deixando minha sala em seguida.

Era o mais certo a se fazer, ainda mais agora que eu estava feliz, pois faltava pouco para concluir a inseminação artificial e se Deus quisesse, obteria êxito.



CAPÍTULO 12

GUTIERREZ

No momento em que deixei a sala de Selena, eu pude enxergar meu ego no chão. Definitivamente, eu me senti um idiota, o que já não me surpreendia em nada, já que parecia ter nascido para ser enganado pelas mulheres, mas isso acabaria. Em meio à frustração que me assolava, eu caminhei a passos largos e ao entrar em minha sala, segui até o banheiro que continha ali e joguei uma água no rosto. Em seguida, enxuguei-o e fui obrigado a ajeitar minha ereção dentro da cueca, tamanho fora o calor e tesão descomunal que senti ao beijar aquela boca. Sim, infelizmente meu pau estava duro e mesmo após ter sido expulso de lá — como se meu beijo não a tivesse afetado — ele não diminuiu em nada.

— Inferno! — Praguejei descontente. Tamanha era a raiva que sentia de mim mesmo por ter perdido o controle de forma tão ridícula. Afinal, eu já não estava aguentando ter de olhá-la me observando com tanto anseio, toda vez que conversávamos algo referente às mudanças que eu estava promovendo em cada setor na loja. Porra! Pensei que ela também queria.

Bufei desgostoso ao perceber meu grande engano.

Apoiei minhas mãos na borda da pia e fechei meus olhos por alguns segundos. Respirei fundo e ao me sentir mais calmo, tendo em vista que minha ereção havia aliviado um pouco, eu saí do banheiro e fui até o armário que continha atrás da minha mesa, onde deixei minha pasta antes de ir almoçar. Peguei-a e saí porta a fora.

— Michele, eu não volto mais essa semana. Avise a Selena, por favor — informei. Hoje era quarta-feira, geralmente eu vinha duas ou três vezes na semana, mas diante do ocorrido miserável de hoje, eu preferia aparecer ali somente na próxima semana. Se Selena me queria longe, eu ficaria o mais distante possível. Evitaria ter de encontrá-la. Lógico que continuaria fazendo meu trabalho impecável de sempre, mas mantendo uma distância segura dela. Isso também me ajudaria a não ter que agarrá-la mais.

— Claro — Ela respondeu educadamente ao me olhar e sorriu.

— Obrigado — Agradei com um meio sorriso e saí dali o mais rápido possível. Eu precisava de privacidade. Um tempo sozinho com minha infeliz consciência. Se isso não bastasse, meu pau ainda se encontrava semiereto. Ao constatar isso, xinguei-me mentalmente e assim que cheguei ao estacionamento fora da loja, entrei em meu carro e rapidamente peguei a estrada, indo em direção ao meu escritório. Lá eu poderia ter um pouco de paz.

Pouco tempo depois, eu estava entrando no escritório.

— Senhor... — Mônica começou a falar, mas logo a interceptei.

— Agora não, Mônica. Não transfira nenhuma ligação para meu ramal, por favor. — Nem me dei ao trabalho de olhá-la, apenas a ouvi dizer " *sim, senhor*" e logo entrei em minha sala, mas antes não o tivesse feito.

— Saia! — Esbravejei, assim que meus olhos pousaram na figura de Mirela sentada no sofá próximo a minha mesa. Seu vestido era justo ao seu corpo e muito de suas pernas estava à mostra. Na certa, estava querendo me seduzir, mas eu já estava farto de seus joguinhos.

— Isso são modos de falar comigo, meu amor? — Levantou-se do sofá e caminhou sobre seus saltos altos, fitando-me com um desejo nítido nos olhos.

Soltei um riso sem graça e alcancei a maçaneta da porta.

— Saia! — Pedi novamente, enquanto mantive a porta aberta, aguardando que saísse logo, pois ela não havia escolhido um bom dia para me importunar. Na verdade, qualquer momento que me procurasse, não seria oportuno.

— Meu amor, eu vim, porque precisamos conversar — falou manhosa. Senti uma de suas mãos pousar sobre meu ombro e apertei meus dedos com mais força em torno da maçaneta da porta, sendo obrigado a fechar meus olhos e respirar fundo para adquirir um pouco de paciência e não a empurrar para fora de uma vez. — Acha certo ter me exposto diante da declaração que fez a Revista Discreta? — Indagou.

Felizmente, a entrevista que eu dei havia saído na nova edição da revista, pois outro mês se iniciou. Mirela vinha desde segunda-feira me atormentando e como fiz pouco caso das mensagens, e-mails e ligações dela, resolveu vir pessoalmente me incomodar, ou seja, a pior de todas as hipóteses. Eu me encontrava muito impaciente.

Sem conseguir me conter, soltei a maçaneta da porta, mantendo-a aberta e me aproximei dela, deixei nossos rostos próximos e a vi fixar seus olhos sobre minha boca, enquanto mordeu seu lábio inferior. Confesso que quando estávamos juntos, essa sua atitude sempre fora um gatilho para eu lhe pegar no colo e conseqüentemente, amar cada parte do seu corpo. Porém hoje, isso já não me causava efeito algum.

— Sabe o que eu acho? — Questionei e ela me encarou com um sorriso malicioso estampado em seus lábios. Ousada, envolveu seus braços em torno de meu pescoço e balançou a cabeça em negativo. Eu sorri, descrente diante de sua atitude e prossegui: — Que demorei demais para fazer isso, deveria ter feito

muito antes. Afinal, quem pagou de chifrudo fui eu, não você. — Assim que ela me ouviu, fechou seu semblante e deu um passo para trás, cruzou seus braços abaixo de seus seios e me encarou.

— Você sabe muito bem que essa sua declaração anda atrapalhando meu trabalho, Gutierrez. Toda vez que vou a algum lugar, sou questionada sobre sua infeliz entrevista. — Trinquei o maxilar, desacreditado ao ouvi-la.

— Dane-se, Mirela! — Sibilei, contendo a raiva que sentia no momento e ela me olhou com os olhos arregalados.

— Olha, vamos esquecer... — Mirela tentou argumentar, mas lhe impedi de continuar.

— Infeliz foi o dia em que te conheci. Infeliz, foi o dia em que pensei em torná-la minha esposa. A mulher com quem eu dividiria uma vida e me daria filhos — Ela fez uma cara de tédio e, ali pude identificar o quão pobre de espírito era. — Pior ainda, foi ter pensando que você era uma mulher decente, fato do qual me enganei feio. Não passa de uma qualquer — soei rudemente e quando menos previ, o lado esquerdo do meu rosto ardeu.

Respirei fundo e massageei o local onde ela havia me esbofeteado.

— Olha como fala comigo! — Exclamou descontente e assim que a encarei, identifiquei lágrimas não derramadas em seus olhos. — Eu sei que errei, mas não precisa me ofender de tal maneira — sua voz soou chorosa.

— Saia da minha sala, agora! — Falei entre dentes, enquanto mantive minhas mãos fechadas em forma de punhos ao lado do meu corpo. Minha raiva se encontrava num grau inominável. Mirela conseguia me tirar do sério com extrema facilidade.

Assisti ela empinar seu nariz e segurar sua bolsa com altivez. Ao passar por mim, parou ao meu lado.

— Eu me recuso a acreditar que todas aquelas juras de amor, nos quais me fez enquanto estivemos juntos, já não exista mais, Gutierrez. Sei que está me ignorando por, talvez, ainda sentir seu ego ferido em consequência do meu erro, no qual não me orgulho, mas tenho ciência que precisa de tempo. Eu darei isso a você. Porém, não pense que vai se livrar fácil de mim. O amo muito e vou te provar que cometi uma burrada e estou disposta a tudo para tê-lo de volta, e pode ter certeza que o terei — Me mantive onde estava, enquanto ouvi seu discurso intragável, pois não me causou efeito algum.

Mirela já havia me feito de palhaço por anos, e não conseguiria essa proeza novamente.

— Pois desista. Você já me perdeu e para sempre. Não tem mais volta.

Jamais! — Evitei ter de olhá-la. Caminhei até minha mesa, deposei a pasta sobre ela e me sentei na cadeira. — Feche a porta ao sair — pedi ao ajustar minha postura.

— Vamos ver se não o terei de volta — Pude identificar determinação em suas palavras, mas não respondi nada. E, ela logo saiu, fechando a porta como eu havia pedido.

Apertei minha têmpora em sinal de puro cansaço. Estava cansado de ser feito de otário e não deixaria em hipótese alguma, Mirela ou qualquer outra mulher, fazer isso novamente comigo. Faria valer minha palavra.



Nas horas seguintes, eu tratei de me enfiar no trabalho. Analisei contratos, que havíamos fechado recentemente com novos clientes e aproveitei para ver quais as novas mudanças que seriam feitas na Sexy Girl's, pois faltavam apenas dois setores para que eu pudesse me ater apenas à parte contábil da loja.

Minha atenção foi voltada para a porta, pois duas batidas foram dadas. Autorizei a entrada de quem estivesse do outro lado e assim que se abriu, Gustavo entrou e a fechou em seguida. Bufei desgostoso, pois eu queria matá-lo.

— Como foi o almoço? — Indagou naturalmente e, eu percebi que aquilo não passou de uma armação da parte dele.

— Saia da minha sala e não retorne, porque estou querendo te dar um soco no meio da cara — falei ao voltar minha atenção para os papéis que estavam em minhas mãos, mas logo parei, pois Gustavo explodiu em uma gargalhada.

— Fala sério, Gutierrez! Vai dizer que não gostou de almoçar na companhia de Selenia? — Observei-o sério, pois eu estava me segurando para não me encaminhar até ele e pegá-lo pelo colarinho de sua camisa.

Ele sorria feito um idiota, enquanto permaneci em silêncio o encarando. Logo, deposei os papéis sobre minha mesa e encostei minhas costas no encosto da cadeira. Passei meu indicador sobre meu queixo e assisti seu sorriso morrer aos poucos.

— Droga! — Gustavo praguejou e percebi que ele entendeu o quanto sua armação não teve graça.

— Espero que não faça mais isso. Selenia tinha toda razão por ter insinuado que eu havia arranjado aquele almoço, mas, na verdade, foi você. Meu querido amigo, não é mesmo? — Sarcasmo correu através de minhas palavras.

Eu não estava nem um pouco contente em ter confirmado minhas suspeitas sobre Gustavo.

— O que aconteceu? — Tomou uma feição séria e, em seguida, me indagou preocupado.

— Nada, Gustavo. Só peço que não retorne a fazer esse tipo de coisa. Se eu quisesse sair com ela, eu mesmo teria feito o pedido — Soltei de forma rude e o vi desviar seus olhos dos meus.

— Gutierrez, eu não fiz por mal. Só pensei que poderiam degustar de um momento a sós, já que vi muito bem seus olhares para Selenia, algo do qual é correspondido por ela. — Soltei um riso sem graça.

— Pare de pensar coisas sem sentido, Gustavo. Selenia pode ter correspondido ao beijo que dei nela, mas tratou logo de me deixar bem claro que não voltasse a repetir. — Quando vi, já havia falado demais.

— Porra! Vocês se beijaram? — Questionou com um olhar surpreso, seguido de um sorriso divertido nos lábios. Meneei minha cabeça em positivo, evitando ter de abrir minha boca para não me entregar ainda mais, como o fato de eu ter ficado extremamente excitado mediante ao beijo dela. Inferno! — Isso foi...

O interrompi.

— Um desastre total. Sendo assim, eu me mantereí distante, assim como ela pediu. — Tratei de dizer. — Agora, saia da minha sala antes que eu te enfisque aqui mesmo. — Ele jogou a cabeça para trás e sorriu divertido. — Estou falando sério, Gustavo — Adverti.

Ainda sorridente, o vi ajustar seu paletó ao se levantar e caminhou em direção a porta.

— Não se engane, meu amigo. Selenia pode ter lhe afastado apenas por precaução. Obviamente, sei que os dois apreciaram essa aproximação. Se eu fosse você, não desistiria tão fácil — dito isso, ele saiu pela porta e me deixou absorto em meio às suas palavras.

Eu não tinha motivo para insistir e era melhor assim. Seríamos apenas colegas de trabalho e pronto! Eu já estava farto de quebrar a cabeça para entender as mulheres no geral. Enfim, preferia apenas continuar como estava: solteiro. Nos finais de semana, transaria com alguma mulher que me atraísse sem qualquer envolvimento a mais e já estava de bom tamanho. Fim de papo.



CAPÍTULO 13

SELENA

— E então, o que descobriu? — Questionei a Juliana, assim que entrei no carro ao sair da *Sexy Girl's*, pois o expediente havia acabado. Na verdade, já era noite. Depois que Gutierrez saiu da minha sala, eu me afundei no trabalho e só percebi a hora quando Michele foi até minha sala perguntar se eu precisaria de mais alguma coisa, pois ela estava indo embora. E isso não era nada bom.

No momento que arrumei minhas coisas e antes mesmo de sair detrás de minha mesa, Juliana me ligou, questionando se eu não iria para casa. Bufeí ao respondê-la que sim, apenas tinha tido trabalho demais. Ela me disse que tinha descoberto o que dona Nice tinha e curiosa ao extremo, eu corri para fora da minha sala. Minha prima me deixou avisada que se encontrava dentro do carro com Alfredo, na saída da loja a minha espera.

Neste instante, eu estava aguardando a resposta dela.

— Vamos a um lugar primeiro — informou misteriosa. Quando pensei em abrir a boca para retrucar, ela suspirou fundo e me encarou com pesar. — Desculpa, mas não serei eu a te falar o que dona Nice tem. Só não me faça perguntas. Vou levá-la a quem te explicará tudo direitinho — diante de suas palavras, eu me senti apreensiva. Meu coração palpitou rápido, um nó se formou em minha garganta, mas apenas assenti e desviei meu olhar para fora da janela, pois Alfredo deu partida no carro.

Minutos depois, paramos em frente a um prédio, que para mim, era totalmente desconhecido. Mesmo assim, eu permaneci calada e deixei minha bolsa dentro do carro, pois Juliana informou a Alfredo que não demoraríamos. Ele apenas assentiu e ao chegarmos à portaria, minha prima informou nossos nomes ao porteiro, dizendo que iríamos para o apartamento 501.

Eu não sabia de quem se tratava, pois em nenhum momento foi revelada a identidade de quem pertencia aquele apartamento. Em seguida, o senhor que ficava na guarita, anunciou que já havia sido avisado sobre nossa chegada. Enfim, Juliana o agradeceu e nossa entrada foi liberada.

— Eu espero que tenha uma ótima informação para mim e que justifique todo este suspense, no qual está me submetendo — sibilei angustiada. Eu realmente ansiava receber uma notícia boa.

Juliana não me respondeu, eu apenas a olhei de soslaio e a notei abaixar a cabeça, seguido de um suspiro alto e sofrido. Diante de sua postura, eu pude identificar que notícia boa estava fora de cogitação, e, agora, eu me encontrava

fazendo uma prece aos céus para que pudesse ouvir ao menos algo que tivesse uma solução. Mantendo-me firme, chegamos até o andar e caminhamos até o número do apartamento.

Assisti ela tocar a campainha por duas vezes e logo a porta foi aberta. Abri minha boca para questioná-la, ao constatar quem morava ali, mas fui impedida.

— Prometo responder tudo que quiser depois, Selena. Só entre e ouça o que ele tem para te falar — Ela me pediu e a obedeci.

Cumprimentei Dr. Arnaldo com um aperto de mão e após ele fechar a porta, nos levou até sua sala e indicou o sofá para sentarmos. Assim que nos acomodamos, eu esperei, aflita, o que ele tinha para me falar. Ele abaixou a cabeça e juntou suas mãos, entrelaçando seus dedos em seguida. Enquanto isso, um silêncio sepulcral se instalou em meio ao eco de sua sala e eu me encontrava muito angustiada.

— Selena... — pelo seu tom, vi que estava sendo cauteloso, parecia não saber como falar o que tinha para me informar.

Suspirei alto, denunciando minha clara preocupação e me coloquei de pé.

— Fale logo, Dr. Arnaldo. E, sem rodeios, por favor — pedi já sentindo lágrimas inundarem meus olhos, mas não permiti que se derramassem, afinal, poderia estar me precipitando ao pensar que seria algo muito ruim.

— Dona Nice tem pouco tempo de vida. — Senti o impacto de suas palavras e em consequência disso, voltei a sentar no sofá. As lágrimas deixaram meus olhos num rompante.

Senti minha garganta seca e logo minha atenção foi desviada do rosto do Dr. Arnaldo, que denunciava o quanto sentia muito por estar me dando aquela notícia horrenda, para o calor das mãos de minha prima sobre a minha, que de alguma forma, tentava me acalantar.

— Mas... — ponderei ao olhar para minha mão direita sendo apertada entre as de Juliana. Engoli com certa dificuldade e continuei: — Por quê? O que ela tem? — Indaguei em meio ao meu choro, sentindo meu coração espremido no peito.

— Alguns meses atrás, em meio a alguns exames que solicitei, ela foi diagnosticada com câncer no pulmão. — Solucei ao ouvi-lo e Juliana envolveu um de seus braços ao meu redor, puxando meu corpo para mais próximo do seu, tentando me confortar de alguma maneira. Tornei-me cabisbaixa, deixando minhas lágrimas saírem livremente. E, então, ele continuou: — Eu a instruí que começasse imediatamente as sessões de quimioterapia. Apesar de ele se

encontrar um pouco avançado, ainda restava esperanças para a melhora dela. Porém...

— Ela não quis fazer o tratamento — completei chorosa ao interrompê-lo.

Passei a mão esquerda em meu cabelo e funguei antes de olhá-lo.

— Sim. Dona Nice não quis — proferiu tristemente.

Eu sabia o porquê de ela não ter aceitado o tratamento. Como ela mesma frisava: "Os planos de Deus na vida de cada um, são inquestionáveis". De repente, ao ver sentido em suas palavras, eu não tive como conter minha emoção e debrucei sobre o colo da minha prima, mediante ao meu choro copioso. Ela afagou meus cabelos, enquanto eu chorava feito uma criança perdida. E, realmente, estava. Eu não sabia o que seria de mim sem ter a dona Nice ao meu lado. Ela havia sido uma mãe para mim e continuava sendo, e isso piorava tudo.

— E por que afirma que ela tem pouco tempo de vida? Pode estar enganado, não acha? — Contive um pouco minhas lágrimas e endireitei meu corpo abandonando o colo de minha prima. Passei a mão pelo rosto, tentando limpar a umidade das lágrimas e encarei Dr. Arnaldo.

— Não estou enganado, Selena. Infelizmente. Como seria bom, caso estivesse. — Ele passou a mão pelo rosto em sinal claro de cansaço e suspirou pesadamente. — Algumas semanas atrás, eu solicitei a ela uma nova bateria de exames e foi constatado que o câncer piorou, por isso a indisposição frequente dela. — O vi fechar os olhos e pressionar sua têmpora. — E não vai demorar até que piore drasticamente, levando-a ao... — ponderou. Entretanto, eu sabia que evitara completar para não intensificar ainda mais a dor dilacerante que me preenchia internamente no momento.

Abatida, eu me levantei do sofá e tentei conter minhas lágrimas. Juliana se pôs de pé ao meu lado.

— Eu agradeço por ter me contado, Dr. Arnaldo. Não sei o que minha prima falou para que finalmente me revelasse o que dona Nice tem, mas mesmo assim, sou muito grata. — Ele se colocou de pé e comprimiu seus lábios ao assentir.

— Sua prima apenas me pediu que fosse sincero com você, pois ninguém além de você estava sofrendo em ver dona Nice no estado em que se encontra, e pior ainda, sem saber o que se passava com ela. Eu confesso que pensei bastante nisso, afinal de contas, ela é minha paciente e eu não poderia ter quebrado meu código de conduta profissional, pois a mesma não queria em hipótese alguma comunicar a ninguém sobre este fato; me pediu sigilo total. Porém, após a piora

de seu quadro, eu não pude ficar indiferente por mais tempo. Era meu dever lhe contar. — Meneei a cabeça em positivo, ainda sentindo lágrimas escorrerem pelo meu rosto, e o agradeci.

Saí de seu apartamento, desolada. Juliana permaneceu a todo o momento ao meu lado, mas não emitiu qualquer palavra e mentalmente, eu agradeci por isso. No caminho para casa, consegui conter minhas lágrimas e minha prima durante o percurso, segurou firmemente uma de minhas mãos, dando a entender que estava ali para me dar forças. E, de certa forma, estava me ajudando.

Ao atravessar o hall da minha casa, eu não quis falar com ninguém, apenas cumprimentei minha tia com um abraço afetivo e forcei um sorriso para Dália, assim que a avistei antes de subir as escadas. Antes de seguir até o quarto de dona Nice, eu fui até o meu e abandonei meus saltos, próximo a cama e minha bolsa sobre a mesma. Em seguida, respirei fundo ao passar a mão pelo meu rosto e fechar os olhos, pedindo aos céus que me desse forças para não debulhar em lágrimas na frente da dona Nice, algo que eu sabia ser impossível.

Soltei o ar rapidamente e caminhei para fora de meu quarto, parando em frente ao dela. Dessa vez, eu não bati, apenas girei a maçaneta e entrei. Ela se encontrava deitada, parecia estar cochilando.

Caminhei cautelosamente até sentar em sua cama, enfiando-me embaixo do edredom, deitando ao seu lado. Naquele momento, lágrimas já escorriam desenfreadas de meus olhos, mas mantive meu choro silencioso e alcancei uma de suas mãos, estava quente e apenas entrelacei meus dedos aos dela.

— Não importa se vai me deixar, ou se é teimosa o bastante para escolher me deixar sozinha e sem sua companhia brilhante, mas vou ficar aqui ao seu lado, cuidando de você até que, infelizmente, me abandone de vez. — Não consegui me conter e um soluço rompeu por minha garganta ao finalizar.

Assisti dona Nice abrir sua pálpebra e uma lágrima correu pelo canto de seu olho. Ela apertou seus dedos, entrelaçados aos meus, com mais força e umedeceu seus lábios, engolindo em seco em seguida.

— Arnaldo te contou — afirmou. Ela já sabia.

— Não o crucifique por isso. Eu insisti e muito — pedi. De certa forma, era verdade.

— Eu... — ela ponderou e moveu sua cabeça para o lado, no qual, eu estava deitada. Dessa vez, olhei chorosa para seu rosto e um sorriso preguiçoso tomou seus lábios. — Eu só não queria preocupá-la, e muito menos, vê-la no estado em que se encontra agora, querida — encarou-me com uma ternura explícita em seus olhos, chamando-me carinhosamente pelo seu habitual

"querida". De certa forma, só de ouvi-la, o meu coração se aquecia fortemente.

— Seria impossível eu não ficar no estado em que me encontro, dona Nice. — Forcei um sorriso em meio às lágrimas. — Eu tenho você como uma mãe, no qual não tive o privilégio de conhecer e ter ao meu lado — expus sentimentalmente.

— Eu sei, querida. — Comprimiu seus lábios em um meio sorriso. — Saiba que a tenho como uma filha. Jamais se esqueça disso, mesmo após eu partir. — Chorosa, me aninhei ainda mais próxima ao seu corpo, sentindo seu calor, aproveitando ao máximo sua companhia em vida.

— Eu não quero perdê-la. — Apertei meus olhos, sentindo mais lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Ouvi o som fraco de sua risada e a senti inspirar e soltar o ar profundamente em seguida.

— Sabe, quando eu conversava com o Bruno, meu amado e falecido esposo, referente a perdemos um ao outro quando Deus quisesse levar um de nós, eu dizia a mesma coisa e ele sempre falava que eu nunca o perderia, pois sempre estaria gravado em minha mente e, principalmente, em meu coração. E, assim aconteceu. Foi difícil no início, mas em meio às palavras dele, eu me sentia acalentada. — Enquanto a ouvia, tentava a todo custo conter minhas lágrimas. — Eu vejo a morte como um meio de descanso, Selena. Porque, no instante em que ela chega, apenas nos afirma que nossa missão aqui na Terra já foi cumprida e com êxito. Como sempre te digo...

— "Os planos de Deus na vida de cada um, são inquestionáveis." — Falamos em uníssono e sorrimos solenemente.

Após isso, nos mantivemos caladas. Eu só tinha uma certeza ali: Doeria. E como doeria o dia em que ela parasse de respirar e me deixasse de vez. Mas, enquanto isso não acontecia, eu aproveitaria ao máximo sua companhia. Afinal de contas, poderia durar dias, semanas, meses ou até anos, para que ela partisse. Não tínhamos uma data provável e isso era o que me deixava mais apreensiva.

Só desejava que ela pudesse estar viva, no momento em que eu conseguisse realizar meu sonho de ser mãe. Apenas isso.



CAPÍTULO 14

GUTIERREZ FERNANDEZ

— Obrigado, Michele — Agradei pelos papéis que ela me trouxe e após sorrir minimamente, ela saiu da sala.

Sim, eu não consegui me manter longe até a outra semana como havia prometido a mim mesmo que faria. Assim que Selena me ligou, pedindo que eu a acompanhasse até uma reunião, no qual teria com os donos de uma revista parceira da *Sexy Girl's*, para discutirem alguns detalhes, pois dona Nice não poderia estar presente, eu fui incapaz de dizer não. Gustavo também nos acompanharia, algo favorável para ambos, porque evitaria uma aproximação maior entre nós.

Após analisar os papéis e assinar a todos, eu deixei minha sala e ao passar pela mesa de Michele, eu lhe entreguei a pasta com os documentos assinados. Segui em direção a sala de Selena e bati levemente, nada fora respondido. Mesmo sabendo que eu não poderia entrar ali sem ser anunciado ou autorizado, eu girei a maçaneta e entrei, me deparando com Selena de costas para mim e de frente para a parede de vidro que continha atrás de sua mesa. Ela trajava um vestido vermelho, no qual abraçava bem suas curvas, deixando-me ainda mais admirado quanto a sua beleza extraordinária.

— Michele, eu não quero ser importunada. Peço que não autorize a entrada de ninguém, por favor! Exceto a do Gutierrez, pois ele me acompanhará na reunião que terei com os donos da Revista *Moda* — Pude identificar tristeza no seu timbre de voz.

— Não é a Michele — Soei altivo e fechei a porta em seguida.

Assisti Selena fungar baixo e assim que pareceu se recompor, ela se virou para mim e me direcionou um sorriso forçado. Naquele instante, não existia um resquício sequer de maquiagem em seu rosto, apenas sua beleza natural, me mostrando que havia chorado, pois seus olhos se encontravam um pouco inchados e avermelhados.

— Desculpe-me, eu não quis ser indelicada. Apenas não estou num bom dia — explicou e caminhou até sua mesa. Pegou sua bolsa e a colocou sobre seu ombro.

— Não se preocupe. Vamos? — Já estava na hora de irmos para a tal reunião, pois seria antes do almoço. Então, eu fingi não querer saber de seu problema. Mas, na verdade, eu me encontrava muito curioso, só não quis ser invasivo, afinal, não era da minha conta. E quanto mais eu me mantivesse

afastado, seria melhor.

Sendo assim, ela assentiu e colocou seus óculos de sol, antes de seguir até mim. Em seguida, saímos pela porta e nos direcionamos as escadas. Beirava às dez da manhã e no instante que atravessamos a porta de saída da loja, seu motorista Alfredo, já se encontrava a nossa espera.

Enquanto o percurso era feito em silêncio por ambas as partes, eu fiquei pensando no porquê de Selena ter me solicitado para acompanhá-la. Sei muito bem que na ausência da dona Nice, a presença do Advogado já deveria bastar. Entretanto por eu ser o contador responsável da loja, possivelmente minha presença seria de alguma utilidade, porém levando em consideração o nosso último "*encontro*" — nada favorável — acredito que esse fato poderia tê-la feito mudar de opinião, só que para minha total surpresa não foi isso que aconteceu. O que achei disso? Pra ser sincero, ainda não sabia se tinha gostado ou não. Estava num verdadeiro impasse.

— Eu queria me desculpar pelo ocorrido de quarta-feira na loja. Não deveria ter sido tão impulsiva e nem ter agido de maneira tão imatura. — Direcionei meu olhar para Selena, no qual estava se desculpando e sinceramente, ela me pegou completamente desprevenido, pois jamais imaginei que ouviria isso vindo dela. Afinal de contas, ela tinha se mostrado bastante convicta em suas palavras naquele dia, que nem cogitei tal possibilidade. Sinal que eu não deveria tê-la julgado sem verdadeiramente conhecê-la.

— Não há o que desculpar — limitei minha resposta e voltei a olhar para fora da janela.

O silêncio sepulcral voltou a reinar no interior do veículo, mas pude ouvi-la soltar o ar pesadamente.

— Eu só não posso e nem devo me envolver com ninguém. É... — Ponderou. Continuei olhando para fora da janela e evitei ter de encará-la, porém minha atenção automaticamente foi voltada para ela, assim que ouvi seu fungado. No momento em que a encarei, eu assisti Selena limpar algumas lágrimas que deixaram seus olhos após retirar seus óculos de sol. Minha vontade foi de me aproximar e acalotá-la entre meus braços, mas fingi indiferença.

— Compreendo. Não se preocupe. — Engoli com certa dificuldade, vendo-a limpar mais lágrimas que escorriam de seus olhos, mas era melhor não demonstrar sentimentalismo. Afinal de contas, eu tê-la beijado não significava que estava à procura de qualquer relacionamento entre nós.

— É complicado, Gutierrez. Mas agradeço a compreensão, e também sou grata por ter aceitado me acompanhar nessa reunião. Afinal de contas, você tinha

motivos para negar meu pedido e mesmo assim, não o fez — Selenia já se encontrava mais calma e voltou a colocar seus óculos de sol.

— O Gustavo não iria conosco? — Questionei-a, mudando de assunto.

— Sim, ele vai. Avisou-me alguns minutos antes de você entrar em minha sala, que nos encontraria lá — explicou e eu apenas assenti. — Espero que não veja problema quanto a isso — ressaltou.

— Problema algum, Selenia — Fui sincero.

Estava difícil continuar negando para mim mesmo que ficar sozinho com ela, não tinha problema algum, porque na verdade tinha, mas eu me encontrava centrado para este fato não mais existir. Durante o restante do percurso, não trocamos mais nenhuma palavra. Assim que chegamos, eu segui ao seu lado para dentro do prédio da revista.

Nos identificamos na recepção e fomos instruídos a subir para o terceiro andar, onde aconteceria a reunião. Seguimos para o elevador e depois de alguns instantes, estávamos dentro do mesmo. Rapidamente chegamos e ao sairmos, Selenia recebeu uma ligação. Eu me mantive impassível, não querendo de nenhuma forma invadir sua privacidade.

— Bom dia! — Dado que Selenia estava ocupada, eu tomei a frente e saudei educadamente a secretária, chamada Débora. Identifiquei sua função e nome no crachá, no qual usava preso ao seu blazer.

— Bom dia, senhor — Ela me tratou de forma cordial e um sorriso malicioso tomou conta de seus lábios.

Assim que pensei em argumentar algo, eu fui interrompido por Selenia.

— Me chamo Selenia, Administradora da loja de lingerie, *Sexy Girl's*, e este é Gutierrez Fernandez. Eu tenho uma reunião marcada com o Fernando Monteiro e Diogo Castro. Pode informar a eles que já estamos aqui, por favor? — Assisti Selenia encará-la com altivez e nem ao menos cumprimentou-a. Percebi que se encontrava sem seus óculos de sol e achei estranho a forma como ela tratou a secretária, mas preferi não me intrometer, afinal de contas, eu só estava a acompanhando.

— C-claro, só um momento, por favor — pediu.

Vi ela discar em seu ramal, e ao trocar algumas palavras, desligou-o. Sorriu cordialmente para nós e nos direcionou até a sala onde ocorreria a reunião. Selenia se manteve firme e impassível, mas assim que entramos, eu a vi direcionar um olhar nada amigável para um dos homens que compunham a mesa. Tomei meu lugar sem me preocupar em analisar todos que estavam presentes, um grande erro, pois para a minha infelicidade, no instante em que

levantei meu olhar, eu enxerguei na outra ponta da mesa quem eu menos esperava: Mirela.

Inferno! O que ela fazia ali?

Deixei minha indagação de lado assim que a reunião iniciou e o dono da revista, Diogo Castro, tomou a frente após se anunciar e, em seguida, apresentou todos que se encontravam presentes. No momento em que seu olhar cruzou com o meu, eu me lembrei de que ele não me era estranho e logo me veio à mente que se tratava do homem que havia interceptado Selena na noite em que estávamos na boate *Lunatic*. Notei que ele não gostou nenhum pouco de me ver ali, porém, prosseguiu com o que dizia.

Num dado momento, Gustavo entrou na sala apressadamente e pediu desculpas pelo atraso. Tomou o assento ao meu lado direito e Selena se manteve na cadeira a minha esquerda. Então, Diogo continuou após cumprimentá-lo formalmente e pude notar um desconforto evidente em Selena, perante os olhares que ele lançava em sua direção, nos quais não se limitavam em apenas cobiça, tinha algo a mais, porém, eu não sabia dizer o quê.

Fora inevitável não perceber Mirela me encarando, minha vontade era fazê-la sumir dali. Virar fumaça, caso fosse possível.

— Que azar, Gutierrez! — Gustavo exclamou com ar de insatisfação ao meu lado, e assim que o encarei, eu identifiquei que aquilo se devia ao fato da presença desprezível de Mirela.

— Nem me fale. — Soltei num sopro, deixando evidente que queria esquecer a existência dela. — Aliás, onde esteve que só chegou agora? — Indaguei curioso, mas em tom baixo para não sermos ouvidos, pois Diogo continuava discutindo uma das pautas da reunião.

— Estava... — ponderou ao limpar a garganta — Hum... resolvendo algo importante. Somente isso — limitou-se a dizer.

Não era de hoje que Gustavo vinha tendo um comportamento diferente, no qual não costumava a ter antes. Enfim, já que ele não queria falar, eu não seria invasivo, afinal de contas, éramos melhores amigos e se ele não queria dividir comigo, deveria envolver sua ética profissional e, eu o entendia perfeitamente.

Não estendi mais aquela conversa e resolvi deixar meus devaneios de lado. Ao voltar a prestar atenção no que Diogo falava, eu trinquei meu maxilar ao saber que Mirela posaria com as peças que Selena havia desenhado, e ela não demonstrou qualquer reação. Porém, além da raiva que me preenchia naquele momento, eu também me senti surpreso ao ter o conhecimento de que Selena

tinha desenvolvido a nova coleção da *Sexy Girl's*. Isso só confirmou ainda mais minhas suspeitas: Ela era muito melhor do que se mostrava ser. Um verdadeiro achado e, eu tive de admitir.

— As peças se encontram em linha de produção, e assim que estiverem prontas, vocês serão informados — Selena informou firmemente e comprimiu seus lábios em um sorriso sem graça.

Vi Diogo assentir e, em seguida, prosseguiu com mais algumas pautas. Duas horas depois, já passava do meio-dia e, finalmente, a reunião foi dada por encerrada. Algo que me fez soltar o ar com certo alívio.

Saí em companhia do Gustavo, mas antes de atravessar a porta, eu olhei para trás e me deparei com Selena conversando com o tal Diogo, lógico que não gostei nem um pouco disso, mas antes que eu tivesse tempo para ao menos processar o que estava sentindo perante aquilo, a minha atenção foi desviada após sentir um toque em meu braço.

— Podemos conversar? — Assim que vi de quem se tratava, eu fitei Mirela com desprezo e me coloquei a caminhar para fora dali, Gustavo me aguardava na porta. Limitei-me a não responder.

— Vamos — o chamei e caminhei em direção ao elevador, ignorando completamente a figura de Mirela, que ficou para trás me olhando com fúria.

— Falta a Selena — Gustavo frisou, me fazendo cessar meus passos.

— Acredito que ela esteja muito bem acompanhada e não precisa de nós, afinal de contas, a reunião já foi encerrada — proferi entre dentes, nenhum pouco contente assim que voltei minha atenção para ela.

Ele deu de ombros e seguiu até mim. Caminhamos até o elevador e assim que entramos, as portas iam se fechando, mas foram impedidas, após uma mão ser colocada no vão que continha entre ambas. Tornei-me impassível, evitando demonstrar qualquer reação, assim que Mirela se pôs ao meu lado. Parecia bufar de raiva, porém não emitiu qualquer palavra.

Um silêncio sepulcral reinou ali dentro e no instante em que chegamos ao térreo, rumei para fora dali o mais rápido. Evitaria Mirela ao máximo que eu conseguisse. Gustavo me acompanhou e para minha surpresa e total alívio, ela não veio atrás de mim, pois seguiu em outra direção.

— Acho que Mirela se cansou de correr atrás de você — Gustavo proferiu divertido. Ouvi seu celular tocar e pegou no bolso de sua calça social, assim que saímos do prédio.

— Tanto faz, mas é bom que tenha mesmo entendido — desdenhei.

— Quer carona? — Gustavo indagou. Olhei-o com o cenho franzido,

pois eu tinha ido com Selenia e não entendi o porquê de sua pergunta. — Bom, parece que Selenia não voltará agora e muito menos em nossa companhia. Ela me enviou uma mensagem avisando. — Deu de ombros e voltou a guardar seu celular.

Apenas assenti e caminhamos até o estacionamento do outro lado da rua. Mas antes que eu pudesse entrar no carro de Gustavo, o ouvi dizer:

— É, você tinha razão. Selenia realmente não precisa de nós, pois está muito bem acompanhada, assim como você disse minutos atrás — Gustavo pontuou e assim que olhei em direção a saída do prédio que havíamos acabado de deixar, eu vi o tal Diogo com a porta mantida aberta, no qual supus ser seu carro, e Selenia o entrou.

Trinquei meu maxilar e entrei logo no carro de Gustavo, fechando a porta com mais força do que a necessária. Raiva emanava de meus poros. Eu sei que não deveria de nenhuma forma me sentir assim, afinal de contas, não tínhamos nada. Porém, minha indignação foi por ela ter tido o descaramento de me dizer chorosa, horas atrás, que não podia e nem devia se envolver com ninguém. Pelo que pude perceber agora, isso não passou de uma grande mentira.

— Relaxa, ela deve ter ido resolver algo importante — Gustavo tentou me convencer e logo deu partida no carro, saindo dali. Algo que agradei mentalmente.

Soltei um riso amargo ao escutá-lo. Tamanha era minha indignação.

— O que ela faz ou deixa de fazer com a vida dela, pouco me importa — frisei desdenhoso.

Uma grande mentira da minha parte, porém, eu não podia demonstrar qualquer sentimento perante o que Selenia fazia. Eu já estava ciente que a queria, mas não havia notado qualquer brecha da parte dela e a única opção que me restava era me manter afastado.

Uma verdadeira lástima, mas era o que ela desejava e, eu o faria.



CAPÍTULO 15

SELENA

No momento em que tentei fugir o quanto antes da sala de reunião após a mesma ter sido dada por encerrada, para evitar a infelicidade de ter Diogo me importunando como vinha fazendo há semanas, através de e-mails, eu fui interceptada por ele.

Suspirei baixo assim que o ouvi me chamar, e me virei para ele, me deparando com seu olhar flamejante sobre mim.

— O que quer? Acaso faltou algo a ser tratado durante a reunião? — Indaguei arisca, mas mantive um tom baixo para que os demais que estavam saindo aos poucos, não nos ouvissem.

Infelizmente, Diogo não havia me pego num dos meus melhores dias, e para ser sincera, a minha cabeça estava latejando minimamente, não só pela reunião extensa que tinha tido, mas também pelos meus problemas pessoais. Se não bastasse isso, ainda era atormentada diariamente pela presença máscula e imponente de Gutierrez. Parecia que quanto mais eu tentava mantê-lo afastado, mais eu via meu propósito ir por água abaixo. Porém, eu reunia forças do inimaginável para me manter firme perante minha decisão. Ainda tinha aquela ex dele e para meu completo desafeto, ela seria a modelo que posaria para a Revista com as peças de lingerie da nova coleção, no qual, eu desenvolvi para a Sexy Girl's.

Deixei meus devaneios de lado, após ouvir o riso ameno de Diogo.

— Você costumava ser mais doce, Selena — bufei impaciente e estreitei meus olhos para ele.

— Em algum momento, você pode errar na receita, e o que era para permanecer doce acaba se tornando amargo demais e intragável, não acha? — Fui direta e o vi ficar sem graça.

— Podemos almoçar juntos? — Convidou, de repente.

— Não, Diogo. Eu já disse que não temos mais nada a tratar. Passar bem. — Fiz um movimento para sair dali, mas fui impedida.

— É só um almoço, Selena. Não vai passar disso. — Olhei-o duvidosa. — Prometo — completou. Pude identificar sinceridade em meio às suas palavras.

Após alguns segundos, eu resolvi ceder. Afinal de contas, eu precisava ocupar minha mente com algo que não se resumisse a doença da dona Nice ou ao Gutierrez.

Seguimos para fora do prédio e ao chegarmos à saída, o carro de Diogo já estava estacionado na frente. Entrei em seu veículo após ele manter a porta aberta para mim, e ao me acomodar no banco do carona, a mesma foi fechada. Em seguida, o vi tomar o assento atrás do volante e logo deu partida, pegando a estrada.

Em meio ao percurso, eu notei Diogo centrado enquanto dirigia, parecia pensativo. Permaneci calada, afinal de contas, eu ainda me encontrava muito chateada com ele, na verdade, desde quando havíamos terminado. Olhando através da janela, notei que o sol irradiava lá fora, porém eu estava muito bem protegida pelo ar condicionado do carro.

— Não conseguiu realizar seu sonho ainda? — Ouvi Diogo me questionar.

Passei a mão pelo meu cabelo e soltei o ar com insatisfação.

— Creio que isso não lhe diga respeito, Diogo — Foi inevitável meu tom rude.

— Eu só...

Interceptei-o:

— Não importa, Diogo. Aliás, pare de fingir que se preocupa com meus interesses pessoais, porque isso não faz jus a quem você realmente é — proferi de forma grosseira, pois ele havia conseguido me irritar e automaticamente, feito eu me arrepender amargamente de ter aceitado seu pedido.

— Selena, não é fingimento. E acredite ou não, eu sempre gostei de você e ainda gosto. — Olhei-o estupefata, diante de tal disparate.

Como ele ousava me dizer uma coisa dessas depois de não ter desejado realizar meu sonho de me tornar mãe?

— Pare o carro, Diogo — pedi irritada.
Ele riu com certo deboche.

— Selena, você não está falando sério, está? — Fitei-o sem dizer qualquer palavra, deixando com que apenas esse gesto falasse por si só. — Não sabe o erro que está cometendo — Ele proferiu entre dentes, após perceber através do meu olhar que eu não estava para brincadeira. Evitei respondê-lo e mais adiante, ele parou o carro sem mais cerimônias.

Segurei a bolsa em minha mão após colocar meus óculos de sol, abri a porta e coloquei um pé para fora.

— Se teve um erro que cometi em minha vida, no qual me arrependo amargamente foi ter dividido com você, algo que era e continua sendo muito

importante para mim. Eu pensei que você era diferente, um homem de verdade. Porém, cogitei erroneamente. E, o pior de tudo isso, foi ter presenciado o pouco caso que fez perante meu sonho depois que lhe contei — Fui sincera e não ouvi nenhuma palavra dele. — É bom que cada um siga sua vida. Eu já prossegui, então sugiro que faça o mesmo — completei.

— Se é o que quer, tudo bem. Mas saiba que tê-la conhecido não foi erro para mim, muito pelo contrário — soou descontente. Até me senti um pouco balanceada, mas logo abandonei esse sentimento e deixei seu carro. Fechei a porta e o vi arrancar dali.

Por um instante, eu senti que talvez pudesse ter sido dura demais com Diogo, e que pudesse estar perdendo a grande chance de me acertar com ele para finalmente sermos felizes, mas logo engoli o nó que tentou se formar em minha garganta e ao passar minha mão sobre meu pescoço, eu suspirei pensativa e rapidamente alcancei meu celular dentro da bolsa. Assim que disquei o número de Alfredo, ele atendeu e o informei onde estava. Ele avisou que chegaria dentro de alguns minutos e encerrei a ligação.

Definitivamente, hoje não foi um dia legal. Sentia-me perdida dentro de mim mesma e a única maneira de parar de pensar nisso nem que fosse por meros minutos, se resumia ao trabalho. Muito trabalho.



— O quê? — Indaguei desacreditada. Encontrava-me furiosa com tamanha acusação da parte de Gutierrez.

O final de semana havia passado como um raio, rápido demais. Aproveitei-o em companhia de dona Nice, com minha tia e prima, algo que apreciei muito. Ter quem se ama ao seu lado é tudo, te faz se sentir segura. Mostra que eles sempre estarão ali para você, independente da batalha que esteja acontecendo dentro ou fora do seu ser.

Supliquei a minha tia que ficasse por mais uma semana comigo, pois ela queria ir embora e, eu ainda não estava preparada para me despedir dela. Entretanto, eu fazia questão de vê-la feliz, então, eu a colocava no telefone para falar com meu tio todos os dias e ambos se mostravam satisfeitos ao se falarem. Eu amava ver o amor e cumplicidade extraordinária que eles tinham. Sonhava ter algo parecido um dia.

Mas neste instante, já passa das quinze horas e, eu me encontrava em minha sala, não acreditando no que acabara de ouvir do Gutierrez.

— Selena, convenhamos. Você como administradora dessa empresa,

tinha que estar mais ciente das atividades que andam extrapolando o capital de giro da loja. Confesso que quando iniciei aqui, tudo se encontrava dentro do aceitável, mas na última semana, eu vi que você autorizou a compra de um material caro mesmo sabendo que eu não tinha autorizado que a compra fosse feita e lhe informado que seria investimento perdido. Contudo, você não deu ouvidos e passou por cima da minha decisão. — O assisti suspirar baixo e colocou uma de suas mãos dentro do bolso dianteiro de sua calça social, gesto que o deixou ainda mais lindo. Pisquei algumas vezes e voltei a prestar atenção no que falava. — Peguei o relatório pela manhã e aqui está. — Ele me entregou alguns papéis e, eu me sentei em minha mesa. Analisei alguns, enquanto ele se manteve de pé. E ao constatar veracidade perante o que me dissera, eu soltei o ar minimamente e mordi meu lábio inferior.

Eu realmente tinha passado por cima do que ele tinha me informado na semana passada e pior, de sua decisão, como havia frisado. Isso foi após eu tê-lo expulsado da minha sala, no dia em que nos beijamos. Sei que fui imprudente, agi perante a raiva que tinha sentido dele por ter conseguido mexer internamente comigo, e só agora vi o tamanho da besteira que tinha feito. Mais um motivo para não misturar local de trabalho com um homem bonito como o Gutierrez. Nunca daria certo.

— E daí? Só foi um material mais caro do que o habitual que vinha sendo utilizado para a fabricação das peças da *Sexy Girl's*. Isso não é o fim do mundo, Gutierrez! — Exclamei impaciente, e mesmo sabendo do meu erro, eu não admiti e pior ainda, o confrontei.

— Assim fica difícil fazer meu trabalho, Selena. Temos que entrar num consenso. Você me informou que eu estava aqui para tornar essa empresa ainda mais rentável do que já era. Pelo visto, já se esqueceu disso — soltou nada contente com meu posicionamento.

Soltei um riso em desagrado.

— Está fazendo tempestade num copo d'água, Gutierrez. — Fitei-o com altivez.

— Tudo bem, Selena. — Ele deu de ombros e se aproximou da minha mesa, curvou-se sobre a mesma e espalmou suas mãos próximas aos meus braços. Um pequeno arrepio trespassou pelo meu corpo diante de seu gesto. — Sugiro que procure um novo contador, então. — Arregalei meus olhos assim que ele terminou de falar e engoli em seco.

— Como assim? — Fingi não ter entendido.

O assisti sorrir e, em seguida, desviou seus olhos dos meus.

— Você me ouviu, Selenia. Não se faça de desentendida — Acusou-me sério, após olhar profundamente em meus olhos, gesto, no qual o amaldiçoei mentalmente, pois meu coração palpitou mais rápido que o normal.

— Não pode fazer isso, Gutierrez. Não pode me deixar na mão quando nem eu mesma sei o que ando fazendo — falei, sentindo-me perdida.

Ele se pôs ereto diante da minha mesa e me olhou curioso. A verdade é que eu não queria demonstrar fragilidade diante dele.

— Se não sabe o que anda fazendo, creio que outra pessoa deveria administrar no seu lugar, não acha? — Fingiu indiferença ao que eu tinha acabado de lhe falar e me senti uma idiota por ter pensado que ele se compadeceria diante das minhas palavras, porque praticamente eu o havia falado que me encontrava com problemas. Mas, pelo visto, eu me enganei feio.

— Para ser sincera, eu acho que isso não é da sua conta — Fui rude, pois não consegui esconder minha indignação perante suas palavras. Uma verdadeira afronta!

Pude identificar através de sua postura que ele não havia gostado nenhum pouco de minha resposta, mas rapidamente o vi se tornar impassível, como se aquilo não o tivesse afetado em nada, algo que só aumentou minha raiva. Mas me mantive serena, por mais que esse não fosse o sentimento que me preenchia no momento. E então, Gutierrez abriu a boca para falar algo, porém foi impedido por Diana, assim que ela entrou na sala num rompante sem ao menos bater.

— Selenia, as amostras das lingerie ficaram prontas — Ela anunciou ao entrar sobre seus saltos com um sorriso imenso nos lábios. Coloquei-me de pé e a assisti colocar alguns cabides com as peças sobre minha mesa. Só então, percebeu a presença de Gutierrez. — Oh, me desculpe. Não sabia que estava ocupada. — Olhou dele para mim. — Posso voltar outra hora — supôs.

— Não será preciso, eu já estou de saída — Gutierrez falou educadamente ao me lançar um olhar arrogante, no qual não gostei.

— Não quer dar uma olhada nas amostras, Gutierrez? Talvez analisando os detalhes, você possa ver por si próprio se o investimento foi válido ou não — indaguei sugestiva.

Ele assentiu e respondeu um “tudo bem”. Enquanto Diana espalhou as peças lado a lado sobre minha mesa e tagarelava o quanto gostou de cada amostra, Gutierrez observou com um semblante impassível. Sua postura não denunciou o que verdadeiramente estava achando e aquilo me deixou aflita e curiosa ao mesmo tempo.

— Então, o que achou? — Diana o questionou.

Ele mordeu o lábio inferior e pensou por um tempo.

—Bom, eu não sou analista de moda, mas me parece que você tem um péssimo gosto para modelos de lingerie — Diana ficou boquiaberta e, eu estreitei meus olhos para ele, desacreditada com o que tinha acabado de ouvir. E para piorar, complementou: — Percebe-se o porquê de não ter um homem ao seu lado. — Juro que o olhei louca para pular nele e cravar minhas unhas em sua jugular, mas preferi optar por ajustar minha postura e sentei em minha cadeira. Respirei fundo, contei até número infinito e voltei a encará-lo com um sorriso falso nos lábios. O pior de tudo foi ter que aguentar aquela cara de deboche dele. Porém, com uma calma divina — que não sei em que etapa da minha vida eu a adquiri — eu apenas pedi que se retirasse o mais depressa possível da minha sala. Lógico que ao ouvir tamanha grosseria da minha parte, ele analisou meu rosto pelo o que me pareceu, longos minutos, alinhou seu terno devidamente feito sob medida e saiu sem proferir qualquer palavra.

Confesso que eu queria esganá-lo. Raiva emanava de meus poros.
— Maldito! — Praguejei irritada.

— O que deu nele? — Diana questionou, assustada.

— Não sei e não me interessa — soei um pouco rude e ao perceber isso, logo pedi desculpas para ela.

Rapidamente voltamos ao trabalho, mas ainda podia sentir meu coração palpitar rápido, tamanha era a minha fúria. Gutierrez me paga!



CAPÍTULO 16

GUTIERREZ

Consternado. Era assim que eu estava me sentindo no momento.

Liguei para o escritório e avisei a Mônica que iria dar uma passada por lá, afinal de contas, era segunda-feira e ao terminar meus afazeres na *Sexy Girl's*, eu sempre fazia uma visita, por mais que não fosse demorada. Porém, eu não tinha planos de me deslocar até lá, mas perante o trágico acontecimento de instantes atrás, eu precisava me distrair um pouco e era uma boa alternativa mudar o foco de meus pensamentos.

Inferno! — Praguejei ao entrar em meu carro, após fechar a porta fortemente.

Fechei minha mão direita em forma de punho e levei até minha boca, mordendo-a com força. Tamanha era a raiva que eu estava sentindo. Em sequência, saí do estacionamento da *Sexy Girl's*, rapidamente. Eu precisava me afastar e era isso que eu faria.

Em meio ao percurso, eu balancei a cabeça em negativa no instante em que constatei o quão rude fui ao me portar feito um idiota. Jamais deveria ter falado sobre a vida pessoal de Selena, pois aquilo não me cabia. Fui imprudente. Deixei-me ser guiado pela cegueira, pelo ciúme. Sim, confesso que fiquei enciumado desde o momento em que a vi entrar no carro daquele Diogo.

Admito que perdi o controle e, eu jamais deveria ter permitido que isso acontecesse. Mas foi mais forte. Quando dei por mim, já era tarde demais. As palavras simplesmente fugiram.

Para ser sincero, Selena tinha um talento nato. Eu realmente fui verdadeiro ao dizer que não era Analista de moda, mas através do meu olhar extremamente observador, eu pude perceber claramente o quanto ela era caprichosa e detalhista. Perfeccionista, até.

Eu sei. Devia um pedido de desculpas a ela, mas, por enquanto, preferia deixar a poeira abaixar. Fui insensível e apenas lancei palavras toscas ao vento.

Soltei um riso amargo ao perceber o quanto nossos sentimentos podiam ser traiçoeiros, principalmente, o tal do ciúme. Infelizmente. Mas como não ter sido atingido pelo mesmo, se eu já ansiava por Selena? Eu a queria e isso estava ficando cada vez mais evidente para mim. Merda!

Em contrapartida, ela deixava cada vez mais claro que não havia qualquer possibilidade de um envolvimento entre nós, algo que me frustrava grandemente. Selena estava testando minha paciência. E, eu não aprovava

nenhum pouco isso.

Cheguei até meu escritório e Mônica tentou falar algo, mas antes que conseguisse, eu a interceptei e avisei que não queria ser incomodado de forma alguma. Ela não insistiu, pelo contrário, apenas assentiu e, eu segui para minha sala. Encontrava-me impaciente.

Assim que entrei, eu vi uma figura masculina sentado na cadeira de frente para minha mesa. Suspirei pesadamente, pois desejava apenas ficar sozinho, algo que estava parecendo ser impossível naquele dia. Sem mais, fechei a porta e segui até o mesmo. Parei de frente para minha mesa e deposei minha pasta sobre a mesma.

— Boa tarde — Cumprimentei-o educadamente, mas no instante em que vi seu rosto, eu recolhi meu sorriso ensaiado dos lábios. Olhei-o firmemente e continuei de pé. Franzi meu cenho, sério.

— Como vai, Gutierrez? — Soltei um riso amargo ao ouvi-lo pronunciar meu nome de forma enfática. Minha vontade era de socar seu rosto.

Já não bastava eu tê-lo visto tendo uma chance com Selenia, no qual via o mais longe possível do meu alcance? Agora tinha que vir me importunar? E, pior: Em meu escritório? Não estava acreditando nisso.

— Posso até soar hilário, mas a que devo a honra de sua presença? — Fui direto ao assunto, me mantendo altivo. Odiava rodeios, ainda mais diante da raiva que estava sentindo.

Ele soltou um riso amargo e se reclinou sobre o assento da cadeira. Fitou-me, desafiador.

— Irônico, não? — Acusou-me, sarcástico. E continuou a me inspecionar.

— O que quer, Diogo? — Perguntei, ignorando completamente seu tom ácido.

— É dessa forma que trata um cliente? — Questionou com um meio sorriso, gesto do qual me denunciava seu cinismo nato.

— Posso afirmar com todas as letras que não veio até aqui para contratar meus serviços — Em meio às minhas palavras, eu o vi arquear uma de suas sobrancelhas. — Portanto, peço que vá direto ao assunto, pois tenho afazeres importantes — menti. A verdade é que eu estava ansiando que ele fosse embora. Sumisse de minhas vistas. Era um pesadelo tê-lo diante de mim.

Após alguns segundos em completo silêncio, Diogo iniciou:

— Creio que você deve saber que sou ex-namorado da Selenia, e que

estamos nos reaproximando novamente. — Trinquei meu maxilar insatisfeito, até inconformado por ele ter tido a ousadia de vir me falar tamanha asneira. Eu não queria saber, pouco me importava.

— Não entendo o que esse assunto tem a ver comigo — frisei, desinteressado.

Vi sua testa enrugar e, ele se tornou sério.

— Estive... Dando uma investigada em sua vida, Gutierrez... — soltou, sem cerimônia alguma e franzi o cenho desacreditado —, e para minha completa surpresa, uma infeliz informação chegou até mim, no qual me deixou claro que você está... Digamos, que interessado na mulher que me pertence — Foi inevitável eu não sorrir. E, então, ele continuou: — Além disso, eu percebi o modo como olhava para Selenia no dia da reunião, e não aprovei nem um pouco — alertou-me.

— Investigando minha vida? — Questionei ao ouvi-lo. Ele assentiu. — E com que propósito? — Voltei a indagar, curioso.

— Creio que se lembre do dia em que você agiu em defesa da Selenia na *Lunatic* — Começou a falar, lembrando-me.

— E o que tem a ver? — Indaguei com certo desdém. — Poderia ter sido outro homem, afinal de contas, do mesmo modo que ficou claro para mim que você a estava importunando e que não era desejado ali, pois a estava agarrando a força, também ficou evidente a qualquer pessoa que se encontrava naquela casa noturna — argumentei.

Ele sorriu de canto.

— Está enganado. E, não tente mascarar o que já sei, Gutierrez. Você a quer, porém nunca conseguirá tê-la, porque Selenia já é minha — enfatizou.

— Bom, eu desejo felicidades, então. Agora, para ser bem sincero, eu não tenho um pinga de interesse em saber a quem Selenia pertence ou não. Que fique bem claro: Você está equivocado. Eu apenas trabalho com ela, não passa disso — menti de forma descarada, tinha conhecimento disso, mas era melhor fingir desinteresse. Estava cada vez mais evidente que nunca ocorreria nada entre nós.

Assisti-o jogar sua cabeça para trás e soltar uma gargalhada, atitude que fez o sangue correr feito labaredas em minhas veias. Tamanho foi o grau da minha raiva.

— Engane a quem quiser, menos a mim. — Fitou-me com ar desafiante. — Sou homem assim como você, e sei identificar muito bem um concorrente — disse em tom de alerta.

Mantive-me ativo e descansei uma de minhas mãos dentro do bolso dianteiro da minha calça social, e o encarei.

— Se ela já lhe pertence, você não deveria ter medo de que a roubem de você. Muito menos, eu — ressaltei.

Ele sorriu sarcástico.

— Medo — repetiu a palavra com desdém e, ao mesmo tempo, pensativo. — Está aí, sentimento que não existe em mim — afirmou com extrema convicção. Toda essa segurança dele estava me reduzindo a pó.

— Então, eu não vejo o porquê de tal preocupação. A meu ver, é totalmente descabida. Sem fundamento algum — continuei mentindo, tentando esconder de mim mesmo que Selenia não significava nada.

— Não há preocupação nenhuma, até porquê, nunca conseguirão tomá-la de mim. Observa-se que durante esses meses em que estive fora após o nosso término, ela não se envolveu com mais ninguém, e isso se deve a uma única explicação: Ela ainda nutre sentimentos por mim, e isso não a permitiu seguir em frente — proferiu, seguro de suas palavras.

Tentando me controlar, eu sentei em minha cadeira e pressionei minha têmpora. Diogo estava sugando os últimos resquícios da paciência ainda existente em mim. Não queria ter de expulsá-lo dali, porém outras alternativas me eram inexistentes.

— Saia da minha sala, Diogo — proferi entre dentes, enquanto continuei apertando minha têmpora.

— Sairei, assim que terminarmos de conversar — frisou, despreocupado. Suspirei em desagrado, após ouvi-lo.

— De longe, isso pode ser comparado a uma conversa, Diogo. Pelo que percebi até agora, você só me acusou de algo que desconheço — Voltei a afirmar.

Ele riu descontente e se levantou da cadeira.

— Sabe, a Mirela me procurou após a reunião de sexta-feira, e me fez um pedido... inusitado, pode-se dizer assim. — Mordi o lábio, tentando entender realmente o que estava ouvindo.

— Dane-se o que a Mirela te pediu. Não estou interessado em saber — proferi impaciente.

— Eu confesso que fiquei em dúvida quanto ao pedido dela, até solicitei um tempo para pensar, embora tivesse que ter negado de imediato. Porém, eu levei em consideração a supermodelo que ela é, e somado ao fato de ela ter

aceitado fotografar com uma coleção de uma “desconhecida”, podemos supor assim — argumentou, ignorando completamente o meu desinteresse evidente.

Ajustei minha postura e descansei meus antebraços sobre a mesa, entrelaçando os dedos de minhas mãos.

— Admito que perante essa sua explicação, eu até senti uma pontinha de curiosidade. O que a Mirela te pediu que o fez parar para analisar com tanta eficiência? — Inquiri sarcástico.

— Digamos que... — o interceptei ao perceber que faria rodeios.

— Peço que seja direto, Diogo. Sem rodeios, por favor — pedi.

Ele me encarou por alguns segundos.

— Ela quer que você... seja o par dela. Que vocês posem juntos. — Eu o olhei estupefato.

Até quando a Mirela tentaria ferrar com a minha vida?

— Nunca! — Exclamei exaurido.

— Pense bem, Gutierrez. Afinal de contas, você poderia usar isso a seu favor e reconquistá-la de uma vez por todas. Já que você não tem qualquer interesse na mulher que me pertence: A Selenia — supôs.

Coloquei-me de pé e passei os dedos furiosamente entre os fios de meu cabelo. Soltei um riso nervoso. Não estava acreditando que tinha ouvido aquilo.

Cansado, resolvi abrir o jogo.

— Eu não quero reconquistar a Mirela. E já que insiste tanto em dizer que estou interessado na Selenia, saiba que é isso mesmo. Eu a quero — Quando terminei de falar, Diogo perdeu sua pose arrogante e se tornou sério. Encarou-me furioso.

Quando dei por mim, Diogo deu a volta em minha mesa e agarrou o colarinho da minha camisa. Fitei-o em desafio.

— É melhor se manter afastado da Selenia ou não responderei por mim — ameaçou.

Sorri satisfeito, diante de seu descontrole evidente.

— O que houve com sua plena convicção de segundos atrás, onde afirmou e reafirmou que Selenia te pertencia e que o medo não existia em você? — Notei a raiva crescente em seu olhar e meu sorriso se alargou. — Tinha até acreditado que você falava a verdade — provoquei.

Quando menos previ, Diogo me soltou e, em seguida, se afastou ajustando seu terno.

— Só agora percebo que foi perda de tempo ter me deslocado até aqui.

Pelo visto, a Mirela anda necessitada por realmente querer algo com você — incitou.

— A Selenia não reclamou quando a beijei — destilei meu veneno.

— Seu... — Diogo correu em minha direção e tentou me acertar um soco, mas fui mais rápido e o empurrei contra a parede. Mantive-o preso com meu antebraço apertando seu pescoço.

Nos encarávamos enraivecidos.

— Saiba que investirei em Selenia e garanto que a conquistarei — Ele tentou se mexer, mas firmei ainda mais meu aperto.

— Isso é o que veremos — desafiou-me com um sorriso debochado nos lábios.

— Você não é bem-vindo aqui. Saia imediatamente e não volte a me importunar. — Soltei-o rapidamente após finalizar, e me afastei o máximo que consegui, antes que eu perdesse o controle de vez.

Fiquei de frente para a parede de vidro atrás de minha mesa e, em seguida, já não ouvi mais a voz de Diogo. Fechei minhas mãos em punho ao lado do meu corpo, pois eu tremia em consequência da raiva que estava presente em mim. Fechei meus olhos e respirei fundo, tentando reorganizar minhas emoções. Era preciso.

Definitivamente, o dia não tinha sido nada favorável para mim. Havia sido frustrante. Mas de algo eu estava certo: Investiria em Selenia e, ela seria minha. Completamente.



CAPÍTULO 17

SELENA

TRÊS MESES DEPOIS

Naquele dia, após a saída de Gutierrez da minha sala, eu e Diana, foquemos em analisar cada amostra das lingerie, nos quais, eu havia desenhado para a nova coleção da *Sexy Girl's*. Mesmo sabendo que o que ouvira dele havia sido um completo absurdo, ainda assim, doeu. Para dizer a verdade, meu ânimo desapareceu, mas fingi indiferença quanto àquilo e mantive minha cabeça erguida. Afinal de contas, não seria ele a me colocar no chão. Não, mesmo!

Eu havia chegado onde me encontrava por meio da ajuda da dona Nice, confesso! Mas, nada fora me dado de mão beijada, eu tive que mostrar serviço, tive que mostrar que merecia estar onde estava. Na verdade, se tinha uma coisa que jamais almejei foi ficar à frente da empresa ou administrá-la sozinha. Estava contente em apenas permanecer ao lado dela, auxiliando no que fosse necessário, porém nada saiu como o esperado. Infelizmente.

Três meses se passaram, e em relação ao câncer da dona Nice, continuava piorando, deixando-a extremamente abatida. Sua feição já não era a mesma. Aos poucos, eu via aquela maldita doença sugar todas as suas energias. Seu modo de viver já não era o mesmo, embora eu notasse algo que ela não deixava desvanecer: seu sorriso. Mesmo diante das queixas de dores e mal-estar, ele continua ali, impregnado em seus lábios, algo a ser visto como invencível. Eu a admirava muito. Tristemente, sabia que chegaria o momento de não a ter mais ao meu lado, só que eu estava tentando esquecer essa parte. Ainda não me encontrava preparada para perdê-la. Meu coração chegava a se comprimir no peito, tamanha era a dor, só de cogitar isso. A verdade é que eu nunca estaria pronta para deixá-la partir.

Além disso, muita coisa tinha acontecido em meio a esses três meses que se passaram. Primeiro de tudo, eu estava grávida! Sim! Após três malditas falhas nesse intervalo de quatro anos, eu finalmente consegui. Encontrava-me diante do meu sonho realizado através da inseminação artificial. Na verdade, apenas parte dele, pois a gravidez era recente. Eu estava com apenas um mês, e os cuidados extremos eram necessários, pois tinha sido muito difícil conseguir essa dádiva. Em segundo, a *Sexy Girl's* estava a todo vapor, um sucesso ainda maior depois do lançamento da coleção que desenvolvi para a loja com minha assinatura e, lógico, também por causa da Mirela Sampaio, no qual tinha posado com as peças para a revista MODA, onde Diogo era o Dono. Falando nele, eu tinha de frisar

que ele tentou a todo custo me levar para sair e como não conseguiu, ele até foi capaz de dizer que transaria comigo para realizar meu sonho de ser mãe. Se eu ri? Ah, e como! Eu estava muito bem sozinha. Não precisava de um homem para mostrar às pessoas que eu me sentia feliz. Em terceiro e último, Gutierrez chegou a me pedir desculpas pelo comentário infeliz, no qual tinha feito referente às amostras das lingerie que desenhei. Extremamente profissional e ativa como eu era, eu acabei o desculpando. Ele continuou prestando seus serviços para a *Sexy Girl's*, e por diversas vezes, eu fui encurralada por ele e beijada também, mas preferi me afastar e há pouco mais de duas semanas, eu soube que o mesmo estava ficando com a Diana, fora do ambiente de trabalho, claro! E, sim, eu o tinha perdido, confesso! Porém, não era nada agradável saber disso, pois minha parcela de culpa contribuiu e muito para que tal infortúnio acontecesse. Eu o tinha mantido distante, bem feito para mim, pois não faltaram tentativas da parte dele, porque Gutierrez havia tentado de todas as formas me conquistar. Admito que eu amava quando ele me beijava inesperadamente; eu ficava acesa em meio ao seu toque urgente e preciso. Contudo, optei pelo bom senso e ética profissional ao ambiente que trabalhávamos e fiz questão de mantê-lo afastado, sendo assim, eu acabei o entregando de bandeja. Uma verdadeira derrota, eu sei.

Mesmo não aprovando o envolvimento dos dois, eu me mantive impassível. Fingi que aquilo não tinha me afetado em nada, o que era totalmente mentira. Estava com os nervos à flor da pele, mas me neguei a admitir isso. Portanto, eu tive que aprender a conviver com isso, sabendo que Gutierrez pertencia à outra, não a mim.

Entretanto, isso já não me afetava tanto já que dentro a oito meses, eu estaria com meu bebê nos braços. Ele seria minha companhia fiel, mesmo eu não tendo um homem para estar ao meu lado.

Fui tirada de meus devaneios, após a entrada da Juliana em meu quarto. Eu estava me arrumando, pois iríamos ao shopping. Ela estava toda animada para ajudar a escolher as primeiras roupinhas para meu bebê. Apesar de ainda não sabermos o sexo, estávamos eufóricas para irmos às compras. Nada estava me fazendo mais feliz do que curtir esse grande momento. Havia esperado tanto, porém tinha sido concedido com êxito.

— Anda logo, Lena — Juliana me repreendeu ao me ver sentada de frente para minha penteadeira, diante do espelho.

— Já estou pronta — anunciei, ao terminar de passar meu batom rosa claro em meus lábios.

— Que ótimo. Vamos, pois Alfredo já está nos esperando — informou.

Subitamente, eu senti uma vontade de ir ao banheiro.

— Vou apenas usar o banheiro e já poderemos ir — avisei e caminhei em direção ao mesmo.

No instante em que entrei e sentei no vaso sanitário para fazer xixi, eu acabei percebendo um pouco de sangue em vermelho vivo no fundo da minha calcinha. Meu coração acelerou diante daquela constatação e gritei por minha prima, que correu até mim. Mostrei o motivo do meu desespero e nervosismo, então Juliana pediu que eu colocasse um absorvente e enquanto fiz o que solicitou, ela saiu dali, dizendo que ligaria para o Dr. Guilherme. Ainda bem que era sábado e ele atendia até o meio-dia.

No instante em que deixei o banheiro, Juliana pegou minha bolsa e saímos do quarto. Ela explicou rapidamente a Dália o que estava acontecendo, mas pediu que não se preocupasse, pois não devia ser algo alarmante. Eu já tinha em mente que o sangramento podia ser uma tentativa de aborto, como das outras três vezes que isso me aconteceu, porém, tentei pensar positivo.

Instantes depois, nós estávamos indo em direção ao consultório do Dr. Guilherme. Eu soava frio de tão nervosa, respirava com dificuldade, mas minha prima permaneceu apertando minha mão, e me falando palavras de conforto, tentando me fazer ficar calma; o que era de grande ajuda.



Assim que chegamos no consultório, o Dr. Guilherme não quis me alarmar em relação ao que estava acontecendo comigo, apenas pediu que eu realizasse um ultrassom e após vê-la, é que ele me revelaria o motivo de meu sangramento. Fiz como solicitou e em meio ao exame, os batimentos cardíacos do bebê não foram ouvidos e aquilo já me deixou em alerta. Lágrimas deixaram meus olhos naquele mesmo instante. Saí daquela sala me sentindo extremamente infeliz.

Contei a Juliana e ela pediu que eu me acalmasse, pois eu podia estar me precipitando e, no final, não ser nada do que havia pensado. Sendo assim, eu aguardei o laudo e nesse instante, eu me encontro sentada à mesa de frente para o Dr. Guilherme.

— Bom, você já deve imaginar, Selenia. — Dr. Guilherme tirou seus olhos do resultado do ultrassom que estava em suas mãos, e me olhou com um semblante triste. Senti meu coração se quebrar no peito em infinitos pedaços, e mesmo sentindo uma dor visceral me preencher, trazendo umidade aos meus olhos, eu optei por segurar o choro.

— Entendi, doutor! — Passei a mão pelo meu cabelo que estava solto na frente dos meus olhos, e o prendi atrás da minha orelha, meio cabisbaixa. Olhei minhas mãos sobre meu colo, enquanto tentava afogar a tristeza que me consumia por dentro. Encontrava-me despedaçada.

— Você sabe desde o início que esses procedimentos são extremamente complexos. Logo no começo...

O interrompi.

— Eu sei. Você me deixou ciente de que poderia dar certo ou não. O pior é saber que no intervalo desses quatro anos, já é a quarta vez que eu tento e não obtenho sucesso — proferi e lágrimas involuntárias escaparam de meus olhos, mas as limpei de imediato com o dorso de minha mão e me contive, não querendo demonstrar tamanha fraqueza na frente dele.

— Têm muitas que tentam uma vida inteira e não conseguem, Selena. — Olhei-o, após controlar minhas lágrimas e comprimi meus lábios em uma linha reta, denunciando meu descontentamento.

— É, eu imagino — disse não muito contente em saber a exatidão de suas palavras.

— Por que não tenta um método mais tradicional, como o sexo mesmo? Muitas vezes, a inseminação artificial não traz grandes progressos a algumas mulheres, mas ao se relacionarem dentro do período fértil, conseguem com mais certeza e eficiência — sugeriu.

Sorri um pouco desconfortável, pois não queria me relacionar com alguém só para realizar meu sonho, por isso vinha tentando incansavelmente o meio de inseminação artificial e, assim, não teria motivos para manter contato com um homem, só por causa do bebê. Preferia não me arriscar.

— Como você sabe, eu não tenho marido ou namorado. Não vou negar que fiquei com alguns homens, mas não passou disso. E fazer sexo com qualquer homem só para realizar esse sonho, não seria justo. Nem comigo nem com a outra pessoa, entende? — Tentei soar convincente e ele confirmou com um acenar de cabeça.

— Tem sentido, Selena. Mas não precisa pensar em arranjar um homem só para isso. Tente um relacionamento. Sei que muitos homens após os trinta anos desejam ter uma família — proferiu.

— Nem todos, doutor. — Forcei um sorriso e ele concordou comigo.

Depois disso, eu fui liberada. Caminhei para fora dali e encontrei minha prima. Eu estava super contente por tê-la ali comigo, mas vi em seu rosto o quanto esperava que eu desse uma notícia positiva, mas assim que lhe contei

tudo, ela me abraçou pesarosa, pois havia confiado que dessa vez, tudo daria certo, mas não aconteceu.

Após sair dali, eu pedi ao Alfredo para nos levar de volta a minha casa, onde eu poderia me enfiar debaixo do meu edredom e chorar incontrolavelmente, só com o consolo do total silêncio de meu quarto. Juliana me acalentou em meio a afagos, e lágrimas rolaram de meus olhos, não fui capaz de segurá-las. Tamanha era a dor que estava sentindo.

No instante em que chegamos em casa, eu caminhei para dentro, tristemente.

Confesso que continuar persistindo na realização do meu sonho de ser mãe, estava ficando cada vez mais difícil. Têm vezes que me dá vontade de desistir — pensei, desolada.

Dr. Guilherme pediu que eu ficasse de repouso por hoje, não pela perda do bebê, afinal de contas, ele já estava morto. Só tinha de esperar meu corpo expeli-lo, pois como era recente — apenas um mês — não seria necessário uma curetagem. Ele havia analisado no resultado do ultrassom e constatou que não havia necessidade, era só aguardar. Dr. Guilherme deve ter percebido o grau da minha tristeza, vendo-a me corroer por dentro através do meu olhar.

Logo avistei a dona Nice, que apareceu no corredor que levava até a sala de estar, por onde eu estava passando com minha prima. Cansada de me fazer forte, rompi num choro irrefreável e no instante em que ela me viu desmoronar em lágrimas, o sorriso que prevalecia em seu rosto se desvaneceu por completo, dando espaço a uma feição triste. Antes mesmo que chegasse até mim, eu corri até seus braços que me aguardavam já abertos e, eu a abracei como se fosse uma pilastra no qual me manteria de pé. Viva.

— Calma, querida. — Senti sua mão passar por minha cabeça a fim de acalantar minha dor, e diante de seu gesto o meu choro aumentou.



Nesse momento, eu me encontrava em meu quarto. Depois de ter chorado por longos minutos em meio ao abraço da dona Nice, eu finalmente havia conseguido refrear minhas emoções, e ela instruiu a minha tia Marília para me acompanhar até meus aposentos. Juliana não veio, ficou no andar debaixo, alegando que faria companhia para a dona Nice.

Assim que tomei um banho, uma sensação de alívio parecia ter me tomado por completo, mas no instante em que deixei o banheiro e me acomodei na cama, a realidade voltou a me atingir em cheio, fazendo a tristeza se apoderar

gradativamente do meu interior. Era um misto de dor, perda, raiva e, principalmente, frustração; por saber que talvez, o destino não me quisesse como mãe, e ter noção disso acabava por dilacerar ainda mais o meu coração. Só fazia com que minha esperança que um dia foi tão presente, se tornasse quase que inexistente.

— Não fique assim, minha filha. — Minha tia se sentou na beirada da minha cama, tentando me tirar da solidão que predominava meu coração. Parecia que tinha perdido uma parte de mim. Na verdade, eu tinha.

— É tão difícil de entender, tia! — Funguei ao limpar as lágrimas que banhavam meu rosto, eu não conseguia contê-las. — Eu só queria poder realizar meu sonho de ser mãe. Por que isso é tão complicado? — Olhei-a em meio ao choro.

— Selenia, eu sempre te disse que as coisas não acontecem como queremos. Tudo é no tempo de Deus, não adianta querer precipitar nada — proferiu carinhosa, tentando fazer com que eu entendesse o que havia dito.

Balancei a cabeça em negativa.

— E quando será que esse meu tempo chegará, perante a visão de Deus, tia? Afinal de contas, eu venho tentando há quatro anos e nada acontece. Na verdade, somente falhas miseráveis — falei consternada e com dificuldade para conter minhas lágrimas.

— Calma, querida. No final, tudo dará certo. — Ela se esticou até mim e me abraçou. Em meio ao nosso abraço, eu chorei baixinho, enquanto sentia a dor pesar em meu coração.

Será que eu não merecia ser mãe, era isso? Se porventura, a resposta fosse sim, eu desejaria muito entender o porquê de tantos percalços.

Já não tinha mais esperanças quanto a esse meu sonho. Sentia-me muito esgotada.



CAPÍTULO 18

GUTIERREZ

— São apenas essas informações que eu precisava. Obrigado pela ajuda, Diana — Agradei, assim que ela me entregou a pasta.

— Sabe que pode contar comigo, Gutierrez. Agora me deixa ir, talvez precisem de mim já que a Selenia ainda não chegou. — Franzia o cenho, estranhando o fato da Selenia não ter chegado ainda, pois já beirava às dez horas da manhã e ela costumava ser bem pontual, diga-se de passagem.

— Ainda não chegou? — Diana negou. — Mas aconteceu alguma coisa com ela? — Não escondi minha preocupação.

— Ainda gosta dela, não é? — Diana inquireu, mas pelo olhar que me lançou, eu sabia que ela tinha ciência da minha resposta.

Diana vinha sendo uma informante para mim — de forma indireta, pode-se dizer assim — em relação à Selenia. Como as duas eram muito próximas, Diana deixava escapar algumas coisas sobre a Selenia e, eu não achava ruim, jamais! Por exemplo: Em meio a algumas análises de compras de tecidos que eram feitas, Diana sempre estava presente em minha sala para acompanhar de perto, já que Selenia evitava ficar próxima a mim. Como mulher não consegue guardar tudo para si, algo do qual — Diana não era diferente — ela acabou me falando que aquele ser desprezível do Diogo vivia tentando arranjar um meio de convencer Selenia a sair com ele, porém havia se dado mal, pois pelo que me tornei ciente, ele nunca tinha tido oportunidade. E como eu ficava? Ah, muito contente. Não sabem o quanto.

Ouvi-me respondê-la:

— Talvez. — Dei de ombros ao ajustar minha postura sobre a cadeira e passei a mão por meu queixo, sentindo minha barba rala. Eu não queria ter de expor meus sentimentos.

Ela sorriu e me olhou divertida. Para ser sincero, eu não estava gostando daquele sorriso.

— Pode continuar mentindo, mas eu sei que gosta e muito dela. Você não me engana, Gutierrez. Afinal de contas, desde aquela vez que você a insultou na sala dela, sobre as amostras da coleção de lingerie que a própria havia desenhado para a loja, foi que me peguei com uma pulguinha atrás da orelha, porém pensei que era coisa da minha cabeça. Só que quando eu te beijei e você me afastou, afirmando que não era uma boa ideia nos envolvermos, essa desconfiança se tornou mais vívida e, então, aconteceu de... — ela desviou os olhos dos meus e

mordeu seu lábio inferior, parecia querer evitar de prosseguir com o que diria.

— Vá em frente. — Gesticulei ao estreitar meus olhos, pedindo que desse seguimento.

Ela soltou o ar de uma vez e continuou:

— Bom, um tempo atrás, eu acabei vendo vocês se beijando na sala dela. — Merda! Diana e sua mania horrorosa de sempre querer entrar na sala de Selenia sem se pronunciar antes.

Apertei meu cenho e respirei fundo. Eu não queria que ninguém soubesse de meus sentimentos em relação à Selenia. Era antiético, mas não consegui evitar. Quando percebi, já estava gostando dela. Não era para menos, pois Selenia é uma mulher determinada, ativa e muito desejosa. Eu seria um tolo, caso não tivesse percebido isso desde o primeiro dia que a vi.

Eu e Diana acabamos nos aproximando mais, desde o dia em que fui indelicado com Selenia. Afinal de contas, mesmo eu pedindo desculpas, ela meio que se mostrou ainda mais fechada para minhas investidas. Claro que consegui beijá-la outras vezes, pegando-a desprevenida e, mesmo em meio ao nosso beijo voraz e faminto, eu era empurrado para longe em seguida. Era sempre assim, não passava disso. O pior é que eu estava ficando de bolas roxas, tamanha era minha vontade de transar com Selenia. Ter minhas mãos e boca em cada parte do seu corpo com avidez. É certo que isso se tornou inalcançável, pode-se dizer assim.

Há meses, eu vinha ansiando empurrá-la para longe da minha mente, tentando deixar meus pensamentos libertinos de lado em relação a ela, mas havia se tornado uma tarefa impossível. Cada vez que eu saía na noitada com Gustavo e ousava apenas beijar alguma mulher, no qual me chamasse a atenção, automaticamente me remetia a Selenia e o beijo se intensificava, porém, eu perdia o controle e logo estava chamando pelo seu nome. Era uma completa droga, pois em seguida, eu me via sozinho e com uma ereção dolorosa. Um verdadeiro desastre!

Por fim, eu a respondi:

— Se não for muito rude da minha parte, eu prefiro não entrar nesse assunto, Diana — Tentei soar educado.

A vi comprimir seus lábios em um sorriso sem graça.

— Tudo bem. Eu respeito sua vontade, mas quero deixar claro que não sou e nunca serei um empecilho para vocês dois, caso venham a ter algum envolvimento. — Apenas assenti, deixando claro que havia entendido seu ponto. — Aliás, você já deve ter ouvido o pessoal comentando que estamos juntos. — Soltei um riso nervoso. Afinal de contas, se isso também chegou aos ouvidos da

Selena, se tornaria ainda pior o objetivo de conseguir tê-la para mim.

— Só pode estar brincando. — Bufei desgostoso, diante daquela informação. — E, não, eu não sabia que este boato estava rondando por aqui. Aliás, de onde tiraram isso? — Indaguei curioso.

— Pelo fato de estarmos mais próximos. Apenas isso — informou.

Pensei por um instante.

— Bom, isso não importa. Sabemos que não passa de um boato muito mal elaborado — frisei.

— É verdade — Diana afirmou. Pensou por um momento e voltou a falar. — Posso sugerir algo? — Indagou e logo assenti. — Olha, a verdade é que a Michele me informou que Selena não virá hoje. Disse que ela estava indisposta e resolveu não vir — deixei-me ciente.

— Que bom. — Suspirei aliviado ao saber que Selena estava bem, mas apenas indisposta.

— Por que não vai até a casa dela? — Gargalhei divertido, pois foi inevitável.

— O que iria me sugerir, Diana? — Indaguei ao me recompor, após minha gargalhada. Ignorei completamente sua pergunta.

— Minha sugestão é essa! Vá à casa da Selena — disse veemente.

— Deixe de brincadeira, Diana. A Selena não me quer por perto — fui sincero.

Ela bufou ao revirar os olhos.

— Vocês homens são tão cegos. Aff! — Observei ela passar a mão em seus cabelos e continuou: — Se uma mulher se derrete ao ser beijada e mesmo assim, prefere se manter distante, alguma coisa ela sente por você. — Descansei meus antebraços sobre a mesa e entrelacei os dedos de minhas mãos, prestando a devida atenção no que era falado. — Vai por mim, a Selena vai gostar de vê-lo por lá.

— Eu não sei se acredito nisso. Afinal, tenho motivos o suficiente para dizer com extrema certeza que ocorrerá o contrário.

— Faz o seguinte: tenta, mas se acaso acontecer o que você tanto afirma, é simples, basta ir embora — disse sem rodeios.

Passei meu dedo indicador sobre meu queixo, sentindo minha barba rala. Tornei-me pensativo, analisando sua sugestão.

— Admito que faz sentido. — Ela sorriu, parecia contente com minha resposta. — Mas vou pensar sobre — Diana me desejou boa sorte e assenti. Em

seguida, saiu de minha sala.

Suspirei alto e passei a mão pelo meu rosto. Recostei em minha cadeira e me tornei pensativo.

Diana era uma mulher alto astral, simpática e bonita. Há algumas semanas, ela me beijou dentro do meu carro após termos entrado no estacionamento do restaurante, no qual tínhamos ido almoçar juntos no horário de almoço da *Sexy Girl's*. Porém, eu a afastei em seguida, pois não era justo nos envolvermos. Meu coração desejava outra. Então, fui sensato e apenas frisei que aquilo não era uma boa ideia. De imediato, ela demonstrou tristeza perante meu ato, mas logo se recompôs e me pediu desculpas, porque não imaginava que eu estivesse gostando de alguém e jamais ousaria me "roubar" da mulher sortuda que havia me conquistado. Eu sorri com de sua expressão, afinal, mal sabia ela que se tratava de Selenia e, a própria não fazia outra coisa a não ser me afastar. Entretanto, nenhuma outra mulher me interessava, continuava sendo apenas ela.

Confesso que eu queria muito ter dado uma chance a Diana, porque talvez, ela pudesse me enxergar, reconhecer o homem que sou, porém, eu sabia que não seria a mesma coisa, caso fosse com Selenia. Era diferente. Não sei explicar. Eu só tinha ciência que minha adrenalina ia às alturas ao me ver diante dela. Não conseguia me manter distante por muito tempo ao estar em sua presença, sempre a tinha entre meus braços e lhe beijava, mas era afastado em seguida. Como sempre.

Deixei meus pensamentos de lado e voltei ao trabalho. Assim que deu o horário do almoço, eu arrumei minha pasta e saí da minha sala. Aproveitei que Michele não tinha se retirado para ir almoçar e informei que não retornaria após o almoço. Ela assentiu e rumei para as escadas.

No estacionamento, eu entrei no meu carro e após colocar a pasta no banco do carona, coloquei a chave na ignição, porém não a girei. Pensativo, acabei tomando uma decisão. Rapidamente alcancei meu celular dentro do bolso do meu paletó e enviei uma mensagem através do WhatsApp, para Gustavo. Minha sorte é que ele estava online e logo me passou o que pedi. Em seguida, eu o agradei e dei partida, saindo dali.

Como era o horário de almoço, o trânsito estava um verdadeiro caos. E, em meio ao percurso, eu pensei várias vezes em pegar o primeiro retorno e ir em direção à minha casa, mas logo uma autoconfiança tomava posse de mim e tratava de empurrar para bem longe aquele pensamento. Afinal, eu tinha que mostrar que não havia desistido dela, muito pelo contrário. Selenia seria minha.

Passado todo o tormento do trânsito, eu finalmente estacionei na frente

dos portões da casa de Selenia. Uma verdadeira mansão, digna para moradia de uma rainha, assim como ela era. Sim, eu a via dessa forma.

Desci do carro e segui até os portões. Identifiquei-me a um dos seguranças e logo a minha entrada foi autorizada. Na porta da casa, Juliana, a prima de Selenia, no qual era uma negra linda e que eu me lembrava muito bem, decorrente da noite que estive na casa noturna *Lunatic*, me saudou sorridente.

— Não se lembra de mim, eu sou...

A interrompi:

— Eu me lembro bem, sim. É a Juliana, prima de Selenia. — Ela sorriu surpresa e entramos.

— Bela memória a sua — elogiou e eu agradeci. — Veio falar com a Selenia? Se for, eu... — antes que ela terminasse de falar, uma mulher de um pouco mais de cinquenta anos, chegou até nós.

— Desculpe incomodar, senhorita Juliana, mas vim avisar que já preparei a bandeja com o almoço da Selenia. — Eu franzi o cenho ao escutá-la e tive uma ideia.

— Obrigada, Dália. Eu mesma levarei para ela — Juliana falou e a mulher saiu em seguida. — Bom, como eu estava dizendo... — ela prosseguiu, mas não permiti.

— Posso levar o almoço para ela? — Juliana me olhou incrédula, diria que até duvidosa.

Ela soltou um riso nervoso e respondeu:

— Sabe, Gutierrez... não é uma boa ideia. A Selenia... — impedi novamente que ela continuasse de falar.

— Não farei nada demais. Eu prometo — falei sério e descansei uma de minhas mãos em um dos bolsos dianteiros da minha calça.

Ela me olhou, parecia pensativa. Passou a mão em seu cabelo, por fim, soltou o ar rapidamente.

— Tenho certeza que Selenia vai querer me matar, mas tudo bem. É por uma causa maior. E sim, eu vou permitir. Mas, peço que não a importune. Ela está... — ponderou, pesarosa —, um pouco fragilizada e o que menos precisa é de mais problemas — falou tristemente.

Apenas assenti, deixando claro que não levaria qualquer problema para Selenia. Afinal, eu me encontrava muito curioso para saber o porquê de sua fragilidade. Eu queria saber o que estava acontecendo com Selenia e descobriria.

E caso fosse preciso, eu levaria a força necessária para ela se

restabelecer.



CAPÍTULO 19

SELENA

O dia amanheceu, e para falar a verdade, eu vi toda a noite passar em claro. Fiquei acordada sem conseguir dormir. Até tentei, mas a cada maldito segundo que ousei descansar minhas pálpebras, pensamentos ruins inundavam minha mente e, eu simplesmente preferi me manter de olhos abertos.

Lágrimas ainda rolavam por minhas bochechas; não fui capaz de contê-las completamente. Ainda doía e como doía!

Solucei em meio à outra enxurrada de lágrimas. Com a visão turva, eu olhei minhas mãos sobre meu colo, enquanto me mantive recostada na cabeceira da minha cama. Eu me encontrava uma bagunça: tanto sentimental quanto física, e na alma também. Definitivamente, eu havia percebido que talvez, por alguma razão, a felicidade nunca haveria de bater em minha porta.

Poxa! Eu só queria ser mãe, ter um filho! Será que era pedir demais? — Pensei, consternada e pesarosa.

Chorei um pouco mais, até passar as mãos em meu rosto para limpar minhas lágrimas, tentando de alguma forma contê-las. Eu tinha que me levantar, mas me faltavam forças para isso. A verdade é que eu queria a morte. Sim, não estava com meus pensamentos em ordem.

Balancei a cabeça a fim de afastar aqueles pensamentos horrendos e inspirei o ar com força, até senti-lo preencher meus pulmões por completo. Em seguida, o soltei com calma, aos poucos, até me sentir mais tranquila; diante disso, eu forcei minhas pernas para fora da cama e ao colocar meus pés no chão, eu o senti frio. Segui até o banheiro e ao me olhar no espelho sobre a pia, não fui capaz de me reconhecer.

Notei meus olhos avermelhados e, em decorrência do sono acumulado, continham olheiras. Abaixei minha cabeça e segurei firme na borda da pia, tentando ao máximo não deixar aquela dor tão intensa e cortante, vir à tona novamente. Mordi meu lábio querendo sufocá-la dentro de meu peito.

Fechei meus olhos fortemente, enquanto puxei e soltei o ar com tranquilidade. Eu precisava me manter forte, por mais que não estivesse obtendo sucesso no momento, mas era necessário reerguer minha cabeça e seguir em frente, assim como tinha feito nas outras três falhas, nos quais obtive. Porém, naquele momento não. Naquele momento, eu só queria continuar ali, no silêncio sepulcral do meu quarto e evitar dar atenção ao barulho que minha mente fazia. Eu não queria ouvi-la. Era doloroso ter que relembrar que mais uma vez, a

chance de ser mãe havia sido tirada de mim de forma abrupta. Sem piedade.

Agi no automático ao abrir a torneira e lavar meu rosto. Escovei meus dentes e retirei meu roupão, eu precisava urgentemente de um bom banho, ao menos para tentar apaziguar o enorme cansaço físico e mental que sentia naquele momento. Assim que me coloquei debaixo da água quente do chuveiro, foi inevitável não suspirar fundo. Fechei meus olhos enquanto a sentia cair sobre meu rosto e mesmo com aquele horrível aperto no peito, eu me mantive concentrada nas sensações que aquele banho estava me trazendo. E, pela primeira vez no dia, eu pude notar meus ânimos mais calmos, contidos.

Após terminar de me ensaboar, lavar meu cabelo e corpo, eu dei meu banho por encerrado. Saí do Box e me enrolei num roupão; na cabeça, eu coloquei uma toalha envolta para tirar a umidade do meu cabelo. Novamente diante do espelho, eu notei minha aparência um pouco melhor, mesmo assim, passei apenas uma base no rosto.

Deixei o banheiro ao finalizar, e Juliana estava me aguardando, sentada na beirada da minha cama. Assim que me viu, eu notei seu semblante preocupado e naquele mesmo instante, ela se levantou e veio ao meu encontro, me envolvendo em um abraço reconfortante e apertado. Eu segurei minhas lágrimas, tive que ser forte em relação a isso, pois meu coração se comprimia no peito. Tamanha era a dor que o preenchia.

— Não ousarei perguntar como está, Lena. Sei bem que sua resposta será negativa e, eu entendo perfeitamente. Mas saiba que sempre estarei aqui ao seu lado, seja para o que for — proferiu pesarosa, em meio ao nosso abraço e eu o intensifiquei, apertando-a mais entre meus braços. Aquele tipo de afeto me ajudava a me manter de pé. Eu era grata por tê-la tão preocupada e, principalmente, por ser minha prima e tê-la em minha vida.

— Obrigada — Saiu somente essa palavra por entre meus lábios. Se eu falasse muito mais coisas, eu estaria perdida em meio a muitas lágrimas novamente. Sinceramente, eu não queria isso. Precisava evitar, precisava mostrar uma força que nem sabia ser existente em mim.

Nos desvencilhamos em seguida e ela segurou minhas mãos, apertando-as nas suas. Olhou em meus olhos e identifiquei tristeza contida nos seus. Perdida em minha dor, eu apenas comprimi meus lábios em linha reta num sorriso sem graça e desviei meu olhar, tornando-me cabisbaixa.

— Não vai tomar café da manhã? — Indagou e voltei a olhá-la.

— Estou sem fome — informei.

Retirei minhas mãos das suas e caminhei de volta para minha cama.

Após eu me acomodar, ela se sentou ao meu lado.

— Lena... — seu tom saiu baixo e aproveitei para retirar a toalha que estava enrolada no meu cabelo.

Suspirei tristemente.

— Por favor, Ju. Eu... eu não quero. Não insista — pedi em tom de súplica.

— Tudo bem. Tome ao menos um suco, então? Eu já trouxe. — Olhei para ela, que apontou para uma bandeja sobre o criado-mudo.

Sem muita alternativa, eu apenas assenti. Ela pegou a toalha da minha mão e foi até o banheiro, voltou sem a mesma. Aproveitei e me estiquei até a bandeja e peguei o copo de suco.

— Como havia me pedido, eu liguei cedo na loja e avisei para a sua secretária que você não iria hoje, pois estava indisposta — Juliana me deixou ciente, enquanto eu bebericava o suco.

— Obrigada. — Forcei um sorriso sem graça e bebi um pouco mais do suco. Não consegui beber tudo, o estômago realmente não pedia nada. Eu só queria me aprofundar em minha tristeza, deixar que mais lágrimas se derramassem de meus olhos.

Devolvi o copo com metade do suco à bandeja e voltei a recostar na cabeceira da cama.

— Eu vou deixá-la sozinha, então. Fique bem, Lena. — Ela me deu um beijo na testa e saiu do meu quarto em seguida.

Definitivamente, eu não estava bem. Meus olhos voltaram a umedecer e engoli em seco, tentando controlar as lágrimas. Um nó havia se formado em minha garganta. Passei a mão em meu pescoço com o intuito de aliviá-lo, mas foi em vão. Logo senti minhas pálpebras pesarem e sem alternativa, eu me ajeitei melhor na cama e puxei o cobertor para cima de mim.

Meu corpo e minha mente clamavam por descanso. Por fim, fechei meus olhos e me entreguei ao sono.



Senti algo macio acariciar meu rosto e eu sorri contente com aquela sensação. Uma paz havia me preenchido, como se todo o meu tormento houvesse passado. Permaneci de olhos fechados e fiquei ali, aproveitando mais um pouco daquele sentimento, eu não queria que acabasse, pois sabia que ao abrir minhas pálpebras a realidade bateria em cheio e me faria ver que no

momento, não existia paz alguma para mim, apenas dor.

Logo senti meus lábios serem contornados e franzi meu cenho ao achar aquilo estranho. No instante em que abri meus olhos, eu quase não acreditei em quem estava ali, me olhando com total admiração. Ele afastou sua mão, e sentado ao meu lado na beirada da cama, ele continuou inspecionando meu rosto.

Sentei em minha cama e puxei o roupão contra meu corpo. Gutierrez acompanhou esse meu ato com o olhar, e um sorriso preguiçoso tomou seus lábios. Olhei-o firmemente, deixando claro através do meu olhar que não havia gostado daquilo, ele apenas continuou sorrindo e meneou a cabeça em negativo.

— Você tem uma beleza sem igual, Selenia — Gutierrez me elogiou e eu fiquei sem reação. O vi se aproximar ainda mais e pegar uma mecha do meu cabelo entre os dedos. — Tem um ar tão sereno quando está dormindo — Deixou-me ciente e, eu não sei o porquê, mas meu coração disparou no peito, fazendo minha respiração aumentar gradativamente.

Em meio ao seu ato e meu momento de puro torpor, continuamos nos encarando profundamente. O sorriso que a pouco abrilhantava seus lábios desejosos, já não existia mais. Seu semblante se encontrava sério e seu olhar logo deixou meus olhos, fixando-se em minha boca.

Fechei meus olhos tentando sufocar a vontade louca que estava de me jogar em seus braços e me render ao desejo de beijá-lo. Em seguida, bufei contrariada comigo mesma, pois meu corpo clamava por ele. Porém, eu me lembrei de que ele pertencia a outra e não a mim. Enfim, abri minhas pálpebras e Gutierrez se encontrava ainda mais próximo, dava para sentir sua respiração batendo contra meu rosto.

Tratei de empurrá-lo e me coloquei para fora de minha cama.

— O-o que está fazendo aqui? — Gaguejei minimamente e me condenei mentalmente por permitir que ele me afetasse tanto, apenas estando em sua presença.

— Eu vim vê-la, afinal de contas, não foi à loja hoje. — Ele se levantou e o assisti colocar uma de suas mãos dentro do bolso dianteiro de sua calça social.

Infelizmente, minha mente começou a imaginar coisas insanas após vê-lo em seu traje formal, no qual sempre lhe caía perfeitamente bem. Admito que o homem era um verdadeiro pedaço de mal caminho. Porém, ele já tinha dona.

— Não deveria ter se deslocado até aqui para isso, pois bastava ter se informado com a Michele. Foi avisado o porquê de minha ausência — proferi firmemente.

Eu não sabia dizer de onde tinha surgido toda aquela força que me preencheu de forma repentina. Inusitadamente, a tristeza que me assolava grandemente, pouco tempo atrás, já não se encontrava tão presente. Porém, eu ainda podia sentir meu coração comprimir-se no peito.

— Eu me preocupo com você, Selena. — Estreitei meus olhos para ele e cruzei meus braços. Não podia acreditar em tamanho descaramento de sua parte.

— Gutierrez, faça um favor para nós dois e vá embora, por favor. Já tenho problemas e chateações o suficiente em minha vida para vir me preocupar com mais um. — Ele franziu o cenho e caminhou em minha direção. — Não se aproxime, apenas vá embora — ressaltei.

Ele fingiu não me ouvir e quando menos previ, ele segurou em meus braços, acima de meus cotovelos e olhou firmemente em meus olhos.

— Eu não vou embora e sei muito bem que você não quer isso — Gutierrez proferiu entre dentes.

— Você não sabe o que eu quero, pois não me conhece — enfatizei.

— Você pode mentir o quanto quiser para si mesma, menos para mim, Selena. — Soltei um riso, diante de tamanha ironia. — Sua boca profere palavras que não correspondem com o que seus olhos demonstram — Tornei-me séria perante sua observação e desviei meu olhar do dele.

Tentei sair de seu agarre, mas foi em vão.

— Me solte! — Exclamei irritada.

— Não — negou veemente.

— A Diana sabe que você está aqui, se preocupando com outra mulher? — Soltei nervosa.

— Diana não me interessa, Selena — falou, olhando firmemente em meus olhos.

Soltei um riso nervoso.

— Quer que eu acredite nisso? Só falta me negar que não está ficando com a Diana — indaguei de forma irônica, incitando-o em seguida.

— Eu não estou ficando com a Diana, Selena. — Eu sorri divertida, diante de sua mentira. E, então, ele intensificou seu agarre em meus braços, fazendo-me grudar em seu peitoral e nossas bocas ficaram ainda mais próximas. — E não me importa se acredita nisso, porque só preciso que acredite em uma coisa... — ele ponderou e somente nossas respirações elevadas foram ouvidas em meio ao eco do meu quarto — A única mulher que me interessa é você, Selena. — Assim que terminei de ouvi-lo, as palavras evaporaram da minha

boca, e minha mente se tornou límpida, ao ponto de não ser capaz de raciocinar direito.

Estaria ele falando a verdade? — Pensei. Essa era a única dúvida existente em minha cabeça.



CAPÍTULO 20

GUTIERREZ

Continuamos nos encarando, mas Selena não ousou me responder; eu apenas vi sua boca abrir minimamente por duas vezes, mas não disse nada. Afrouxei o agarre de uma das mãos, no qual permanecia em seu braço e fiz um movimento de sobe e desce, acariciando sua pele por sobre o tecido do roupão que usava. Aliás, várias insanidades passaram por minha cabeça naquele instante, ocasionado pelo fato de vê-la vestida daquela maneira.

Observei ela desviar seu olhar e abandonei um de seus braços. Levei minha mão abaixo de seu maxilar e a fiz voltar sua atenção para mim novamente. Ela o fez, porém fechou suas pálpebras e umedeceu os lábios e, em seguida, soltou o ar rapidamente, gesto que demonstrou o quanto parecia cansada.

Constatar aquilo me deixou surpreso, pois eu sempre a vi com o semblante determinado, postura ereta e cabeça erguida. Jamais poderia cogitar vê-la com a guarda baixa. Sinal que ela era um ser humano como qualquer outro, no qual também demonstrava suas fraquezas, quando já não mais as suportava sozinha.

— Olha, Gutierrez, eu... — ela começou a falar depois de abrir seus olhos, que por sua vez, pareciam um pouco umedecidos, e uma preocupação me assolou ao perceber tal emoção contida neles.

Logo a interrompi, não permitindo que continuasse:

— Selena, conversa comigo. Sei que você não está bem e também tenho ciência de que não temos intimidade para isso. Porém, apenas uma vez na vida, tente acreditar em mim, no que eu disse agora a pouco. Permita-nos uma aproximação maior. Deixe que nossos sentimentos falem por nós mesmos. Não nos prive disso — Ela me encarou impassível e meu polegar contornou novamente seus lábios, observando minimamente seus traços. — Eu gosto de você. Eu a quero, mas necessito que não me afaste. Pelo contrário, me mantenha perto o suficiente para cuidar de você. E não negue que também sente o mesmo por mim, porque você sabe muito bem que estará mentindo e pior: para si mesma — proferi, ainda vidrado em seus lábios rosados, relutando contra a vontade de grudá-los aos meus.

— Eu... — ela começou a falar, porém ponderou. Aguardei que continuasse. Eu a vi fechar os olhos e no instante em que os abriu, lágrimas os inundaram. — Eu estava grávida, Gutierrez — Assim que a ouvi, eu me afastei

instantaneamente; foi automático.

— Grávida? — Indaguei, incrédulo. Não era possível! Vi lágrimas escorrerem dos seus olhos, assim que assentiu.

Naquele momento, diante daquela confissão, eu me vi perdido. Apenas uma pergunta dominava a minha mente. Soltei um riso amargo, me distanciando o máximo possível dela e passei os dedos furiosamente entre os fios do meu cabelo.

— É do Diogo? — Quando menos previ, eu já tinha soltado a pergunta que martelava fervorosamente em minha cabeça.

— Não! — Escutei-a exclamar com veemência.

— E de quem é? — Voltei a questionar.

— Não ouviu o que eu disse, não é mesmo? — Franzi o cenho sem entendê-la, e ela soltou um riso sem graça em meio ao choro.

Eu havia ouvido tudo atentamente. Ou não? — Pensei.

— Eu ouvi. Você disse que estava grávida. — Só então percebi o quanto eu não tinha me atentado que sua confissão se referia ao passado. — Espera. Você disse... estava? — Voltei a perguntar, duvidoso.

— Sim, eu disse. Eu estava — afirmou ao cruzar seus braços, parecia querer formar um escudo em sua volta para se proteger.

— Isso quer dizer que...

Ela não permitiu que eu terminasse.

— Que eu perdi. — Notei mais lágrimas escorrerem pelo seu rosto e acabei com o espaço que existia entre nós.

Fui incapaz de continuar distante. Eu queria protegê-la e o faria. Ainda não sabia quem era o pai do bebê, no qual ela havia perdido, desconfiava que pudesse ser o Diogo, ex dela, mas, por hora, aquilo não era de grande importância. Afinal, naquele momento, eu só estava visando uma única coisa: Seu bem-estar.

Ela apoiou seu rosto em meu peitoral e a ouvi fungar. Seu cheiro tão floral ficou completamente em evidência, fazendo não só o meu instinto protetor falar mais alto, mas também meus batimentos cardíacos acelerarem. Sem querer focar muito em meus sentimentos, eu a levei até sua cama e pedi que ela ficasse calma. Coloquei-a sentada e fiquei abaixado, de frente para ela.

— Converse comigo, Selena. É só isso que eu peço — pedi com a garganta seca, pois me sentia perdido diante de seu choro. Afinal, eu não estava entendendo bem o que se passava com ela. E eu queria entender.

Eu a vi respirar fundo, tentando controlar o choro. Em seguida, passou uma de suas mãos pelo seu rosto, limpando a umidade das lágrimas.

— Na época em que descobri o primeiro mioma, eu fui instruída pela ginecologista, da pequena cidade no interior do Piauí, no qual, eu morava, a retirá-lo, contudo os recursos de lá são escassos, e mesmo eu sendo uma "pobretona", não me importei em deixar a cidade e vir para São Paulo, em busca de um melhor tratamento. — Ela fungou, parecia mais calma e sorriu sem graça. — Quando cheguei a São Paulo, conheci a dona Nice, no qual me estendeu a mão. Serei eternamente grata a tudo o que ela fez por mim, desde moradia, emprego, incentivos e afins. Nesse meio tempo, eu batalhei para obter sucesso no mercado de trabalho, e consegui uma bolsa universitária de cem por cento, para cursar designer de modas. — Selenia me encarou com os olhos úmidos; eles estampavam emoção e admiração. — Depois de um ano, dona Nice decidiu pagar meu primeiro procedimento de inseminação artificial, no qual não deu certo. — Eu a vi fechar suas pálpebras, e ao abri-las, continuou: — Já venho tentando engravidar a quatro anos, através da inseminação artificial e simplesmente... não consigo. — Rompeu em lágrimas após terminar de falar, e com o coração apertado diante de seu estado tão frágil, eu me levantei e sentei ao seu lado. Puxei-a para meu colo e a abracei mantendo-a junto ao meu peito, enquanto afagava seu cabelo que se encontrava com algumas mechas úmidas.

— Shiii... Calma, Selenia. Vai ficar tudo bem — Tentei acalmá-la com minhas palavras. Com o rosto encostado ao meu peito, eu pude senti-la apenas menear a cabeça em positivo.

Continuei ali, com ela entre meus braços, amparando-a naquele momento tão delicado. Eu não queria fazer muitas perguntas, pois sabia que seria ainda mais triste para ela me responder, além de ser muito difícil também. Sinceramente, nunca havia passado pela minha cabeça que Selenia teria o sonho de ser mãe. Queria perguntar o porquê de não ter tentado ou querer engravidar pelo método tradicional, mas sabia que ela poderia não querer me responder, pelo fato de ser um assunto pessoal, então, optei por permanecer calado.

Após algum tempo, eu a vi se afastar de meu peito, levantou sua cabeça e me encarou.

— Me desculpa. Eu não consegui me segurar — Desculpou-se, tristemente.

Peguei seu rosto entre minhas mãos e encarei seus olhos.

— Não faça isso. Não peça desculpas, Selenia. Não há o que desculpar. — Ela comprimiu os lábios em linha reta. — Na verdade, eu que tenho de pedir

desculpas por ter praticamente dito que o filho era do seu ex. — Fui sincero.

— Eu compreendo, Gutierrez — Selena disse mais tranquila.

Suspirei demonstrando total alívio após ouvi-la.

— Eu trouxe o almoço, já deve ter esfriado. — Ela sorriu fraquinho e eu a acompanhei.

— Obrigada, mas não estou com fome — frisou.

— Come ao menos algumas colheres, Selena. Eu insisto — pedi.

Ela me encarou por breves segundos e soltou o ar, cansada; respondeu um "tudo bem" em seguida. Quando fez menção em se levantar para pegar a bandeja com seu almoço, eu a coloquei ao meu lado e gesticulei para que permanecesse onde estava. Fui até a mesa que ficava no canto de seu quarto, destampeei o prato que havia dentro da bandeja e retirei o copo de suco, abandonando-o sobre a mesma.

— Deixe-me alimentá-la? — Perguntei ao me sentar de volta ao seu lado na cama, com a bandeja em mãos. Ela passou a mão em seu rosto, limpando qualquer resquício de lágrima ainda existente em suas bochechas e me encarou impassível.

— É melhor não, Gutierrez — Encarou-me com altivez e fez menção de se levantar, mas segurei em sua mão, impedindo-a de fugir de mim mais uma vez.

— Eu insisto, Selena. Sente-se! Vou alimentá-la.

Esperei ela voltar a me expulsar de seu quarto, mas para meu total espanto, eu apenas assisti ela se sentar na cama e encostar-se à cabeceira.

— Vou permitir que faça isso, mas com uma condição — frisou e, eu arqueei a sobrancelha em resposta. — Após terminar, é melhor ir embora.

— Tudo bem, Selena. — Sem alternativa, eu resolvi concordar para evitar mais um desentendimento entre nós.

Haviam preparado uma sopa para ela. A cada colherada que eu levava a sua boca, era inevitável não me sentir tão afetado diante de sua beleza extraordinária. Confesso que me encontrava fascinado.

— Já estou satisfeita — Ela me informou e, eu fui obrigado a parar de alimentá-la.

Peguei a bandeja e levei até a mesa no canto, e deposei-a sobre a mesma. Em seguida, eu peguei o copo de suco. Retornei até Selena e entreguei o copo a ela. Ao contrário da sopa, ela tomou tudo.

— Obrigada — agradeceu e colocou o copo sobre o criado-mudo.

Sem me dizer qualquer palavra, Selena se levantou e seguiu para o banheiro que havia em seu quarto. Com aquela atitude, eu soube que deveria ir embora, afinal de contas, eu tinha concordado com aquela condição. Enfim, eu alinhei meu paletó, fechando seu único botão e aproveitei para sair dali.

Cruzei o quarto e ao tocar na maçaneta, eu fui impedido ao ouvir a voz de Selena.

— Espere — pediu.

Voltei-me a fim de questionar o porquê, mas ela já estava bem próxima a mim. Seus olhos encaravam os meus com determinação e fervor. Fui pego de surpresa ao vê-la espalmar meu peitoral por sobre o paletó, mesmo assim, eu permaneci onde estava. Minha vontade era de agarrá-la, mas não o fiz.

— Só... faça-me esquecer os problemas. Beije-me, Gutierrez — pediu com um olhar suplicante ao envolver seus braços em meu pescoço, mantendo nossos olhares fixos.



CAPÍTULO 21

SELENA

No momento em que terminei de escovar meus dentes, eu encarei minha imagem refletida no espelho e pensei seriamente no que estava deixando de aproveitar. Afinal de contas, eu tinha um homem lindo, apenas me pedindo uma chance e o que eu vinha fazendo? O afastando cada vez mais! Como se todas as outras vezes que o mantive longe não tivessem sido o suficiente. Eu me encontrava cometendo a mesma idiotice.

Ao reconhecer aquilo, eu guardei minha escova e segui para fora do banheiro. No instante em que passei pela porta, Gutierrez se encontrava pronto para deixar meu quarto, mas fui rápida e o chamei, fazendo-o se voltar para mim. Quando menos previ, eu já estava próxima o suficiente e envolvi meus braços em seu pescoço, fitando-o profundamente, após pedir que me beijasse.

Eu sabia exatamente o porquê daquela minha atitude, simplesmente, ansiava por me desligar da dor que ainda latejava de forma tão intensa em meu peito. Desejava que seu beijo fosse mágico e pudesse me fazer enxergar com clareza ao meu redor, pois meus pensamentos estavam desordenados. A verdade é que Gutierrez me atraía como jamais outro homem conseguiu.

Ele ainda não havia me respondido, porém, fui incapaz de controlar meus próprios olhos e eles automaticamente fixaram-se em seus lábios. Havia sentido falta de seus beijos e ansiava verdadeiramente beijá-lo novamente. Podia até parecer cômico, mas eu me encontrava necessitada de ter seu toque voraz sobre mim como fazia antes.

— É isso mesmo que deseja, Selena? — Sua voz saiu rouca e identifiquei que se devia ao fato de ele também ansiar o mesmo que eu.

Sem proferir qualquer palavra, eu apenas me virei a encarar seus olhos e assenti.

Após aquele meu gesto, Gutierrez circundou minha cintura com veemência e fui incapaz de segurar um gemido baixo, mas audível o suficiente para demonstrar o quanto tê-lo com suas mãos sobre mim, me afetava. Desestruturava-me.

Meu corpo estremeceu ao tê-lo tão próximo, demonstrando sua virilidade.

Finalmente, eu estava tentando deixar minhas tristezas de lado. Havia percebido que precisava me desprender delas. Definhar-me aos poucos em meio a elas, não era o melhor caminho a seguir. Afinal de contas, naquele momento,

eu enxerguei o que há anos não me permitia viver. Sentir de verdade.

Há anos, a minha vida só girou apenas em torno do meu desejo de ser mãe. Um erro grande, no qual cometi, pois só acumulei falhas miseráveis. Porém, era tempo de dar um basta naquilo. Se acaso um dia fosse do desejo dos céus, me conceder a realização daquele meu sonho, eu ficaria imensamente feliz. Contudo, não tentaria mais. Tinha chegado ao meu limite.

Num rompante, Gutierrez atacou meus lábios com voracidade, levando-me ao completo êxtase. Entreguei-me ao seu beijo, deixando qualquer resistência que pudesse existir de lado. Eu o quis mais que tudo e aproveitaria cada segundo.

Senti uma de suas mãos ir de encontro a minha nuca. Em seguida, seus dedos entrelaçaram entre os fios de meus cabelos, puxando-os com veemência. Não doeu, pelo contrário, aquele ato foi capaz de fazer meu clitóris piscar freneticamente, clamando por atenção.

De olhos fechados, eu deixei seus lábios e o senti passear sua boca pela minha bochecha, até chegar à lateral do meu pescoço. Ele lambeu, mordeu e chupou minha pele exposta, aquilo me fez soltar o ar sofregamente e o ouvi grunhir rouco no meu ouvido, gesto que fez todos os pelos existentes em meu corpo se eriçar.

— Não sabe o quão louco você me deixa, Selenia — Sua voz era rouca, deixando evidente o grau de sua excitação.

Sua mão que estava em minha cintura, apertou minha carne sobre o tecido do roupão e tive ciência de uma umidade ainda maior entre minhas pernas. Felizmente, o sangramento que tive, havia parado na noite anterior. Lembrar disso, me fez abrir os olhos instantaneamente. Porém, não fui capaz de parar as sensações que meu corpo sentia a cada toque urgente de Gutierrez.

— Acho que sei exatamente o quão louco eu te deixo — Fui ousada e ouvi seu sorriso em tom baixo, enquanto ele continuava explorando a lateral do meu pescoço. Eu podia sentir sua barba rala arranhar vagarosamente minha pele, era extremamente divino.

— Hum... isso é bom — frisou com a voz rouca de desejo.

Desinibida, eu desci uma de minhas mãos que estavam em seu pescoço pelo seu peitoral e cheguei até sua ereção que se encontrava evidente. Apalpei seu membro rochoso sobre o tecido de sua calça social e sorri minimamente ao ouvi-lo praguejar um "inferno" em meu ouvido.

— Você tem razão, isso é realmente bom — Dei ênfase ao "bom" e fiz questão de apertar seu membro com extrema vontade.

— Não faz isso, Selena — Ele pediu com certa dificuldade, sua voz demonstrou sofrimento.

— Eu quero isso, Gutierrez — Continuei incitando-o ao alisar seu pau sobre o tecido da calça.

— Selena, pode ter certeza que não há uma única célula existente em meu corpo que não esteja em labaredas neste exato momento, ansiando tê-la abaixo de mim e marcá-la como minha. — Ele abandonou meu pescoço e me encarou, mas permaneceu com seus dedos entrelaçados aos fios do meu cabelo. — Mas não seria sensato da minha parte, fazer algo com você.

Eu engoli seco com sua declaração, mas sua recusa me atingiu em cheio. Diante do choque, eu tentei me afastar ao parar de acariciar seu pau sobre o tecido da calça, mas ele não permitiu e nos manteve da mesma forma em que estávamos.

— Solte-me! — Pedi amarga.

Estava me sentindo uma tola naquele exato momento.

— Selena, entenda. Você está num momento em que suas emoções estão abaladas, conseqüentemente, muito fragilizada e, eu não quero e muito menos vou me aproveitar disso para ter você — falou, olhando firmemente em meus olhos. Pude ver verdade estampada neles, pois demonstravam de forma límpida.

Mas me deixei dominar pela raiva de sua recusa.

— Mentiroso! — Tentei socar seu peitoral, mas ele apertou firmemente seu braço que estava envolto da minha cintura, e seus dedos que se encontravam emaranhados entre os fios de meus cabelos.

— Você sabe que não estou mentindo, Selena. — Fitei seus olhos e pude sentir seu hálito quente sobre a pele das minhas bochechas. — Quero que se entregue a mim quando estiver bem sentimentalmente, emocionalmente e consigo mesma. Não a terei antes que isso aconteça, pode acreditar — Ele completou, fazendo minha raiva diminuir gradativamente.

Finalmente, eu pude entendê-lo e ao invés de socá-lo, eu voltei a envolver os braços em seu pescoço e o puxei para um abraço reconfortante. Eu podia sentir meu coração descompassado. Tamanha era a admiração que Gutierrez estava me fazendo ter pelo homem que estava me demonstrando ser. Ele havia se preocupado comigo, antes do desejo carnal que ambos estávamos sentindo.

Além disso, havia outro sentimento, mas eu não queria focar nele. Já tinha sido golpeada demais pela vida e se errasse em entregar meu coração de vez a um homem, ou melhor, ao Gutierrez e que, perante a alguma circunstância

eu viesse a tê-lo destroçado, não sei dizer o que seria provável de me acontecer.

Simplesmente, não suportaria.

Por enquanto, eu preferia guardar esse sentimento apenas para mim. Quem sabe num outro momento, eu viesse a abrir meu coração para ele? Era uma hipótese.

— Obrigada! — Proferi em seu ouvido e ouvi-o sorrir.

— Não me agradeça, Selena. — Ele se afastou minimamente e pegou meu rosto entre suas mãos, olhando profundamente em meus olhos. — Você é uma mulher incrível, Selena. E posso dizer com total convicção que minha espera valerá cada segundo — Eu não sei dizer com exatidão o que senti diante de sua declaração, mas posso afirmar que foi uma sensação maravilhosa, e que fez meu coração esquentar num grau incalculável. Podia jurar que meus olhos deixaram isso bem claro, porque Gutierrez soltou um riso de canto, no qual realçou ainda mais sua beleza extraordinária, obrigando-me a atacar sua boca com urgência.

Nosso beijo começou voraz, porém, Gutierrez tomou o controle e foi tornando-o calmo, gentil e paciente. Sua língua entrou no vão da minha boca e mais uma vez, pude sentir nossas línguas se chocarem, levando um estremecimento para o meu corpo, fazendo-o se arrepiar instantaneamente. Passei minhas unhas em sua nuca e subi até estar com meus dedos entre os fios curtos de seu cabelo; puxei-os de forma contida e o ouvi soltar um grunhido gutural. Ele puxou meu corpo contra o seu novamente, quase sendo capaz de fundi-los e friccionou sua protuberância acima da minha virilha, mostrando-me o quão duro estava e o quanto me desejava. Tínhamos bons centímetros de diferença, pior ainda por eu não estar fazendo o uso dos meus saltos.

Não consegui me segurar diante do seu ato e gemi baixo, audível o suficiente para nós. Tão logo, ele capturou meu lábio inferior entre seus dentes e o sugou de leve, soltando-o em seguida. Ainda de olhos fechados, eu podia escutar o som de nossas respirações ofegantes.

— Acho que não vou desgrudar mais de você. — Eu sorri diante de sua colocação e ele sorriu de volta, dando-me um selinho.

Finalmente abri meus olhos, onde o encarei e vi luxúria e um fogo abrasador, estampados em seu olhar. Ele me queria assim como eu o desejava ferozmente. Porém, ele tinha razão em esperar eu me alinhar, tanto físico como mental.

— Não vamos nos precipitar, Gutierrez. É melhor irmos com calma — pedi. O medo de me machucar era gritante.

— Não se preocupe. Não vou ultrapassar qualquer limite que você impor. Se te deixa mais tranquila, nada do que vier a acontecer entre nós, será intitulado. Vamos permitir que o tempo se encarregue disso — proferiu com seu olhar fixo no meu e, em seguida, fez um carinho em minha bochecha.

Gutierrez era um homem sem igual. E cada palavra ou atitude que estava tendo para comigo, me deixava ainda mais confusa em relação aos meus sentimentos. Meu coração palpitava cada vez mais forte.

Diante daquela constatação, eu fui incapaz de me manter próxima a ele. E então, optei por me afastar. Ele não me impediu, muito pelo contrário, algo que o agradei mentalmente.

Enquanto tomei distância, eu tentei acalmar meus próprios sentimentos em relação a Gutierrez e passei uma de minhas mãos entre os fios do meu cabelo.

— Obrigada pela compreensão, Gutierrez — Agradei, ainda de costas para ele. — Confesso que não esperava por isso — completei, deixando claro que sua atitude havia me pego de surpresa.

— Eu gosto de você, Selena. Geralmente, quando a gente gosta de alguém, nós deixamos nossa necessidade de lado para suprir a do outro. E é o que estou fazendo. — Sorri mais uma vez, mas tratei de escondê-lo, assim que me virei para ele.

— Sim, você está — afirmei o que dissera, enquanto o observei numa pose ativa e com uma de suas mãos descansando no bolso dianteiro de sua calça social. Fui incapaz de não notar sua ereção que ainda permanecia evidente sobre o tecido. Automaticamente, um fogo incomum se alastrou em meu interior e voltei a sentir meu clitóris piscar incessantemente, fazendo a umidade entre minhas pernas crescer.

Ele percebeu o meu olhar e pediu para usar o banheiro, pois não seria bom sair naquele estado pela casa. Claro que eu concordei prontamente. Já bastava a Juliana, que eu tinha plena certeza que me bombardearia de perguntas assim que Gutierrez deixasse meu quarto. Se juntasse Dália, minha tia e talvez, a dona Nice, eu ficaria louca de vez.

— Eu preciso ir. — Ouvi sua voz máscula atrás de mim e ele me envolveu em seus braços por trás.

— Tudo bem — respondi ao senti-lo beijar minha nuca carinhosamente.

— Foi bom termos conversado — Ele me deixou ciente.

— Sim, foi bom — afirmei e me virei de frente para ele. — Obrigada por ter vindo. Não sabe o quanto sua presença foi importante. Sem querer, acabou

tornando meu dia melhor, pois estava um caos antes de aparecer — fui sincera.

— De agora em diante, pode contar comigo sempre que precisar. — Eu sorri contente e ele me beijou mais uma vez. Dessa vez, foi rápido, mas foi tão bom quanto.

Assim que cessamos nosso beijo, eu o acompanhei até a porta do meu quarto. Antes de ele sair, me deu um selinho demorado e disse que nos veríamos no dia seguinte na loja. Afirmiei que sim, e no instante em que ele saiu, eu fechei a porta e encostada nela, escorreguei até o chão.

— Ó céus! Que homem! — Proferi ao me abanar. Calor emanava de meus poros.

Só de ele ter me beijado, eu já me encontrava ardendo em chamas, imagine quando ele me pegasse de jeito e pior: se enterrasse dentro de mim? Eu evitei pensar naquilo, mas uma coisa era certa: Eu o queria. E como queria!



CAPÍTULO 22

GUTIERREZ

O restante da semana passou rápido. E durante esses poucos dias, eu podia dizer que estava perfeitamente bem, pois eu e Selenia nos mantivemos bem mais próximos. Lógico que evitávamos nos beijar na loja, mas confesso que algumas vezes, eu fui incapaz de seguir isso à risca, porém, sempre dava um jeito de puxá-la para um canto mais reservado e... bem, rolava uns amassos, nos quais vinham me deixando louco para tê-la o quanto antes. Sim, eu estava esperando o momento certo e acredito que seria essa noite.

Neste instante, eu me encontrava diante do espelho, terminando de abotoar minha camisa de manga comprida. Hoje, eu e Selenia combinamos de ir a uma boate, que abriu recentemente. Bem comentada. Fui convidado hoje à tarde por ela em meio à ligação que me fez. Gustavo e Juliana também nos acompanhariam, aproveitei e questionei se podia chamar mais alguém e diante de sua carta branca, eu liguei para Rodolfo e o convidei, no qual prontamente aceitou.

Selenia e eu estávamos cada vez mais próximos, mas de forma contida. Não queríamos precipitar nada. Era bom curtirmos a companhia um do outro, o momento em si também.

Enfim, admito que no instante em que ela me fez o convite, eu relutei em aceitar, pois fazia poucos dias que ela havia sofrido uma perda irreparável. A meu ver, ainda se encontrava muito machucada, pois eu acreditava que um fato como aquele, não tinha como ser esquecido tão rápido. Lógico que não entrei naquele assunto. Evitei para não ter que fazê-la reviver lembranças dolorosas e, apenas perguntei se era realmente uma boa ideia e ela bufou audivelmente como resposta do outro lado da linha. Fui incapaz de segurar a risada e aceitei. Afinal, a felicidade dela que me importava e, eu seria capaz de fazer o impossível por aquela mulher extraordinária.

Assim que terminei de me arrumar, eu recolhi minha carteira e chaves do carro, saindo do quarto em seguida. Desci as escadas, e encontrei Rodolfo junto com Gustavo na sala de estar.

— Nada mal — Rodolfo falou, zombeteiro como sempre.

— Não enche, Rodolfo — retruquei e rimos um do outro, Gustavo não ficou imune, pois sorriu também.

— Vocês são hilários. — Frisou divertido, balançando a cabeça em negativo.

— Rodolfo que não resiste ao meu charme — proferi, fazendo graça.
Ele gargalhou alto.

— Muito engraçado, Gutierrez — falou ao conter sua risada. — Aliás, eu estava pensando aqui... Onde foi parar sua ética profissional? Afinal de contas, vivia afirmando e reafirmando que a seguiria corretamente, evitando assim, qualquer envolvimento com mulheres que trabalhassem com você — ressaltou, tocando no assunto relacionado a Selenia.

— Cala a boca, Rodolfo — impus, insatisfeito com sua pergunta.

— É, Rodolfo. Já chega de gracinhas. Deixe o Gutierrez em paz, afinal de contas, por mais que tente, ninguém consegue mandar no coração por muito tempo — Gustavo frisou em minha defesa.

— Vocês estão estressados, não? Só brinquei, mas não faço mais. — Deu de ombros.

— Sua mãe não está, Gutierrez? — Gustavo perguntou, mudando de assunto.

— Não. Disse que ia ao cinema com umas amigas e não voltaria para casa hoje — informei.

— É bom que ela esteja saindo mais, se distraindo, na verdade — ressaltou.

— Sim, isso é bom — concordei.

Em seguida, saímos dali.

Resolvi ir no carro do Gustavo, junto com o Rodolfo, já que ele não era de beber muito, então, não corríamos o risco de não voltar para casa ao final da diversão. Encontraríamos as meninas por lá. Entre uma conversa e outra sobre o escritório e a loja, o percurso foi feito rapidamente.

Gustavo estacionou o carro e partimos em direção a entrada. A boate era bem requintada, eu tive de reconhecer. Não aguardamos muito e logo entramos na boate.

Em meio às luzes piscantes e o som alto, eu varri o local com o olhar, tentando de alguma forma, encontrar as meninas por ali, mas não as vi. Segui junto com os rapazes para a área Vip e nos sentamos em uma das mesas. Rodolfo foi até o balcão e pediu cerveja para nós três, porém, Gustavo recusou.

Peguei meu celular e havia uma chamada perdida de Selenia, no qual, eu não tinha visto. Também tinha mais duas mensagens dela.

“Já estamos aqui!”

Eu sorri, e vi que fazia quinze minutos que ela havia mandado aquela

mensagem. Respondi rapidamente:

“Eu e os rapazes acabamos de chegar. Onde vocês estão?”

Enviei, e enquanto aguardava alguma resposta, abri a lata da cerveja e comecei a beber.

— E aí, cadê elas? — Rodolfo indagou.

— Não sei. Mandeí mensagem perguntando e estou aguardando a resposta. — Respondi. Com o celular em mãos, o olhava a cada segundo. Meu coração estava aos pulos, expectante por vê-la.

— Eu vou dar uma volta, quem sabe não encontro o amor da minha vida essa noite? — Rodolfo comentou.

Eu sorri dele, mas lhe desejei sorte. Ele saiu em seguida.

— Rodolfo não tem jeito. — Gustavo fristou divertido.

— Com certeza, não — respondi. Nada de mensagem da Selenia e, eu já estava preocupado.

— Iih, olha quem vem ali. — Gustavo apontou e perdi completamente meu sorriso, ao ver Mirela vindo em nossa direção.

— Mas que porra! O que ela está fazendo aqui? — Grunhi insatisfeito, e Gustavo deu de ombros.

— Que surpresa encontrá-lo aqui — Eu a encarei com o semblante franzido e soltei um riso amargo, sem entender o quão cara de pau ela era.

— Devo frisar, que é uma surpresa muito desagradável. — Desviei minha atenção da dela e voltei a beber minha cerveja.

Ouvi Gustavo sorrir ao meu lado, mas não o olhei. Será que Mirela não cansava de ser esnobada? Eu desejava muito que ela tivesse amor próprio, mas pelo visto, ela não tinha muito conhecimento sobre isso.

— Olha, eu juro que já não sei mais o que faço para reconquistá-lo. O que mais quer de mim? — Voltei a franzir meu cenho, pois não estava acreditando em tal disparate da parte dela. Eu sabia que ela estava tramando algo, pois desde a reunião que teve na Revista do Diogo, nós não tínhamos nos encontrado mais; ela nem ao menos me importunou, algo que era de seu costume antes.

Fingi não escutar sua pergunta e olhei para o celular outra vez; nada de mensagem da Selenia. Onde ela poderia estar?

Levei a lata de cerveja até a boca para tomar mais um gole da bebida, mas fui surpreendido com as mãos de Mirela sobre meus joelhos. Inferno! Ela se encontrava ajoelhada em minha frente, enquanto me mantive sentado no sofá

sem acreditar naquela atitude desesperada da parte dela.

— O que pensa que está fazendo, Mirela? Levante-se daí! — Inquiri constrangido, porque o pessoal olhava para aquela cena e cochichavam uns com os outros.

Tentei fazê-la se levantar, mas ela segurou firme em meus joelhos e vi seus olhos lacrimejarem. Inferno!

— Por favor, Gutierrez. Me dê mais uma chance, eu te amo. Sempre te amei. Eu sei que mereci seu desprezo durante esse tempo que estivemos separados, mas vamos voltar a ser aquele casal feliz de antes; que fazia de tudo um pelo outro — Ela me encarou com súplica estampada em seu olhar.

Fechei meus olhos, impaciente e ainda desacreditado com tamanho descaramento dela. Como ela podia me falar aquilo? O tempo em que ficamos juntos, ela nunca havia feito algo por mim. Jamais deixou suas vontades de lado por minha causa, eu que sempre tinha sido o paspalho da relação. Realizava seus gostos, me deixando ser enganado feito um idiota. E, ela ainda queria me fazer acreditar que realmente me amou e continuava amando? Que amor era aquele?

Não consegui me segurar e soltei um riso amargo, depois de abrir meus olhos.

— Você nunca soube o que é amor, Mirela. Muito menos soube valorizar o que tivemos. Agora já é tarde. Muito tarde — Proferi desgostoso. — Levante-se daí. Está fazendo papel de ridícula, que conseqüentemente, poderá manchar sua imagem de super modelo — frisei.

— Eu não me importo. Desde que eu tenha você de volta, nada mais me interessa. — Ela tentou se aproximar, mas retirei suas mãos dos meus joelhos.

— Está se humilhando em vão, pois a mim, não terá nunca mais — lamentei, avisando-a.

— Gutierrez, pense com calma, hum... — sugeri.

Eu acabei gargalhando. Definitivamente, aquela nova Mirela estava sendo muito engraçada. Eu não estava a reconhecendo.

— Deixe de ser ridícula, Mirela. A-CA-BOU e ponto final! — Falei pausadamente, com o intuito de que ela entendesse de uma vez por todas. Ela começou a chorar e constrangido com toda a atenção que estava voltada para nós, eu tentei me levantar e no instante em que fiz menção disso, Mirela voltou a pousar suas mãos sobre mim, mas dessa vez, mais precisamente em minhas coxas.

Quando pensei em tirar suas garras dali, ouvi Gustavo ao meu lado.

— Ferrou! — Assim que levantei meus olhos, me deparei com Selenia.
Maldição!

Ela estava num vestido rosa bem justo ao seu corpo, logo atrás dela, Juliana e Diana me olhavam em total desaprovação. Engoli em seco, pois seria difícil que Selenia acreditasse em mim, ainda mais perante a cena, no qual estava presenciando. Quando pensei em ir ao seu encontro e usar tudo que pudesse ao meu favor, ela apenas fechou os olhos e ao abri-los, eu vi determinação estampada em cada um. Em seguida, ela girou sobre seus saltos e começou a caminhar para longe, as meninas a seguiram.

— Inferno! — Praguejei.

— Deixe ela ir, meu amor. Você não precisa dela, pois tem a mim —
Ouvi a voz de Mirela e minha raiva por ela aumentou num grau incalculável.

— Acontece que eu não te quero. — Após fazer isso, eu me levantei rapidamente, deixando a lata da cerveja sobre a mesa ao lado e fui atrás de Selenia. Eu tinha que me explicar e faria ela me entender.

Saí da área vip, olhando para todos os lados. A música alta já estava me irritando. Desci as escadas e cheguei até a parte inferior da boate, onde ficava a pista de dança, e em meio às luzes piscantes, eu tentei encontrar Selenia ou ao menos identificar a figura de sua prima ou Diana.

Várias pessoas dançavam na pista de dança, e em meio ao aglomerado de pessoas, eu passei entre elas com o intuito de chegar até o balcão de bebidas daquela parte. Assim que consegui, finalmente avistei Selenia em pé e de lado, pressionando sua têmpora com uma das mãos, enquanto Juliana e Diana lhe falavam algo. Mesmo sabendo que ela poderia não querer me ouvir, eu deixei essa certeza de lado e cheguei até elas.

— Selenia, me deixa explicar — pedi.

Diana e Juliana me olharam descontentes.

— Explicar? — Diana indagou em tom sarcástico.

— Deixe-os, Diana. Vamos! — Juliana falou e, eu só não sabia se tinha sido em minha defesa, mas ao menos tinha me ajudado. Em seguida, saiu dali com Diana.

Selenia ainda não havia falado nada e se virou, ficando de frente para o balcão de bebidas, dando-me as costas.

Soltei o ar na tentativa de formular algo que pudesse vir a convencê-la e me coloquei ao seu lado, descansando meu braço sobre o balcão.

— Selenia, fala comigo — pedi.

— O que quer que eu diga? — Finalmente ela me respondeu, porém, seu tom saiu contrariado.

— Selenia, o que viu não tem nada a ver com o que está pensando — comecei, mas parei ao ouvir a risada amarga que veio dela. A música estava alta, mesmo assim, deu para identificar o grau de seu descontentamento.

— Você sabe o que estou pensando, Gutierrez? — Ela me questionou, após me olhar com um sorriso irônico estampado nos lábios.

Confesso que me senti triste ao identificar tamanha desconfiança da parte dela, mas quando pensei em respondê-la, ela continuou:

— Na verdade, já que sabe bem o que pensei diante daquela cena memorável, explique-se! Vou adorar ouvir o que tem para dizer em sua defesa — incitou-me.

Tentei tocar em sua mão, que estava sobre o balcão, mas ela a recolheu. Suspirei baixo e comecei a me explicar.

— Entenda, eu...

— Eu estava te procurando — Diogo falou me interrompendo, após segurar carinhosamente acima do cotovelo de Selenia.

Senti o sangue ferver num grau exorbitante em minhas veias, diante de tal cena. Eu, automaticamente, parei de me explicar e trinquei meu maxilar, tamanha era a raiva que estava sentindo. Naquele instante, eu só queria saber que porra de intimidade era aquela? Como assim ele a estava procurando?

— O que esse cara está fazendo aqui, Selenia? — Fui incapaz de segurar minha pergunta.

O encarei e ele sorriu, no qual identifiquei que era uma provocação. Tentando me manter impassível, eu apenas desencostei do balcão e fechei minhas mãos em forma de punho ao lado do meu corpo.

— Fala para ele, Selenia. — Olhei-a furioso, aguardando sua resposta.



CAPÍTULO 23

SELENA

No momento em que chegamos à boate, nós fomos para a área vip. Observei o quanto o espaço era luxuoso. As luzes em tons de verde que clareavam o espaço, o deixava com um ar atraente e aconchegante. Sentei com as meninas em um dos sofás de cor branca, e macios. Enquanto sorriamos de algo bobo, no qual Diana havia comentado, eu vi Diogo de longe. De imediato, eu franzi o cenho achando estranha sua aparição por ali, mas rapidamente fingi não me importar.

Minutos atrás, eu enviei uma mensagem para Gutierrez; estava ansiosa pelo nosso encontro. Eu o havia visto ontem na empresa, mas durante essa semana, cada vez que me despedia dele no final do expediente na Sexy Girl's, eu sentia um aperto no peito. Sei lá, era como se eu quisesse me agarrar a ele e não desgrudar mais. Sentimento estranho, eu sei! No período da noite, quando eu me deitava para dormir, fechava os olhos e sorria feito uma boba ao me deixar viajar em meio às minhas lembranças do dia em que acordei em minha cama com seu afago em minha bochecha. Foi tão bom que não queria esquecer. Ficaria grifada em minha memória para sempre.

Quando Juliana comentou comigo que devíamos sair para curtir um pouco, eu não pensei muito, pois aceitei de imediato com o intuito de que aquela nossa saída me fizesse esquecer um pouco a tristeza que ainda me preenchia, no qual retornou com força ontem pela noite, porque infelizmente, o feto morto foi expelido do meu corpo. Quando constatei que de fato era o bebê que eu estava gerando, mas que por força maior o perdi, debrucei-me sobre o vaso em meio as lágrimas, nos quais duraram por um bom tempo. A dor de saber que eu nem ao menos era merecedora da dádiva de poder gerar meu próprio filho, uma parte de mim, foi absurdamente grande.

Diante daquela minha decepção, que ultrapassava qualquer margem de dor existente, eu não fui capaz de esconder da minha prima o meu chororô irrefreável, pois ela entrou no meu quarto e ao se deparar com os sons dos meus soluços altos, acabou por me encontrar no banheiro agarrada ao vaso, e assim que se sentou no chão, ela me puxou para seu colo, gesto do qual agradei muito hoje pela manhã, porque ontem eu agi no automático, não consegui raciocinar direito, meu foco estava apenas na dor que me rasgava por dentro, causando uma abertura da ferida imensurável que já existia em meu coração.

Perante àquelas lembranças, eu deduzi que precisava amenizar aquele sentimento compressor, porque eu sabia que jamais seria possível esquecer.

Nenhum dos abortos espontâneos que tive se apagaria da minha memória. Quem sabe um dia.

Absorta em meus pensamentos, nem havia me dado conta da chegada do Diogo até nós, só percebi quando fui arrancada deles por causa da voz dele.

— Boa noite, meninas! — Ele nos cumprimentou, mas tratei de fingir indiferença, pois o que menos havia esperado era ter de encontrá-lo por ali, algo que era muito estranho.

Diogo era um homem bonito, na certa sua presença ali não deveria ser motivo de estranheza, mas algo me dizia que aquilo não se limitava a apenas uma coincidência. Não mesmo!

— Estava boa, até você chegar. — O encarei, após respondê-lo sem qualquer cerimônia, e ele me olhou com o cenho franzido.

— Que língua afiada, não? — Provocou.

Eu soltei um riso ameno, não dando a mínima para seu comentário medonho.

— Eu vou até o banheiro, meninas — avisei, me levantando em seguida. — Vão também? — Evitei respondê-lo, me voltando para as meninas.

Elas logo se colocaram de pé, dizendo que iriam comigo.

— Não deveria tratar o sócio da boate dessa forma. — Ele anunciou de modo promissor, sorvendo um pouco da bebida do copo que tinha em mãos, e me encarou sobre a borda do mesmo.

Eu ri novamente, mas dessa vez, meu sarcasmo ficou evidente, fazendo-o me lançar um olhar descontente.

— Se quis me impressionar, já aviso de antemão que não funcionou. — Após aquelas minhas palavras, eu pude identificar fúria em seu olhar, mas aquilo não me intimidou.

Tratei de sair dali o mais depressa possível, em companhia de Juliana e Diana, porém, ao passar do lado do Diogo, ele segurou meu braço, fazendo-me cessar meus passos de forma abrupta.

— Não me tente, Selenia — Seu tom saiu de modo ameaçador.

— Diogo, faça um favor para si mesmo... — pontuei e levei minha boca próxima ao seu ouvido —, me esqueça — pedi pausadamente. Em seguida, puxei meu braço do seu agarre e me encaminhei para o banheiro com as meninas em meu encalço.

Momentos depois, eu me encontrava retocando o batom de frente ao espelho e através dele, eu pude identificar Juliana me olhando estranhamente.

— Diga, Ju — pedi.

Vi ela morder o lábio inferior e abaixar a cabeça. Preocupada, terminei de retocar meu batom, e após colocá-lo em minha bolsinha, fiquei de frente para ela.

— O que foi? — Toquei seu ombro, gesto que a fez me olhar em seguida. Diana também aguardou ela falar.

— Eu não sabia que ele estaria aqui — iniciou e, eu franzi o cenho sem entendê-la.

— Ele quem? — Diana fez a mesma pergunta, no qual martelava em minha cabeça.

— Quando Diogo me sugeriu essa boate lá na loja, dizendo que havia sido aberta recentemente, eu confesso que fiquei eufórica em conhecer, mas não pensei que o mesmo fosse sócio. Em nenhum momento fui informada sobre isso — E então, eu entendi tudo.

Um dia depois de eu ter tido o aborto espontâneo, a minha tia Marília resolveu ir embora e Juliana ficou. Foi um chororô danado a despedida das duas, pois ambas não cansavam de dizer o quanto sentiriam saudades uma da outra, porém o meu tio estava à espera de minha tia no interior do Piauí, pois ela ficou aqui durante alguns meses e olha que seu intuito ao vir para cá, se limitava a apenas uma semana. Após sua ida, a minha prima insistiu para que eu arranjasse algum trabalho na loja para ela, pois alegou que com a ausência de sua mãe, não teria nada de interessante para fazer, eu até sugeri que ficasse em casa e ajudasse Dália e, ou fizesse companhia para a dona Nice, mas ela fora irredutível, dizendo que ficaria entediada. Diante daquela observação, eu acabei decidindo colocá-la como vendedora na loja.

Diogo havia se aproveitado daquilo, e ao constatar aquele fato, eu soltei um riso nervoso e a respondi:

— É claro que ele não correria o risco de te informar sobre isso, pois tinha certeza que se eu soubesse disso, nunca colocaria meus pés aqui — enfatizei ao colocar uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, tentando entender o quanto Diogo era manipulador.

— Eu não disse a ele o dia que viríamos. Você tem que acreditar em mim, Selenia — pediu em tom de súplica e segurou em minhas mãos, olhando em meus olhos.

— Claro que acredito em você. Não se preocupe com isso — Ela soltou o ar, denunciando o quanto estava aliviada perante minhas palavras e, em seguida, sorriu agradecida. — Imagino que o Diogo deve ter previsto que

viríamos no final de semana. Aposto que se não tivéssemos vindo hoje, ele certamente estaria aqui amanhã novamente, esperando a nossa chegada — deduzi.

Assim que terminei de falar, o meu celular vibrou na bolsa. Prevendo sobre quem se tratava, Juliana livrou minhas mãos. O apanhei rapidamente e ao ler a mensagem do Gutierrez, que informava que ele e seus amigos haviam chegado, eu tentei segurar a alegria que fez meu coração bater mais forte no peito, mas falhei miseravelmente, pois o mesmo sorriso bobo que se formava em meus lábios quando se tratava dele, pairou sobre os mesmos.

— É o Gutierrez, não é? Ele chegou? — Juliana me questionou contente, apenas meneei a cabeça, concordando. — Você gosta dele. — Não foi uma pergunta e sim uma afirmação; eu fui incapaz de contradizê-la. O que sentia pelo Gutierrez, não se limitava apenas a palavra “gostar”. Era muito mais. Por isso tinha medo de me abrir e acabar saindo magoada.

— É muito mais que um simples gostar, eu sei disso — Fui sincera. — Só não quero nomear meus sentimentos ainda — complementei.

— Eu te entendo, Lena. Mas se quer um conselho, tente! Nessa vida a gente tem que se arriscar, mesmo não sabendo se dará certo ou não. — Comprimi meus lábios em forma de agradecimento.

— A Juliana tem razão — Diana se manifestou.

— Obrigada — Agradei com o coração aos pulos, louca para vê-lo.

Assim que saímos do banheiro, nós caminhamos em direção a área vip. Passamos em meio a alguns casais que dançavam sensualizando um para o outro. Fui incapaz de não pensar em mim e Gutierrez dançando daquela mesma forma, mas por mais que a ideia fosse tentadora, eu tratei de espanar aqueles pensamentos comprometedores.

Ao nos aproximar, eu estanquei no lugar assim que percebi uma mulher ajoelhada de frente para Gutierrez. Fui capaz de identificar as mãos dela sobre as coxas dele. Pude ouvir um sonoro aviso de alerta do meu subconsciente e senti aquela alegria de momentos atrás, se desvanecer. Nossos olhares se encontraram e, eu vi que em seus olhos era evidente certo desespero.

O vi se levantar, mas a única reação que tive foi a de sair dali, algo que não era do meu feitio, pois sempre soube tratar tudo com indiferença, só que aquilo não. Não quando se tratava do Gutierrez. Uma verdadeira lástima.

Caminhei tão rápido que só me dei conta, quando me encostei ao balcão de bebidas, do andar abaixo do da área vip da boate; isso depois de me espremer entre várias pessoas, que dançavam em meio à pista de dança. Pressionei minha

têmpora e respirei fundo, tentando manter a calma e entender o mínimo que fosse a cena que tinha acabado de presenciar, do Gutierrez com aquela mulher, no qual nem sabia quem era.

— Selena, fique calma. O ouça pelo menos — pediu, Juliana. Senti que ela tocou meu ombro ao falar.

Eu não respondi e logo ouvi a voz do Gutierrez, no qual me fez arrepiar de raiva e alegria ao mesmo tempo. Porém, evitei encará-lo.

Ouvi que Diana o questionou de modo sarcástico, mas Juliana se prontificou em respondê-la e a tirou dali, deixou-nos a sós. Apesar de eu evitar olhá-lo, eu senti a eletricidade correr pelo meu corpo, perante sua presença marcante. O escutei me pedir para que falasse com ele, mas estava tentando manter a calma para não falar o que não devia. Porém, não obtive sucesso; ficou nítido o descontentamento em minha voz, após abrir minha boca. Então ele tentou se explicar e mais uma vez fui precipitada ao tratá-lo com ironia, gesto do qual o fez me olhar triste e confesso que aquilo me doeu. Não foi minha intenção magoá-lo. Acontece que me deixei levar pela raiva que estava sentindo.

No instante em que Gutierrez começou a se explicar, após eu deixar claro que o ouviria, eu senti alguém segurar em meu braço e identifiquei que era Diogo, pois o mesmo informou que estava me procurando. Diante daquela audácia de sua parte, eu olhei para Gutierrez, que o encarava com fúria, no qual deixou evidente perante sua postura. Fui questionada por ele sobre a aparição de Diogo por ali e ao terminar, eu notei que ele trincou a mandíbula e fechou suas mãos em forma de punhos ao lado do corpo. Diogo o incitou, pedindo que eu respondesse a Gutierrez, de modo subtendido.

— Me larga, Diogo — pedi furiosa ao encará-lo e me afastar de seu agarre. — Já falei para me deixar em paz! — Exclamei com veemência.

Ele soltou um riso divertido.

— Não vai respondê-lo? — Indagou de modo promissor.

— Estou esperando, Selena. — Gutierrez inquiriu. Manteve sua postura contida e me encarou impassivo.

Eu pensei sobre respondê-lo ou não.

— Deixe que eu falo, então. — Ouvi Diogo falar ao meu lado.

— Não se meta onde não te cabe, Diogo — Fui rápida e proferi entre dentes. Soltei o ar com força e frisei ao Gutierrez, mesmo não entendendo a minha necessidade de querer respondê-lo. — O Diogo é sócio da boate. — Ouvi Gutierrez soltar um riso amargo, no qual me deixou evidente sua crença de que, talvez, eu pudesse ter vindo em companhia do Diogo, fato que não ocorreu e

nunca aconteceria.

— Já entendi. E eu aqui querendo me explicar — soltou de modo arisco e me deu às costas, mas Diogo não perdeu a oportunidade de provocá-lo outra vez.

— Isso mesmo. Vá embora, porque uma vez eu te disse que a Selenia me pertencia e que nenhum homem conseguiria tirá-la de mim. Agora teve a prova disso — Quando pensei em gritar com Diogo, Gutierrez havia cessado seus passos e num rompante, voltou-se para Diogo e mesmo em meio ao som da música eletrônica que tocava na boate, eu pude ouvir o barulho do soco que Gutierrez desferiu no rosto do Diogo.

Em seguida, Diogo o agarrou pela camisa e em questão de segundos, os dois se encontravam no chão, mas Gutierrez tomou o controle da situação, pois se colocou por cima do Diogo e o desferiu mais alguns socos. Logo os seguranças da boate chegaram e mesmo machucado, Diogo ordenou que eles colocassem Gutierrez para fora dali. Naquele momento, a raiva que tanto senti instantes atrás, havia sido substituída pela preocupação.

Segui atrás dos seguranças, após eles levarem Gutierrez para fora da boate. Assim que o soltaram, eu fui até ele.

— Você está bem? Se machucou? — Indaguei preocupada.

Ele sorriu de modo arisco.

— Não te interessa — respondeu de costas para mim. Até então, eu não tinha visto seu rosto para saber se Diogo o tinha ferido.

— Eu só estou preocupada, Gutierrez — fui sincera.

— Não preciso que se preocupe comigo. — O vi pegar o celular em mãos e discar para alguém. — Estou aqui fora. Sim, eu estou bem. Tem como me deixar ir para casa em seu carro? — O ouvi indagar ao telefone. — Só tomei uma cerveja. Estou sóbrio o suficiente para dirigir — informou. — Beleza. — Foi a última coisa que disse, e encerrou a ligação.

— Gutierrez, fala comigo — pedi. Eu estava verdadeiramente preocupada.

Cruzei os braços em sinal de nervosismo, enquanto o assisti passar os dedos furiosamente entre os fios de seu cabelo, sentindo meu coração palpitar rápido no peito com medo de sua reação.

— Agora você quer conversar — falou em tom de ironia.

— O que queria que eu fizesse, Gutierrez? — Indaguei inconformada com seu modo irônico, no qual deixava evidente que eu fui a errada.

Ouvi que ele soltou o ar com força.

— Nada, Selena. Esquece — respondeu de modo amargo. Aproximei-me e ao tocar suas costas, ele se afastou rapidamente. Fugiu do meu toque como se um ferro quente tivesse queimado sua pele. — Não me toque — pediu entre dentes e aquilo me fez recolher minha mão com tristeza.

Quando abri minha boca para dizer algo, Gustavo apareceu e foi até ele depois de passar por mim. Naquele mesmo momento, Juliana veio até mim e perguntou se eu estava bem, respondi que sim, mas após indagar sobre Gutierrez, eu apenas meneei a cabeça em negativo. Ela me abraçou, dizendo que era culpada por todo aquele mal-entendido ter acontecido, mas tratei de deixá-la despreocupada quanto aquilo.

Ouvi Gutierrez agradecer ao Gustavo e me afastei de Juliana. O vi caminhar em direção ao estacionamento. Pensei rapidamente e respirei fundo após tomar uma decisão.

— Olha, se eu não retornar lá para dentro até vocês irem embora, não se preocupe comigo, tudo bem? — Avisei a Juliana, que me olhou interrogativa.

— Por quê? Aonde você vai, Lena? — Juliana me interrogou.

— Só faça o que pedi — Voltei a avisar.

— Tudo bem. — Sorri e a agradei. — Mas se não aparecer pela manhã, eu vou à polícia relatar seu desaparecimento. — Sorrimos em uníssono e após abraçá-la carinhosamente, eu segui pelo mesmo caminho que Gutierrez.

Não sabia quais consequências aquela minha decisão poderia me trazer. Porém, no momento, isso era o que menos me importava.



CAPÍTULO 24

GUTIERREZ

Caminhei até o estacionamento com os nervos à flor da pele. Passei a mão sobre meu supercílio ao senti-lo latejar e percebi que Diogo havia conseguido me atingir. No momento em que aconteceu, eu estava dominado pela raiva e não consegui evitar.

Cheguei próximo ao carro e chutei o pneu dianteiro. Passei as mãos furiosamente entre os fios do meu cabelo, pois era difícil acreditar que eu tinha me deixado levar pela nítida provocação do Diogo. O pior foi saber que Selenia estava ali em sua companhia.

— Imbecil! Isso que você é, Gutierrez — constatei que mais uma vez, estava sendo enganado por uma mulher, assim como Mirela havia feito comigo. Condenei-me mentalmente, sentindo a fúria tomar conta do meu corpo e ao destravar o carro, eu entrei e coloquei o cinto de segurança.

Pego de surpresa, a porta do carona foi aberta e ao terminar de ajustar minha postura depois de travar o cinto de segurança, eu identifiquei que se tratava de Selenia, que tão logo se acomodou no banco, fechando a porta em seguida.

— Saia — pedi de modo rude. Eu só queria ir para casa, tomar um bom banho e simplesmente esquecer que essa noite havia existido.

— Não vou sair — respondeu com altivez. E no momento, eu estava odiando aquela postura.

— Está sendo infantil, Selenia — ressaltei impaciente, perante sua teimosia.

— Que ótimo, pois você está sendo imaturo, Gutierrez — alfinetou, me provocando.

Segurei o volante com força e passei a língua entre meus lábios, senti certa ardência e praguejei baixo.

— Tudo bem. O que você quer? — Perguntei, apesar de saber a resposta.

— Quero conversar, Gutierrez — frisou. — Aliás, eu também quero me certificar de que você está bem e que não se machucou — disse com veemência.

— Estou bem — menti, pois, para falar a verdade, eu estava me sentindo um completo idiota.

Ouvi que Selenia havia se mexido no banco do carona, mas permaneci

sem olhá-la. Fechei meus olhos e respirei fundo, tentando manter minha mente sã diante da sua presença. A fragrância do seu perfume floral, não estava contribuindo para que minha sanidade permanecesse intacta.

— Não deveríamos estar brigando — proferiu e senti o toque macio das pontas dos seus dedos quando eles deslizaram pela lateral de meu rosto.

Ao contrário de minutos atrás, eu não me esquivei. A verdade é que eu desejava ferozmente o seu toque. Ao perceber aquilo, eu puxei o ar com força e o soltei gradativamente. Um riso amargo repuxou o canto dos meus lábios.

— Caso não tenha percebido, quem iniciou tudo isso foi você — acusei, sem cerimônias.

— Aquela mulher estava com as mãos sobre suas coxas! — Exclamou, deixando bem evidente sua insatisfação. — Aliás, quem era ela? — Senti uma pontada de curiosidade junto com uma pitada de ciúmes em sua pergunta.

Sabendo que já não raciocinaria direito, devido ao toque suave da ponta de seus dedos delicados em meu rosto, eu acabei me virando para ela deparando-me com seus olhos fixos aos meus.

— Estava aqui com ele? Veio com ele? O convidou para estar aqui, Selena? — Fui incapaz de refrear tais perguntas, pois se encontravam na ponta da língua. Ao questioná-la, eu a observei soltar um riso desgostoso e recolheu sua mão, deixando-me desejoso que voltasse a fazer aquilo. Estava bom.

Ela olhou fixamente para fora do carro através do para-brisa, enxergando apenas a pouca iluminação que continha ali.

— Não mude de assunto — A ouvi enfatizar em tom de repreensão.

— Então me responda — inquiri.

Ela soltou o ar pesadamente.

— Não, eu não vim com ele. Não o convidei e muito menos estava em companhia dele. Satisfeito? — Frisou e me encarou de modo desafiante.

— Por que não respondeu a mensagem que te enviei, avisando que tinha chegado com os rapazes? — Aproveitei a brecha e voltei a questioná-la.

— Porque eu estava com as meninas no banheiro, mas após ter recebido sua mensagem, eu tratei de sair do banheiro e ir em sua direção, pois ansiava vê-lo. Porém, fui surpreendida ao te encontrar com aquela mulher ajoelhada aos seus pés — frisou, irritada.

— Era a Mirela — revelei de uma vez e a assisti sorrir arisca. — Selena, entenda... — querendo acabar logo com aquele mal-entendido, eu alcancei uma de suas mãos e me livreí do cinto de segurança do carro — Não vê que a única

mulher que desejo é você? — Assisti ela se virar completamente para mim, mas com dificuldade para formular qualquer resposta, pois se encontrava boquiaberta. — Sente isso? — Pousei sua mão sobre o meu coração por cima do tecido da minha camisa, e continuei olhando profundamente em seus olhos. Eu queria que ela soubesse o quanto meu coração retumbava no peito por ela. Somente ela era capaz de me causar tamanha euforia.

Em seguida, ela fechou os olhos e respirou fundo. Logo voltou a me encarar.

— Eu também gosto de você, Gutierrez — confessou.

Diante do que ouvi, eu levei minha outra mão até seu rosto e me aproximei mais um pouco. A vi fechar os olhos, e suas narinas dilataram devido ao aumento de sua respiração. Eu gostei de ver aquilo, pois saber que a afetava tanto quanto ela fazia comigo, me deixou de certo modo mais calmo.

— Repete isso — proferi baixo, próximo aos seus lábios e fechei meus olhos. Sentindo meu coração galopar no peito. Umedeci meus lábios ao passar a língua entre eles.

Ela encostou a testa na minha e segurou com ambas as mãos em meus pulsos, levando ondas de excitação ainda maiores pelo meu corpo.

— Eu também gosto de você. Muito — Ouvir aquela confissão foi como puxar o gatilho de uma arma, pois me atingiu em cheio.

Excitado, eu grudei nossos lábios e saboreei sua boca, faminto. Eu sabia que não podia mais ser adiado o inevitável. Teria Selena abaixo de mim. Necessitava senti-la intimamente, esquadrihar minhas mãos pelo seu corpo. Venerá-la! Essa era a palavra que se enquadrava perfeitamente no que eu tinha em mente para ela.

— Eu te quero, Selena — balbuciei com dificuldade, após separar nossos lábios, pois me encontrava ofegante. — Merda, eu estou excitado — proferi baixo e pude ouvir sua risada.

Em seguida, ela levou sua boca próxima ao meu ouvido.

— Não está sozinho — Aquela declaração me fez cair por Terra. Inferno! Ela queria me enlouquecer. Antes que eu formulasse algo, Selena continuou: — Vamos sair daqui — pediu com a voz embargada pelo tesão que nos envolvia naquele momento.

— Tem certeza? — Afastei meu rosto do dela e olhei profundamente em seus olhos, que pude identificar mais escuros do que o normal, por causa de sua excitação. Gostei daquilo.

— Você se machucou — afirmou, ao passar o dedo sobre meu supercílio.

— Não foi nada. Não se preocupe — pedi, pois era a verdade. Observei que ela relaxou seus ombros após minha resposta.

— Sim. Eu tenho certeza, como jamais tive em toda minha vida — enfatizou, me pegando de surpresa e me deu um selinho rápido. Ajustando sua postura no banco, ela travou seu cinto de segurança.

Mordi meu lábio inferior e me acomodei novamente no banco. Coloquei meu cinto de segurança e sem pensar duas vezes, girei a chave na ignição.

— Ah, Selenia... — proferi em tom promissor, deixando a frase pela metade, pois ela não sabia o que eu tinha em mente para ela. Nós.

Peguei a estrada e rumei em direção a minha casa. Sei bem que eu poderia levá-la a um motel, mas eu não me via tendo Selenia numa cama sem ser na minha. Não mesmo! Eu queria que seu cheiro floral se impregnasse na espuma do meu colchão, pois mesmo mudando o lençol da cama, ele ficaria gravado ali.

Maldição! Já estava sonhando demais. Acorda, Gutierrez — Me repreendi mentalmente.

Tracei o percurso, eufórico. Eu podia sentir meu sangue borbulhando em minhas veias. Selenia não disse mais nada e, eu apenas a olhei de relance e notei que olhava para fora da janela, pensativa. Ao constatar tal postura, eu me preocupei, pois pensei que talvez ela pudesse ter mudado de ideia. Eu odiaria se aquilo viesse a acontecer, mas não forçaria nada. Jamais faria isso! Era nítido meu tesão e desejo por ela, porém, eu queria que tudo ocorresse mediante sua livre e espontânea vontade, igual ou maior que a minha.

No momento em que parei de frente para os portões da minha casa, eu desci o vidro do carro e coloquei a cabeça para fora, me identificando para Davi, um dos seguranças naquela noite. Logo os portões foram abertos e entrei. Estacionei próximo à entrada da casa e ao desligar o carro, eu deixei o mesmo. Dei a volta e abri a porta para Selenia.

Ela sorriu agradecida, depois de segurar em minha mão e sair do carro. Eu devolvi o sorriso feito um idiota, sabia disso, mas era inevitável esconder minha alegria em tê-la ali, em minha frente e melhor, em minha casa.

— Você está linda — elogiei, e ao fechar a porta do carro, eu descansei uma mão em sua cintura e a coloquei encostada no carro.

— Isso quer dizer que estamos bem? — Encarei-a profundamente e evitei respondê-la, pois só queria aproveitar cada segundo daquela noite em sua companhia magnífica.

Soltei um riso de canto e encostei nossos lábios, ouvindo nossas

respirações ofegantes. Mordi seu lábio inferior, sugando-o e em meio àquele meu gesto; consegui arrancar um gemido rouco de Selenia, no qual entrou aos meus ouvidos, fazendo a adrenalina aumentar em meu corpo e consequentemente, meu pau pulsou forte dentro da cueca. Era capaz de apostar que meu líquido pré-ejaculatório já havia umedecido uma pequena parte do tecido da mesma.

Senti Selenia levar suas mãos até o meu pescoço e subi-las até seus dedos encontrar os fios do meu cabelo, arranhando suas unhas em meu couro cabeludo, causando-me reações insanas. Se seu intuito era me enlouquecer, ela tinha conseguido com bastante êxito. Abandonei seu lábio e trilhei minha boca até a lateral do seu pescoço. Tratei de inspirar seu cheiro inigualável e fui incapaz de segurar um grunhido baixo, que escapou de minha garganta.

— Tão cheirosa — falei alto e em bom som. Apertei sua cintura e desci minha boca até sua clavícula, no qual se encontrava exposta.

— Gutierrez — Ela proferiu meu nome com dificuldade.

Eu lhe entendia perfeitamente, pois eu me encontrava igual ou pior que ela. Para deixá-la ciente sobre aquilo, eu apertei as laterais de sua cintura e friccionei minha ereção acima de sua virilha, pois mesmo ela estando de salto, eu ainda conseguia ser mais alto.

— Eu preciso tê-la — proferi ao morder a pele de seu pescoço, pude sentir seu aperto mais forte nos fios do meu cabelo.

— Eu quero isso, Gutierrez. Faça-me sua essa noite — seu pedido saiu quase em tom de súplica e, eu daria a ela o que quisesse.

— Selenia — proferi seu nome em meio à excitação que tomou meu corpo de vez.

Voltei até sua boca e suguei seus lábios entre os meus de forma contida, pois não queria ser visto como um desesperado, mas a verdade é que eu me encontrava realmente desesperado para tê-la. Após abandonar sua boca, olhei fixamente em seus olhos e segurei sua mão na minha, entrelaçando nossos dedos. Eles se encaixaram perfeitamente e pude sentir um sentimento maior me aquecer por dentro, aumentando as batidas gradativamente do meu coração.

Pude ver luxúria estampada em seus olhos e, eu sorri, recebendo seu sorriso de volta, no qual me deixou ciente do seu contentamento em estar ali. Sem querer perder tempo, eu subi os degraus da entrada, destranquei a porta e entrei, puxando-a comigo para o hall. Selenia observava tudo, enquanto eu gravava em minha memória cada olhar dela.

Subimos as escadas sem ter qualquer conversa entre nós, acredito que

naquele momento isso era irrelevante. Toda nossa euforia estava voltada para o desejo de termos um ao outro. Caminhei pelo corredor e ao entrar no meu quarto, fechei a porta e ela permaneceu próxima a mesma, enquanto me encaminhei até o criado-mudo para depositar minha carteira, celular e chaves sobre o mesmo.

Desabotoei os botões que continha na manga comprida da minha camisa. Voltei-me para Selenia, que me observava com certo brilho nos olhos. Constatar aquilo me fez sorrir minimamente e mordi meu lábio inferior, assim que comecei a abrir os botões em meio ao meu peitoral.

Terminei de abrir a camisa sobre o olhar expectante de Selenia, e me abaixei, livrando-me dos meus sapatos. Em seguida, caminhei até ela.

— Fique de costas — proferi próximo ao seu ouvido e pude escutá-la soltar o ar sofregamente. Ela fez como pedi e segurei sua cintura fortemente com ambas as mãos. — Apoie suas mãos na porta — ordenei.

— Gutierrez... — ela tentou formular algo, mas fui rápido e lhe interrompi.

— Shiii... Não diga nada — voltei a falar próximo ao seu ouvido. Em seguida, afastei seu cabelo da nuca para poder ter livre acesso e a mordi com desejo. Selenia gemeu baixo, fazendo meu pau pulsar com força dentro da minha cueca. — Vou venerar cada parte do seu corpo, Selenia. — Chupei a curva do seu pescoço e ela empinou a bunda, fazendo-a encostar de propósito em minha protuberância. Soltei um riso contra a pele do seu pescoço, e fiz questão de friccionar meu membro sobre seu bumbum com certa ânsia. — Safada — proferi, carinhoso e ela sorriu divertida.

— Tenho que aproveitar o que é bom — incitou-me.

— Isso é verdade. — Cheguei até um de seus ombros e mordi fraco. — Eu quero que esse momento seja especial, Selenia — ela assentiu. — Portanto, apenas sinta toda a intensidade do prazer que causarei ao seu corpo — complementei.

— Me faça sentir, Gutierrez — pediu com o tesão nítido em sua voz.

Grunhi feito um felino quando consegue abocanhar sua presa, assim que terminei de ouvi-la. Selenia teria tudo de mim naquela noite. Era certo que eu não sabia se conseguiria ser paciente ao me enterrar dentro dela. A verdade é que eu queria ser bruto, ao ponto de fazê-la sentir o tamanho do meu desejo por ela.



CAPÍTULO 25

SELENA

Ouvi Gutierrez grunhir, gesto do qual me causou estremecimentos, pois ansiava em tê-lo dentro de mim o quanto antes. Confesso que havia sido arrebatada por sua beleza escultural desde a primeira vez que nossos olhares se chocaram na *Sexy Girls*. Porém, nada me preparou para as sensações que estava sentindo em ter suas mãos sobre meu corpo; apertando minha cintura com força e fazendo meu clitóris pulsar entre minhas pernas.

O senti morder minha nuca com mais força dessa vez e, eu abri a boca, deixando o ar sair feito um sussurro. Estava cada vez mais difícil manter minha vontade de expor o quão excitada me encontrava, mas seguia contida. Senti sua mão descer pela lateral do meu corpo, acompanhando minhas curvas minuciosamente. Ao chegar à lateral do meu bumbum, ele apertou do lado esquerdo e chupou a curva do meu pescoço, deixando-me em ebulição. Pude sentir meu clitóris pulsar frenético novamente. Encontrava-me insana, pois um desejo enlouquecedor havia se apoderado de mim naquele instante. Definitivamente, Gutierrez estava provando que ele era muito mais que apenas um rosto e corpo bonito, do qual muitas mulheres admiravam e desejavam.

— Gut... — fui incapaz de concluir seu nome, pois o senti friccionar sua protuberância em minha bunda. Engoli em seco ao morder meu lábio inferior; foi no automático. Fechei meus olhos e degustei das sensações de ter sua mão apertando forte a minha cintura, enquanto o sentia sugar meu pescoço com veemência e sua barba rala arranhar minimamente minha pele.

Pude identificar que os bicos dos meus seios ficaram ainda mais duros. Minha respiração ofegante não estava ajudando em nada, o ar parecia me faltar naquele instante. Levei uma de minhas mãos até sua nuca e não fui capaz de controlar meu quadril, pois o empinei de propósito, esfregando-o em seu membro duro feito rocha.

— Selen... — meu nome foi dito em tom de repreensão e um sorriso divertido repuxou o canto dos meus lábios.

— Eu quero você, Gutierrez — proferi, movendo meu quadril, enquanto ele segurou minha cintura com ambas as mãos.

Ouvi seu sorriso fraco, como um grunhido, e logo senti sua língua quente no lóbulo de minha orelha, sendo abocanhada com avidez em seguida.

— Terá, Selen... — proferiu de forma maliciosa e me vi ainda mais eufórica por aquilo.

Subitamente, ele se afastou e pude sentir suas mãos descenderem por uma de minhas pernas parando no meu tornozelo. Ele desfez a amarra de uma das minhas sandálias de salto. Repetiu o mesmo processo com a outra e subiu passando a ponta dos dedos por minha pele, deixando-a eriçada. Assim que chegou até a barra do vestido, seus dedos sumiram e mais uma vez mordi meu lábio inferior, ansiando por mais de seu toque.

Mas rapidamente ele alcançou o zíper do vestido, que ficava no meio de minhas costas e começou a abri-lo. No momento em que terminou, empurrou as alças para fora dos meus ombros e, eu fiz questão de retirá-las instantaneamente, deixando-o cair aos meus pés, após me livrar dos saltos.

— Posso? — Ele questionou rouco, próximo ao meu ouvido, referindo-se a tirar meu sutiã. Pude sentir suas mãos envolvidas no fecho, só aguardando a minha permissão.

— Faça o que quiser, Gutierrez. Essa noite, nós pertencemos um ao outro. Não precisa me questionar nada, apenas faça — frisei sem qualquer vergonha, pois era a verdade.

Ele não respondeu nada, apenas senti as alças do sutiã afrouxar sobre meus ombros e o retirei, permitindo-o cair ao chão, sem cerimônias.

A mão de Gutierrez segurou a lateral da minha calcinha e o ouvi gemer.

— Porra! — Vociferou e me virei para ele. Preocupada, cobri meus mamilos.

— Algo errado? — Olhei-o e indaguei.

— Como quer que eu me mantenha contido, se veio usando uma das peças de lingerie, no qual tive o prazer de ver na sua sala, na vez em que deixei claro que você tinha um péssimo gosto para escolhê-las? — Sem saber o porquê, eu comecei a sorrir e ele me encarou sério.

Quando menos previ, fui encostada contra a madeira da porta do quarto e Gutierrez segurou meus pulsos com ambas as mãos na lateral do meu corpo, obrigando-me a descobrir meus seios de tamanho médio, nos quais tinham os bicos rosados e rijos, por causa da minha excitação.

— Perfeição — Ele proferiu ao se afastar um pouco e subir seu olhar, inspecionando meu sexo coberto pela calcinha de renda azul; meus seios e, por fim, o fixou em meu rosto. Naquela altura, meu sorriso já havia sumido há tempos.

— Achei que houvesse dito que eu tinha um péssimo gosto para lingerie naquele dia, nas quais eu mesma desenhei — fiz questão de frisar e tentei me desvencilhar.

Ele não permitiu e ainda sorriu, deixando uma parte de seus dentes brancos e perfeitos à mostra. Quando menos previ, meu maxilar se encontrava entre uma de suas mãos e seu olhar faltou me perfurar, de tão profundo.

— Eu falei aquela besteira, porque estava com ciúmes e me deixei levar pela emoção — Meus olhos ganharam um tamanho maior, pois não acreditava que houvesse ouvido aquilo.

— Ciúmes? De mim? — Perguntei e franzi o cenho sem entender.

— Sim, ciúmes — sussurrou próximo aos meus lábios e sugou um deles, fazendo-me fechar os olhos. Senti a ponta de seu polegar sobre o bico rijo de um dos meus seios e confesso que soltei uma lufada de ar. Alucinada era pouco para a forma como Gutierrez estava me fazendo sentir. — Gosto quando seu corpo estremece ao meu toque. — Ainda com meu lábio entre os seus, ele o mordeu de leve e, eu revirei os olhos em sinal claro de delírio.

— Não-não foge das minhas perguntas — gaguejei.

— Eu já respondi. — Proferiu com exatidão.

Quando pensei em formular algo, Gutierrez enfiou sua língua em minha boca de forma voraz e, eu envolvi minhas mãos em sua nuca. Nosso beijo se intensificou, ao mesmo tempo em que seu polegar e indicador apertavam de forma enlouquecedora o bico do meu seio. Ele alternava a pressão de forma gradativa aumentando o nosso tesão.

— Deliciosa — Gutierrez sibilou em meio ao nosso beijo faminto.

Desci minhas mãos para seu peitoral e as movi até sentir os gominhos de sua barriga definida. Gemi contra seus lábios ao constatar tamanha perfeição e deslizei meus dedos por sua pele lisa até chegar ao botão de sua calça jeans. Abri o botão de maneira hábil e, em seguida, abri o zíper.

— Tira — pedi ao cessar nosso beijo, e o fitar de forma promissora.

Ele mordeu o lábio inferior de forma maliciosa e fez como pedi. Após se livrar da calça, retirou sua camisa por completo, lançando-a para longe. Afastado de mim, eu desci meu olhar por todo seu corpo, parando demoradamente sobre sua protuberância, que demarcava bem a espessura e tamanho em sua cueca boxer de cor cinza.

Cheguei próximo a ele, que me envolveu em seus braços, fazendo-me sentir segura e protegida. Querendo fugir daqueles sentimentos, eu optei por não segurar minha ânsia de pegar em seu membro e o apalpei por cima do tecido da cueca, ouvindo-o soltar um gemido rouco de tesão. Mordi seu peitoral e recebi o aperto de seus dedos nos fios do meu cabelo.

— Não sei como me mantive afastado de você por tanto tempo, Selena

— Gutierrez proferiu, assim que olhei em seus olhos que me denunciavam algum sentimento a mais, mas evitei ter de identificá-lo, afinal de contas, eu não sabia o que se sucederia entre nós depois dessa noite.

— Shiii... Não fala nada, vamos apenas nos entregar um ao outro nessa noite — sugeri. De fato, era o melhor a ser seguido.

Ele sorriu minimamente e assim que envolvi minhas mãos em sua nuca novamente, Gutierrez tomou minha boca para si mais uma vez. Ele circundou minha cintura e me impulsionou a colocar minhas pernas ao redor de seu quadril. Nossas línguas continuaram duelando entre si dentro do vão de nossas bocas, mapeando cada canto existente de cada uma.

Com os olhos fechados, eu percebi que Gutierrez se moveu sem desgrudar nossas bocas e logo senti minhas costas descansarem sobre algo macio, constatei que era sua cama. A fricção do seu membro ao meu sexo, impedidos de se sentirem pele a pele por causa do tecido de nossas peças íntimas, me fazia encharcar ainda mais. Soltei uma lufada de ar ao desgrudar nossas bocas e ele mordeu o vão do meu pescoço.

— Eu quero te sentir, Gutierrez — pedi com ânsia em minha voz. O tesão que nos rondava era quase palpável.

— Não precisa ter pressa. Vou venerar cada parte do seu corpo, Selena — Ao ouvir sua resposta, eu gemi alto.

Logo meus olhos se arregalaram ao constatar que nem sequer tinha perguntado se a mãe dele estava em casa. Ele havia me dito que morava com ela em um dos telefonemas que me fez há alguns dias.

— Espera — pedi preocupada. Naquele momento, Gutierrez descia pela minha clavícula a mordiscando, mas parou no mesmo instante e me encarou interrogativo. — Sua mãe está em casa? — Indaguei.

Ele gargalhou, lindo. E, eu acho que me apaixonei ainda mais. Apaixonar? Claro que não! — Me repreendi mentalmente.

— Selena, relaxa — proferiu divertido, olhando em meus olhos e pegou um dos meus seios em suas mãos; apertou-o com ferocidade, fazendo-me arquear minhas costas e morder meu lábio inferior, descansando minhas pálpebras em sequência.

Deixei minha mente relaxar, enquanto sentia suas mãos apalpando meus seios, alternando com seus dedos; hora ou outra apertavam os bicos bastante rijos. Em seguida, sua boca os tomou para si. Sua língua quente e ávida rodeava toda a auréola do meu seio, sugando o bico com tamanha maestria, e causando-me uma combustão de sentimentos. Gutierrez estava me levando ao delírio.

Tentei fechar as pernas, mas ele se encontrava no meio delas, me impedindo. Em seguida, moveu sua boca até o outro mamilo e o deu a mesma atenção, fazendo-me contorcer abaixo do seu torso. Eu não sabia até quando aguentaria aquela tortura.

— Gutierrez — sibilei ao engolir em seco e o olhei com os lábios entreabertos, por causa de minha respiração ofegante, ocasionada por sua tortura. Percebi seus lábios levemente inchados.

— Diga — pediu, e ainda com o olhar fixo ao meu mordeu minha barriga, próximo ao umbigo.

Umedeci meus lábios, e o observei morder acima da minha virilha.

— Preciso que acabe logo com essa tortura. Quero te sentir dentro de mim, Gutierrez — proferi sem desviar meus olhos dos seus e ele sorriu.

Em seguida, chupou acima do elástico da minha calcinha e logo deteve as laterais da mesma com seus dedos.

— Ainda não, Selen — disse ao mover sua cabeça em negativo e mordeu a lateral direita do meu quadril. — Por hora, você vai se aliviar em minha boca. — Sem ter tido tempo de ao menos raciocinar direito, Gutierrez puxou o tecido da minha calcinha por minhas pernas e a tirou sem qualquer cerimônia. Não tentei impedir, pois confesso que estava ansiando para ter sua boca sobre minha boceta.

— Hum... — gemi alucinada ao sentir seu dedo mover num lento sobe e desce em meu sexo, espalhando minha lubrificação.

— Preciso sentir seu gosto — dito isso, Gutierrez circundou a borda da minha entrada com dois de seus dedos, mas não me penetrou, em seguida, eu o assisti levá-los até sua boca, cena na qual foi capaz de me deixar ainda mais insana.

Definitivamente, ele sabia o que fazia. Eu só não tinha ciência se sobreviveria a essa noite regada a tanto erotismo da parte deste homem. Confesso que estava difícil saber.



CAPÍTULO 26

GUTIERREZ

Assim que provei o gosto dela, eu pude assisti-la desviar sua atenção de mim depois de gemer alucinadamente e morder seu lábio inferior. Desci meu olhar para seus seios nus e seus bicos rosados ainda se encontravam rijos. Mesmo querendo pegá-los entre meus dentes e sugá-los com ferocidade, eu apenas reprimi esse desejo e voltei minha atenção para seu sexo nu, praticamente pedindo para ser degustado por mim.

Coloquei o rosto diante de seu sexo após jogar sua calcinha em algum canto do meu quarto e pressionei seu clitóris com meu polegar. Salivei só de observá-la se retorcer diante do meu toque.

— Gu-Gutierrez — Selena sussurrou meu nome de olhos fechados e notei uma de suas mãos apertar com força um dos seus seios.

Perdi-me naquela cena. Selena era uma mulher intrigantemente deliciosa. Sem querer prolongar o inevitável, eu abocanhei sua carne inchada e o suguei entre meus lábios com força. Ouvi seu grito e ela arqueou seu corpo em resposta ao meu ataque em seu sexo.

Circudei minha língua em seu clitóris e ela gemeu novamente, mas fez questão de abrir os olhos e assim que o fez, eu o chupei entre meus lábios com extrema vontade e a vi abrir a boca e fechá-la em seguida, jogando a cabeça para trás. Assisti seu peito subir e descer com rapidez e tratei de levar uma das minhas mãos até um dos seus seios e apertei seu bico duro com meu polegar e indicador. Selena pousou sua mão sobre o dorso da minha e me fez apertá-lo com mais força.

— Isso! — Sua voz estava irreconhecível, mas foi possível identificar o grau de sua excitação.

Meu pau já se encontrava dolorido, juntamente com minhas bolas. Eu estava ensandecido por ela. Confesso que de início, eu quis torturá-la, mas pelo visto, o feitiço virou contra o feiticeiro.

Demorei-me um pouco mais em seu clitóris, enquanto meus dedos continuaram trabalhando no bico rijo de seu seio. Em seguida, passei minha língua de cima até sua entrada e a introduzi ali, sentindo mais uma vez o seu gosto inebriante. Jamais seria capaz de esquecer sua essência, ficaria impregnada em meu paladar.

— Se não parar, e-eu... — ouvi ela soltar o ar sôfrego e, seu quadril foi friccionado com certa ânsia contra minha boca, gesto do qual, aproveitei para

passar minha língua ao redor de sua entrada e, em seguida, voltei até seu clitóris, sugando-o outra vez. — Oh! — Selena reboiou novamente em minha boca.

— Você tem um sabor incrível! Eu poderia ficar aqui por horas, mesmo assim, elas não seriam suficientes para me saciar — proferi enlouquecido.

— Hum... — chiou, fazendo meu tesão aumentar gradativamente.

Sem mais, eu abandonei seu sexo e me coloquei acima do seu corpo, tomando o cuidado de não a prensar com o meu peso, pois o sustentei acima do meu antebraço esquerdo. Encarei-a com admiração, enquanto a vi me devolver o olhar, mas o dela expressava algo muito além, que não soube identificar com exatidão. Mas eu descobriria mais adiante.

Com minha mão direita, eu retirei alguns fios soltos sobre seu rosto. Em seguida, levei meu polegar sobre seus lábios e o delineei, traçando precisamente seu desenho perfeito. Observei que ela os manteve entreabertos, enquanto continuava com sua atenção em cada movimento meu, respirando ofegante.

— Não devia me olhar assim... — Selena iniciou, porém ponderou. Não fiz menção de dizer nada, apenas um pequeno sorriso repuxou o canto dos meus lábios.

— Está falando exatamente de quê? — incitei, ao fixar meu olhar no seu.

Observei-a engolir em seco e mordeu o lábio inferior; eu já havia notado que isso era uma mania, no qual me deixava evidente seu nervosismo.

— Esquece — pediu veemente.

— Eu gosto de você, Selena, e é isso que me importa — Deixei claro e antes que ela tivesse tempo para formular algo em sua mente mirabolante, eu tomei seus lábios nos meus e friccionei meu membro ainda coberto pelo tecido da cueca, sobre sua boceta.

Senti suas unhas arranharem meu peitoral e descerem pelo mesmo, passando por meu abdômen. Quando menos previ, sua mão entrou na minha cueca e alcançou meu pênis. Naquele momento, eu resfoleguei em meio ao nosso beijo e meu quadril se impulsionou automaticamente contra sua mão, que detinha meu pau entre seus dedos quentes e macios.

Se isso não fosse o suficiente, Selena passou seu polegar sobre a glândula do meu pênis, espalhando minha lubrificação em meio à cabeça do mesmo. Diante de tamanha assistência, eu fui forçado a interromper nosso beijo e descansei minha testa junto à dela. Encontrávamos ofegantes. Estava cada vez mais difícil me conter.

— Não vou conseguir me conter por mais tempo com você me provocando dessa forma — anunciei de encontro ao rosto de Selena, ainda de

olhos fechados, pois eu estava tentando controlar minha respiração. Ela não se encontrava diferente de mim.

— Não quero que se contenha, Gutierrez — Assim que a ouvi, abri meus olhos de imediato e a encarei, apenas para enxergar um desejo exorbitante estampado em seu olhar. Ela me queria do mesmo modo que eu a desejava e, isso ficou muito mais do que evidente para mim.

Sua mão começou a subir e descer, masturbando-me e, eu grunhi. No ímpeto do momento, eu afastei meu membro do seu toque e tirei o único pano que ainda nos atrapalhava. Assim que o fiz e a encarei com uma cara de safado, Selena me encarou e umedeceu seus lábios, atitude da qual me fez tomar seu lábio inferior dentre os meus, e o mordi de leve, arrancando-lhe um gemido audível, denunciando-me o grau de sua excitação.

Voltei a descansar meu peso sobre meu antebraço e alcancei meu pau com a outra mão, sentindo-o latejar entre meus dedos. O levei até o sexo de Selena e o esfreguei sobre seu clitóris, fazendo-a arquear seu corpo, ao mesmo tempo em que gemeu e cravou suas unhas em minhas costas. Eu ficaria marcado por suas garras, mas naquele momento, aquela constatação me soou malditamente enlouquecedora, pois seria uma satisfação enorme acordar marcado por ela. Selena havia me atraído como jamais outra mulher tinha sido capaz, muito menos a Mirela.

— Oh! — Selena gemeu ensandecida, assim que movi meu pau até sua entrada e me demorei por alguns segundos. — Chega, Gutierrez! — Soou insatisfeita. — Me penetra de uma vez, pois eu não aguento mais — impôs com indignação.

Para falar a verdade, eu havia gostado e muito de ouvi-la me pedindo para penetrá-la, sinal de que meu ponto teria sido atingido: Enlouquecê-la e fazê-la ansiar por mim, assim como eu já me encontrava por ela.

Com meu pênis já posicionado em sua abertura, eu friccionei meu quadril e a penetrei lento, pois não tinha a intenção de machucá-la. Muito pelo contrário, eu queria proporcioná-la um prazer jamais dado a ela. Mordi meu lábio inferior ao sentir suas paredes internas me pressionarem, além do calor descomunal, no qual fui recebido ali dentro.

Assim que me enterrei por completo dentro dela, eu comecei a bombear em sua entrada escorregadia, aumentando meu tesão num grau exorbitante, se é que isso ainda fosse possível. Selena gemia em meu ouvido, deixando-me ensandecido, fazendo com que eu a penetrasse com mais agilidade. Desci minha boca até seu ombro e o mordi de leve.

A cada estocada que eu dava, suas paredes internas me pressionavam com maestria e meu tesão já se encontrava fora de órbita, incalculável.

— Selenia — proferi seu nome de forma incoerente, diante do desejo que sentia em estar dentro de sua boceta quente e enlouquecedora.

Suas unhas cravaram em minha bunda, impulsionando meu quadril, fazendo-me esticá-la com mais ferocidade. Chupei seu ombro ao sentir meu corpo clamar por libertação, pois estava próximo. Desci minha mão direita por entre nossos corpos e alcancei seu clitóris, no qual percebi estar inchado.

— Oh, Gutierrez! — exclamou meu nome em tom de súplica e pude identificar que seu clímax estava próximo. Identifiquei que nossos corpos se encontravam minimamente suados e pressionei seu clitóris com meu polegar, o circundando, dando-lhe o prazer necessário para sua libertação. — E-eu... Oh! — gemeu alucinada, deixando-me a beira do abismo, pois não me demoraria a gozar também.

— Vem para mim, Selenia. Vai! Goza para mim, querida — pedi ao olhá-la nos olhos profundamente e tomei sua boca na minha em seguida. Aumentei minhas estocadas e pressionei dois dos meus dedos sobre seu clitóris com mais pressão.

Os gemidos de Selenia haviam sido tomados por mim, pois ninguém mais foi capaz de ouvi-los; eles eram direcionados apenas a mim, em meio ao nosso beijo faminto e preciso. Quando notei seu corpo estremecer abaixo do meu, eu soube que seu gozo estava vindo, retirei meu pênis de sua abertura e fiz questão de introduzir dois dos meus dedos dentro dela, nos quais a fez cessar nosso beijo perante o seu grito, e se libertou em questão de segundos, os lambuzando com seu gozo forte e quente. No instante em que terminou de se retorcer abaixo do meu torso, eu deixei nossos rostos próximos o suficiente para nos encarar, mas suas pálpebras encontravam-se fechadas e aproveitei para observá-la tentando conter sua respiração, muito alterada.

Ainda lhe fitando, eu voltei a penetrá-la e fui aumentando o ritmo aos poucos. Logo a vi abrir os olhos para me encarar com um brilho que antes não se encontrava presente ali. Um sorriso malicioso brotou em seus lábios e, eu retribuí na mesma intensidade, estocando ainda mais fundo em sua boceta convidativa.

— Não tem noção do quanto fica bela ao gozar — fui sincero, ao mesmo tempo, que sentia um calor crescente em volta do meu coração. Era possível ouvi-lo galopar em meu peito. Definitivamente, Selenia me fazia muito bem.

Sem mencionar qualquer palavra, Selenia me beijou lentamente e tomou

minha língua para si, sugando-a de forma provocativa. Diante de sua atitude, meu pau pulsou dentro dela e, eu grunhi enlouquecido, após jorrar dentro dela. Após terminar de me libertar, eu percebi que não havíamos usado qualquer proteção.

Soltei uma lufada de ar, inconformado comigo mesmo, por minha falta de responsabilidade e me deitei ao lado dela. Pressionei meu braço sobre meus olhos, enquanto me condenava internamente. Não podia acreditar que me deixei levar pelo tesão daquela forma.

— O que foi? — Ouvi Selenia falar e logo senti sua mão alisar meu peitoral. Confesso que meu pau ganhou vida novamente e as batidas do meu coração aumentaram, fazendo minha respiração acelerar gradativamente.

Engoli minha saliva com dificuldade e umedeci meus lábios.

— Nós não... — Ponderei, mas Selenia me impediu de concluir.

— Usamos preservativo. Eu sei. — Destampeei meus olhos e a encarei, incerto.

— E não está preocupada com isso? — Questionei ao pegar sua mão, que estava sobre meu peitoral.

Ela soltou um riso sem graça, e depositou um beijo sobre meu peito.

— Eu sou azarada, Gutierrez. — Deu de ombros e, eu franzi o cenho, deixando claro que não tinha entendido. — Já tentei engravidar tantas vezes, que não seria essa única vez sem camisinha que isso viria a acontecer — frisou com veemência.

— Não deveria pensar assim. Além do mais, usar camisinha não só evita uma gravidez indesejada, mas também alguma doença sexualmente transmissível — relembrei-a.

Mais uma vez, ela sorriu sem graça.

— Não se preocupe à toa. Se te deixa mais tranquilo, eu vou tomar a pílula do dia seguinte, assim que for embora — anunciou descontente.

Levei uma mão até sua bochecha e a acariciei.

— Não gosto de vê-la com esse semblante triste — fui sincero.

— Eu estou bem — A mentira estava evidente para mim, através de seus olhos.

— Não precisa tentar mascarar algo que você mesma sabe que não é verdade, Selenia — repreendi.

— Eu apenas entendi que por maior que seja o nosso sonho, nem sempre é certo que conseguiremos realizá-lo — Quando tentei argumentar, Selenia não

permitiu. — Aliás, sabe o que acho? — Movi minha cabeça em negativo diante de sua pergunta e, ela continuou. — Que estamos perdendo um tempo precioso com conversa desnecessária. — Eu sorri diante de sua mudança repentina de assunto.

— E o que prefere? — Desci meu polegar até seus lábios e os contornei. Estava fissurado por eles. Selenia tinha uma boca e corpo convidativo.

Sem ao menos me responder, Selenia levou sua mão até meu pau e o segurou com maestria. Grunhi desejoso, diante de sua atitude. Ela sorriu sombria e quando menos previ, passou sua perna por cima de mim e me vi entre as mesmas. Logo sentou-se sobre mim e soltei o ar com dificuldade, após senti-la novamente.

— Você vai me enlouquecer desse jeito — Ela sorriu, linda.

Sentei-me, enquanto ela começou a galopar em mim e envolvi meus dedos entre os fios do seu cabelo, trazendo sua boca para mim, e tomando-a com ferocidade. Definitivamente, nos encaixávamos perfeitamente bem. Só agora, eu pude perceber o porquê dos meus batimentos descompassados e do calor descomunal que aquecia meu coração, sempre que me encontrava em sua presença: Não era um simples “gostar” por Selenia, era mais do que isso. Talvez pudesse ser uma paixão. Ou, até mesmo o amor.

Uma coisa era certa: Descobriríamos juntos.



CAPÍTULO 27

SELENA

Já havia amanhecido e, eu encarei o teto, pensativa, enquanto Gutierrez dormia ao meu lado, coberto apenas por um lençol da cintura para baixo, deixando seu torso desnudo à mostra. Soltei o ar, incrédula, depois de desviar meu olhar e mordi meu lábio inferior, lembrando da noite maravilhosa que tivemos. O pior era saber que eu havia amado tudo e isso me resultaria em mais uma ilusão, porque apesar de ele ter repetido várias vezes na noite passada, que também estava gostando de mim, o meu lado desconfiado reinava com vigor, não me permitindo acreditar em tais palavras.

Sendo assim, era melhor que eu me protegesse o quanto antes e não me permitisse ser enganada. Pensando nisso, eu me virei para o lado contrário que Gutierrez se encontrava e me sentei na cama, segurei o cobertor contra meus seios, pois estava nua e varri o quarto com meu olhar a procura das minhas peças íntimas e do meu vestido. O avistei próximo a porta e quando fiz menção de me levantar, eu fui impedida.

— Bom dia — Após ouvir sua voz rouca por ter acabado de acordar, eu fechei meus olhos com força e tentei soar tranquila.

— Bom dia. — Abri meus olhos e o observei de lado. Ele sorriu, lindo.

Sua mão moveu, subindo lentamente pelo meu braço, causando-me arrepios por todo o corpo e constatei meus pelos eriçados. Era uma verdadeira tortura. Engoli em seco, assim que desviei meus olhos dos dele e senti meu coração palpitar rápido no peito, fazendo minha respiração acelerar gradativamente. Percebi que o colchão atrás de mim se afundou e logo tomei ciência de sua aproximação. Sinceramente, eu já não sabia mais o que pensar, muito menos sabia dizer se realmente queria fugir dele. Encontrava-me num claro impasse.

— Você é uma mulher extraordinária, Selena — Ao ouvir tamanho elogio de sua parte, eu fui incapaz de fingir que estava imune a tais palavras e acabei sorrindo feito uma adolescente boba e, pior: apaixonada.

— E você é um homem muito gentil e respeitoso, eu devo frisar — retribuí seu elogio em meio ao meu imenso sorriso e passei meus dedos entre os fios do meu cabelo, tentando de alguma forma desembaraçá-lo. Também desejava fugir do toque e olhar perturbador do Gutierrez. Estava cada vez mais difícil continuar enganando a mim mesma, pois eu queria muito mais que apenas uma noite em sua cama.

Ao perceber minha real intenção para com Gutierrez, eu soltei o ar sem muito ânimo, pois não sabia o que ele pensaria agora, já que tínhamos transado. Tratei de me levantar e tomei o cuidado de me cobrir por trás com o cobertor. Evitei olhá-lo.

Caminhei até meu vestido e sutiã, que estavam caídos próximos a porta, e me inclinei para pegá-los. Olhei próximo aos pés da cama e avistei minha calcinha. Movi-me para ir pegá-la, mas antes que pudesse medir meus passos, Gutierrez foi mais rápido e a deteve em suas mãos. O assisti sentar-se na beirada da cama e fui incapaz de não perceber seu pau ereto, pois se encontrava bastante evidente.

— Espero que não esteja com planos de ir embora, Selena — Seu tom saiu carregado de segundas intenções e se isso não bastasse, ele pegou minha calcinha e a cheirou. Aquela atitude me fez contorcer internamente, pois senti meu clitóris piscar.

Sem querer debater aquele assunto, eu tentei fugir de sua provocação e deixei o cobertor cair aos meus pés. Tinha ciência da minha completa nudez, porém dei de ombros, pois percebi que já não tinha nada em mim que ele não houvesse tocado, beijado e, ou mordido de forma minuciosa. Lembrar daquilo me fazia querer reviver tudo novamente, então enquanto o assisti me encarar com luxúria estampada no olhar, eu comecei a vestir meu sutiã. Ao terminar, ajustei o bojo corretamente sobre meus seios e quando levantei meus olhos, Gutierrez caminhou em minha direção.

— Gutierrez, é melhor que... — antes que eu pudesse terminar, ele me puxou para si, colocou seu corpo ao meu e me beijou de forma voraz.

Deixei-me levar pela emoção do momento, pois eu o desejava com todas as minhas forças, mesmo sabendo que estava propícia a mais uma decepção amorosa, ou não. Porém, o tempo se encarregaria sobre isso.

Logo fui obrigada a deixar minhas divagações de lado, pois Gutierrez me pegou em seu colo e, mesmo sem desgrudar nossas bocas, me deitou sobre sua cama novamente e se colocou no meio das minhas pernas. Seu membro foi pressionado sobre minha boceta e pude senti-lo extremamente duro e quente. Aquela constatação, só fez meu prazer aumentar.

— Ah, Selena — Gutierrez grunhiu meu nome em meio ao nosso beijo em um tom sôfrego, denotando o quanto estava gostando do nosso momento.

Permaneci envolvida a ele, sentindo sua mão apertar minha coxa, enquanto continuou friccionando seu membro sobre meu clitóris. Estava difícil segurar minha ânsia de tê-lo o quanto antes dentro de mim. E como se ele

houvesse detectado meus pensamentos, logo se afastou e me olhou profundamente.

Vi-me hipnotizada pelo seu olhar negro e brilhante, pois pude me ver com extrema clareza dentro deles. Soltei um sorriso ameno e desviei minha atenção, focando em seus lábios ainda avermelhados por causa do nosso beijo recente. Com minhas mãos ainda envoltas em seu pescoço, eu o puxei para mim e dessa vez, eu que impulsionei meu quadril, esfregando meu sexo contra seu pau.

Sem qualquer aviso, senti que ele me penetrou, porém dessa vez, não foi paciente como na noite passada, muito pelo contrário, foi rápido, duro e fundo. Minha boca se abriu de modo repentino, pois fui tomada pelo tesão diante de seu ato inesperado, então finquei minhas unhas em seus ombros, demonstrando-lhe o quão enlouquecida me encontrava. Em sequência, Gutierrez continuou e investiu em minha entrada sem parar, chupando e mordendo de leve o meu pescoço, deixando-me cada vez mais excitada e próxima a borda.

Fechei meus olhos com força ao sentir meu clitóris pulsando frenético e um arrepio trespassar pelo corpo. Eu sabia que não duraria por muito mais tempo. Tentei curtir um pouco mais aquelas sensações, que Gutierrez estava causando a mim, porém ele voltou a se apossar da minha boca e sua língua adentrou o vão da mesma.

Incapaz de continuar me segurando, eu gemi alucinada contra sua boca, após meu quadril tomar vida própria e se esfregar contra seu corpo mais uma vez. Quando menos previ, cessei nosso beijo e um grito rompeu por minha garganta, ao mesmo tempo em que senti meu coração palpitar rápido e minhas pernas ficaram moles, feito gelatina. Depois que gozei, o meu clitóris pulsou por ainda tê-lo me preenchendo, reivindicando por completo o meu corpo. Uma sensação maravilhosa, por sinal.

Tratei de espantar os pensamentos negativos que queriam tomar minha mente e foquei em Gutierrez. E, naquele instante, ele se moveu com mais agilidade sobre mim, fazendo minhas paredes internas se contraírem, excitando-me novamente. Logo, penetrou-me por mais algumas vezes com certa ferocidade, um grunhido deixou sua boca e mais uma vez ele se derramou dentro de mim, pude sentir seu gozo quente escorrer de dentro do meu canal e soltei o ar, satisfeita.

Assim que controlamos nossas respirações, Gutierrez retirou seu rosto que se encontrava afundado no vão do meu pescoço, e me encarou com um lindo sorriso.

— Eu não sei se algum dia, eu vou conseguir me sentir saciado ao tê-la, porque toda vez que a tenho, eu a desejo ainda mais. É como se eu nunca tivesse lhe provado — Gutierrez proferiu contra meu rosto, enquanto olhou em meus olhos e afagou minha bochecha carinhosamente.

— Você me faz sentir especial, Gutierrez — fui sincera e devolvi seu olhar intenso. — De algum modo, você me faz acreditar que ainda existe uma fresta de luz no fim do túnel. Eu... — assim que percebi o quanto havia falado e que não deveria, mordi meu lábio inferior, impedindo-me de continuar — Esquece, nem sei o que estou dizendo. — Tentei afastá-lo, mas foi em vão, pois ele não permitiu.

— Você é muito mais do que especial, Selena — Confesso que ouvir tal confissão, fez meu coração se aquecer e continuei encarando seus olhos, que se encontravam fixos aos meus.

Admito que não esperava tal revelação.

— É melhor eu ir embora. Preciso dar notícias em casa, pois minha prima deve estar preocupada comigo. — Gutierrez permaneceu sobre mim e sorriu de lado. — O que foi? — Fingi não o entender.

— Não adianta inventar desculpas, Selena. Você não sairá daqui tão cedo — frisou convicto.

— Não estou mentindo — Tentei soar convincente, mas ele continuou me encarando e arqueou a sobrancelha, incitando-me. Bufeí derrotada — Tudo bem. O que mais quer de mim? — Inquiri.

Gutierrez se manteve sério e permaneceu me olhando profundamente.

— É bem simples, Selena. — Ele beijou suavemente o canto da minha boca, deixando-me em êxtase. — Só quero aproveitar um pouco mais do dia em sua companhia. Será que não mereço? — Pronunciou e mordeu meu lábio inferior, causando um estremecimento pelo meu corpo. Eu já havia perdido completamente o controle sobre mim mesma.

— Hum... — gemi, assim que ele enfiou sua língua em minha boca. Pude sentir seu membro ficar extremamente duro novamente, encostado em minha entrada. Confesso que me contorci por dentro.

— É melhor irmos tomar café da manhã, ou não deixarei que saia dessa cama. — Eu sorri em meio ao nosso beijo e logo o cessei.

— Concordo — proferi. Eu sabia que meu sorriso era malicioso e denotava o quanto o desejava na mesma intensidade.

— Pode tomar banho, enquanto eu vou indo lá embaixo — O agradei pela privacidade, e ele sorriu lindamente. — Aguardarei você para o café. —

Assenti e ele saiu de cima de mim, deixando a cama, e caminhou em direção ao banheiro. Lógico que fui incapaz de não encarar seu corpo perfeitamente esculpido e lindo. Abanei-me mentalmente, só de tê-lo observado. Uma verdadeira tentação.

Minutos depois, eu o assisti sair do banheiro com o cabelo um pouco úmido. Eu estava sentada na beirada da cama, coberta com o lençol e logo fui surpreendida com sua presença e recebi um selinho demorado dele. Seu hálito agora tinha cheiro e gosto mentolado, pois tinha feito sua higiene bucal.

Em seguida, ele caminhou para dentro do seu closet e sumiu dentro dele. Aproveitei para deixar o lençol em cima da cama, peguei meu vestido e calcinha, e me enfiei no banheiro. Retirei meu sutiã ao estar ali dentro e o coloquei sobre a bancada da pia junto com minhas demais peças.

Olhei para a porta escova de dente e só vi uma ali. Pensei se seria uma boa ideia usá-la. Apesar de eu saber que era algo bem pessoal, optei em “pegá-la emprestada”, pois estava precisando e tinha comigo que Gutierrez não se incomodaria, ao menos eu achava isso. Após terminar, eu devolvi ao mesmo lugar e, em seguida, entrei no Box.

Momentos depois, eu me encontrava vestida, mas tirava o excesso da água dos meus cabelos com a toalha, pois o tinha lavado. Assim que me vi satisfeita, abandonei a toalha dentro de roupas sujas e saí dali. Segui até minha bolsinha, que ainda se encontrava jogada no canto do quarto e peguei meu celular dentro dela.

Vi várias chamadas da minha prima e uma mensagem dela:

“Onde está? Por favor, assim que visualizar essa mensagem me retorne imediatamente. É importante, Lena.”

Franzi o cenho diante de tamanha urgência mediante sua mensagem. Preocupada, disquei seu número no mesmo instante e após tocar algumas vezes, ela finalmente atendeu.

— Por Deus, Lena! Onde está? — Inquiriu, e identifiquei tristeza em sua voz.

— Estou bem, Ju. — A ouvi suspirar em tom de alívio. — Por que me ligou tantas vezes? — Indaguei preocupada.

— É a dona Nice — proferiu com certo pesar.

Confesso que ao ouvir sua resposta, meu coração acelerou e um nervosismo tomou conta do meu corpo.

— O que aconteceu com ela? — Questionei com dificuldade.

— Ela está internada, Lena. E o quadro de saúde dela não é nada bom. — Um nó se formou em minha garganta após ouvi-la, e lágrimas tomaram meus olhos.

— Onde vocês estão? — Ela me informou e, em seguida, desliguei meu celular. Peguei minha bolsa e sapatos, e saí dali rapidamente.

Desci as escadas no automático, pois me encontrava cega de preocupação. Eu não sabia direito onde Gutierrez se encontrava, pois havia duas portas que levaria a algum cômodo da casa e, eu não tinha como perder tempo ali; dona Nice estava precisando de mim. Então, eu rumei para a porta de saída e ao chegar até os portões, eu pedi para um dos seguranças o endereço dali para poder pedir um táxi. O rapaz me informou e, eu liguei para uma empresa de táxi.

No instante em que desliguei o celular, Gutierrez chegou até mim e me questionou o porquê de eu sair sem comunicá-lo. O expliquei por alto que minha prima havia me telefonando e dito que a dona Nice estava hospitalizada e precisava de mim. Ele apenas me abraçou e me pediu calma.

Confesso que em meio ao seu abraço, eu me senti segura e acabei deixando as lágrimas banharem meu rosto. Gutierrez nos direcionou até seu carro e após passar pelos portões, ele pediu a um dos seguranças para dispensar o táxi. Enquanto o percurso foi feito, mais lágrimas deixaram meus olhos e, eu só pedia aos céus para que dona Nice não me deixasse.

Eu não suportaria sua perda. Seria dolorosa demais caso viesse a acontecer. Destroçaria-me em incontáveis pedaços.



CAPÍTULO 28

GUTIERREZ FERNANDEZ

No momento em que terminei de me vestir, eu saí do closet e não encontrei Selenia sentada na beirada da cama assim como havia lhe deixado ao entrar no mesmo. Fui até o criado-mudo ao lado da cama e peguei meu celular, vi que já passava das dez horas e verifiquei se tinha alguma mensagem ou chamada da minha mãe, mas não tinha nenhuma. Saí do quarto com o mesmo em mãos e desci as escadas.

No momento em que cheguei até a mesa, a minha mãe já se encontrava acomodada e tomava seu café da manhã. Eu devolvi o sorriso que ela me lançou assim que me viu ir a sua direção. Fui até ela e lhe dei um beijo carinhoso na cabeça.

— Bom dia, meu filho — falou sorridente e, eu estranhei seu semblante despojado.

— Bom dia — respondi e sorri em seguida.

Eu sabia que havia me auto-denunciado para ela, pois a vi me encarar de um modo diferente, além disso, eu tinha plena convicção da alegria contagiante que estampava meu rosto, consequentemente, meus olhos não foram capazes de deixar aquele mínimo detalhe passar despercebido por dona Isabel, afinal de contas, era da minha mãe que estávamos falando, pois jamais consegui lhe esconder nada.

— Quer me contar a novidade? — Encarei minha mãe, após preencher minha xícara de café e evitei comer qualquer coisa, pois aguardaria Selenia.

— Que novidade? — Devolvi a pergunta.

Bebi um pouco do líquido e um sorriso repuxou o canto dos meus lábios, após vê-la analisando meu rosto.

— Você não me engana, filho — ressaltou, fazendo meu sorriso se ampliar ainda mais.

— Então... — ponderei. Eu odiava rodeios, não era do meu feitio, mas confesso que dessa vez não optei por isso, apenas não consegui ser direto. Falar de Selenia sempre me deixava com o coração saltitando no peito, algo que fazia minha respiração se tornar entrecortada. — Quero que conheça... a mulher que ultimamente, vem povoando meus pensamentos — finalmente anunciei e terminei de tomar o café.

Eu estava apreensivo, pois aguardava ansiosamente a chegada de Selenia para se juntar a nós, porém já havia se passado um tempo considerável e nada de

ela aparecer.

— Só espero que não seja aquela infame da Mirela, porque se for... — percebi que minha mãe começou a se exaltar, mas tratei de interpelá-la.

— Eu jamais voltaria com a Mirela, mãe. Não se preocupe — fiz questão de tranquilizá-la.

— Ótimo! Sinal de que seguiu em frente — Minha mãe sorriu contente e me encarou. — E, pelo que falou, suponho que ela esteja aqui? — Indagou.

— Sim, ela está, mas...

Antes que eu terminasse de falar, Júlia, a governanta da casa, chegou até nós.

— Com licença — ela pediu ao se prostrar próximo a mesa, e nossa atenção se voltou para ela. — Desculpa atrapalhar, mas tive a impressão de que alguém acabou de sair pela porta — No momento em que ouvi o final de sua frase, nem me dei o trabalho de questionar nada, apenas me levantei da cadeira e corri em direção às escadas. Assim que caminhei em direção ao quarto, uma pequena chama da esperança me tomou por dentro, pois imaginei que ela não sairia dali daquela forma.

Porém, não a encontrei no quarto. Corri até o banheiro e nada também. Voltei para as escadas e desci rapidamente os degraus, saindo pela porta em seguida.

Soltei o ar, aliviado ao encontrá-la próxima aos portões e fui ao seu encontro.

— Por que está fugindo dessa forma, Selenia? — indaguei, deixando minhas palavras saírem carregadas de insatisfação, mediante sua postura.

— Não estou fugindo. — Ela evitou me encarar e percebi seu tom triste. Fiquei preocupado e curioso ao mesmo tempo. Diante daquela constatação, logo obtive resposta. — Minha prima me ligou, dona Nice está hospitalizada. Consequentemente necessita da minha presença — Sua voz saiu chorosa.

Num rompante, eu a envolvi num abraço apertado, deixando-a ciente que eu estava ali e ficaria pelo tempo que ela determinasse. Tentei acalenta-la, mas ela logo me agarrou com ambas as mãos, numa força inigualável, se segurando de forma desesperada como se eu fosse sua pilastra, no qual lhe manteria de pé. Seu choro saiu alto, e vê-la naquele estado, me dilacerou por dentro, assim como da primeira vez em que a presenciei tão abatida em seu quarto, na vez em que me confessou ter tido um aborto espontâneo.

Pedi que ela se acalmasse e beijei sua cabeça, tentando reconfortá-la. Ela apenas assentiu chorosa e a levei em direção ao meu carro. Dei partida e antes de

atravessar os portões, dei ordens para que um dos seguranças cancelasse o pedido do táxi para Selenia, pois eu sabia que ela não se encontrava bem para fazer isso.

Assim que peguei a estrada, Selenia me informou em qual hospital dona Nice se encontrava e segui direto para lá. Em meio ao percurso, era possível ouvir seus soluços. Meu coração se apertou no peito por assisti-la naquele estado. Era muito triste, algo que me trouxe o momento da perda do meu pai, no qual admirava tanto, mas preferi empurrar aquelas lembranças dolorosas para longe.

Querendo ter o poder de levar alguma força para Selenia, eu abandonei o câmbio de marcha e apertei sua perna levemente. Olhei-a rapidamente, tomando o devido cuidado no trânsito, mas fui capaz de notá-la numa vã tentativa de conseguir cessar suas lágrimas. Eu sabia que não conseguiria, pois, momentos em que estamos preocupados por causa de um ente querido, as emoções nos tomam de modo inesperado, prendendo-nos a pensamentos ruins.

— Tudo vai ficar bem, Selenia — Tentei levar uma palavra de conforto, após vê-la naquele estado deplorável e, ela sussurrou um “obrigada.”

Abandonei sua perna e logo que chegamos ao hospital, eu estacionei o carro. Em questão de minutos, nós chegamos à recepção e, a todo o momento, eu permaneci ao lado de Selenia, com meus dedos entrelaçados aos seus, pois não queria que ela pensasse que estava sozinha nem por um segundo. Quando Selenia começou a questionar a recepcionista sobre em que quarto estaria a dona Nice, alguém a chamou, e ao nos virar, sua prima veio ao seu encontro. Desvencilhei-me de sua mão e as duas se abraçaram forte, chorando.

Eu estava pesaroso. Vi-me completamente triste por elas, ainda mais por Selenia, que carregava um carinho imenso pela dona Nice.

— É triste o que está acontecendo — ouvi a voz de Gustavo ao meu lado e, ele apertou meu ombro. Logo ficou claro que ele estava ali acompanhando Juliana.

— Como ela está? — Questionei, com uma esperança gritante dentro de mim, a fim de ouvir que dona Nice pudesse estar bem.

— Acho que só pelo estado que Juliana se encontra, você já pode deduzir que dona Nice não está nada bem. — Passei a mão pelo meu rosto e suspirei fundo.

— Há alguma chance de melhora? — Voltei a perguntar, mas não ouvi sua resposta. Assim que o olhei, o vi negar num balançar de cabeça com os lábios comprimidos.

Mediante sua resposta, eu pensei no quanto, Selena sofreria, seria muito mais do que estava passando agora. Fechei meus olhos sem acreditar que depois de toda aquela bolha de emoções indescritíveis, nós iríamos sair dela para um pesadelo horrendo como este. O pior era ver tanta tristeza ao redor dela. Eu só tinha vontade de puxá-la para meus braços e não soltá-la, até que tudo isso passasse.

— De chinelo, Gutierrez? — Fui tirado dos meus devaneios pelo Gustavo. Só então, eu reparei que tinha de voltar em casa para pegar meu celular, no qual havia deixado sobre a mesa do café da manhã. Também precisava calçar um tênis, pois no momento em que Selena me informou sobre dona Nice, eu não pensei em muita coisa.

— Preciso ir em casa, mas não queria ter que deixar a Selena neste momento — informei, pesaroso.

— Pode ir tranquilo. Qualquer coisa, eu te mando mensagem no celular. — Gustavo voltou a dar um aperto em meu ombro e, eu comprimi os lábios ao assentir em sinal de agradecimento.

Pensei em avisar Selena, mas ela e sua prima ainda estavam abraçadas. Resolvi não interrompê-las, pois tinha o intuito de ir e voltar rápido. Cheguei até o estacionamento e após entrar em meu carro, dei partida e peguei a estrada.

Pensativo, fiz o percurso rapidamente e estacionei fora dos portões de minha residência. Os mesmos foram abertos e caminhei até entrar em casa, encontrando minha mãe no meio do hall de entrada vindo em minha direção.

— O que aconteceu, meu filho? Por que saiu de carro? E esse semblante abatido? — Era impossível esconder aquilo dela.

Soltei o ar com certo pesar e a abracei repentinamente. Ela devolveu na mesma proporção e alisou minhas costas.

— Não sei se vai se lembrar da loja de lingerie, a *Sexy Girl's*, para qual estou prestando serviços contábeis... — comecei a falar em meio ao nosso abraço e a ouvi confirmar que se lembrava perfeitamente bem. Continuei. — A proprietária da loja está hospitalizada e, eu saí no carro justamente para levar Selena até o hospital em que ela se encontra — complementei.

— Jesus! — Exclamou tristemente, pois havia sido pega desprevenida.

Nos afastamos o suficiente para que ela pegasse meu rosto entre suas mãos enquanto permaneci inclinado e, ela me fitou profundamente com seus olhos negros, deixando transparecer sua tristeza, diante daquela informação inesperada.

— Não deve ser nada grave. Ela vai ficar bem. Não vai, filho? — Eu

permaneci calado, pois um nó se formou em minha garganta. Definitivamente, não me senti bem para dar-lhe aquela notícia horrível. — Filho? — Um sorriso estampou os lábios da minha mãe, mas estava ali de modo ensaiado.

Suspirei alto, me distanciando de suas mãos e fiz meu caminho até a mesa para pegar meu celular. Assim que o peguei em minhas mãos, eu a ouvi falar:

— Não sei o que dizer — Seu timbre saiu pesaroso e fechei meus olhos por um instante.

— Também me encontro dessa mesma forma. — Abri meus olhos e ao olhar a tela, eu vi que não havia nenhuma mensagem ou chamada. Confesso que soltei o ar, aliviado, pois aquilo significava que nada de pior tinha acontecido, o que aumentava a fagulha de esperança existente em meu coração.

— Desculpa perguntar, mas o que ela tem? — Me virei em sua direção e respondi:

— Câncer — Eu sabia, porque Selenia havia me dito uma vez, enquanto conversávamos por telefone. Confesso que quando soube, eu fiquei perplexo, mas infelizmente, foi a dona Nice que optou em não fazer o tratamento, o que só agravou sua saúde. Porém, só de mencionar o nome daquela maldita doença, meu coração se comprimiu no peito, pois querendo ou não, ela matava sem piedade.

Minha mãe me olhou, estupefata, e colocou a mão sobre seu coração.

— Vou colocá-la em minhas orações — proferiu, triste.

— Faça isso, mãe. Ela está precisando. — Cheguei próximo a ela e depus um beijo em sua cabeça.

— Quanto ao assunto sobre a moça, no qual citou durante o café, vou deixar para uma ocasião mais propícia — avisou.

— Eu agradeço, mãe. Realmente não é o momento mais adequado para isso. Enfim, estou indo para o hospital, qualquer coisa, estarei com o celular — informei e ela assentiu.

Corri escada acima e ao chegar no meu quarto, corri até o closet e lá dentro, escolhi um par de tênis, no qual calcei rapidamente. Em seguida, saí dali o mais depressa possível. No instante em que passei pelos portões, eu entrei no meu carro e quando terminei de colocar o cinto de segurança, meu celular vibrou no bolso. Logo o alcancei e vi o nome de Gustavo estampado na tela.

Soltei o ar, tentando pensar que talvez, ele estivesse me ligando para dar uma boa notícia, porém constatei que foi em vão. Assim que atendi, eu o ouvi dizer:

— Cara, é melhor vir depressa. A Selenia está precisando de você — Só de escutá-lo, eu já soube que tudo havia desmoronado de vez.

Engoli em seco e desliguei o celular após agradecer-lo. Fiz o percurso de modo automático, sentindo minhas mãos firmes no volante. A cada segundo que me aproximava do hospital, meu coração se apertava no peito.

Ao estacionar meu carro no estacionamento do hospital, caminhei a passos largos para dentro do mesmo e antes mesmo de chegar até a recepção para pedir qualquer informação, eu notei que não seria preciso, pois ouvi um choro alto por ali, no qual constatei ser de Selenia. Parei por um instante ao vê-la sendo acalentada por sua prima, que a tinha em um abraço, mas assim que me enxergou, ela caminhou até mim e, eu a segurei em meus braços. Meus olhos umedeceram diante do choro compulsivo de Selenia, no qual se agarrou ao meu pescoço com extrema força.

— Shiii... Eu estou aqui e não vou a lugar algum — Deixei-a ciente.

Movi minha mão direita num leve movimento de sobe e desce no meio de suas costas, a fim de levar algum conforto a ela. Eu sabia que era em vão, mas não custava tentar.

— E-ela... — Selenia gaguejou, não conseguindo concluir suas palavras, pois um choro rompeu por sua garganta. Aquilo fez meu coração se comprimir no peito, pois sua dor era quase palpável.

— Não diga nada — pedi e, ela chorou ainda mais. — É melhor nos sentarmos. — Sugeri, após constatar o quão mole se encontrava entre meus braços.

— Não quero me-sentar. Eu só quero que essa dor cortante me deixe. Por que dói tanto? — Ela fungou alto. — Por que ela tinha que me deixar? Por quê?

Eu não sabia o que responder, pois havia me feito essas mesmas perguntas no dia em que perdi meu pai, e nunca obtive as devidas respostas. Ainda doía-me lembrar daquele dia. Sendo assim, eu optei por permanecer calado, enquanto a mantive ao redor dos meus braços.



CAPÍTULO 29

SELENA

Já era noite, mas eu ainda não sabia o que estava sentindo. Só sei que parecia ter uma ferida aberta em meu coração e era insuportavelmente sufocante. Devastador.

Sentada no chão, próxima a cama, observei algumas roupas de dona Nice espalhadas pelo mesmo, enquanto observava cada peça. Lágrimas incessantes banhavam meu rosto, mediante a cada lembrança dela, no qual invadia a minha memória. Cada sorriso, cada conselho... Tudo.

Abraçada fortemente a um dos vestidos que lhe pertencia, mais uma vez o choro rompeu por minha garganta ao me lembrar que não a tinha mais comigo, mas eu queria ter o privilégio de ouvir sua voz somente mais uma vez; ter suas mãos suaves sobre as minhas, ambas acariciando umas às outras, deixando em evidência o amor que nos unia desde que nos conhecemos. Queria poder olhá-la nos olhos uma última vez e me deleitar com seu sorriso invejável. Demorar-me o quanto pudesse a observando, entretanto, eu sei que por mais que tivesse essa oportunidade, não seria o suficiente. No entanto, tudo que me sobrou foram apenas lembranças, das quais iria guardar a sete chaves em minha mente e coração. Eternizá-las para sempre, pois jamais a esquecerei.

Desde o instante em que dei meu último e imenso doloroso adeus à dona Nice naquele cemitério, eu fui convencida por Dália e minha prima a tomar um calmante, pois ao chegarmos em casa, eu só ansiava me trancar em seu quarto e não abrir a porta por nada. Naquele momento, eu só queria sentir minha dor sozinha, sem nada e ninguém ao meu lado. Gutierrez veio junto conosco e pediu a minha prima que cuidasse de mim, porque tinha que ir em sua casa e mais tarde voltaria.

Depois de ter tomado um banho e um calmante, eu apaguei. Acordei com a realidade batendo forte contra o meu peito e após chorar, agarrada ao meu travesseiro, eu saí da cama e me coloquei ali no chão, enrolada às roupas de dona Nice, sentindo o aroma do seu perfume suave. Mas ainda não entrava na minha cabeça que ela havia me deixado. Para mim, a ficha ainda não tinha caído. Parecia que a todo o instante, me batia a certeza de que a veria entrar por aquela porta e me contemplar com seu sorriso revigorante.

Funguei mais uma vez, sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Em seguida, fui tirada da minha bolha de tristeza, após ouvir uma batida na porta. Tentei ignorar e continuei agarrada ao vestido de dona Nice, mas não pude continuar com aquilo, pois rapidamente mudei de ideia ao escutar a voz do

Gutierrez.

— Selena, sou eu, Gutierrez. Pode abrir, por favor? — Ele indagou de forma tão cuidadosa, que mesmo em meio ao meu choro, um sorriso repuxou o canto dos meus lábios. Eu estava feliz em ouvir sua voz, saber que ele estava ali por mim.

Mesmo sabendo que me encontrava uma bagunça completa, tanto emocional quanto física, eu deixei as roupas que pertenceram a dona Nice, no chão e me levantei, ajustando o nó do roupão que havia afrouxado em meu corpo. Com os pés descalços, eu cruzei o quarto até a porta e, em meio ao caminho, passei minhas mãos sobre o rosto na tentativa de limpar todos os rastros de lágrimas que o banharam.

— Selena, está acordada? — Mais uma vez ele indagou por trás da porta e desferiu mais algumas batidas em seguida.

Diante da porta, eu mordi meu lábio inferior e respirei fundo, sentindo meus olhos umedecerem novamente. Soltei o ar aos poucos e a destranquei. Encontrei Gutierrez com um dos braços apoiados no batente da porta e seu olhar se fixou ao meu. Naquele momento, eu senti uma paz profunda me invadir, eu não sabia explicar! Sabe quando você fica, meses fora da sua casa e, em outro ambiente se sente deslocado? Mas ao retornar, você reconhece que aquele ali é o seu lugar, e uma sensação de “meu lar” te preenche? Então, é isso que senti naquele exato momento ao ter minha atenção voltada para o homem maravilhoso a minha frente, pois desde o instante em que dona Nice faleceu, ele não arredou o pé do meu lado, e sempre segurando firmemente em minha mão. Querendo ou não, cada vez que Gutierrez dava um aperto em minha mão, aquele gesto me trazia forças, no qual não tinha conhecimento de onde vinha, pois eu estava devastada demais emocionalmente e fisicamente para raciocinar direito.

Ele deu alguns passos, entrando no quarto e pegou uma de minhas mãos, entrelaçando seus dedos aos meus; com a outra, ele passou as costas do seu dedo indicador em minha bochecha e acarinhou suavemente. Fechei os olhos a fim de absorver seu toque tão amável e gentil, e consegui. Deixei aquele ato aflorar meus sentidos, levando uma sensação de quietude ao meu coração, algo inexistente minutos atrás.

Pude sentir o calor do seu corpo, emanar bem próximo ao meu. Gutierrez levou minha mão aos seus lábios e a beijou com carinho. Instantaneamente, abri meus olhos e o encarei novamente. Gutierrez separou nossos dedos e circundou minha cintura, colando meu corpo ao seu.

— Descansou? — Sua voz saiu suave, enquanto nossos olhos

continuavam fixos um ao outro e, sua outra mão, agora fazia círculos com seu polegar em minha bochecha.

— Um pouco — Meu tom saiu carregado de tristeza e engoli em seco, após sentir lágrimas querendo romper dos meus olhos.

Gutierrez percebeu e beijou minha testa. E, ao fechar meus olhos mais uma vez, uma lágrima escorreu de forma involuntária por minha bochecha. Assim que nos afastamos, voltamos a nos encarar e ele a limpou com seu polegar.

— Me deixa cuidar de você, Selena? — Dei-lhe um sorriso fraco e meus olhos voltaram a embaçar por causa das lágrimas. Então, ele me envolveu num abraço apertado e soltou um longo suspiro, enquanto circudei meus braços ao redor de sua cintura e afundei meu nariz em meio ao seu peitoral, inspirando seu cheiro embriagador, tentando a todo custo conter minhas emoções, que se encontravam afloradas. — Não sabe o quanto me dói vê-la neste estado, mas por já ter passado por algo semelhante, eu posso afirmar que o que está sentindo, logo se acalmará dentro de você. É só uma das fases que temos de enfrentar na vida, no qual jamais esquecerá, mas vai se acostumar com a dor dilacerante que está sentindo agora — Eu queria enche-lo de perguntas sobre o fato de ter afirmado que já havia passado por isso, mas apenas inalei outra vez a fragrância do seu perfume, pois me mantinha lúcida, não permitindo que eu caísse aos prantos outra vez.

— Não sabe o quanto sua companhia está sendo importante para mim; o quanto está me ajudando, Gutierrez. — Mantive-me agarrada a ele e proferi. — Eu agradeço imensamente por todo seu apoio, carinho e atenção, mas sei que tem seus afazeres, então, não quero que os anule por minha causa — formulei.

Afastei-me e nos fitamos.

— Saiba que eu não estaria aqui, caso este não fosse meu desejo, Selena — Seu olhar era profundo e, ao mesmo tempo, intenso.

Soltei um riso sem graça e me afastei dele. Caminhei até a cama e me sentei em sua beirada.

— Então fique. Durma aqui comigo. — Olhei para ele, que ainda estava de pé ao lado da porta, mas logo a fechou. — Tranque novamente — pedi, e o vi girar a chave na maçaneta. Eu só não queria ter minha prima entrando feito um furacão no quarto e nos interrompendo.

Fui para o meio da cama e me deitei de lado. Fiquei de costas para ele e o aguardei se juntar a mim. Naquela altura, eu já estava mais tranquila.

Numa fração de minutos, eu senti que a cama se afundou atrás de mim e

logo tive um de seus braços passados por baixo do meu pescoço, enquanto sua outra mão se apossou da minha cintura puxando meu corpo para ele, e fazendo minhas costas grudar ao seu peitoral firme. Apesar de me encontrar mais calma, ainda era possível sentir o aperto horrendo em meu peito.

Aconcheguei em meio aos seus braços e soltei o ar aos poucos. Um silêncio sepulcral reinou entre nós, e pela pequena fresta contida entre as cortinas que cobriam as portas de vidro, que davam acesso ao alpendre, eu contemplei o azul do céu e imagens de dona Nice refletiram em minha mente. Senti uma lágrima escorrer do meu olho naquele momento.

— Como você e dona Nice se conheceram? — Gutierrez perguntou próximo ao meu ouvido.

Lembrar dela podia me trazer lágrimas aos olhos, mas ao me recordar dos nossos momentos juntos, logo elas eram substituídas por sorrisos contagiantes. Comecei a contar desde o dia em que cheguei em São Paulo, sem um destino certo; contei sobre a ajuda dela ao me estender a mão e me oferecer um emprego e um teto para ficar. E após deixá-lo a par de tudo, só então percebi que meu rosto estava umedecido pelas lágrimas, nos quais não fui capaz de controlar.

— Só de ouvir você falar dela, dá para sentir a imensidão do afeto que tinha para com ela. — Gutierrez puxou seu braço do meu pescoço, e ao me virar para ele, eu o encontrei apoiado sobre seu antebraço, enquanto fixava seus olhos aos meus.

— É, eu tive sorte de conhecê-la. Mas, infelizmente ela se foi. — Rompi num choro novamente, pois não consegui me segurar.

— Ei, calma! — Gutierrez me pediu de forma carinhosa.

— Eu não entendo o porquê de ela não ter feito o tratamento. Quando ela descobriu o câncer, ele estava no início, dava para ter tratado! Sendo assim, não seria preciso todos estarmos sofrendo pelo vazio que sua falta está nos causando neste momento — proferi inconformada, enquanto Gutierrez me acalentava.

— Selenia, eu entendo sua dor. Porém, querendo ou não, essas são respostas, das quais não vai encontrar, afinal de contas, dona Nice já não se encontra mais entre nós. E, convenhamos, se ela optou por essa decisão, cabia somente a ela. Desculpa, mas tem escolhas que fazemos na vida, que não cabe a mais ninguém, somente a nós mesmos — analisei bem sua reflexão e de certo modo, eu concordei.

— Tem razão. — Passei a mão no rosto limpando minhas lágrimas.

— Como eu já te disse, sinto muito por sua perda irreparável — Ele me

fitou profundamente.

— Obrigada — proferi baixo e voltei a ficar de costas para ele.

— Descanse, Selenia. Amanhã estará melhor. Vou ficar aqui ao seu lado. Não irei a lugar algum — Ele murmurou rouco em meu ouvido.

Segui seu conselho. Vi-me aninhada em meio aos seus braços novamente e me permiti fechar os olhos, enquanto recebia seus carinhos. Naquele momento, meu coração se aqueceu diante de seu gesto, e uma certeza me invadiu: Eu estava apaixonada por Gutierrez.

Com aquela certeza em mente, eu pedi aos céus mentalmente que me desse qualquer sinal, no qual confirmasse se aquele era o caminho certo para eu percorrer. Se fosse certo ou não, eu já sabia que estava numa encruzilhada. Enfim, deixei meus pensamentos de lado e com a imagem do sorriso contagiante de dona Nice, impregnado em minha memória, eu deixei que o sono me tomasse por completo.



CAPÍTULO 30

GUTIERREZ

Esfreguei a mão em meu olho ao acordar e me deparei com Selena, dormindo tranquilamente ao meu lado. Um sorriso bobo repuxou o canto dos meus lábios e puxei meu braço vagorosamente de debaixo do seu pescoço. Assim que consegui, eu soltei o ar, pesaroso, por pensar em sua perda. Ela estava sofrendo muito.

Em seguida, eu me movi com cuidado, pois não queria acordá-la; o quanto mais ela pudesse descansar, seria melhor. Tão logo, eu me sentei à beirada da cama e alcancei meu celular sobre o criado-mudo para verificar o horário. Já passava das oito horas da manhã.

Notei uma mensagem do Gustavo:

“Todos os funcionários foram avisados sobre o tempo do luto; uma semana, assim como você me informou. Espero que a Selena esteja bem. Avise-a que farei uma visita a ela mais tarde. Tenha um bom dia!”

Passei a mão no rosto depois de responder sua mensagem com um obrigado, e que avisaria Selena sobre sua visita. Ele sabia que eu estava com ela, pois no dia anterior, depois de eu ter ido para casa, eu fui justamente ao meu escritório pedir para que Rodolfo tomasse conta de tudo para mim, pois eu ficaria essa semana, afastado. Eu tinha planos de ter a companhia de Selena e não a deixaria sozinha num momento tão difícil como esse.

Eu era consciente de que não conseguiria arrancar a sua dor, mas ao menos teria como fazê-la se distrair, para que ela não ficasse tão presa a tristeza que a preenchia no momento. Eu tinha algo em mente para nós dois e esperava que ela pudesse ser mais acessível, pois sei o quão fechada Selena se tornava, sempre que eu tentava me aproximar mais dela. Já não era segredo algum para mim que, eu a queria definitivamente em minha vida, mas, para que isso acontecesse, eu precisava romper a barreira que ela insiste em manter ao redor do seu coração.

Abandonei o celular de volta sobre o criado-mudo e caminhei até o banheiro. Resolvi tomar um banho para me sentir melhor, pois dormir ao lado de Selena sem pensar em tomá-la para mim, foi uma tarefa quase impossível, porém, eu consegui me manter contido. Por mais que eu soubesse do momento tortuoso, no qual ela estava passando, foi inevitável aplacar meus pensamentos insanos para com ela.

Retirei minha roupa e entrei no Box. Assim que finalizei, eu peguei um

dos roupões no armário do banheiro e o vesti. Sobre a pia, eu encontrei apenas a escova dental de Selenia, junto com o tubo de pastas de dente. Abri uma das gavetas do armário embutido no lavatório e sorri ao encontrar mais duas escovas novas. Apanhei uma delas e fiz minha higiene bucal.

Saí do banheiro em seguida, voltando a encontrar Selenia dormindo de forma serena. Fiquei de frente para o lado em que ela estava e observei sua expressão calma, parecia dormir profundamente. Enrolado no roupão, eu deixei o quarto e caminhei até as escadas.

Definitivamente, eu jamais trocava aquele momento de ontem, no qual pude tê-la mais uma vez somente para mim, amparada em meus braços. Dormir, sentindo o calor do seu corpo emanando ao meu, não tinha preço. Nada me faria mais alegre do que passar a noite inspirando incontáveis vezes, o seu cheiro tão floral, assim como aconteceu na noite passada.

No instante em que cheguei ao penúltimo degrau, eu avistei uma figura de costas e, infelizmente, eu o identifiquei. Não soube ao certo o que senti ao vê-lo ali, mas confesso que uma fúria me inundou. Queria expulsá-lo dali a socos, mas sabia bem que não tinha aquele direito, pois não estava em minha casa.

Descalço, eu desci o último degrau e descansei uma de minhas mãos dentro de um dos bolsos do roupão. Logo, o assisti ficar de frente para mim, sorrindo enormemente, porém retirou os óculos de sol que usava, enquanto seu sorriso esvaía-se para me encarar com um desgosto nítido em sua expressão.

— Pensei que encontraria a Selenia diante de um luto, mas, pelo visto, ela já está se divertindo com seu brinquedo — proferiu, me olhando com deboche.

Eu tinha todo o motivo para socá-lo, porém a única reação que tive, foi sorrir.

— É tão deprimente como você tenta chamar a atenção, Diogo. Chega a ser... patético, eu diria. — Passei a mão livre sobre minha barba rala, enquanto o assisti soltar um riso de canto, tentando demonstrar que de nada meu comentário o havia afetado, mas estava claro em sua postura que eu tinha conseguido aquilo com êxito. — Sabe, deve ser muito difícil reconhecer que a Selenia seguiu em frente; que já o arrancou de vez da vida dela. Posso afirmar que isso chega a ser desesperador para você — argumentei, sério.

Ele me encarou altivo e só então percebi o buquê de rosas, que detinha em uma de suas mãos.

— A Selenia não seguiu em frente, ela está apenas perdendo o tempo dela com homens, feito você — proferiu, veemente. Ele Tentou me provocar, mas eu não cairia nisso mais uma vez, pois já estava imune ao seu veneno.

Cruzei meus braços e me apoiei no corrimão da escada, enquanto sorri despojadamente.

— Olha... além de a Selenia perder o tempo dela comigo, assim como afirmou, eu posso te garantir que sempre aproveitamos minuciosamente cada segundo — destilei meu veneno sem dó, já estava farto dele, mas dessa vez, eu não sujaria minhas mãos. Eu o provocaria até vê-lo se perder por completo. Percebi que ele franziu o cenho, enquanto apertou os caules das rosas, que compunham o buquê, e meu peito inflou vitorioso, pois havia o atingido em cheio.

— Você se acha, não é mesmo? Pois saiba que estarei pronto para aplaudir de pé, quando Selenia se cansar de você, porque foi isso que ela fez comigo. — Dei de ombros, não me importando a mínima para a sua declaração, e me mantive calado, enquanto ele continuou me encarando com raiva estampada no olhar. — Ela já te contou o porquê do nosso término? — Indaguei, de modo debochado.

— Não, porque isso não me interessa! — Fui direto.

— Ah, claro que não — Seu tom soou amargo. — Selenia só quer um homem para realizar o grande sonho dela de ser mãe, nada mais do que isso. Portanto, não idealize nenhum tipo de relacionamento sério, ou até mesmo um casamento, porque isso nunca vai acontecer. Ela é totalmente avessa a este tipo de ideia. Acredito que você logo perceberá isso. — O observei atentamente, sem demonstrar qualquer reação à sua declaração sórdida.

— Sabe o que me admira? — Questionei de repente. Ele não me respondeu, apenas arqueou uma de suas sobrancelhas. — Bom, se Selenia é da forma que relata, eu fico me perguntando... O que você quer com ela, já que não perde a oportunidade de sempre ficar correndo atrás dela, tentando reatar algo que não acontecerá? — Pude notar o quanto ele estava se segurando para não avançar sobre mim, pois isso explicaria a força com a qual segurava o buquê.

— Isso não é da sua conta — proferiu entre dentes, parecia muito enraivecido.

— Diogo, o que quer aqui? — Ouvi a voz de Juliana, que descia as escadas.

— Bom dia, Juliana. Vim prestar minhas condolências a família e, se possível, conversar com a Selenia. Desejo vê-la. — Permaneci recostado ao corrimão da escada e mordi meu lábio inferior, aguardando a resposta de Juliana.

Ela terminou de descer as escadas e só então percebi que Dália estava em sua companhia. Assim que a vi indo em direção a cozinha, eu aproveitei e rumei

atrás dela, pois não queria ouvir mais nada ali.

— Dália, você pode arrumar uma bandeja com o que a Selenia gosta de comer no café da manhã, por favor? Eu vou levar para ela no quarto — pedi, assim que entrei na cozinha e, ela me encarou sorridente, mas dava para notar tristeza em seu olhar e, acredito que devia ser por causa do falecimento da dona Nice.

— Claro! Vou pedir a Sara para organizar para você. Aguarde só um instante, por favor — falou amorosa e, eu agradei.

Sentei-me à mesa e, enquanto aguardava, Juliana entrou na cozinha e soltou um suspiro alto.

— Que cara nojento! Não sei como a Selenia pôde ter namorado aquilo. Fala sério! Até parece que minha prima vai receber essas flores. Nem morta que vou entregá-las a ela. — Ela passou por mim resmungando alto, e inconformada. Em seguida, jogou o buquê de rosas, que eu havia visto nas mãos do Diogo, na lixeira.

Foi inevitável eu não sorrir de sua postura impulsiva.

— Não deveria ter feito isso, talvez Selenia gostasse de receber as rosas que o Diogo trouxe — formulei.

— Eu ouvi direito? É sério isso? Ia mesmo entregar essas flores para minha prima? Fala sério! Você está com ela, como permitiria isso? — Encarei-a, vendo-a com uma expressão incrédula, impregnada em seu rosto, enquanto apoiava suas mãos sobre o mármore da mesa.

— Eu não sou o dono da Selenia, e o fato de estarmos juntos não significa que eu deva invadir o espaço dela, tomar decisões por ela, ou até mesmo, de privá-la de falar com quem quiser e, ou receber flores. Afinal, são apenas flores — argumentei tranquilamente.

Ela soltou um riso e balançou a cabeça em negativo.

— *São apenas flores!* — Repetiu o que eu havia falado com o tom de voz mais grossa e, eu sorri baixo, pois estava engraçada. — Sabia que um homem pode conquistar uma mulher só por dar flores a ela? — Indagou com a mão na cintura, enquanto me encarava desacreditada.

— Sei disso, mas também sei que um homem só consegue conquistar uma mulher lhe dando flores, se ela quiser ser conquistada. — Juliana me encarou de boca aberta e, eu sorri de sua expressão.

Dália chegou em seguida, com a bandeja recheada com coisas gostosas para o café da manhã. Desejei um bom dia a elas, e saí da cozinha. Subi as escadas e ao chegar até o quarto de Selenia, eu deposei a mesma sobre a mesa,

que continha no canto e observei que ela ainda estava deitada.

Segui até o lado em que ela estava e me ajoelhei, ficando próximo ao seu rosto. Afaguei sua bochecha com as costas dos meus dedos e a observei abrir os olhos vagarosamente. Deu-me um sorriso preguiçoso e, eu o devolvi mais amplo, pois era magnífico assisti-la acordar.

— Oi! — Falei baixo.

— Oi — Ela respondeu com a voz rouca e esfregou os olhos.

— Eu trouxe o café da manhã — informei.

Dessa vez, ela sorriu mais abertamente e passou sua mão em meu rosto, encarando-me de modo profundo, enquanto demorava-se afagando minha barba rala.

— Você não existe — Dito isso, eu mordi meu lábio inferior e passei a acariciar seu rosto também, enquanto ela permanecia me encarando de forma minuciosa.

— Devo levar isso como um elogio? — Ela sorriu e, eu a acompanhei.

— Não, não como um elogio. É mais do que um simples elogio, Gutierrez — Nos encaramos, sérios. — Você me faz tão bem, que chega a ser assustador para mim — Aquela declaração foi um tiro certo em meu coração, pois dizia claramente a mesma coisa que eu sentia, ao tê-la comigo.

— É recíproco, Selena. — Olhei-a profundamente e fui me aproximando, até grudar nossos lábios em um selinho demorado.

— Obrigada — Ela agradeceu, após afastar nossos lábios e, eu sorri. Envolvi sua mão na minha e beijei seu dorso.

— Sem agradecimentos, por favor! Eu faço isso, porque gosto de te mimar — Ela sorriu alegre e, eu parei no tempo, apreciando o som do seu sorriso, pois a havia feito sorrir mesmo diante de sua tristeza. — É bom vê-la sorrindo — Deixei-a ciente.

— Você é o responsável por isso — Eu sorri contente, diante de sua declaração.

— É bom ouvir isso. — Beijei o dorso de sua mão novamente, enquanto a mantive envolvida na minha. — Mas, será melhor ainda se você aceitar o meu convite — argumentei.

— Convite? — Ela inquiriu, com o cenho franzido.

— Bom, como você me pediu para informar ao Gustavo, sobre fechar a loja *Sexy Girl's*, pelo período de uma semana, em memória a dona Nice, eu pensei que talvez, pudesse aceitar meu convite para passar esses dias comigo, em

minha casa. Sei que pode achar meu pedido estranho, mas se estamos juntos, então nada melhor do que aproveitarmos esse tempo. Além disso, eu creio que será uma boa oportunidade para respirar um pouco de ar puro. Não que aqui não o tenha, mas é que... enfim, acho que você me entendeu — supus.

— Eu aceito — Quando pensei que ela levaria algum tempo para pensar, a sua resposta veio rapidamente.

Beijei seus lábios, demonstrando minha felicidade por ela ter aceitado e abandonei sua mão. Segui até a mesa no canto do quarto e comecei a colocar tudo sobre a mesma, pois tomaríamos o café da manhã, juntos. Selena desapareceu dentro do banheiro e minutos depois, ela se sentou à mesa.

Enquanto me acomodei na cadeira, eu observei seu rosto com uma tonalidade mais viva. E não tinha nada mais gratificante para mim, do que fazê-la bem; vê-la bem. Definitivamente, eu percebi que Selena havia se tornado o centro do meu mundo. Nada mais faria sentido se eu não a tivesse na minha vida.



CAPÍTULO 31

SELENA

Depois de tomar café da manhã na companhia do Gutierrez, eu corri para o banheiro e fiz minha higiene bucal. Assim que retornei, ele me disse que tinha que ir ao escritório e perguntou se haveria algum problema de ele voltar só no final da tarde para me buscar, eu respondi que não. O assisti se vestir e confesso que não o vi cooperar muito, pois ao invés de fazer isso no banheiro, fez questão de tirar o roupão na minha frente e jogá-lo sobre minha cama. Ao perceber que eu acompanhava cada um dos seus movimentos enquanto se vestia, Gutierrez me ofereceu um sorriso malicioso, e mesmo assim, eu não desviei a atenção e continuei o observando.

— Gosto de como você me olha; quase sendo capaz de me engolir — De repente, a minha atenção, que estava fixada em como ele fechava os últimos botões de sua camisa em seu peitoral definido, se voltou para seu rosto e, eu engoli em seco, voltando a pegar as peças das roupas de dona Nice, no qual, eu tinha deixado no chão na noite anterior. Evitei olhá-lo e no momento em que terminei, eu coloquei as mesmas sobre minha cama, mas logo senti sua aproximação por trás de mim. — O que foi? — Ele perguntou sutilmente e envolveu suas mãos em minha cintura, me causando um calor interno.

Soltei o ar aos poucos, após abrir e fechar meus olhos. O senti puxar um lado do roupão e beijar meu ombro nu, aquilo só aumentou o calor já existente em meu interior. Não era certo eu estar pensando em sexo com ele, pois ainda me encontrava muito triste pela perda da dona Nice. Ainda não estava acreditando que ela havia mesmo me deixado, porém era impossível controlar as reações, nos quais Gutierrez causava em meu corpo.

— Não foi nada — Tentei mascarar meu desejo insano de me entregar a ele novamente, apesar de saber que isso aconteceria, pois eu passaria uma semana em sua companhia e, sabemos que, por mais que eu tentasse, não conseguiria me manter distante por muito tempo. Mais do que nunca, eu já havia entendido que o queria em minha vida. Necessitava de sua presença. Principalmente, de suas mãos sobre meu corpo.

Abafei meu gemido ao comprimir meus lábios, após sentir Gutierrez morder de leve o mesmo ombro, no qual havia depositado um beijo.

— Quero que se abra comigo, Selena. — Mordeu novamente meu ombro descoberto e dessa vez, eu fui incapaz de segurar outro gemido. — Gosto de ouvi-la, principalmente, confessando o que verdadeiramente causo ao seu corpo. — Sua mão depositada em minha cintura, apertou minha carne com uma força

maior, ao mesmo tempo em que foi capaz de fazer minhas costas baterem contra seu peitoral másculo e meu bumbum prensar em sua protuberância evidente.

Diante daquela constatação, o meu clitóris pulsou de modo frenético entre minhas pernas e engoli em seco mais uma vez. Eu havia ficado sem palavras, não sabia o que dizer perante o fervor com o qual Gutierrez demonstrava a mim. Era tão intenso.

— Não precisa se preocupar, eu estava apenas pensando em dona Nice. — Me virei para ele e proferi. De certo modo, era verdade.

Ele me puxou contra si com suas mãos sobre minha cintura e olhou profundamente em meus olhos, enquanto espalmei seu peitoral.

— Eu sinto muito — Pude ver a veracidade de suas palavras refletida em seu olhar. Sorri um pouco sem graça e, ele beijou meus lábios de modo suave. — Estarei aqui para o que precisar — frisou ao voltar a me fitar, depois de cessar nosso beijo.

— Eu sei. Agradeço pela força que está me proporcionando desde o primeiro momento em que chegamos àquele hospital. — Suspirei pesarosa. — Não tenho como imaginar o quanto teria sido mais difícil para mim, caso você não estivesse comigo naquele instante, me passando uma força que já não existia em mim, porém extremamente necessária.

— Não precisa agradecer, pois já passei por algo semelhante e me imaginei no seu lugar, sentindo a mesma dor. Sei o quanto é doloroso perder um ente querido — Ao finalizar, eu notei certa tristeza em seu olhar, mas ele sorriu de canto, talvez tentando disfarçá-la.

— Desculpa perguntar, mas... quem você perdeu? De antemão, eu já deixo claro que, caso você não queira responder, eu não me sentirei ofendida. — Comprimi meus lábios em um meio sorriso.

Ele juntou nossas testas e apertou minha cintura. Alisei seu peitoral e logo o senti passar seu nariz no meu.

— Perdi meu pai há alguns anos — Sua declaração me fez afastar um pouco para olhar em seu rosto. Ele sorriu sem graça, tentando disfarçar sua tristeza em ter de expor sua perda para mim. Mediante seu tom, ficou claro o quão doloroso ainda era para ele, falar sobre aquele episódio.

— Desculpe pela pergunta e, eu sinto muito. Ficou evidente para mim, o quanto o amava. — Gutierrez desviou seu olhar do meu e voltou a me encarar depois de alguns segundos.

— Obrigado. — Ele soltou um riso nervoso e mordeu seu lábio inferior. — Nesse tempo em que ficará em minha casa, eu sinceramente, espero que se

distraia ao máximo. Quero que seja especial — Diante aquela sua declaração, foi impossível eu não sorrir verdadeiramente.

— Vai ser, eu tenho certeza disso, mas não sei se sua mãe gostará de mim. — Gutierrez voltou a segurar firmemente em minha cintura e me encarou com fervor.

— Te garanto que minha mãe vai se apaixonar por você, assim como eu me apaixonei. — Me vi embasbacada depois da sua declaração.

Percebendo o quanto eu me encontrava surpresa com as suas palavras, Gutierrez colou seus lábios nos meus e, eu envolvi meus braços em seu pescoço, aprofundando nosso beijo de modo voraz. Sua língua adentrou o vão da minha boca e se chocou contra a minha. Confesso que não havia planejado nada do que estava acontecendo entre nós, mas era tão bom que eu desejava que nunca acabasse.

Suas mãos alisavam minha cintura e o senti friccionar seu membro rochoso contra mim, que pegou acima da minha virilha, pelo fato de ele ser mais alto do que eu. Pude perceber que minha calcinha encharcou um pouco mais, diante de sua atitude. O calor que emanava de nossos corpos era quase palpável.

Logo, Gutierrez rompeu nosso beijo e juntou nossas testas. Nos encontrávamos ofegantes.

— Como faço para reprimir esse desejo insano que sinto de me enterrar em você, sempre que estamos juntos, mesmo não sendo em um momento propício? — Gutierrez proferiu em meio a sua respiração entrecortada.

— Eu não sei o que é pior: eu me sentir igual ou mais do que você, referente ao desejo irrefutável, no qual me domina ao estarmos perto um do outro, ou o de não ter uma resposta plausível para sua pergunta. — Ele sorriu, lindo.

— Eu preciso ir — Anunciou, após olhar seu relógio no pulso. Murchei diante de sua informação e, ele sorriu. — Teremos tempo o suficiente para nos deleitarmos no corpo um do outro. — Depositou um beijo nos meus lábios e se afastou.

Ajustei o roupão sobre meu ombro novamente, no qual ele havia descoberto e o observei calçar seus sapatos e, em seguida, pegou seus pertences sobre o criado-mudo, e ao se despedir, voltou a proferir que mais tarde me buscaria. Eu sorri ao assentir e o vi sair do quarto.

Um sorriso se apossou dos meus lábios e me sentei na cama. Puxei o roupão que ele havia deixado sobre a mesma e o cheirei, sentindo a fragrância do meu sabonete impregnado no mesmo, pois ele havia usado durante o banho. Não

vi muita graça naquilo, pois queria mesmo era apreciar sua fragrância masculina.

Por fim, eu fui tirada de minhas divagações quando a porta do quarto foi aberta e identifiquei a figura da minha prima, entrando. Deixei o roupão de lado e após vê-la se sentar em minha cama, ao meu lado, eu me joguei em seus braços e nos abraçamos fortemente. Meus olhos umedeceram e um nó se formou em minha garganta, porém segurei a imensa vontade de chorar naquele momento.

— Vai ficar tudo bem, Lena. Sei que está doendo muito, mas vai passar. Você tem a nós: Eu, Dália e, o principal de todos, Gutierrez. — Eu sorri depois de ouvi-la mencionar o nome dele, e logo nos afastamos.

— Eu sei, Ju — proferi, segurando a vontade de chorar, porque meu coração doía muito ao me lembrar da dona Nice.

Juliana, ao perceber isso em mim, juntou nossas mãos num aperto firme.

— O Diogo esteve aqui. — Desviei meu olhar de nossas mãos juntas e lhe fitei. — Ele queria vê-la, mas eu deixei bem claro que não era um bom momento.

Soltei o ar, aliviada.

— Que bom, eu não queria vê-lo mesmo. — Dei de ombros.

— Ótimo saber disso, porque joguei o buquê de flores, no qual ele trouxe para você, no lixo. — Foi impossível não sorrir do modo impulsivo da minha prima. Ela sempre tinha atitudes drásticas, mas muitas vezes era bom. — Espero que não ache ruim, só estou te livrando daquele entojó. Que cara chato! É lindo, mas não vale o chão que pisa. Eu o odeio, desde que ele te fez sofrer. — Deu-me um meio sorriso e me encarou preocupada.

— Fica tranquila. Ao invés de achar ruim, eu te agradeço. — Ela sorriu amplamente e me apertou em mais um abraço reconfortante. — Não entendo o que o Diogo ainda quer comigo — Soltei, pensativa.

— É aquele ditado, Lena: “Só se dá valor, quando perde” — frisou ao nos afastar.

— Agora já é tarde — falei e sorri. Assim que a percebi me encarando mais do que o normal, eu retirei minhas mãos das suas, me levantei e fui até meu closet. Peguei uma mala do tamanho médio e a levei até minha cama.

— O que vai fazer? — Juliana me questionou com o semblante franzido, sem entender.

— Gutierrez me convidou para passar a semana na casa dele e, eu aceitei, então, vou arrumar algumas coisas para levar. — Eu a assisti abrir a boca em completa surpresa. Eu sorri divertida, diante de sua expressão.

— Vai sim, Lena. Super apoio, afinal, não é todo o dia que encontramos um gato daquele. — Fiz cara de indignação pelo seu comentário e, ela gargalhou alto. — Aliás, vê-lo coberto apenas naquele roupão pela manhã, me fez imaginar muitas coisas. — Peguei um travesseiro e joguei nela.

— Que ousada! — Exclamei sorridente, enquanto ela ainda gargalhava.

— Lena, por favor, não é?! Só uma cega para não observar aquele tesão de homem. Aliás, eu gostaria muito de saber o motivo de ele estar de roupão lá embaixo. — Fugi do olhar inquisidor dela e entrei no meu closet. Peguei algumas peças de roupas e coloquei sobre a cama. — Selena! — Exclamou, chamando minha atenção.

— Ué! Ele tinha tomado banho, nada mais do que isso — respondi, dando de ombros.

— Hum... Me engana que eu gosto — disse, não muito convencida da minha resposta.

Bufei, ao dobrar algumas peças e colocá-las dentro da mala.

— É sério, Ju! E também, eu estou de luto, jamais pensaria em fazer algo, além de dormir agarrada a ele e, ou trocar alguns beijos pela manhã — declarei.

— Eu sei, prima — soou compreensiva e um pouco triste. — Bom, agarra logo aquele homem, senão, outra vem e o toma de você e, eu não gostaria que isso acontecesse, pois, querendo ou não, eu vejo no seu olhar que gosta dele. Na verdade, isso ficou muito mais do que evidente durante esses dias, nos quais ele permaneceu o tempo todo ao seu lado, grudado feito um carrapato — Foi inevitável não sorrir do seu comentário.

— Ele não foi um carrapato, apenas um ótimo cavalheiro e companheiro — corrigi.

— O amor está no ar. — Declarou e se levantou. — Aproveita e realiza logo o seu sonho — brincou divertida.

— Não foi engraçado, Ju — A repreendi, pois jamais usaria o Gutierrez para realizar meu sonho. Eu propus algo parecido ao Diogo e deu no que deu, portanto, não faria mais aquilo. Esperaria o tempo de Deus, assim como minha tia e a dona Nice me aconselharam algum tempo atrás.

— Tudo bem, me desculpa — pediu e, eu assenti sorridente.

Dobrei a última peça e coloquei dentro da mala, só então algo reluziu em minha memória.

— Droga! A pílula!



CAPÍTULO 32

GUTIERREZ

Alguns dias depois

No dia em que busquei Selenia em sua casa, pude perceber em meio ao percurso, enquanto eu dirigia, o quanto ela estava distraída. Até tentei descobrir o porquê, mas apenas recebi um “não é nada” como resposta. Eu sabia que tinha algo martelando naquela cabecinha linda, mas preferi não ser invasivo.

Quando chegamos em minha casa, minha mãe a recebeu com um sorriso e um abraço acalorada. As duas se deram super bem, algo do qual, eu já tinha completa certeza. Jantamos juntos, enquanto minha mãe especulou um pouco da vida de Selenia; foi muito agradável ver as duas conversando tão abertamente, como se se conhecessem há um bom tempo.

Olhando o modo como Selenia se sentia tão à vontade, não me restou dúvidas de que levá-la para minha casa, tinha sido a melhor opção. Confesso que foi uma proposta impulsiva da minha parte, mas saber que havia conseguido colorir um pouco dos seus dias acinzentados, nada mais importava. Além disso, tê-la ao meu lado, me fez sentir-me outro homem... renovado, eu diria. Ver o sorriso abrilhantando seus lábios era fenomenal, tinha se tornado o meu alicerce.

— O que está pensando? — Fui tirado dos meus pensamentos, após ser pego distraído por ela, enquanto eu movia meu dedo indicador para cima e para baixo em seu braço.

Soltei um riso ameno, mas que foi o suficiente para mostrá-la o meu nervosismo diante do seu flagra a mim. Mordi meu lábio inferior, após acompanhar seu corpo se mover sobre o colchão da minha cama, enquanto manteve seus seios cobertos apenas pelo fino lençol, que usamos para nos cobrir na noite passada. Senti sua mão esquerda acariciar um dos lados do meu rosto e permaneci encarando seus olhos duvidosos.

— É bom tê-la aqui, comigo — revelei sem cerimônias e, ela sorriu, afagando minha barba rala. — Poder tocá-la... — levei minha mão abaixo do lençol, e passei meus dedos de modo suave por sua cintura, chegando a alisar sua barriga plana, descendo um pouco mais —, sentir seu perfume floral... — passei a ponta do meu nariz na lateral de sua mandíbula, chegando até o vão do seu pescoço e inspirei sua fragrância com fervor —, e o principal de tudo: Dar-lhe prazer, tendo seus sonoros gemidos apenas para mim. — Notei a respiração de Selenia mais rápida e alta, reação, no qual, eu também estava tendo.

Naquele momento, eu cheguei até o meio de suas pernas, encontrando

sua boceta, e comecei a massagear sua carne inchada. Eu já me encontrava duro, feito rocha. Por mais que tivéssemos feito sexo na noite passada, eu não conseguia me sentir completamente saciado. Definitivamente, Selena havia se tornado o meu vício, no qual eu tinha plena certeza de que, querendo ou não, eu jamais conseguiria me livrar.

— Você é tão romântico, e ao mesmo tempo, tão intenso, Gutierrez — proferiu em meio a minha tortura em seu clitóris, mas em nenhum momento, ela deixou de me encarar. Seus olhos demonstravam extrema luxúria e confesso que muito me agradou.

— Você gosta? — Fixei meu olhar profundo no seu, e após morder seu lábio inferior, eu aprofundei um dedo em sua abertura, sentindo o quanto se encontrava lubrificada, pronta para mim. Diante do meu gesto, ela arqueou-se para trás, ao mesmo tempo em que soltou um gemido sôfrego. Eu amava vê-la tão à vontade em expor suas verdadeiras reações diante de cada um dos meus toques em sua pele.

— Amo! — Selena exclamou com a respiração entrecortada e juntou suas mãos atrás da minha nuca, apertando seus dedos entre os fios dos meus cabelos. Gesto que fez meu pau pulsar com mais força.

Juntei nossas bocas num beijo urgente entre nossa respiração acelerada, enquanto a preenchi com mais um dos meus dedos. Um “oh” foi proferido por Selena, ainda com nossos lábios grudados. Seus gemidos eram verdadeiras músicas para meus ouvidos, tornando-se o combustível necessário para me fazer delirar de tesão. A verdade é que eu a desejava como jamais havia ansiado ter qualquer outra.

Escoreguei minha boca pelo seu queixo, deixando pequenas mordidas até chegar à lateral do seu pescoço, onde mordiscava e sugava sua pele a ponto de saber que possivelmente, poderia ficar marcas evidentes.

— Você é uma verdadeira tentação, Selena — Anunciei, ao deixar mais uma mordida em seu pescoço.

— Hum... — Ela grunhiu baixo, deixando-me extasiado e retirei meus dedos de dentro dela, fazendo-a me olhar em questionamento.

— Vire-se! Eu quero me enterrar bem fundo em você, mas com você de costas — proferi em seu ouvido com a voz rouca pelo tesão, que me embalava no momento. Para minha completa surpresa, ela sequer parou para pensar no que eu havia dito, apenas fez como pedi.

Ainda coberta pelo lençol, eu fiz questão de descobri-la, jogando-o para fora da cama. Sua pele branca e seu corpo curvilíneo, me fez salivar e ansiar

para preenchê-la o quanto antes. Mordi sua nuca e ela gemeu, manhosa.

— Isso é bom! Hum... — Seleno elogiou e, eu me posicionei entre suas pernas.

Segurei meu pau e o ajustei em sua entrada. Pude senti-la se empinar um pouco mais em minha direção.

— Se não cooperar, eu vou gozar antes mesmo de me enfiar em você — Eu a deixei ciente. Pude ouvir o som da sua risada gostosa, e ao encaixar, eu a penetrei de uma só vez.

— Oh! — Gememos em uníssono.

— Você me deixa maluca, Gutierrez. — A ouvi dizer, e confesso que fiquei feliz com a sua declaração.

— Você faz o mesmo comigo, Seleno — proferi em seu ouvido, enquanto arremetia dentro dela.

Mordi o lóbulo da sua orelha, metendo cada vez mais fundo, rápido e duro. Eu queria marcá-la como minha para sempre, mas nós havíamos prometido que não precipitaríamos as coisas, e, por enquanto, manteria meu amor por ela, guardado, até que finalmente, pudesse revelar o quanto a amava. Sim, eu enfim tinha descoberto o que realmente sentia por ela: Amor.

Embrenhei meus dedos entre os fios do seu cabelo e puxei de leve, fazendo-a curvar sua cabeça para trás, deixando seu pescoço ainda mais exposto. Deslizei minha língua por sua extensão, enquanto deixava algumas mordidinhas e bombeava dentro dela. Senti o suor aparecer em meio a nossos corpos e suguei o lóbulo de sua orelha.

— Oh! Se continuar com isso... — não permiti que ela concluísse a fala, pois estoquei em sua boceta com mais força.

— Porra! Você é muito gostosa! — Exclamei, alucinado. Seleno realmente conseguia me deixar fora de órbita.

Ela grunhiu novamente, enquanto sua boca se encontrava entreaberta, puxando o ar com dificuldade. Gemi contra seu ouvido e pude notar seu corpo estremecer abaixo do meu.

— Deixe vir, meu amor. Apenas... deixe vir. Goze para mim — Assim que terminei de balbuciar tais palavras em seu ouvido, bombee mais algumas vezes dentro dela e ao sentir suas paredes internas me apertarem com força, eu fui incapaz de me segurar por mais tempo e para minha completa surpresa, Seleno e eu, nos libertamos juntos.

Assim que me retirei de dentro dela, eu mordi seu ombro com força, mas

com a intenção de não machucá-la, e após depositar um beijo no abaixo de sua nuca, eu cai na cama, ao lado de Selena. Passei a mão pelo meu rosto, ofegante. O silêncio reinou em meu quarto. Já era manhã de sexta-feira, e hoje teríamos uma audiência no período da tarde para a leitura do testamento da dona Nice. Não sabíamos o que tinha escrito nele e isso era o que mais me preocupava.

— Você está bem? — Questionei-a, após me sentir mais tranquilo e me virei para o lado, no qual ela se encontrava, deparando-me com ela da mesma forma que eu havia deixado; de costas.

— Não estou bem! — Franzi o cenho, preocupado, após ouvi-la. Quando pensei em questioná-la, ela ergueu a cabeça e me contemplou com um de seus sorrisos mais belos e contagiantes. — Eu estou perfeitamente bem — completou.

Sorrindo, eu fiz cócegas nela e logo a prenei abaixo do meu corpo novamente, mas dessa vez, nos encaramos com um sentimento evidente no olhar. Fitando-a fixamente, a frase “eu te amo”, dançou em meus lábios, incontáveis vezes, para ser dita, mas preferi não fazer isso. Quando fosse a hora certa, tudo faria sentido.

Outro fato era que desde que começamos a nos relacionar, nós não havíamos usado camisinha. Não era o certo, mas tínhamos depositado uma confiança extrema sobre o outro. Saber que ela confiava em mim daquela forma fazia meu coração transbordar ainda mais de amor por ela. Eu a amava e isso já estava mais do que nítido para mim.

O pior era saber que ela tinha certeza que não engravidaria. Se eu queria ser pai? Claro que sim. Por diversas vezes fantasiei sobre isso, quando estava noivo da Mirela, mas não aconteceu. Enfim... Já não importa mais. Agora, se Selena viesse a engravidar, eu não acharia ruim, nem um pouco. Muito pelo contrário. Porém, diante de sua plena convicção de que isso não tinha a mínima possibilidade de acontecer, pois insistia em dizer que era azarada, eu optei por não pensar muito nisso, mas eu amaria poder vê-la gerando uma vida, um fruto nosso.

Após algum tempo em silêncio, apenas nos encarando, tendo em vista que Selena se encontrava abaixo do meu corpo, eu desviei minha atenção para sua boca, no qual ela umedeceu com sua língua, e foi inevitável, eu não beijá-la com voracidade e fervor. Meu pau voltou a ganhar vida e quando menos previ, Selena o agarrou em uma de suas mãos. Gemi diante do seu ato e mais uma vez, eu me enterrei dentro dela sem pudor algum, saciando nossa vontade.



Havíamos acabado de sair da sala onde havia ocorrido a audiência da leitura do testamento de dona Nice e confesso que foi uma completa surpresa para mim, da mesma forma que também tinha sido para Selena.

— Ainda não acredito! — Selena exclamou, incrédula e, eu a abracei sorridente.

Assim que ela se afastou, me olhou com os olhos arregalados e passou uma de suas mãos pelo cabelo, claramente nervosa pelo ocorrido.

— Parabéns, Selena. — Gustavo, como advogado de dona Nice, foi o responsável pelo registro e abertura do testamento, onde o juiz analisou a originalidade do documento e sua leitura foi feita.

— Obrigada, Gustavo. Eu realmente não esperava receber todos os bens da dona Nice, como herança. Até a loja *Sexy Girl's*! — Proferiu, desacreditada, e com uma leve emoção presente em sua voz.

Gustavo sorriu e descansou sua mão esquerda dentro de um dos bolsos de sua calça social.

— Isso já era previsível, Selena, já que dona Nice não possuía parentes, no qual mantinha qualquer contato — Selena o encarou, pensativa.

— Vendo por esse lado, eu até poderia concordar, porém, eu nunca havia pensado nessa hipótese. Apesar de ter tido um elo de mãe e filha com ela. A verdade é que ela foi bem mais do que uma mãe para mim, ela foi um verdadeiro anjo, que atravessou meu caminho no momento certo. Jamais vou ser grata o suficiente a ela — O tom de sua voz estava carregado de emoção.

— É, têm pessoas que realmente atravessam nossas vidas como um verdadeiro anjo, assim como você apareceu em minha vida — falei com meu olhar fixo ao dela e apertei sua cintura, no qual tinha meu braço ao redor da mesma.

Vi ela ruborizar e, em seguida, ela me abraçou, escondendo seu rosto em meu pescoço como se estivesse envergonhada. Eu sorri diante do seu jeito, achando meigo da parte dela. Definitivamente, os dias que passamos juntos, me fizeram conhecer outra Selena, no qual ela mantinha apenas para si.

— Pelo visto, estão firmes. — Gustavo afirmou, ao observar nosso envolvimento.

— Não imagina o quanto — respondi com o coração aos pulos.



CAPÍTULO 33

SELENA

— Podia continuar aqui, eu não reclamaria — Gutierrez proferiu, atrás de mim juntando seu corpo ao meu. Terminei de fechar minha mala e, automaticamente, seu contato causou um reboliço em meu interior.

Fechei meus olhos, absorvendo sua aproximação mais do que bem-vinda e umedeci meus lábios, quando senti Gutierrez beijar o vão do meu pescoço, enquanto suas mãos permaneciam firmes em minha cintura. Eu queria dizer sim, mas já tinha me aproveitado demais de sua receptividade acalorada. Gutierrez mexeu comigo, deixou-me a ponto de enlouquecer. Meu coração já não me pertencia, isso era um fato.

— Acho que já me aproveitei demais da sua hospitalidade. — Sorri agraciada ao senti-lo morder de leve, a pele do meu pescoço. — É bom estar com você. Esses dias aqui foram maravilhosos, eu me distraí bastante, apesar de ainda sentir a dor latejar em meu coração, sempre que me recordo do rosto e do nome dela — Fui sincera.

— Eu entendo que ainda esteja doendo e, infelizmente, vai continuar, Selena. O máximo que vai acontecer é você se acostumar com a dor, pois ela não desaparece — Gutierrez falou com pesar. Abri meus olhos, assim que ele me fez ficar de frente para seu corpo. Seus olhos se fixaram aos meus de forma tão intensa, que fui obrigada a abaixar meu olhar, o que o fez suspender meu queixo com uma de suas mãos. — Quanto ao se aproveitar de mim... — ele ponderou e soltou um riso de canto, no qual meu olhar acompanhou, achando-o completamente sexy. — Ambos sabemos que isso não aconteceu, pois desfrutamos da companhia um do outro, e de forma ímpar — frisou, deixando-me desconcertada.

— Não há mais nada que eu queira, a não ser permanecer aqui com você, mas, realmente não posso, eu preciso ir para casa e me preparar para a semana que se iniciará. Você também deveria estar preocupado com a volta dos seus afazeres — frisei, sorridente.

Subitamente, ele selou nossos lábios num beijo terno e levei minha mão até sua nuca, passando as unhas entre os fios do seu cabelo.

— Hum... Vou sentir falta disso, como vou! — proferiu, após se afastar, me contemplando com seu sorriso amplo e belo.

— Acredite, eu também vou — confessei.

— Bom, eu vou aguardá-la lá embaixo. — Comprimi meus lábios ao

assentir e após me dar mais um selinho, ele saiu do quarto.

Pensativa, eu me sentei na cama e logo a imagem da dona Nice surgiu em minha mente. Sorri diante de sua lembrança, questionando-me mentalmente se eu conseguiria levar adiante o seu negócio, no caso, a loja *Sexy Girl's*. Não tinha confiança o suficiente em mim mesma, para prosseguir com algo daquela magnitude.

Fui tirada dos meus devaneios, assim que ouvi o barulho da maçaneta da porta sendo girada. Ao voltar para a mesma, eu identifiquei a mãe do Gutierrez, sorridente.

— Posso entrar? Espero não estar atrapalhando — Eu a saudei com um sorriso.

— Claro! Não se preocupe, pois não está atrapalhando nada — frisei. Levantei-me da cama, enquanto ela entrou no quarto e fechou a porta. Eu segui até minha mala, colocando-a no chão.

— Aonde vai? — Eu sorri diante de sua pergunta. Arrastei a mala de tamanho médio para o outro lado da cama, envolvi minhas mãos nas dela e convidei-a para se sentar junto comigo na beirada da cama.

Acomodadas, eu comecei a falar:

— Estou indo para minha casa. — Soltei um meio sorriso depois de perceber sua expressão duvidosa. — Eu vim a pedido do Gutierrez, lembra-se? — Indaguei.

— Sim, eu me recordo disso, mas pensei que... — antes que ela terminasse, eu prossegui.

— Entendo o que tenha pensado, dona Isabel. Eu e Gutierrez estamos bem. Ele me faz muito bem. Me fez sentir coisas, nas quais jamais havia sentido com tanta intensidade. Porém, vale lembrar que ambos temos nossos compromissos e não devemos deixar nosso envolvimento interferir nisso — frisei, e ela apertou minhas mãos nas suas.

— Eu gostei muito de você, tanto que estou apostando que daqui a alguns meses, você e meu filho estarão casados. — Sorri despreocupada.

— Eu e Gutierrez nos gostamos muito, mas é preciso cautela com as nossas escolhas — Tentei soar realista.

— Bobinha! — Exclamou sorridente e afagou minha bochecha com uma de suas mãos. — Só você não percebeu ainda. — Franzi o cenho sem entendê-la, e após abrir a boca minimamente para questioná-la, ela continuou: — Mas logo perceberá — proferiu baixinho e sorriu contendo um brilho especial nos olhos.

Ela logo se levantou e seguiu para a porta, enquanto permaneci sentada, tentando entender suas palavras.

— Foi bom tê-la aqui. Espero que retorne o quanto antes, pois vou amar ter sua companhia — Minha atenção foi tomada por sua voz e, eu a encontrei sorridente, em seguida, ela saiu do quarto.

Permaneci inerte em meus pensamentos. Levantei da cama e caminhei pelo quarto, pensativa. Coloquei a mão na cintura e flashes dos dias magníficos, nos quais passei ao lado de Gutierrez me vieram à mente. Eu sorri, abobalhada, sentindo meu coração palpitar rápido, ao mesmo tempo em que o sangue correu mais quente do que o normal por minhas veias.

Mordi o lábio inferior e passei a mão pelo meu pescoço, tentando de alguma forma aplacar aqueles sentimentos que haviam se apoderado de mim, porém foi algo em vão. Definitivamente, Gutierrez estava gravado em meu coração, como se alguém o tivesse grifado ali a ferro quente. Sinceramente, eu achei realmente que tinha amado o Diogo, mas perante o que vinha sentindo pelo Gutierrez, eu vi que nem passou perto.

Diante da minha percepção, eu me senti um pouco aflita, afinal de contas, eu não quis nomear meu envolvimento com Gutierrez e isso poderia tê-lo feito me atender mal, ou até pensar que eu não queria nada sério. Por Deus! O que mais ansiava era ter algo sério com ele.

Peguei minha mala e a arrastei até a porta, parando com a mão sobre a maçaneta antes de decidir abri-la; olhei uma última vez para a cama ainda desarrumada e puxei o ar com força, tentando gravar na memória o cheiro másculo do Gutierrez, que preenchia aquele cômodo. Pensando no quanto sentiria falta de todo aconchego que recebi em seus braços e em sua companhia, eu acabei saindo logo dali, antes que mudasse de ideia.



— Eu o amo, tá legal?! Pronto, falei! — Já era noite e, enquanto me encontrava na biblioteca de casa tentando ler algum romance açucarado para aplacar a falta que Gutierrez estava me fazendo, Juliana entrou, me encontrando aturdida na leitura e foi logo me encurralando com sua pergunta, que se referia ao que eu sentia por ele e, eu finalmente admiti em voz alta os meus reais sentimentos.

— Eu sabia! — Exclamou sorridente.

Desviei minha atenção dela e tentei voltar à leitura. Porém, quando menos previ, o livro foi arrancado das minhas mãos de forma abrupta.

— Ei! O que pensa que está fazendo? — Olhei-a fingindo irritação, mas a verdade é que eu estava me divertindo por dentro diante da sua atitude.

— Você não vai me ignorar, Lena! — Frisou, chateada.

Assisti-a caminhar até uma das prateleiras e, em seguida, depositou o livro em meio aos demais. Depois se virou na minha direção e cruzou os braços, demonstrando certo desgosto.

— O que foi? Eu não te ignorei, pelo contrário, respondi a sua pergunta — proferi calmamente.

Ela estreitou seus olhos ao me encarar, caminhou até mim e empurrou meus pés para fora do sofá. Sentou-se por ali e, eu a aguardei se pronunciar.

— Olha, Lena. Acho que fugir dos seus sentimentos não vai te levar a lugar algum. Eu te conheço o suficiente para afirmar que sei muito bem que você demorará séculos para tomar uma atitude para expor isso ao Gutierrez. — Soltei o ar com pesar.

— Não quero falar sobre isso — Fiz pouco caso daquela conversa.

Por mais que eu não quisesse admitir, Juliana me conhecia bem, e o que havia acabado de dizer era verdade.

— Mas vai falar! Oras! — Impôs, irritada. — Foi inevitável não sorrir. — Está caçoando de mim? Saiba que só estou tentando ajudar, sua ingrata! — frisou, descontente.

Abandonei o encosto do sofá e cheguei mais perto dela.

— Só foi engraçado, Ju! — Tentei me explicar e, ela revirou os olhos em resposta. Eu sorri novamente e a abracei forte. — É bom tê-la aqui; você me distrai muito. Me faz esquecer das tristezas; e da falta que a dona Nice me faz — Admiti.

— Sempre estarei aqui, Lena. — Ela afagou minhas costas e, eu apreciei seu gesto. — O Gutierrez amaria estar aqui também — comentou.

Dei fim ao nosso abraço e a olhei fixamente.

— O Gutierrez tem os afazeres dele, Ju, não pode ficar disponível por tempo indeterminado para mim — Tentei soar convincente, mas nem eu acreditava em minhas próprias palavras. Eu gostaria muito que ele ficasse livre só para mim, só que eu sabia que isso não era possível, pois seria pedir demais da minha parte e fora que eu não tinha esse direito.

— Sim, eu concordo. Porém, você está se esquecendo de que ele amaria ficar a sua mercê, não é mesmo? — Indagou.

— Eu nem sei se ele me ama também ou apenas gosta de mim, Ju! —

ressaltei. — Afinal, até hoje, ele só me falou que gosta de mim, então, eu não sei o que pensar — deixei claro.

— Pois eu te falo aqui, ele te ama, Lena — falou com tanta convicção, que me deixei levar por suas palavras e sorri, pensativa. — Amanhã, vocês retornam ao trabalho na loja, então, por que não aproveita para declarar seu amor a ele, assim que chegar lá? Aconselho a fazer isso na sala dele e de quebra, quem sabe não rola umas mãos bobas? — supôs.

Joguei minha cabeça para trás e gargalhei diante de seu modo sujo de pensar.

— Você é insana, Ju! — Acusei e a vi dar de ombros, após acalmar meu riso.

— Não posso fazer nada se gosto de coisas boas, se é que me entende — frisou de modo dúbio.

Sorri mais uma vez.

— Você é impossível! — Comuniquei.

— Então, vai fazer isso? — Ponderei por um momento enquanto ela me encarava em expectativa, aguardando minha resposta.

— Tudo bem, eu farei como me sugeriu. Espero que dê certo — falei, sorridente e decidida. Enfim, eu exporia meus sentimentos ao Gutierrez.



A noite passou rápido e assim que acordei, peguei meu celular sobre o criado-mudo, e notei que não tinha sequer uma mensagem ou chamada perdida do Gutierrez. Era estranho ele não ter ligado ou mandado um torpedão, afinal de contas, ele sempre fazia isso. Decidida a não pensar muito, eu abandonei o celular sobre a cama. Entrei no banheiro e fiz minha higiene matinal; tomei um banho, no qual serviu como calmante para os meus nervos que se encontravam à flor da pele.

Ao finalizar o banho, eu saí do banheiro enrolada num roupão, enquanto tinha uma toalha presa aos meus cabelos para retirar a umidade. No meu closet, eu escolhi um conjunto de lingerie rosa pink e após me livrar do roupão, eu vesti. Peguei um vestido preto e me enfiei dentro dele. Observei que ficou justo ao meu corpo e minhas curvas ficaram bem demarcadas sobre o tecido. O mesmo tinha o comprimento acima do joelho, e atrás, em seu meio, tinha uma pequena fenda.

Observei o meu reflexo no espelho e me senti extremamente sexy;

sorrindo, eu continuei a terminar de me arrumar. Em questão de vinte minutos, eu estava pronta para voltar ao trabalho e, finalmente, expor meus sentimentos ao Gutierrez. Desci para a sala de jantar, onde fiz meu desjejum em companhia da minha prima, e ao terminarmos, Alfredo já nos aguardava fora da casa.

Em meio ao percurso, Juliana me pediu para manter a calma. Calma era uma palavra inexistente no meu vocabulário naquele momento. Enfim, apenas assenti respirando fundo e quando chegamos até a loja, os funcionários me cumprimentaram com sorrisos ensaiados em seus rostos; eu sabia que eles estavam com medo de falar algo que eu não gostasse sobre o falecimento da dona Nice.

Após terminar de cumprimentar os funcionários do setor de vendas, eu avisei a Juliana que subiria e, ela me desejou sorte. Agradecida, eu subi as escadas em direção a sala, no qual Gutierrez utilizava na loja e para minha alegria, eu constatei que a porta estava entreaberta, porém o meu sorriso morreu rapidamente, assim que me deparei com Mirela e Gutierrez se beijando. Naquele instante, eu senti meu mundo girar, de modo que eu não soube o que pensar.



CAPÍTULO 34

GUTIERREZ

Logo que cheguei a Sexy Girl's pela manhã, eu entrei em minha sala e comecei a analisar alguns papéis sobre minha mesa, no qual Michele havia deixado ali, avisando-me logo quando eu cheguei. Inerte em meus afazeres, automaticamente meus pensamentos se voltaram para a Selena, pois eu não a tinha procurado na noite anterior de propósito, pois, de alguma forma, eu queria fazer ela sentir minha falta e imaginei que a própria viria a minha procura, porém, eu sequer recebi uma mensagem. Soltei um riso de canto sem saber ao certo o que pensar, mas logo minha atenção se voltou para a porta.

Assisti Mirela entrar apressadamente em minha sala, sem sequer ter sido anunciada, e uma Michele com o olhar preocupado veio logo atrás.

— Gutierrez, nós precisamos conversar. — Eu a olhei em sua pose altiva, pensando que tinha voz ativa comigo.

Antes que eu a respondesse, Michele se pronunciou:

— Senhor, me desculpa. Eu não consegui impedir que ela o atrapalhasse — Michele soou um pouco nervosa, creio que se devia ao fato de não saber qual seria a minha reação.

— Quanta audácia! Saiba que minha presença é um verdadeiro presente para o Gutierrez. Ele nunca me consideraria alguém inoportuna — Mirela proferiu em tom indignado com as palavras da Michele, e a olhou com deboche.

Nenhum pouco intimidada pelo que Mirela havia acabado de falar, Michele continuou:

— Se preferir, eu posso chamar um dos seguranças para... — abandonei meus papéis sobre a mesa e ao me levantar da cadeira, eu levantei meu dedo em riste para Michele.

— Sua funcionariazinha... — Mirela tentou ofendê-la, mas eu tomei a frente daquela situação de infortúnio.

— Michele, não se preocupe. Eu mesmo solicitarei a você para chamar um dos seguranças, caso seja preciso. Obrigado! — Tentei soar tranquilo, mas a verdade é que eu estava tentando defendê-la, a ponto de não ver Mirela a insultando, porque não seria capaz de responder por mim se isso viesse a acontecer. Então, eu quis controlar a situação antes que fosse tarde.

Após assentir, Michele caminhou para fora da sala, enquanto Mirela a olhava com fúria.

— Funcionária insolente! Como permite isso? — Vociferou.

Contido, eu descansei uma de minhas mãos dentro de um dos bolsos dianteiros da minha calça social e passei a outra por minha barba rala.

— Espero que o que vai me dizer não tenha nada a ver conosco, pois esse termo já não existe mais há tempos — frisei sem rodeios, e a encarei.

Ela abriu a boca algumas vezes e mordeu o lábio em seguida, por fim, resolveu falar:

— Na verdade, eu vim abrir seus olhos. — Franzi o cenho de modo interrogativo, ainda a encarando.

— Abrir meus olhos? — Soltei um riso divertido, pois não acreditava em tais palavras.

— Sim. Gutierrez. É por eu te amar tanto que me desloquei até aqui para fazê-lo entender de uma vez por todas que aquela mulherzi... — ponderou ao limpar a garganta e continuou: — Bom, a Selenia não te merece. Não vê que ela só te usará para realizar o sonho dela de ser mãe? — Ela sorriu com escárnio. — Pobrezinha, ela acha que vai conseguir engravidar. — Soltou o ar com deboche. — O útero dela não deve servir para mais nada, porque nem um filho consegue segurar — completou, destilando seu veneno.

Enraivecido, perante tantos insultos desferidos contra a Selenia, eu dei a volta na minha mesa e cruzei a sala sem ao menos perceber. Quando pude notar, eu já havia agarrado seu braço esquerdo com força para olhar fundo em seus olhos.

— Cala a merda dessa boca, Mirela! — Pressionei ainda mais meu agarre em seu braço e a sacudi, tentando de alguma forma, fazê-la sair de seu mundo venenoso.

Ela tentou se soltar do meu aperto, mas não permiti.

— Está me machucando — proferiu entre dentes com seu rosto próximo ao meu, enquanto olhava fixamente em meus olhos. Porém, eu não a soltei. — Gutierrez, me solta! — Exclamou de modo repreensivo.

Impaciente, eu larguei seu braço e me movi para longe dela, pois me encontrava fora de mim e se, eu permanecesse próximo a ela, poderia ter atitudes das quais não me orgulharia depois.

— Saia da minha sala e não volte mais. Não quero ter o infortúnio de olhar nessa sua cara cínica de novo! — Vociferei com os nervos à flor da pele. Podia sentir a principal artéria do meu corpo pulsando forte em meu pescoço devido à raiva que percorria meu interior naquele momento.

— Fala sério, Gutierrez! — Até então, eu me encontrava de costas para ela, mas a ouvi sorrir despojadamente, não dando a mínima ao que eu tinha acabado de dizer.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida, Mirela. Quero você fora dessa sala; fora dessa loja e, principalmente, que suma de uma vez por todas da minha vida. Desapareça! Ouviu bem? — Proferi entre dentes, e me virei para ela, encontrando-a sorridente.

— Não vou sair, porque sei que não quer isso. — Percebi que Mirela estava completamente fora de seu juízo normal.

Sem querer prolongar nossa discussão, eu fui até o ramal em minha mesa e disquei o número de Michele, a fim de pedir que ela acionasse os seguranças.

— O que está fazendo? — Mirela questionou ao se pôr ao meu lado, diante da mesa.

Não a respondi e assim que Michele atendeu a ligação, Mirela apertou o botão do telefone, encerrando a chamada.

— Para com isso, Mirela! — Pedi, tentando manter a calma, mas estava quase impossível.

Quando menos previ, Mirela já estava com sua boca sobre a minha. Cerrei meu maxilar, abandonando o telefone de qualquer jeito.

— O que é isso? — Vociferei, após segurar firme em seus braços e a afastei do meu corpo, não permitindo que sua língua invadisse minha boca. Mantive certa distância entre nós dois, pois não aguentava mais sua presença desprezível.

Ela sorriu maliciosa e confesso que seu gesto aumentou ainda mais a minha raiva.

— Você ainda me deseja, Gutierrez, confessa! — Exclamou sorridente.

Grunhi enraivecido e passei o dorso de mão direita por meus lábios demonstrando nojo, e limpando qualquer vestígio de sua saliva sobre minha boca. Fiz tudo isso a encarando, deixando bem evidente que de nada sua tentativa frustrante havia me afetado. Acompanhei seu sorriso morrer aos poucos e certa fúria predominar em seu olhar.

— Seu cretino! — Ela avançou sobre mim, tentando me estapear, mas fui rápido e a segurei pelos pulsos.

— Entenda uma coisa, Mirela. Você teve sua chance, e não deu valor. Tratou-me feito um nada, enquanto eu pensava em me casar com você; ter filhos e construir uma família feliz. Visto que foi uma tremenda idiotice da

minha parte, porque depois que arranquei você da minha vida, percebi que você nunca prestou. É uma completa vadia! — Ela arregalou os olhos, claramente pasma diante da minha ofensa. Tentou me estapear novamente, mas foi em vão, pois não tinha forças o suficiente para duelar comigo, já que seus pulsos continuavam presos por minhas mãos. Coloquei meu rosto próximo ao dela, encarando seu olhar raivoso e sorri de canto. — Eu amo a Selena e é com ela que eu quero e vou ficar — afirmei convicto, porém nada me preparou para a próxima atitude de Mirela, ela simplesmente cuspiu em meu rosto.

Surpreso, soltei seus pulsos e passei a mão pelo meu rosto, tentando limpá-lo. Eu não estava acreditando que ela havia feito aquilo.

— O que essa mulher faz aqui? — Quando me virei para a porta, Selena entrou a passos firmes, demonstrando em sua postura a raiva que a dominava naquele momento.

— Selena, eu posso explicar — Me adiantei em dizer, mas isso não a parou nem sequer a fez voltar seu olhar para mim, pois sua atenção fulminante se encontrava concentrada em Mirela, que encarou Selena com um sorriso debochado no rosto.

— Não vê que está nos atrapalhando? — Mirela indagou, provocativa.

Eu queria me impor, mas deixei Selena com o controle da situação.

— Que pena, não?! — Selena caminhou até parar de frente para Mirela, que a encarava em desafio.

Sem ter tempo para analisar direito aquela cena, eu apenas me deparei com o movimento seguinte de Selena, que a esbofeteou fazendo o atrito de sua palma contra o rosto dela, ecoar pela sala, atitude da qual me deixou surpreso, pois nunca a tinha visto perder o controle dessa forma.

— Infeliz, eu vou acabar com você! — Mirela gritou e avançou em direção a Selena, que a agarrou pelos cabelos.

Em questão de segundos, ambas estavam no chão da sala, mas Selena se colocou por cima dela e desferiu outro tapa em seu rosto, fazendo-a se avermelhar ainda mais.

— Eu vou te ensinar de uma vez por todas a não ficar vindo atrás do Gutierrez, sua vaca! — Após Selena proferir isso, mais um tapa foi desferido.

Mirela gritou, tentando estapear Selena, e não conseguindo, ela a agarrou pelos cabelos. Sem querer ver mais aquela cena, eu corri até a porta da sala e pedi para que Michele chamasse os seguranças. Assustada, ela agarrou seu telefone no mesmo instante.

Mantive a porta aberta e ao retornar, Selena continuava sobre Mirela,

mas dessa vez, ela tinha ambas as mãos ao redor do pescoço de Mirela, apertando-o. Segurei Selena pela cintura e tentei tirá-la dali, mas foi em vão.

— Me solta! Hoje vou dar uma lição nessa ordinária! — Vociferou, apertando com mais força o pescoço de Mirela, gesto que a fez se espernear, tentando a todo custo agarrar os cabelos de Selena.

— Tira essa louca de cima de mim, meu amor. Por favor! — Proferiu com dificuldade. Porém, assim que ouvi seu disparate a fim de provocar Selena ainda mais, eu simplesmente retirei minhas mãos da cintura da Selena, deixando-a extrapolar sua raiva, pois Mirela havia pedido.

Rapidamente, os seguranças entraram na sala e conseguiram separar as duas. Mirela se encontrava com o rosto avermelhado, visto que tinha alguns arranhões no rosto e um pequeno corte no canto dos lábios também; os cabelos estavam bagunçados. Enquanto o segurança a segurava nos braços, ela encarava Selena com ira.

Selena se debatia no colo do outro segurança, enquanto seus cabelos também se encontravam uma verdadeira bagunça e, ela olhava para Mirela de modo mortal.

— Ordeno que me solte! Eu ainda não acabei com essa puta! — Selena se encontrava fora de si, deixando a raiva predominar. — Vou sufocá-la! — Ameaçou com um sorriso presunçoso.

— Selena, se acalme. — pedi, mas ela me encarou enfurecida.

— Para o seu bem, é melhor que permaneça calado! — Mesmo que a situação fosse crítica, eu reprimi um sorriso, pois era engraçado vê-la com raiva. Ficava ainda mais sexy. Eu a amava, e nada era capaz de fazer meu coração galopar no peito, assim como ela conseguia.

— Leve a Mirela daqui. A entrada dela na loja está terminantemente proibida — Mirela me encarou com um olhar mortal, mesmo assim, eu não me intimidei.

O segurança assentiu antes de sair da sala, ainda com Mirela em seus braços. Ela gritava a todo o vapor; palavrões horrendos contra mim e Selena. Porém, logo minha atenção se voltou para Selena, após ouvir sua voz:

— Já estou bem, pode me soltar. — Selena pediu ao segurança, que a segurava. Ele a soltou, assim como ela tinha pedido. — Obrigada! — Selena o direcionou um meio sorriso após agradecê-lo, e pediu que ele se retirasse.

Logo que ficamos sozinhos, ela passou as mãos pelos cabelos, o arrumando e notei sua respiração profunda. Composta, ela soltou o ar com força e respirou fundo.

— Me aguarde aqui, por favor. — Pedi com certa cautela e ela estreitou seus olhos em minha direção. Por fim, cruzou seus braços e assentiu.

Agradecido por sua postura, eu caminhei até o pequeno banheiro, que continha na sala e lavei meu rosto com sabão, querendo limpar a saliva da Mirela, em minha pele. Jamais imaginei que ela fosse capaz de uma atitude tão enojável. Definitivamente, ela não tinha escrúpulos algum! Ao terminar, eu sequei meu rosto com uma toalhinha e encarei meu reflexo diante do espelho.

Respirei fundo, tentando me manter calmo, pois não sabia o que esperar da conversa que se sucederia entre mim e Selena. Porém, eu ansiava que ela acreditasse em minhas palavras. Eu a amava. E, diante desse sentimento tão forte, que dominava meu peito, a certeza que eu tinha é que não queria perdê-la e faria o possível para que isso não acontecesse.



CAPÍTULO 35

SELENA

Ter presenciado todo aquele desaforo da Mirela tentando pegar algo que, conseqüentemente, era meu, e pior: à força, automaticamente me fez querer correr até ela; arrancá-la de perto dele o mais rápido possível e estapear seu rosto, mas, eu fui sensata ao decidir respirar fundo e aguardar para ver aonde toda aquela palhaçada iria. Porém, assim que a ordinária foi praticamente empurrada pelo Gutierrez para longe dele, nada havia me preparado para ouvir a declaração que ele fez. Ainda estava em êxtase quando entrei naquela sala e caminhei na direção de Mirela, evitei olhá-lo, pois se o fizesse naquele instante, seria capaz de correr para seus braços para deixá-lo ciente do quanto eu o amava também, enquanto o enchesse de beijos.

No momento, eu me encontrava tentando conter meus nervos, afinal de contas, Mirela conseguiu me tirar do sério. Eu não era adepta a agressões, sempre tentava me distanciar de situações que pudessem me fazer perder o controle, porém dessa vez foi inevitável. Mirela havia me afrontado como eu nunca tinha sido em toda minha vida.

Soltei o ar com pesar, tentando de alguma forma tirar toda a tensão que tinha se instalado em meus músculos; eu podia senti-los endurecido. Caminhei até a mesa do Gutierrez e passei a ponta dos dedos de minha mão direita sobre o mármore. Segui até a mesinha, que ficava no canto da sala e me servi com um copo de água do jarro, no qual se encontrava ali.

Bebi alguns goles e encostei minha testa sobre o vidro frio do copo. Podia sentir minha respiração alterada, ao mesmo tempo em que inspirava o ar com certa cautela, enquanto mantinha meus olhos fechados. Mordi meu lábio inferior ao ouvir a voz de Gutierrez próxima ao meu ouvido.

— Você está bem? — Questionou-me, de modo preocupado e, eu senti suas mãos envolverem minha cintura com cuidado. Eu curti aquilo.

— Só preciso me acalmar um pouco; eu ainda sinto meu corpo tremendo — informei com um meio sorriso dançando nos lábios, no qual ele não pôde ver e, então abri meus olhos. Terminei de beber a água e abandonei o copo sobre a mesa.

Movi-me para longe dele, pois precisava reorganizar meus pensamentos e me recostei em sua mesa, enquanto ele permanecia de costas para mim; parecia pensativo ao descansar sua mão direta dentro do bolso dianteiro de sua calça social. Ele ficava sexy naquela posição e, eu apreciei muito aquela visão. Em

poucos minutos, Gutierrez se voltou para mim e ao se colocar em minha frente, ele me encarou de modo imponente. Diante de seu gesto, eu acabei engolindo em seco, pois amava o poder que ele detinha sobre meu corpo.

— O que quer que tenha visto acontecer entre mim e a Mirela nesta sala, tenha em mente que nada daquilo procede, Selena. — Eu o assisti soltar um riso de canto ao desviar seus olhos dos meus, e me deu às costas, se distanciando em seguida. — Há tempos que Mirela já não significa mais nada para mim; meus pensamentos são preenchidos apenas por certa mulher... determinada e valente ao que se refere aos seus anseios na vida. — Permaneci recostada na beirada de sua mesa, enquanto o escutava, mas diante de sua última declaração, eu não consegui manter a distância entre nós. Caminhei até ele e ao passar minhas mãos em suas costas, eu o vi pender sua cabeça para trás. Eu escorreguei os dedos até seu peitoral e espalmei as mãos por entre seu paletó, por cima da camisa social.

— Eu também te amo, Gutierrez — confessei de uma vez, pois já o havia escutado falar sobre o mesmo sentimento, no qual sentia por mim para a Mirela, então já estava mais do que na hora de ele saber o que eu pensava em relação a ele.

Enquanto mantive minhas mãos sobre seu peitoral, eu encostei o lado do meu rosto no meio de suas costas e apenas o silêncio da sala preencheu o ambiente. Permaneci quieta, sentindo as bravas batidas do seu coração através da palma da minha mão, no qual ainda mantinha sobre seu peito esquerdo. Num movimento imprevisível por mim, Gutierrez deteve minha mão direita na sua e a levou até seus lábios, depositando um beijo, seguido de uma leve mordida em seu dorso e, eu sorri com aquele seu gesto dúbio.

Ele se virou para mim, fazendo-me abandonar seu peitoral e, então dei um passo para trás, dando-lhe espaço. Seu olhar se prendeu ao meu e, eu pude identificar o quanto se encontrava flamejante. Suas mãos pousaram em minha cintura e ele me puxou, selando nossos corpos, não permitindo que qualquer partícula os atravessasse.

— Você tem noção do que essa sua confissão significa para mim, Selena? — Após sua pergunta, o seu olhar desceu para minha boca, que se encontrava entreaberta e, ele foi aproximando seu rosto minimamente.

— Deve significar o mesmo que significou para mim quando o ouvi dizer isso na cara daquela ordinária da Mirela — Ele sorriu de modo contido, mas ao mesmo tempo, malicioso. Em seguida, ele voltou seu olhar ao meu, mordendo seu lábio inferior, me fazendo desejar tomá-los com ferocidade.

— Você gostou? — Sussurrou baixinho em meu ouvido e senti sua barba

pinicar minha pele, causando-me estremecimentos por todo o corpo.

— Eu amei demais — Admiti em meio ao meu sorriso amplo e satisfeito. Foi ótimo confessar que o amava, a sensação que tive foi indescritível.

— É?! — Ele questionou ao arquear uma de suas sobrancelhas, enquanto voltava a fixar seus olhos aos meus e algo a mais resplandeceu através deles, seguido de um sorriso safado, que se impregnou em seus lábios.

— Uhum — disse convicta.

Em seguida, ele fez com que eu desse passos lentos para trás e sem questioná-lo, eu segui seus movimentos, não tendo qualquer receio.

— Eu vou amá-la — sussurrou em meu ouvido, no exato momento em que minhas nádegas bateram contra a beirada de sua mesa.

— Eu sei que vai me amar, tenho certeza disso. Embora já esteja fazendo isso — Sorri extasiada, sem qualquer pretensão.

Ele desviou seu olhar do meu, enquanto manteve um sorriso sombrio nos lábios e, em seguida, seguiu até a porta da sala, trancando-a na chave.

— Hum... O que está fazendo? — Perguntei, sem entendê-lo realmente.

Ele se limitou a me responder e voltou até a mesa, pegando o ramal e discando algum número. Em silêncio, eu aguardei enquanto ele falava:

— Michele, por favor, eu estarei em reunião com a Srta. Selenia, portanto, não nos passe qualquer ligação ou nos interrompa, tudo bem? — Meus olhos se arregalaram ao suspeitar de suas reais intenções para comigo naquela sala. — Obrigado! — Voltei a ouvi-lo, após dispersar meus pensamentos insanos.

— É... hum... Em reunião? — Tentei soar inocente, mas eu sabia do que realmente sua conversa se tratava.

Ele me olhou com um sorriso malicioso e afrouxou sua gravata. Em seguida, se livrou do seu paletó o jogando sobre sua mesa e, então começou a abrir um a um, os botões de sua camisa de manga comprida.

— Eu disse que iria amá-la — Lembrou-me.

— Gutierrez, aqui não. Isso fere a nossa conduta profissional. É antiético! — Tentei usar do meu bom senso, mas foi em vão, pois ele se moveu sem camisa até mim e parou em minha frente, olhando-me da cabeça aos pés.

— Que se dane tudo isso que acabou de falar! Eu te quero agora, Selenia, e nada no mundo me fará mudar de ideia — Perante suas palavras sujas, mas muito excitantes, eu engoli em seco e ele voltou a juntar nossos corpos, porém desceu suas mãos pela lateral do meu quadril e o senti puxar o tecido do vestido para cima, embolando-o entre suas mãos. — Posso sentir através da sua

respiração o quanto anseia por isso também — Ele tinha toda razão! Só um dia longe, já tinha causado um estrago enorme em meus pensamentos, pois se encontravam cada vez mais insanos.

Eu o assisti analisar minha calcinha e ele mordeu o lábio em completa satisfação.

— Está de brincadeira? — Olhei para seu rosto, e depois para minha peça íntima e franzi o cenho sem entendê-lo. — Veio com essa calcinha a fim de me provocar? — Indagou de modo acusatório.

— Claro que não! Nem sabia que iríamos transar! — Proferi em minha defesa.

— Então você admite que não sentiu minha falta? — Antes que eu pudesse responder, ele alcançou a lateral da minha calcinha e a puxou para baixo, fazendo-a cair sobre meus pés, no qual terminei de retirar. Logo após, segurou por trás das minhas coxas e me fez sentar em sua mesa, se colocando entre minhas pernas. Eu só conseguia sentir toda a tensão instalada entre nós. Meu clitóris pulsava, demonstrando o aumento da minha excitação. — Não desejou que eu estivesse grudado ao seu corpo? — Voltou a indagar sem permitir que eu respondesse à pergunta anterior, e ao pegar meu rosto entre suas mãos, ele passou a língua entre meus lábios, gesto do qual me fez arfar de modo audível. — Confessa para mim que já se via ansiando por isso... — Ainda olhando em meus olhos, ele retirou uma de suas mãos do meu rosto e sem prever seu próximo movimento, eu o senti preencher minha abertura com um de seus dedos.

— Oh! Sim! Sim para todas as suas perguntas. — Gemi baixinho de modo alucinado, pois não consegui segurá-lo.

— É divino ouvi-la gritar de prazer para mim — Ele sussurrou contra meus lábios e os sugou entre os seus, deixando-me com mais dificuldade para inspirar o ar. — Gostosa! — Rosnou contra meus lábios mais uma vez, e após me preencher com mais um dedo e estocá-lo fundo em mim, ele os retirou. Automaticamente, eu soltei um grunhido em completo lamento, mas Gutierrez sorriu me olhando nos olhos e abriu o zíper do meu vestido em minhas costas.

Puxou a parte de cima contra meus ombros e, eu o ajudei a retirá-lo, deixando meus seios ainda cobertos pelo sutiã à mostra. Porém, não permaneceu ali por muito tempo, pois rapidamente, Gutierrez me livrou da peça.

— Perfeição! — Exclamou e, em seguida, beijou meus lábios com urgência, tomando meus seios em suas mãos massageando os bicos intumescidos, gesto do qual me fez querê-lo o quanto antes dentro de mim.

Enquanto sua língua mapeava minha boca e se chocava contra a minha, eu me adiantei em desfazer o botão de sua calça e, em seguida, movi o zíper para baixo. Senti seu membro duro através do tecido da sua cueca de algodão. Ousada, preendi meus dedos em suas laterais e a descii, agarrando seu pau rochoso logo depois.

— Hum... Não vou conseguir durar muito tempo com você o segurando dessa forma — Gutierrez balbuciou contra meus lábios, após cessar nosso beijo magnífico.

Eu sorri minimamente, enquanto continuei masturbando-o.

— Não quero que dure; apenas que me preencha o quanto antes — Dito isso, Gutierrez tomou meus lábios com ferocidade mais uma vez e após descer uma de suas mãos até minha boceta e espalhar meu líquido ao redor da minha entrada, ele me preencheu numa só estocada, no qual me fez gemer extasiada, porém foi abafado pelo nosso beijo.

— Oh, que gostosa! — Proferiu, enquanto continuou socando prazerosamente em meu sexo.

Naquele instante, enquanto ele amava meu corpo, eu apreciei cada toque, cada beijo e cada estocada em mim. Gutierrez se mostrava um homem imprevisível. Hora centrado e profissional e, em outros momentos, era um completo enigma. Um verdadeiro homem!



— Isso foi loucura! — Anunciei ao me recompor diante do espelho no banheiro da sua sala, onde nos encontrávamos.

Minhas bochechas ainda estavam rosadas pelo sexo insano, no qual tivemos sobre sua mesa. Não demoramos muito, pois não queríamos falatórios indesejados pela loja.

— Isso foi amor, Selena. Nos amamos de forma intensa. Eu avisei que a amaria e sempre farei isso — Suas palavras me trouxeram um sorriso amplo e ele descansou seu queixo sobre o meu ombro, enquanto se encontrava por trás de mim com suas mãos em volta da minha cintura.

De repente, ele ficou silencioso e meu sorriso foi perdendo sua amplitude aos poucos.

— Janta comigo no sábado? — Fui pega desprevenida pelo seu convite inesperado. Então me virei para ele e envolvi meus braços ao redor do seu pescoço.

— Hum... Claro que sim, meu amor! — Ele selou nossos lábios demoradamente após minha resposta e confesso que estava me sentindo nas nuvens.

— Soa tão bem esse “meu amor” saindo dos seus lábios — proferiu contra minha boca, após descansar sua testa na minha e, eu sorri feito uma boba.

— Você é o meu amor, só acho que demorei mais do que o necessário para enxergar e entender isso — concluí, dando-me conta daquilo.

— Sempre precisamos de tempo para entender as preciosidades da vida, Selenia — Após ouvir suas palavras, eu comprimi meus lábios em concordância. — Nosso jantar vai ser especial. — Franzi o cenho ao encará-lo, mas ele sorriu e quando pensei em questioná-lo sobre o porquê, ele logo colocou seu indicador sobre meus lábios, impedindo-me de fazer qualquer pergunta. — Não me questione, apenas tenha em mente que será especial — proferiu convincente.

Sem alternativa, eu apenas dei de ombros e ele grudou nossos lábios novamente.



CAPÍTULO 36

GUTIERREZ

Segurei a caixinha em minhas mãos e a encarei, pensativo, sentado na beirada de minha cama. Movia a mesma entre meus dedos, enquanto meus olhos permaneciam fixos naquele pequeno objeto. Sem mais o que pensar, um sorriso surgiu no canto dos meus lábios e, eu me levantei, colocando-a sobre o criado-mudo ao lado.

Segui até o banheiro e de frente para o espelho, eu descansei minhas mãos sobre o balcão da pia e encarei meu reflexo. Baixei meu olhar por alguns instantes e passei uma de minhas mãos entre os fios do meu cabelo. Porém, logo minha atenção foi tomada pelo barulho da porta do quarto, que estava sendo aberta.

Refletida no espelho, eu vi a imagem da minha mãe passar pela porta, varrendo o cômodo com seu olhar à minha procura, porém, logo obtive êxito ao me identificar no banheiro. Vi ela caminhar ao meu encontro com um sorriso amplo nos lábios. Voltei-me para a porta e recostei minhas costas no balcão da pia, aguardando sua aproximação.

— Querido, está tão... másculo! — Frisou ao segurar em meus braços e, eu soltei um riso divertido por sua observação.

— Sempre tão carismática, dona Isabel! — Ressaltei, agradecendo seu elogio.

Eu a puxei para um abraço e a envolvi entre meus braços. Ela era mais baixa do que eu, então me curvei um pouco para apertá-la com precisão. Era reconfortante tê-la aninhada ao meu peito; eu podia sentir meu amor crescente por ela, minha guerreira.

Um pouco emotivo, beijei sua cabeça sobre os cabelos, que se encontravam bem arrumados em um penteado sofisticado; era típico dela sempre querer marcar sua presença divina. Logo, ela se afastou minimamente. Encarou-me com um brilho no olhar e com o mesmo sorriso contagiante nos lábios.

— O que acha? Acha que estou tomando a decisão certa? Ou estou me precipitando como fiz com a Mirela? — Perguntei, sentindo certo receio sobre qual seria sua resposta.

Minha mãe colocou sua mão direita sobre meu peito e perguntou:

— Responda a si mesmo, filho! O que está sentindo aqui? — Com sua mão pousada sobre meu peito, e referiu-se sobre o que meu coração dizia.

— Sinto que é o certo a se fazer, e que essa é a melhor decisão que já

tomei em toda minha vida — Soltei a resposta rapidamente, sem ao menos pensar direito.

— Então não perca mais tempo fazendo essa pergunta a si mesmo, querido! Apenas ouça seu coração, pois nenhuma outra opinião importa — aconselhou, e esfregou sua mão sobre meu peito.

— Eu te amo, mãe. Obrigado! — Peguei sua mão, que estava sobre meu peito e, eu beijei seu dorso demoradamente. Ela sorriu em resposta. Pude notar seus olhos umedecidos, mas não derramou nenhuma lágrima sequer.

— Eu também te amo muito, filho! — Eu sorri sentindo meu coração se aquecer ainda mais de amor; então beijei sua testa.

— Bom, seus convidados chegaram — Minha mãe avisou.

— Selenia também? — Perguntei em expectativa.

— Não. Apenas os outros — frisou.

— Tudo bem. Obrigado! — Logo ela se despediu e deixou meu quarto.

Respirei fundo, e sobre minha cama, eu peguei meu celular e disquei o número da Selenia. Chamou algumas vezes e quando pensei que cairia na caixa de mensagens, ela atendeu, eufórica.

— Oi! Desculpa a demora para atender, Juliana está terminando de fazer meu penteado. Está tudo bem? — Ouvir a voz dela, era divino; sempre fazia meu coração bater mais rápido no peito.

Mordi meu lábio inferior e me senti um típico adolescente apaixonado, perante meu comportamento.

— Hum... Sabe que fica linda até descabelada, não sabe? — Disse brincalhão e, ela gargalhou do outro lado da linha.

— Na verdade, eu acho que não, mas já que está falando, eu vou acreditar. Porém, não me queira desarrumada no nosso jantar especial, no qual sequer me revelou do que se trata. Então, tenha paciência — salientou.

— Tenho paciência, mas espero que não se atrase. E, em relação a sua pergunta anterior, não aconteceu nada. Na verdade, eu só queria ouvir a sua voz — ressaltou, pensando em como ela deveria estar naquele momento.

— Seu bobô! Não me atrasarei. Quanto a ouvir minha voz, saiba que amei ouvir a sua também — Eu sorri feito um bobô diante de sua confissão.

— Estou te esperando, então. Um beijo bem gostoso para você — provoqueei-a.

Ela sorriu divertida.

— Em breve estarei aí e cobrarei vários desses beijos com juros e

correções — Dessa vez foi a minha vez de sorrir.

— Sabe muito bem que será um prazer realizar cada um — Em seguida, nos despedimos e, eu encerrei a ligação.

Sorridente, eu peguei a caixinha do criado-mudo, abri, coloquei as alianças dentro do pequeno saquinho de seda, que a acompanhava e ao fechá-lo, eu enfiei dentro do bolso da minha calça jeans e segui para fora do quarto. Ao descer as escadas, todos, nos quais julguei serem mais próximos de nós dois, estavam ali, na sala de estar: Gustavo, Marcelo, Diana e minha mãe. Seria um jantar singelo, mas muito importante, ao menos para mim, já que eu não sabia o que se sucederia em relação à Selenia.

Também convidei Juliana, mas para não levantar suspeita, a mesma em meio a insistências irredutíveis fez com que Selenia chegasse a me questionar se teria algum problema se ela a acompanhasse, conseqüentemente, Selenia disse que não. Cumprimentei a todos e enquanto aguardávamos a chegada delas, Diana se sentou no sofá e começou a conversar com a minha mãe. Entretidas em seus assuntos, eu me juntei com Gustavo e Rodolfo, mais ao canto da sala, e nos servi uma dose de uísque com gelo.

— E qual razão desse mistério todo, para um jantar que você apenas nomeou como especial, Gutierrez? — Rodolfo indagou de modo curioso. Eu sabia que ele estava se corroendo por dentro para saber o real motivo de estar ali.

Eu sorri ao beber mais um pouco do uísque e Gustavo se pronunciou:

— Espere e saberá, Rodolfo. Não há motivos para anteciparmos a surpresa. — Rodolfo apontou o dedo para Gustavo, que o olhou sorrindo, fazendo mistério.

Gustavo sabia de tudo, pois havia sido ele a me acompanhar até a joelheira para escolher as alianças. Eu só torcia para que Selenia aceitasse, era só o que me preocupava no momento. Porém, tinha certeza do que sentíamos um pelo outro.

— Vocês estão de segredinhos, não é mesmo? — Rodolfo acusou.

— Um pouco — respondi dando de ombros e, ele me encarou incrédulo.

— Acho que vai oficializar seu namoro com a Selenia. Finalmente! — Chutou, comemorando algo equivocado, pois seria algo muito mais sério do que isso. Um passo maior, eu diria.

— Como disse o Gustavo: Espere e saberá! — Ele deu de ombros, dando-se por derrotado e voltou a tomar sua bebida.

Momentos depois, a mamãe interrompeu nossa conversa para avisar que o jantar estava pronto e que seria servido assim que Selenia chegasse. Mal

terminou de falar e Selena entrou na sala naquele instante. Olhando-a dar passadas firmes em minha direção, eu notei que usava um vestido vermelho de uma alça só, no qual era justo ao seu corpo; moldando-o perfeitamente.

Não consegui ficar imune a sua beleza tão natural, por mais que estivesse maquiada e com seu cabelo em um penteado simples, pois seu comprimento não lhe dava muita alternativa. Ela cumprimentou a todos, claramente surpresa por eles estarem ali, porque não aguardava que se juntassem a nós, já que eu tinha lhe ocultado essa parte. Ao terminar, ela chegou até mim, me saudou com um sorriso amplo e envolveu seus braços em minha nuca.

— Posso saber o que está me escondendo para que Diana, Gustavo e seu amigo Rodolfo estejam aqui? — Ela indagou curiosa, olhando firmemente em meus olhos.

— Você é boa de memória! Não imaginei que fosse se lembrar do nome do Rodolfo logo de primeira — ressalttei.

Ela estreitou seus olhos para mim, gesto que me fez sorrir e apertar minhas mãos em sua cintura.

— Almoçamos com ele essa semana. Eu não esqueceria fácil! — frisou. — Além do mais, não fuja do assunto, meu amor — pediu.

Eu soltei um riso de canto, no qual me denunciou.

— Hum... Bom, eu não posso contar ainda, mas... Sua prima já sabia de tudo — revelei.

Ela me encarou boquiaberta e olhou para trás, em direção a Juliana, que se encontrava em companhia do Gustavo; assim que viu Selena lhe encarando, ela acenou de modo despretenso para nós.

— Me resolvo com ela depois — informou.

— Você fica linda com raiva — Ela sorriu e mordeu seu lábio inferior, me olhando de modo genuíno.

Abracei-a rapidamente, pois não sei se seria capaz de parar, caso nos beijássemos ali. Em seguida, seguimos para a sala de jantar e nos acomodamos em nossos assentos. A mesa estava repleta de comidas deliciosas.

Como um bom cavalheiro, assim como tinha aprendido com meu falecido pai, eu fiz questão de servir a Selena. Ela me agradeceu ao receber o prato de minhas mãos e, eu me servi em seguida. Ao terminar o jantar, eu abri uma garrafa de vinho tinto suave, e despejei um pouco em meu copo.

— Eu gostaria de fazer um pedido — Gustavo se pronunciou ao se colocar de pé.

Eu sorri cúmplice, pois já sabia o que ele faria. Mesmo assim, eu me mantive calado e os demais também.

— Juliana, há algumas semanas, nós começamos a nos envolver e, eu aprendi a gostar de você. Não suporto a ideia de não nomear o nosso relacionamento, portanto: Aceita namorar comigo? — Ele disse, voltado para ela, no qual estava sentada ao seu lado.

Sorridente, Juliana se levantou e o beijou de uma vez. Todos nós nos levantamos e os aplaudimos de pé. Assim que se afastaram, Juliana soltou um sonoro sim, e Gustavo mostrou as alianças de compromisso. Ambos colocaram o objeto no dedo anelar direito e selaram seus lábios novamente.

— Estou muito feliz por você, Ju! — Selenia salientou ao olhá-la. — Proponho um brinde ao mais novo casal! — Propôs, entusiasmada e preencheu sua taça com um pouco de vinho também.

Levantamos a taça desejando felicidades a eles. Assim que agradeceram, respirei fundo e me pronunciei:

— Bom, acho que é hora de eu revelar o porquê desse jantar significativo. — Depositei minha taça sobre a mesa e Selenia me encarou. Peguei a taça dela e coloquei junto a minha sobre a mesma. Aproveitei que estávamos em pé e fiquei de frente para ela; tomei suas mãos nas minhas e ao voltar a fitar seus olhos, notei confusão neles.

— O que foi? — Permaneci silencioso diante de sua pergunta.

— Selenia, desde a primeira vez em que nos vimos na sua loja, eu fui atingido por sua beleza. Desde aquele primeiro olhar que trocamos, eu posso dizer que te desejei — Ela me olhava atentamente. — Tivemos vários momentos de desavenças, nos quais por diversas vezes foram provocadas por você — Selenia sorriu, admitindo. — Mas, mesmo você fazendo de um tudo para me manter afastado, eu fui persistente. E, em meio ao que tivemos durante esse pouco tempo, já foi o suficiente para eu perceber que te amo — Enquanto ela sorria, era notável certa emoção em seus olhos. Todos prestavam atenção em nós. Sob o olhar curioso de Selenia e os demais, eu enfiei minha mão dentro do bolso da calça jeans e tirei o saquinho de seda, no qual continha as alianças. Assim que o abri e despejei na palma da minha mão, eu encontrei o olhar boquiaberto de Selenia, demonstrando incredulidade. — Selenia, você aceita se casar comigo? — Eu a vi colocar ambas as mãos sobre a boca.

Ela continuava olhando de mim para as alianças, e percebi emoção em seu olhar.

— Está falando sério? — Inquiriu, duvidosa.

Soltei um riso nervoso e ao afastar minha cadeira, eu me ajoelhei segurando apenas em uma de suas mãos.

— Nunca falei tão sério. Selena, você é a mulher da minha vida, no qual eu estava apenas esperando. Case-se comigo? — Voltei a fazer a pergunta, percebendo seus olhos se encherem de lágrimas.

De repente, ela se ajoelhou também e emocionada, tomou meu rosto entre suas mãos.

— Juro que não estava esperando por isso, Gutierrez. Eu também te amo muito, como jamais amei outro homem, porém você sabe do meu problema em engravidar e diante disso, deve ter em mente que é possível que eu jamais consiga te dar um filho — ressaltou, e lágrimas escorreram por suas bochechas, mas seu sorriso amplo permaneceu intacto.

Encarando-a, eu beijei cada lágrima, no qual escorria pelo seu rosto e ela fechou os olhos. Assim que me afastei, voltou a me olhar.

— Isso não vai me importar, Selena, desde que eu a tenha pelo resto da minha vida — Um sonoro soluço rompeu por sua garganta, enquanto mais lágrimas deixaram seus olhos.

— Por Deus! Sim! Eu aceito! É o que mais quero — falou, chorosa, mas sorriu, deixando claro sua alegria e satisfação.

Com o coração transbordando de amor por ela, eu descansei minha mão livre em sua cintura e juntei nossas testas.

— Eu te amo e vou cuidar de você como minha própria vida — Dito isso, juntei nossos lábios num beijo demorado e ela puxou minha nuca, fazendo-me aprofundar nosso beijo.

Pude ouvir nossos amigos e minha mãe, que estavam presentes, nos aplaudindo, porém, eu preferi imaginar um mundo somente nosso, onde nada mais importava.

Felicidade me definia naquele momento.



CAPÍTULO 37

SELENA

ALGUNS DIAS DEPOIS

Sentada em minha mesa, eu analisava alguns papéis, referentes à renovação das parcerias da loja. Concentrada em meu trabalho, eu logo fui surpreendida com alguém entrando de forma abrupta na minha sala. Assim que identifiquei a figura do Diogo na entrada, eu notei que Michele se desculpava, pois não tinha conseguido detê-lo.

— Não se preocupe, Michele. Pode deixar que vou conversar com ele. — Ela comprimiu seus lábios se desculpando mais uma vez e, em seguida, saiu, fechando a porta atrás de si

Diogo me analisava com uma de suas mãos descansando no bolso dianteiro da sua calça social.

Permaneci sentada, e continuei segurando os papéis, nos quais analisava antes de sua invasão em minha sala.

— O que quer, Diogo? Na última ligação que me fez de forma descarada aqui na loja, nos falamos brevemente, entretanto, eu achei que tinha deixado claro que não queria mais vê-lo — Durante a semana, ele insistiu para que nos encontrássemos para conversar, mas tratei de cortar qualquer esperança da sua parte, pelo menos, pensei que tinha conseguido, mas pelo visto...

Ele soltou um riso de canto, desviou sua atenção de mim e fitou o chão ao passar a mão em seu queixo e, em seguida, balançou a cabeça em negativo. Diante de sua atitude, um vinco se formou no meio da minha testa, sendo assim, eu abandonei os papéis sobre a mesa e retirei meus óculos de grau, depositando-os sobre a mesma.

— Sabe, você deve estar radiante com o fato de que vai se casar com aquele *contadorzinho* barato — Incomodada pelo modo como ele falou a respeito do Gutierrez, eu me levantei da minha cadeira e com as mãos apoiadas sobre a mesma, o encarei de modo altivo.

— Diogo, se veio aqui fazer comentários inconvenientes sobre minha relação com o Gutierrez, eu peço que se retire da minha sala, pois sabe muito bem que minha vida não te diz mais respeito — Soei rude. Já estava farta de suas artimanhas.

— Eu estava aqui pensando... — ele continuou, não me dando ouvidos — Gutierrez sabe que você não consegue sequer segurar uma gestação? Foi sincera o suficiente com ele em relação a este assunto? — Olhei-o furiosa,

sentindo meu coração se comprimir no peito e, no mesmo instante, eu contornei minha mesa e caminhei em direção à porta, mas no meio do caminho, eu fui interpelada por sua mão, que agarrou meu braço, fazendo-me cessar meus passos. — Deve estar se sentindo vitoriosa por finalmente ter encontrado um cobaia para, talvez, realizar seu grande sonho — Ele soltou um riso debochado.

Puxei meu braço do seu agarre, sentindo minha garganta seca, acompanhada de lágrimas, que umedeceram meus olhos. Era difícil ter que ouvir Diogo debochando de mim, mas eu jamais me deixaria abater em sua presença.

— Gutierrez não é e nunca será uma cobaia para mim, pois eu o amo — proferi, bem próximo ao rosto dele enquanto falava pausadamente e, em seguida, arqueei uma sobrancelha em desafio.

Pude identificar certa fúria em seu olhar depois de ouvir minhas palavras, e quando menos previ, ele me agarrou pela cintura com uma de suas mãos enquanto forçava minha nuca com a outra, selando nossos lábios. Porém, eu fui rápida e o empurrei com força, fazendo-o desgrudar sua boca da minha. Extremamente ferida e magoada pelo seu comportamento asqueroso, eu desferi um tapa contra seu rosto ao identificar um sorriso provocativo em seus lábios.

— Saia daqui, Diogo! Não me faça chamar os seguranças — pedi ao me encaminhar para a porta e a mantive aberta, evitando ter de olhá-lo.

— Acha que vai me esbofetear e ficará por isso mesmo? Você me deve um pedido de desculpas! — Indagou, inconformado com minha atitude.

Dessa vez, foi inevitável eu não o encarar.

— Você me ofendeu e ainda me agarrou! Acha mesmo que devo algum pedido de desculpas a você? — Bufei, desacreditada. — Vá embora, Diogo! É o melhor que fará — pedi novamente, não dando a mínima para seu discurso desprezível.

— Não era para eu ter perdido você, ainda mais para aquele contador... — o impedi.

— Cala a boca, Diogo! Para sua informação, não se perde uma coisa que nunca foi sua! Além do mais, o Gutierrez me ama o suficiente para me querer, mesmo sabendo que eu talvez, nunca poderei gerar uma criança; dar um filho a ele! — Diogo sorriu de modo irônico e chegou próximo a mim.

— Você me amava, tanto que me pediu para engravidá-la, ou não se recorda disso? — Indagou, lembrando de um fato, no qual preferia não me lembrar.

— Eu não te amava, Diogo. Só me encontrava cega o bastante para enxergar que para ter a realização do meu sonho, eu apenas deveria ficar

sossegada e confiar em Deus, pois ele faria o que fosse melhor para mim; Ele é o senhor do impossível, àquele que pode tudo em nossas vidas — proferi conformada, mesmo sabendo que talvez, eu não conseguiria gerar uma vida,

— Isso soa tão... patético! — Desdenhou de mim.

Boquiaberta com a sua prepotência, eu estreitei meus olhos em sua direção e fitei seu rosto, no qual sorria de modo sarcástico. Definitivamente, Diogo estava ali com o intuito de me colocar para baixo; fazer-me sentir um nada por não ser capaz de gerar um filho. Seu propósito era me humilhar, mas eu não me dobraria a isso. Não mesmo!

Sem dizer uma palavra, eu voltei até minha mesa e folheei os papéis, nos quais analisava antes da sua entrada deprimente na minha sala. Assim que achei o que procurava, eu segui até ele novamente, com alguns papéis em mãos. Diogo me olhou, interrogativo.

— Dona Nice foi uma mulher exemplar em minha vida; um anjo que me acolheu sem pedir nada em troca. Mesmo eu sendo uma pobretona, ela me estendeu a mão no momento em que mais precisei. Com o tempo, eu mostrei a ela que poderíamos tornar essa loja uma multinacional. E então, eu estudei e corri atrás de parcerias, e uma delas foi com a sua revista, no qual nos ajudou muito. Mas agora, conhecendo-o verdadeiramente, eu vejo que não foi uma boa ideia, pois até hoje você me atormenta. Entretanto, eu vou dar fim no que ainda te faz vir até aqui. — Olhando em seus olhos, eu estendi os papéis à minha frente e comecei a rasgá-los ao meio.

— O que está fazendo? — Ele tentou puxar os papéis das minhas mãos, mas dei dois passos para trás e continuei os rasgando.

— A partir de hoje, não existe mais parceria entre a *Sexy Girl's* e a Revista MODA. — Ele me olhou, desapontado, e soltou um riso nervoso.

— Você não pode fazer isso! — Exclamou, demonstrando irritação no tom.

— Não só posso como já fiz, Diogo — Declarei, impassível, e contornei minha mesa, sentando em minha cadeira novamente. — Enfim, eu te desejo muito sucesso e tenha uma ótima tarde. Passar bem! — Coloquei meus óculos de grau e peguei os outros papéis sobre a mesa e voltei ao meu trabalho. Nada mais foi ouvido, mas logo o barulho dos seus sapatos denunciou que seguia em direção a saída. — Ah, feche a porta ao sair, por favor. — Dessa vez, eu fui obrigada a olhá-lo e o notei parado, e de costas para mim; ele fechou suas mãos em punhos, parecendo enraivecido e quando finalmente deixou minha sala, bateu a porta com mais força do que o necessário.

Sozinha em minha sala, eu retirei meus óculos e pressionei no meio de minha têmpora, soltando o ar, mais aliviada. Engoli a vontade de chorar, pois Diogo não iria conseguir tal proeza. Nunca mais! Se o intuito dele era me humilhar, por mais que eu não tenha demonstrado, ele conseguiu, porém, eu venci.



A tarde passou rápido. Como Gutierrez só pôde vir à loja pela manhã, pois tinha outros afazeres em seu escritório, eu passei as horas seguintes, depois da saída do Diogo, terminando de assinar os papéis para a renovação de parcerias da sexy Girl's. Assim que terminei, eu resolvi encerrar meu dia, afinal de contas, eu me sentia cansada.

Organizei os papéis e após pegar minha bolsa para sair da sala, meu celular tocou. Abri a mesma e o peguei; sorri feito uma boba ao ver o nome do Gutierrez estampado no visor.

— Oi, amor! — Exclamei feliz, era bom ouvir sua voz, pois me trazia paz, algo, no qual estava precisando muito; ainda mais depois de ter ouvido as palavras maldosas do Diogo.

— Oi, meu amor. Eu estou saindo escritório, pensei em passar aí para buscá-la. — Mordi meu lábio inferior.

— Não é preciso, o Alfredo já está de prontidão na saída da loja — Eu o ouvi resmungar baixo.

— Dispensa ele — sugeriu e, eu franzi o cenho sem entendê-lo. — A verdade é que tenho algo para te contar — confessou.

— Tudo bem. Estou te esperando — anunciei, e desliguei o telefone ao nos despedir.

Saí da sala e segui até a mesa de Michele, lhe entreguei os papéis e informei que ela poderia ir embora ao terminar seus afazeres. Despedi-me dela e descii as escadas. Fora da loja, Alfredo me saudou com seu famoso sorriso familiar e, eu o expliquei que ia dispensá-lo, pois não necessitaria mais dos seus serviços já que pegaria carona com o Gutierrez.

Minutos depois, Gutierrez estacionou na frente da loja e, eu entrei em seu carro. Ele sorriu ao me ter ao seu lado e o beijei, tentando aplacar a saudade, no qual sentia dele, mesmo sabendo que estávamos longe somente há algumas horas. Logo, ele deu partida e saímos dali.

Evitei falar sobre o episódio infeliz com o Diogo, pois estávamos bem, e

não necessitava tocar no nome daquele infeliz. Ele não estragaria minha felicidade. Não mais!

Ao contrário do que pensei, Gutierrez não me levou para casa, mas sim para a sua. Mesmo achando estranho, eu não o questionei, apenas aguardei para saber o que ele tinha para me falar. Assim que estacionou próximo, a entrada da sua casa, Gutierrez fez questão de abrir a minha porta e, eu o agradei.

Seguimos para dentro da casa e não vi movimento da dona Isabel. Ao questionar Gutierrez sobre sua mãe, ele me informou que ela tinha ido às compras, era algo, no qual ela gostava muito de fazer. Em seguida, fui puxada pelo Gutierrez e subimos as escadas.

Ao chegar em seu quarto, Gutierrez tomou o cuidado de trancar a porta e, eu o encarei sorridente.

— O que está tramando? — indaguei, enquanto ele retirava sua gravata; se livrou de sua camisa e seguiu até mim que, estava próxima a sua cama.

Ele sorriu de lado e me fez ficar de costas.

— Toma um banho comigo? — Proferiu, próximo ao meu ouvido com sua voz máscula e mordeu o lóbulo da minha orelha.

Fechei os olhos, absorvendo sua proposta excitante.

— Sim — Aceitei, mordendo o lábio em seguida.

Afastei-me dele e retirei peça por peça, sentindo seu olhar malicioso queimando cada parte do meu corpo exposto. Assim que terminei, cheguei próximo a ele e desfiz seu cinto, seguido pelo botão e zíper e, em seguida, empurrei sua calça para baixo. Enquanto nos encarávamos, Gutierrez se livrou dos seus sapatos e terminou de retirar a calça, juntamente com a cueca.

Seu pau saltou duro, feito rocha, fazendo-me queimar por dentro. Ele chegou próximo a mim e deteve meu rosto entre suas mãos, deixando-me em êxtase. Nossas respirações estavam aceleradas.

— É melhor irmos para o banheiro, antes que eu a tome aqui mesmo e me distraia do meu objetivo. — Mordi meu lábio inferior ao fitar seus olhos e, ele sorriu galanteador.

Sem entender bem qual era seu objetivo, seguimos para o banheiro. Entramos no Box e, Gutierrez abriu a saída de água. Fiquei de costas para ele e o senti friccionar seu membro duro em minhas nádegas, fazendo-me ficar ainda mais encharcada.

— O que queria me falar? — questionei ao senti-lo subir suas mãos da minha cintura pela minha barriga, e logo depois tomou meus seios entre suas

mãos, apertando-os com força, fazendo-me arfar de tesão.

— Marquei a data do nosso casamento. — Abri meus olhos que até então se encontravam fechados por causa de suas provocações maliciosas, e me virei para ele, querendo olhá-lo nos olhos.

— O quê? — Ele sorriu e envolveu minha cintura novamente, puxando-me até grudar nossos corpos.

— Não quer mais? — Respondeu-me com outra pergunta.

— Claro que quero! Mas...

Ele me interpelou, não permitindo que eu terminasse meu argumento.

— Então... será daqui a três meses. Espero que seja o suficiente para arrumar tudo o que precisará — proferiu de modo rouco, enquanto encarava meus lábios, e passou o polegar sobre eles.

— Três meses? Mas tão rápido? — Questionei, incrédula por sua pressa.

— Não precisamos perder mais tempo. Eu te amo, a quero pelo resto da minha vida ao meu lado e é isso o que importa. — Eu sorri diante de sua declaração amorosa e envolvi meus braços em volta do seu pescoço.

— Tem razão. Não há motivos para perdermos mais tempo. Também te amo muito, Gutierrez — proferi, olhando em seus olhos.

Gutierrez me encarou sério, me fez encostar-se ao azulejo frio da parede e, então desligou a saída de água. Colocou suas mãos abaixo das minhas nádegas e impulsionou meu corpo, fazendo-me envolver minhas pernas em volta da sua cintura. Logo tomou meus lábios em sua boca e quando menos previ, ele me preencheu com seu membro, tirando-me um gemido alto e extremamente prazeroso, recorrente ao tesão de tê-lo dentro de mim.

Gutierrez era o melhor homem do mundo para mim. Era meu. Meu homem!



CAPÍTULO 38

SELENA

TRÊS MESES DEPOIS

— Isso deve estar errado. — Enquanto olhava para o teste de gravidez e via duas linhas visíveis, eu afirmava, desacreditada, que aquele resultado estivesse realmente correto.

Juliana estava comigo no quarto e me olhava sorridente.

— Tem certeza, Lena? Quando foi sua última menstruação? — Ela me indagou, enquanto eu permanecia incrédula, olhando para aquelas duas linhas contidas no teste de farmácia, no qual afirmava uma possível gravidez.

— E-eu... — ponderei, tentando me lembrar e a olhei de olhos arregalados ao me recordar. — Meu Deus! Só me recordo de ter menstruado no início do mês passado — mencionei.

— Isso quer dizer que esse teste está corretíssimo. Você está grávida, Selena! — Me sentei na cama ao ouvi-la, pois minhas pernas se tornaram bambas; meu coração faltava saltar pela boca e lágrimas acumularam em meus olhos.

— Eu não posso me entusiasmar, Ju! — Deixei com que as lágrimas rolassem pelo meu rosto e um soluço rompeu por minha garganta.

Juliana se colocou ao meu lado na cama, e me abraçou, afagando minhas costas.

— Por que diz isso, Lena? Claro que deve ficar feliz! Esperou tanto por isso — Ela tentou me fazer acreditar em suas palavras.

— Não se lembra do que aconteceu nas outras vezes? — Me afastei minimamente e a olhei nos olhos, limpando minhas lágrimas, tentando controlar meu choro.

— Lena... não deve pensar assim. — Ela passou sua mão em meu rosto e afagou minha bochecha. Tornei-me cabisbaixa, olhando para minhas mãos, pensando no que estava me dizendo. — Tem que ter fé! Recuso-me a acreditar que a perdi em meio às provações que teve em sua vida. Hum? — Ressaltou.

— Por mais que eu afirmasse com veemência, minha má sorte referente a voltar a engravidar um dia, eu não perdi as esperanças por completo, muito menos minha fé, prima. Porém, eu me tornei receosa com esse assunto. Não tenho certeza que mesmo se voltasse a engravidar, meu útero conseguiria sustentar o feto até finalmente ter meu bebê nos braços — expliquei, sentindo

algumas lágrimas rolarem por minhas bochechas.

— Olha, eu tenho comigo que dessa vez vai ser diferente, Lena. Acredite! — disse, segurando minhas mãos com força entre as suas. Olhei-a nos olhos e, eu comprimi meus lábios num sorriso forçado.

— Eu estou feliz de ter descoberto sobre minha nova gravidez, mas...

Juliana me interpelou:

— Lena, nem termine o que penso que pretendia falar. — Dei de ombros e puxei minhas mãos das suas, levando-as até meu rosto para limpar o rastro das minhas lágrimas.

Levantei-me da cama e caminhei até o meio do quarto.

— Tudo bem. — Comprimi meus lábios ao ter meu choro contido. — Vou ligar na clínica do Dr. Guilherme e marcar para fazer o exame de sangue, para ter certeza mesmo — Avisei.

— Ótimo! — Juliana se levantou, deixando evidente sua felicidade. — Estou tão feliz por você, prima! — Ressaltou.

— Obrigada, mas vamos aguardar a confirmação através do resultado de sangue, porque esses testes de farmácias podem dar errado — proferi sorridente.

Segui até o criado-mudo e ao ter meu celular em mãos, eu liguei para a clínica e marquei o horário no período da tarde para fazer o exame de sangue. Assim que encerrei a ligação, Juliana se mostrou eufórica e, eu me sentia aflita.

Diante de uma decisão minha e Gutierrez, havíamos nos casado há dois meses, no cartório, pois ele tinha marcado apenas a data do casamento na igreja, que seria no próximo dia, então, já podem imaginar como meu coração se encontrava: Retumbando no peito. Porém, depois dessa descoberta inesperada, a insegurança tomou conta de mim.

Nós dois ainda não tínhamos decidido em qual casa moraríamos. Por enquanto, eu ficava uma semana na sua, e na semana seguinte, ele viria para ficar aqui, com a Dália, minha prima, tio e tia, que tinham vindo para a cerimônia. Pra ser mais exata, ainda não estávamos dividindo um teto como casados, porque deixamos para decidir isso após a oficialização no religioso.

Como eu e Gutierrez não nos veríamos até a cerimônia, eu aproveitei que o mesmo teria uma reunião importante no escritório, e isso era algo que me deixava tranquila, porque poderia me dirigir até a clínica sem me preocupar em ter que inventar alguma desculpa para ele, caso me ligasse e, ou questionasse sobre meu paradeiro.

Momentos mais tarde, eu cheguei até na clínica e depois de ter meu

sangue coletado, eu fiquei na sala de espera com Juliana, pois minha tia Marília havia ficado em casa com meu tio e Dália. Quarenta minutos depois, eu fui chamada até a sala do Dr. Guilherme, confesso que entrei ali aflita, minhas mãos suavam sem saber o que esperar. Acomodadas, após cumprimentá-lo, ele sorriu para mim e me entregou o resultado do exame.

— Parabéns, Selenia. O exame comprovou que você está grávida. — Eu o olhei, surpresa.

— Eu sabia! Parabéns, prima! — Juliana gritou eufórica ao meu lado.

Desacreditada, eu desdobrei o papel e vi um **POSITIVO** em letras garrafais. Lágrimas de alegria banharam meu rosto, mas eu ainda não sabia se minha gravidez vingaria. Porém, eu me permitiria acreditar que daria tudo certo.

Instruída pelo Dr. Guilherme a ter todos os cuidados possíveis com a gravidez, até pelo triste histórico de abortos, eu saí do seu escritório pensando numa maneira de contar a Gutierrez sobre essa feliz notícia. Também tinha que marcar a primeira ultrassom, para saber de quanto tempo eu estava, mas só faria isso depois de contar a ele e, eu o levaria junto no dia.



Havia chegado o grande dia. Eu iria me casar.

Encarava-me no espelho, olhando cada detalhe: maquiagem, acessórios, cabelo, sapatos e, principalmente, meu vestido. Emocionadas, minha tia Marília e Dália me diziam o quanto eu estava linda. Feliz, abracei cada uma com fervor, enquanto tentava a todo custo não chorar.

— Lena, eu preciso te entregar algo. — Juliana rompeu a porta do meu quarto e ao ouvi-la, eu me virei para ela, afastando-me da minha tia e Dália.

— O que está aprontando? — Olhei-a, desconfiada.

Ela sorriu e pegou uma das minhas mãos, enquanto detinha uma caixa rosa, pequena e aveludada na outra mão. Nos sentamos na beirada da minha cama e a encarei, aguardando que se pronunciasse.

— Não briga comigo — ressaltou antes de começar e, eu franzi o cenho sorrindo, mas sem entendê-la. — Bom... uma semana antes da dona Nice vir a falecer, eu acho que de alguma maneira ela sabia que isso viria a acontecer e, então ela me pediu que guardasse esse presente para você e que só entregasse no dia do seu casamento. — Olhei-a sentindo meu coração se comprimir no peito ao ouvir o nome da dona Nice. — Enfim, eu não abri para ver do que se tratava. Estou te entregando agora — Finalizou e passou a caixa para mim.

Emocionada, fui incapaz de conter algumas lágrimas, nos quais rolaram pelo meu rosto. Abri a caixa e chorei ainda mais ao me deparar com uma corrente de ouro branco. Ao pegá-la, eu verifiquei o pingente em formato de coração e com as mãos trêmulas, olhei atrás do mesmo, no qual havia uma mensagem: “*Os planos de Deus na vida de cada um, são inquestionáveis*”. No final, havia o nome dela.

Um soluço rompeu por minha garganta, ao reconhecer a frase, no qual ela tanto me dizia. Juliana me puxou para um abraço e senti que alguém afagou minhas costas e, em seguida, identifiquei que tinha sido minha tia. Após eu me recompor, ela fechou a corrente ao redor do meu pescoço e, eu agradei aos céus pela maquiagem ser a prova d'água. Mas minha prima fez questão de retocar rapidamente para mim.

Alfredo logo chegou e saímos do quarto, depois de eu colocar meu véu e grinalda. Em meio ao trajeto, Juliana segurava minha mão direita e minha tia, a esquerda. Dália havia ido na frente com o Alfredo.

Minutos depois, chegamos até a entrada da igreja.

Fui conduzida pelo meu tio, que já se encontrava por lá à minha espera, pois Alfredo o tinha levado antes de nós, já que não caberiam todos no carro em uma única viagem. Entrelacei meu braço ao dele, depois que Juliana e minha tia verificaram meu vestido, véu e grinalda. As portas foram abertas e a música começou a ser tocada. Segui até o altar, notando que alguns familiares e funcionários do escritório do Gutierrez, estavam presentes. Os funcionários da *Sexy Girl's* também marcavam presença.

Assim que meu tio me entregou ao Gutierrez, ele pediu que o mesmo cuidasse de mim, no qual respondeu que cuidaria como se fosse sua própria vida. Ao ter minha mão sobre a dele, Gutierrez depositou um beijo singelo em seu dorso e meus olhos se umedeceram.

— Você está ainda mais bela, meu amor — Gutierrez proferiu, após me olhar.

Eu sorri em resposta, tentando conter minha emoção. A cerimônia se iniciou e assim que o padre nos abençoou, tornando-nos marido e mulher, nos beijamos rapidamente e fomos aplaudidos.



— É um, é dois, e... — joguei o buquê e foi um alvoroço para as mulheres presentes na festa.

Virei-me sorridente, vendo mãos ao alto. Para minha surpresa, Juliana foi quem havia pegado o buquê. Batemos palmas a parabenizando e, ela caminhou até mim, surpresa.

— Uau! Agora é só marcar a data do casamento com o Gustavo. — Ela gargalhou ao meu lado, enquanto caminhávamos em direção à mesa, que Gutierrez, dona Isabel, minha tia e tio, juntamente com Dália, estavam sentados.

— Quem sabe um dia — Deixou subtendido.

Eu sorri em resposta, mas antes mesmo de chegar até a mesa, uma tontura me atingiu.

— Eu acho que não estou bem — Anunciei perdendo as forças em minhas pernas.

Lembro de ter sido amparada e carregada por braços fortes. Assim que acordei, identifiquei Gutierrez falando com Juliana, dizendo que pediria um médico se eu não acordasse logo. Passei a mão em meu rosto e, sentindo-me melhor, eu me sentei sobre a cama.

Estávamos na casa do Gutierrez, pois o espaço de lá era mais amplo e acomodaria melhor os nossos convidados para a festa. Tudo foi ornamentado como pedi, pois, Gutierrez me deu total liberdade para fazer do modo que eu achasse melhor. Estava tudo muito lindo.

— Ai, Lena, que bom que acordou. — Juliana chegou até mim, seguida por Gutierrez.

— Como está, meu amor? — Eu sorri, tentando tranquilizá-lo. Ele se sentou ao meu lado e pegou minha mão direita entre as suas, acariciando-a.

— Estou melhor — informei.

— Eu vou deixá-los a sós e avisar aos demais que está tudo bem — Juliana argumentou e assim que assenti, ela saiu do quarto, fechando a porta.

— Tem certeza de que está bem? — Meneei minha cabeça em positivo. — Eu acho melhor chamar um médico — disse, se levantando da cama.

— Não é necessário, Gutierrez — Soei tranquila, enquanto ele pegou seu celular e discava algum número.

— Como não? Já era para eu ter feito isso, mas a Juliana me impediu alegando que era normal. Como assim normal? Ninguém desmaia por nada — ressaltou, preocupado.

Eu sorri de sua preocupação exagerada.

— Gutierrez, eu estou grávida! — Ele deixou o celular cair no chão ao me ouvir.

— Grávida? — Comprimi meus lábios em um sorriso ameno, sentindo meus olhos umedecerem diante de sua pergunta.

— Sim — confirmei.

Ele caminhou até mim e se sentou ao meu lado.

— Quando descobriu? — Uma lágrima escorreu por minha bochecha.

— Ontem — revelei.

De repente, ele avançou sobre mim, me fazendo voltar a deitar na cama, enquanto se manteve por cima de mim e tomou meus lábios nos seus; contudo tomou o cuidado de não deixar todo o peso do seu corpo sobre o meu. Gemi diante de seu beijo alucinante e somente isso foi o suficiente para me causar uma excitação maior do que o normal.

— Que notícia maravilhosa! — Proferiu contra meus lábios ao cessar nosso beijo e, eu sorri em resposta. — Eu sabia que uma hora ou outra, conseguiríamos ter um fruto nosso, por mais que me afirmasse que não — ressaltou, fazendo-me amá-lo ainda mais.

— Acredita que conseguirei levar a gestação até o final? Eu confesso que estou insegura quanto a isso — expus o meu medo com sinceridade.

Gutierrez olhou em meus olhos e acariciou minha bochecha.

— Você é capaz, acredite! Estarei aqui ao seu lado para não deixá-la perder as esperanças. — Eu sorri diante de sua cumplicidade. — Nosso filho pode ser considerado um verdadeiro milagre, meu amor — complementou sorridente, contendo um brilho especial nos olhos.

— Sim, um milagre inesperado — confirmei, sentindo meu coração se aquecer por saber que finalmente poderia conseguir ter meu tão sonhado sonho realizado: Ser mãe!

— Eu te amo tanto — Gutierrez proferiu, olhando fixo em meus olhos.

Puxei-o para um beijo, e selamos nossas juras eternas de amor naquele momento tão especial para nós dois. Seríamos pais e não tinha nada que pudesse nos tornar mais felizes do que saber disso!

FIM



EPÍLOGO

GUTIERREZ

Olhando para Miguel, eu sorria feito um bobo, pois era assim que me sentia sempre que parava para analisá-lo dormindo. Meu peito inflava em decorrência do amor que detinha em meu coração pelo meu filho. Ao contrário do que Selena imaginava, a sua gravidez havia sido muito tranquila. Acompanhei todas as suas consultas e exames.

Confesso que nos primeiros meses, depois do nascimento, foi desgastante para cuidarmos dele. Afinal de contas, éramos pais inexperientes, mas tivemos total apoio da minha mãe. Dona Isabel mimava muito o Miguel, há quem diga que avós estragam os netos e afirmo que isso é verdade, condiz completamente com o que vinha acontecendo conosco. Minha mãe jamais poderia ouvir isso de mim, pois não gostaria nenhum pouco.

Afaguei de leve a bochecha de Miguel, enquanto o via com a boca entreaberta, e analisava o subir e descer do seu peito; meu coração se aqueceu. Recolhi minha mão e continuei olhando-o, logo, minha atenção se voltou para minha mãe, que entrou no quarto com cautela, para que seu neto não acordasse.

— Ele se parece tanto com você, meu filho — Minha mãe falou ao se colocar do meu lado, de frente para a grade de proteção do berço do Miguel.

— É, ele se parece. Na verdade, eu acho que ele tem uma mistura minha com a Selena. Sei lá. — Dei de ombros sem saber ao certo.

Minha mãe sorriu divertida e afagou minhas costas.

— Seu pai ficaria muito feliz de ver o homem maravilhoso e responsável, no qual você se tornou. Mais ainda pela família que formou. — Eu sorri alegre, mas com uma pitada de tristeza, pois sentia falta dele. Era um vazio que jamais seria preenchido. Ficaria ali para sempre.

— Obrigado, mãe! — Agradei em poucas palavras, pois não sabia ao certo o que dizer. Emoção me tomava no momento.

Após alguns minutos, eu a deixei com Miguel, pois ela cuidaria dele, já que eu e Selena sairíamos para comemorar nosso aniversário de casamento. Estávamos completando dois anos de casados. Dois anos de cumplicidade mútua. Dois anos de uma felicidade imensa, por eu ter sido privilegiado ao ter uma mulher tão íntegra e de família.

A verdade é que os anos se passaram e, eu só consegui amá-la cada vez mais. Um amor tão grande, que eu seria capaz de dar minha única vida a ela.

Entrei no quarto e me deparei com ela dentro de um vestido, que deixava

suas costas nuas. Aquela imagem me fez aquecer por dentro, fazendo meu sangue bombear com rapidez, e me deixando ereto, pronto para agarrá-la ali mesmo. Depois que Selena teve o Miguel, eu praticamente me considerava um tarado por ela, pois meu tesão aumentou num grau altíssimo. Não sabia ao certo o que aconteceu, mas eu a desejava e muito.

Caminhei até ela e envolvi minhas mãos em torno de sua cintura, encarando seu reflexo no espelho. Inspirei seu perfume ao levar meu nariz até a curva do seu pescoço e friccionei minha ereção em seu bumbum.

— Hum... Está me provocando, senhor Fernandez? — Selena disse num fio de voz, deixando-me ainda mais ansioso para tê-la.

— Jamais, senhora Fernandez — respondi rouco, enquanto passei com a ponta do nariz em sua nuca, percebendo seus pelos eriçados.

— Não é o que parece — Selena me repreendeu e, eu mordi sua nuca. Apertando sua cintura, eu tentei esconder meu divertimento em provocá-la.

— E então, já está pronta? — Indaguei, mudando completamente de assunto.

Ela se voltou para mim e estreitou seus olhos ao me encarar, deixando claro que sabia muito bem o que eu estava tentando fazer. Porém, ela envolveu suas mãos em meu pescoço, dando-me a oportunidade de enlaçar sua cintura novamente, mas aproveitei para apertá-la.

— O que achou do meu traje? — Franzi o cenho ao encará-la.

— Que traje? — Ela me olhou com os lábios entreabertos e se afastou minimamente de mim.

— O meu vestido, Gutierrez! — Me advertiu, deixando claro seu descontentamento no tom.

— Hum... dá uma vultinha para eu conferir — pedi, ao passar uma mão pela minha barba rala e gesticulei.

Selena fez como pedi e assim que voltou a me olhar, eu acabei com a pouca distância existente entre nós dois e tomei seu rosto entre minhas mãos, olhando-a sério.

— Está maravilhosa, meu amor — elogiei, recebendo um sorriso encantador de sua parte.

Continuei encarando-a e, ela juntou nossos lábios num beijo singelo, mas que foi o suficiente para me deixar ainda mais duro, ansiando em tê-la.

— Acho melhor não me provocar, Selena. Do contrário, eu terei que cancelar nossa saída — repreendi contra seus lábios, e rocei meu nariz

carinhosamente no dela.

— Nada disso! Quero muito sair hoje pra comemorar nossos dois anos de casamento — Ela contestou.

— Então é melhor nós irmos logo, senão... — deixei a frase incompleta e voltei a passar o nariz pela extensão do seu pescoço, enquanto apertava sua cintura com veemência, atitude que lhe arrancou um gemido baixo e, me deixou ciente que também se encontrava acesa.

Em seguida, olhei em seus olhos e suguei seu lábio inferior.

SELENA

Sabendo onde as provocações excitantes do Gutierrez, nos levaria, eu me afastei dele e segui até nossa cama; peguei minha bolsinha, no qual tinha o que necessitaria e, sem querer perder a oportunidade de sairmos juntos, eu me aproximei dele novamente, entrelaçamos nossas mãos e saímos dali. Entrei no quarto do Miguel, para dizer a dona Isabel que nos ligasse se precisasse de qualquer coisa, mas ela já estava dormindo. Mesmo assim, eu segui até o berço do meu filho e o assisti dormindo de forma tão serena, que tive até vontade de desistir de sair, porém, logo afastei aquele pensamento e decidi sair logo dali, antes que eu realmente anulasse minha saída.

Assim que entramos no carro, na garagem, Gutierrez me fez sentar em seu colo e nós desfrutamos de alguns beijos e carícias, que confesso terem me deixado sem ar. Mesmo sabendo que ambos estávamos em ponto de uma ebulição, nos afastamos.

— Eu te amo numa proporção inigualável, Selena. E, a cada dia que passa, isso se torna ainda mais evidente para mim — Gutierrez proferiu, olhando-me nos olhos. Pude identificar um brilho especial em seus olhos.

Mordi o lábio, emocionada e pensativa ao mesmo tempo. Não sabia se daria a notícia naquele momento, ou após nosso jantar.

— O que foi? — Questionou, após me ver ficar um tempo em silêncio.

— Gutierrez... — ponderei, ainda sobre seu colo e passei a mão por sua barba rala — Eu também te amo muito, mas tenho algo para lhe falar... — passei meu polegar sobre seus lábios, contornando-os.

— Diga logo, Selena! É algo grave? Está me deixando aflito! — Alegou, indagando.

Cheguei próximo ao seu ouvido.

— Eu estou grávida! — Sussurrei.

— Porra, Selena! — Gutierrez me abraçou forte, fazendo-me sorrir entre seus braços. Logo se afastou e me olhou nos olhos. — É por isso que te amo. Muito — complementou de modo extremamente amoroso, assim como ele sempre era.

Uma grande emoção me tomou, juntamente com uma felicidade explosiva.

— Você é o responsável por tudo de bom que aconteceu na minha vida, Gutierrez. Proporcionou-me o que jamais pensei que teria na vida. Eu te agradeço por ter tornado meus dias mil vezes melhores. Dormir e acordar ao seu

lado é ter certeza de que as coisas realmente só acontecem no tempo de Deus, e jamais no nosso! — Vi emoção atravessar seu olhar também, e após sorrir lindamente, ele tomou meus lábios em um beijo possessivo.

Gutierrez havia aparecido em minha vida num momento, no qual eu não esperava, mas de forma inusitada acabou realizando meu grande sonho: ser mãe. Um milagre inesperado que cogitei ser impossível; achei que nunca aconteceria em minha vida. Hoje, Gutierrez, meu pequeno Miguel e agora meu bebê recém descoberto, se tornaram tudo de mais valioso que eu tinha em meu coração. Eram eles que faziam meus dias mais alegres.

Em meio a tudo aquilo que aconteceu em minha vida, pelas provações até que eu e Gutierrez finalmente ficássemos juntos, só serviu para me deixar ciente de que: Tudo acontece no tempo de Deus, não adianta querermos precipitar as coisas!

Como dizia dona Nice: “Os planos de Deus na vida de cada um, são inquestionáveis!”. E, sim, suas palavras foram as mais corretas possíveis. Hoje, elas se encaixavam perfeitamente bem no meu modo de enxergar cada acontecimento passado em minha vida.

Meu conselho? Que jamais deixe de sonhar, mesmo que pense ser algo impossível. Em nossa visão, pode sim ser improvável de acontecer, mas nunca seremos capazes de desvendar os milagres que Deus é capaz de realizar em nossas vidas.

FIM



DEZ ANOS DEPOIS

O dia já havia amanhecido e, eu me encontrava com a cabeça apoiada no peitoral nu de Gutierrez, enquanto observava o ritmo calmo da sua respiração. Passei a ponta do meu polegar de leve e um sorriso bobo tomou posse dos meus lábios, ao mesmo tempo em que meu coração bombeava fortemente no peito. Mordi meu lábio inferior pensando em todos os acontecimentos passados até chegarmos nesse momento.

Para a nossa completa surpresa, depois que eu anunciei a minha segunda gravidez ao Gutierrez, dei início ao pré-natal e logo que fizemos o primeiro ultrassom, onde me encontrava com dois meses de gestação, fomos agraciados pela notícia de que seríamos pais de gêmeos. Na sala do obstetra, eu e Gutierrez nos encaramos aturdidos, porque não fomos capazes de acreditar. Não sei ao certo o tempo que passou até cairmos em si e definitivamente acreditar nas palavras e imagens refletidas através do monitor.

Mas foi de uma alegria imensurável. Assim que saímos do transe, eu me emocionei e Gutierrez com os olhos umedecidos, soltou um riso nervoso ainda segurando em minha mão. Após eu ser liberada pelo médico, saímos da clínica com o exame em mãos, no qual continha as imagens dos nossos filhos.

Lembro-me que ficamos eufóricos naquele dia:

— Você é uma mulher incrível, meu amor — Ambos nos encontrávamos sorridentes, e Gutierrez passou sua mão direita em minha bochecha, acariciando-a suavemente, e me fazendo fechar os olhos. — Mais um... quer dizer, mais dois milagres em nossas vidas. Tem noção do tamanho da minha alegria nesse momento? — Meneei minha cabeça em negativo e o encarei. — Eu te amo tanto — pronunciou com seus lábios próximos aos meus e, em seguida, tomou minha boca em um beijo singelo, no qual demonstrava sua gratidão.

— Tenho certeza que o tamanho da sua alegria não se equipara a minha — Anunciei, assim que cessamos o beijo.

— Concordo, afinal de contas, você tinha o sonho de ser mãe e o realizou, mas agora, Deus nos presenteou com mais dois milagres. Estou muito feliz. Obrigado por isso — Em meio às suas palavras, eu senti meu coração a ponto de explodir ali mesmo, tamanha era a alegria que estava sentindo.

Mas nem tudo são flores...

Minha gestação foi tranquila e meus filhos nasceram saudáveis. Porém, três anos depois de tê-los, eu fui obrigada a retirar o útero, em consequência do mioma, que se encontrava colado à parede da minha bexiga. Passei por

transusão de sangue, mas não adiantava, pois eu sangrava muito. Fiquei muito ruim. Lembro-me de estar esperando na sala para ser levada para o local onde aconteceria a cirurgia, e o médico me falou que eu poderia não sobreviver.

Encontrava-me fraca e, mesmo assim, eu confirmei que faria a cirurgia. Lembro-me que assinei alguns papéis, me responsabilizando pela minha própria decisão. Em seguida, eu fui levada à sala de cirurgia e não me recordo de mais nada. Só me lembro de acordar horas depois e por um milagre divino, eu havia sobrevivido.

Minha recuperação não foi fácil, pois como o mioma se encontrava colado em minha bexiga, os médicos foram obrigados a retirar uma parte da mesma, juntamente com meu útero. Contudo, eu tinha a dona Isabel para cuidar dos meus filhos, com Gutierrez, Dália e minha prima Juliana. Todos me mimavam e, eu amava cada um pelo esforço de quererem fazer até o impossível para me verem bem.

Mas eu passei por tudo isso e hoje estou aqui, de pé, mostrando que fui capaz de vencer mais uma batalha, que tentou me aniquilar. Sou grata a Deus pelo milagre não só de ter me dado o privilégio de ter dado à luz a três filhos perfeitos, saudáveis e maravilhosos: Miguel, Samanta e Samuel, mas também pela dádiva de me fazer viver outra vez, dando-me a oportunidade de ver meus filhos crescerem e aproveitar ao máximo cada momento ao lado do meu amado marido, no qual aguentou meu temperamento ácido e fисgou meu coração por completo.

Logo fui arrancada dos meus devaneios, quando assisti os olhos negros e amorosos de Gutierrez se abrir.

— Bom dia, meu amor — saudou-me com um sorriso amplo, após se pronunciar.

— Lindo dia, querido marido. — Assisti seu sorriso se amplificar e, rapidamente me levantei, passando minha perna esquerda sobre seu quadril. Em seguida, eu alcancei seu pau rochoso e o coloquei em minha entrada, ansiando por ser preenchida por ele.

— Que “bom dia” mais acalorado, meu amor — fristou entre dentes, mantendo seus olhos fixos nos meus. — Hum...

Gutierrez gemeu, assim que o introduzi em minha entrada até tê-lo por completo dentro mim. Também gemi ao sentir seu pau pulsar ali dentro e, eu rebolei alucinada, querendo aproveitar aquele momento glorioso. Logo tive suas mãos apertando meus seios, fazendo meu prazer aumentar.

— Rebola para mim, vai! — Seu pedido ressoou em meus ouvidos e, eu

fui obrigada a tirar meu olhar do seu, pois joguei minha cabeça para trás, arqueando meu corpo, enquanto empurrei meus seios contra suas mãos, mas fui surpreendida ao ter sua língua contornando meus mamilos.

Intensifiquei meu rebolado ao ter as mãos do Gutierrez apertando meus seios, ao mesmo tempo em que mordida, sugava e contornava a auréola dos mesmos. Meu clitóris pulsava; eu sentia um prazer imenso. Apesar de doze anos de casamento, Gutierrez não havia perdido suas habilidades na cama, muito pelo contrário, parecíamos cada vez mais insaciáveis, um pelo outro.

— Oh! — Gemi incandescida ao ter seu polegar sobre meu clitóris, me incitando. Era uma sensação de extremo prazer.

— Gostosa! — Ele exclamou e voltou a sugar um dos meus seios, apertando-o.

Voltei a encarar seus olhos e num rompante, eu tive minha boca preenchida por sua língua ávida e faminta. Gemi em meio a sua ferocidade e não parei de rebolar sobre seu pau extremamente duro, assim como ele também não havia cessado seu polegar sobre meu clitóris. Eu sentia que estava perto, pois um calor surreal crescia em meu interior.

Mas num passe de mágica, Gutierrez inverteu as posições, fazendo-me cair de costas sobre a cama e ficar sobre mim. Perante seu gesto, eu sorri em meio ao nosso beijo e ele capturou meu lábio inferior entre seus dentes. Bombeou fortemente em minha entrada e, eu senti meu ventre se contorcer.

— Estou perto — Anunciei ofegante, ainda com nossos lábios grudados.

Gutierrez então se afastou e quando menos previ, ele já se encontrava com sua boca e língua ávida sobre meu clitóris, causando-me combustão. Ele o sugava forte e se não fosse o bastante, passou sua língua até meu canal, como se estivesse degustando um sorvete. Confesso que seu gesto me deixou à beira do abismo.

— Deixa vir, meu amor. Dê-me seu prazer. — Olhando-o entre minhas pernas com aquele sorriso devastador, me fez remexer meu quadril de encontro à sua boca assim que ele voltou a chupar minha boceta e, em seguida, começou a circular seu polegar sobre meu clitóris outra vez.

Dessa vez, eu não fui capaz de me segurar, pois minutos depois deixei com que um gemido alto e prazeroso saísse por minha garganta. Eu agradecia por nos encontrarmos a sós na casa, pois nossos filhos tinham ido dormir na casa da minha prima Juliana, no qual tinha apenas uma filha com Gustavo. Havíamos dispensado Dália e a Sara. Dona Isabel essas horas já deveria estar na casa de uma de suas amigas aqui do bairro. Então, nós estávamos à vontade.

— Não sabe o quanto é prazeroso ouvi-la se libertar para mim, meu amor. Deixa-me ainda mais louco! — Gutierrez proferiu entre dentes e já se encontrava sobre mim.

Meu corpo ainda se recuperava do orgasmo delicioso, mas isso não era motivo para pararmos. Logo, Gutierrez voltou a preencher minha entrada e estocou várias vezes e com força, deixando-me em ponto de ebulição. Momentos depois, e após várias carícias, beijos e de ele bombear em minha boceta, Gutierrez gozou em meu interior.

— Acho que nunca irei me saciar de você — Ele mencionou depois que se deitou ao meu lado, em meio a sua respiração entrecortada.

— E, eu não desejo que se sacie nunca, meu amor — Anunciei verdadeiramente, sentindo meu coração pular no peito. — Eu te amo — falei e ele se virou para mim, encarando-me nos olhos.

— E, eu te amo hoje, amanhã e sempre — Ele frisou extremamente amoroso, mantendo um sorriso amplo nos lábios.

Eu o puxei para um beijo, selando aquele momento memorável. Era certo que havíamos sido feitos um para o outro. Nos enquadrávamos naquele velho ditado: “Deus escreve certo por linhas tortas”.

FIM!

Table of Contents

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[SELENA](#)

[CINCO ANOS ANTES](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[SELENA](#)

[Cinco anos depois](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[GUTIERREZ FERNANDEZ](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[SELENA](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[GUTIERREZ FERNANDEZ](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[SELENA](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[GUTIERREZ FERNANDEZ](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[SELENA](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[GUTIERREZ FERNANDEZ](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[SELENA](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[GUTIERREZ](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[SELENA](#)

[DIAS DEPOIS](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[GUTIERREZ](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[SELENA](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[GUTIERREZ FERNANDEZ](#)

[CAPÍTULO 15](#)

SELENA
CAPÍTULO 16
GUTIERREZ
CAPÍTULO 17
SELENA
TRÊS MESES DEPOIS
CAPÍTULO 18
GUTIERREZ
CAPÍTULO 19
SELENA
CAPÍTULO 20
GUTIERREZ
CAPÍTULO 21
SELENA
CAPÍTULO 22
GUTIERREZ
CAPÍTULO 23
SELENA
CAPÍTULO 24
GUTIERREZ
CAPÍTULO 25
SELENA
CAPÍTULO 26
GUTIERREZ
CAPÍTULO 27
SELENA
CAPÍTULO 28
GUTIERREZ FERNANDEZ
CAPÍTULO 29
SELENA
CAPÍTULO 30
GUTIERREZ
CAPÍTULO 31
SELENA
CAPÍTULO 32
GUTIERREZ
Alguns dias depois
CAPÍTULO 33
SELENA

CAPÍTULO 34

GUTIERREZ

CAPÍTULO 35

SELENA

CAPÍTULO 36

GUTIERREZ

CAPÍTULO 37

SELENA

ALGUNS DIAS DEPOIS

CAPÍTULO 38

SELENA

TRÊS MESES DEPOIS

FIM

EPÍLOGO

GUTIERREZ

SELENA

FIM

CAPÍTULO EXTRA (INÉDITO)

DEZ ANOS DEPOIS

FIM!